

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA – ILEEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

IONICE BARBOSA DE CAMPOS

**MOVÊNCIAS E ESPAÇOS MIGRATÓRIOS GOIANOS NO ROMANCE *O
CAMINHO DE TROMBAS*, DE JOSÉ GODOY GARCIA**

UBERLÂNDIA
2020

IONICE BARBOSA DE CAMPOS

MOVÊNCIAS E ESPAÇOS MIGRATÓRIOS GOIANOS NO ROMANCE *O CAMINHO DE TROMBAS*, DE JOSÉ GODOY GARCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Curso de Doutorado, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura.

Linha 1 - Literatura, Memória e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo.

UBERLÂNDIA
2020

IONICE BARBOSA DE CAMPOS

MOVÊNCIAS E ESPAÇOS MIGRATÓRIOS GOIANOS NO ROMANCE *O CAMINHO DE TROMBAS*, DE JOSÉ GODOY GARCIA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Cursos de Mestrado e Doutorado do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários, área de concentração: Estudos Literários.

Uberlândia, 17 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo / UFU (Presidente)

Participou por Parecer


Profa. Dra. Fabiana Sena /UFPB



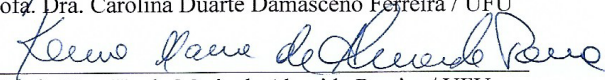
Prof. Dr. João Batista Cardoso / UFCAT



Prof. Dr. Pedro Mandagará /UnB



Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira / UFU



Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira / UFU

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C198 2020	<p>Campos, Ionice Barbosa de, 1986- Movências e espaços migratórios goianos no romance O Caminho de Trombas, de José Godoy Garcia [recurso eletrônico] / Ionice Barbosa de Campos. - 2020.</p> <p>Orientador: Carlos Augusto de Melo. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós- graduação em Estudos Literários. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2020.342 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Literatura. I. Melo, Carlos Augusto de, 1982-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Literários. III. Título.</p>
--------------	--

CDU: 82

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Ao meu avô Joaquim Barbosa

À minha avó Geralda Martins

Ao meu tio Nilton Barbosa

Porque eles migraram para outro plano sem antes me verem ser “quem eu quero ser”

(definição de doutora para meu tio).

AGRADECIMENTOS

A Deus?! Sempre! Porque por menos científico e por mais inexplicável que Ele seja, foi e sempre será meu sustento.

Ao meu orientador, por de mim não ter desistido e pela orientação constante, mesmo me deixando desorientada, às vezes.

Aos membros que aceitaram o convite para participar da banca de qualificação e de defesa, muito obrigada. É certo que sem a contribuição de vocês o trabalho não chegaria até aqui.

À minha mãe, Maria Isabel, a idosa mais incomum que conheço, porque sem ela jamais eu seria quem eu sou e porque se não fosse por ela eu não teria chegado aonde cheguei, literalmente.

Ao meu pai, Natanael, que mesmo de mais longe não deixou de estar presente e me incentivar.

Ao meu irmão, José Aguiar, porque eu sei que ele se orgulha de ter a irmã que tem.

À Vanuza, porque sem o seu apoio incondicional a caminhada teria sido mais penosa.

Aos meus mestres de toda uma vida, os professores que foram e sempre serão, desde a escola até o doutorado, meus espelhos diários e fonte de inspiração.

Aos meus amigos, que sempre estiveram comigo e deram forças para seguir, nos dias bons e ruins, com cafés doces ou amargos, não tenho palavras para agradecer, e também não haveria espaço suficiente para expressar, por isso, listo-os em ordem alfabética, para não dizerem que há privilégios... Aliás, o privilégio é todo meu, por tê-los comigo sempre. Ademilde Fonseca, Cássio Ribeiro, Denise Fernandes, Fábio Tibúrcio, Isabela Freitas, Jaqueline Borges, Leíza Rosa, Leonardo Assunção, Letícia Stacciarini, Lucas Gilnei, Luciana Borges, Matheus Medeiros, Raquel Ribeiro, Raphaela Pacceli, Terezinha de Assis, Wanely Aires e Wellington Reis. A vocês, gratidão!

Aos que se foram e aos que ainda estão presentes, mas que talvez tenha esquecido de mencionar, muito obrigada! Direta ou indiretamente, se você passou pela minha vida durante os últimos quatro anos, você me ajudou nesse processo.

[...]
Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde desde então corre o infinito
Onde estás, Senhor Deus?

Atravessamos o mar Egeu
O barco cheio de Fariseus
Com os Cubanos
Sírios, ciganos
Como Romanos sem Coliseu

Atravessamos pro outro lado
No rio vermelho do mar sagrado
Os center shoppings superlotados
De retirantes refugiados
[...]
(Diáspora - Os Tribalistas)

RESUMO

Esta Tese tem como objetivo analisar o romance *O caminho de Trombas* (1966), de José Godoy Garcia, voltando-se para os aspectos da migração enquanto processo que interfere na construção de sujeitos em deslocamento. O campo e a cidade, representados, respectivamente, pela Fazenda São Domingos e a cidade de Goiânia são os dois espaços mais característicos e por onde transitam os trabalhadores migrantes, personagens fortes e emblemáticos que, em sua multidão, procuram um lugar idealizado: Trombas, a fim de se estabelecerem. Em um período sócio-histórico-político bastante conturbado como o das décadas de 1940 e 1960, em Goiás, é que se passa a narrativa e é também o contexto do enredo da obra em análise. Portanto, nossa leitura será enviesada por uma perspectiva que visa identificar os aspectos histórico-sociais na obra, bem como a consequente (trans)formação de identidades advindas da relação entre os sujeitos no processo migratório. Para tanto, trazemos autores como Raymond Williams, Justino, Hall, Candido, Silva, Said, entre outros que trazem à luz discussões em torno de migração e literatura, identidade e cultura, alteridade e subordinação, campo e cidade, diáspora, espaço na narrativa. Entendemos, ao final da pesquisa, que a migração contribui para as relações de alteridade, bem como para a formação do homem e seu posicionamento diante do que lhe é imposto. Além disso, classificamos a obra de Godoy Garcia como uma das mais importantes publicações produzidas em Goiás, no sentido de que, mesmo à margem, contribui tanto para o campo literário goiano, como para a história da literatura nacional.

Palavras-chave: Migração. José Godoy Garcia. Identidade. Campo x cidade.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the novel *O caminho de Trombas* (1966), by José Godoy Garcia, turning to aspects of migration as a process that interferes in the construction of displaced subjects. The field and the city, represented, respectively, by São Domingos' farm and the city of Goiânia are the two most characteristic spaces and through which migrant workers pass, strong and emblematic characters who, in their crowd, seek a place idealized: Trombas, in order to establish themselves. In a very troubled socio-historical-political period such as that of the 1940s and 1960s in Goiás, the narrative is set and is also the context of the plot of the work under analysis. Therefore, our reading will be biased by a perspective that aims to identify the historical and social aspects in the work, as well as the consequent (trans)formation of identities arising from the relationship between the subjects in the migratory process. To this end, we bring authors such as Raymond Williams, Justino, Hall, Candido, Silva, Said, among others who bring to light discussions about migration and literature, identity and culture, otherness and subordination, field and city, diaspora, space in the narrative. We understand, at the end of the research, that migration contributes to the relations of otherness, as well as to the formation of man and his position before what is imposed on him. In addition, we classify Godoy Garcia's work as one of the most important publications produced in Goiás, in the sense that, even on the sidelines, it contributes both to the literary of Goiás and to the history of national literature.

Keywords: Migration. Jose Godoy Garcia. Identity. Field x city.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS: OS CONCEITOS DE MIGRAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	27
1.1 Para entender “migração”	27
1.2 Entre campo e cidade, espaços migratórios.....	60
CAPÍTULO 2 - NOS RASTROS <i>D’OS CAMINHOS DE TROMBAS</i>	73
2.1 Sobre a vida e a obra de José Godoy Garcia (1918-2001).....	73
2.2 Sobre <i>O Caminho de Trombas</i>	92
CAPÍTULO 3 – MOVÊNCIAS EM ESPAÇOS MIGRATÓRIOS RUMO A TROMBAS.....	110
3.1 Movências	110
3.2 Espaços migratórios.....	134
CAPÍTULO 4 – MULTIDÃO MIGRANTE EM TRÂNSITO N’O <i>CAMINHO DE TROMBAS</i>	159
4.1 Miguelão	160
4.2 Cirilo	164
4.3 Prêto Soares.....	169
4.4 Mulheres migrantes	174
4.5 Migrantes e devoção	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS	202

INTRODUÇÃO

A canção “Diáspora”¹, que vem como epígrafe desta Tese, traz referências explícitas aos diversos fluxos migratórios forçados que ocorreram ao longo da história do homem. “Diáspora” torna visíveis os sentimentos dos migrantes de séculos atrás (“Atravessamos o mar Egeu / O barco cheio de Fariseus / Com os Cubanos / Sírios, ciganos / Como Romanos sem Coliseu”) ainda ecoados hoje. É um termo universal porque coloca, num verso em inglês, língua que é falada em todo o mundo, a pergunta “*where are you*”, que todos os migrantes em situação de exclusão e deslocamento involuntários se fazem. “Retirantes refugiados” são os muitos sujeitos espalhados pelo mundo, a quem os compositores da música dão voz e possibilitam que seus clamores se reúnam em um canto universal. Essa expressão artística dos Tribalistas, com viés ideológico, dialoga com narrativas que trazem em seu bojo a migração², ocorrendo em vários direcionamentos e, como destaca Ravenstein (1980), podendo ser local, de curta distância, por etapas ou temporária, além da possibilidade de ser contrária. Nesse contexto, deparamo-nos com a migração interna, que ocorre dentro de um próprio país, ou até mesmo nos estados e, ainda, do campo para a cidade, que é a que pretendemos evidenciar com mais clareza neste trabalho.

Nesse sentido, temos como objetivo verificar, por meio da leitura da obra de um escritor goiano, o processo migratório no estado de Goiás, nos anos que vão de 1940 a 1960, bem como averiguar as possíveis mudanças identitárias ocorridas nas vidas dos personagens em trânsito, entre o campo *x* a cidade. Visto que a migração é muitas vezes forçada, principalmente quando diz respeito à época em destaque, acreditamos que as obras literárias que resgatam esse tema precisam ser, além de lidas, analisadas com um olhar mais atento, porque em suas linhas e entrelinhas vamos encontrar uma história marcada por verdades que atravessam o viver individual e coletivo, verdades essas, em alguns momentos, de dor, angústia e sofrimento, e que não podem ser esquecidas, justamente por fazer parte do contexto histórico de toda uma sociedade. Não podem ser esquecidas, também, pois, em um momento como aquele, da década de 1960, os

¹ Essa canção pertence ao álbum do mesmo título, lançado em 2018, pelo grupo musical Os Tribalistas, cujos integrantes são os cantores Marisa Monte, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes.

² No decorrer do texto, por motivos de proximidade temática, usaremos os termos *imigração* e *emigração*, mas nossa ênfase se dá em torno da *migração*, uma vez que é o assunto geral do trabalho. Mais à frente, traremos os conceitos e o sentido que usaremos a terminologia neste trabalho.

conflitos entre a classe social baixa e o governo, tanto no campo quanto na cidade, por vezes, gerou algo de positivo, como a união entre os trabalhadores para lutarem em favor de suas causas.

Nesse sentido, o romance *O caminho de Trombas* (1966), de José Godoy Garcia, é nosso principal objeto de estudo e nele evidencia-se as atividades comunistas no estado de Goiás, das quais participou ativamente, conforme relata em entrevista concedida ao Jornal *Opção*, em 1998. Além disso, apresenta uma dinâmica voltada para o desgaste social deixado pela migração, ocorrida em função da ditadura militar e aspectos econômicos no campo. Nas palavras dele:

Tinha escrito o Caminho de Trombas, lançado em 1966, dois anos depois da quartelada. Esse livro mostrava as atividades do Partido Comunista. Era até provocação. Hoje, não teria coragem de publicá-lo naquelas condições. Quando começou esse negócio de guerrilha, comecei a participar. (GARCIA, 1998, s/p).

Em linhas gerais, esta pesquisa traz ao espaço acadêmico um texto literário produzido por goiano e que representa os deslocamentos de algumas pessoas que precisaram deixar suas terras no espaço rural e migrar para a cidade, a fim de buscarem um estilo de vida diferente, já que, pelas circunstâncias impostas pelo momento político, não poderiam mais viver apenas da renda do trabalho no campo. Nesse sentido, ao nos questionarmos sobre os reais motivos que levaram esse grupo de pessoas a se mudarem do seu lugar de origem, analisaremos como se deu esse fator migratório, se por vontade própria ou pressão instaurada pelo governo, uma vez que, desde o início da narrativa, há a presença de conflitos sociais e políticos.

Com essa breve explanação, é possível identificar que a obra escolhida carrega um forte teor de engajamento social e pode ser caracterizada como uma literatura de denúncia, porque, por traz da ficção, existe um teor crítico e que tende a mostrar o contexto histórico. Nesse viés, aparecem fatos no texto que são recortes de acontecimentos empíricos, como a migração no interior de Goiás, que aconteceu, principalmente, em função da Marcha para o Oeste, que objetivava elevar o índice demográfico do interior do Brasil, por isso, campanhas governamentais, tanto federal quanto estadual, eram feitas, a fim de atrair a massa populacional para essa região. Além disso, tem-se o contexto da construção das capitais do país e do estado, que

chamava a atenção dos migrantes e fazia parte do projeto de modernização, pensado pelo governador do estado, Pedro Ludovico Teixeira. Quase ao mesmo tempo, instaura-se a ditadura no país, fato que também contribuiu para o processo migratório, ainda que de maneira forçada, pois as pessoas acreditavam que poderiam ter melhores condições de vida em regiões diferentes e saíam em busca de tal objetivo.

Esses acontecimentos históricos, que vão dos anos 1940 a 1960, estão pulverizados na narrativa de Godoy Garcia e podem ser lidos como representação histórica, já que dialogam com referências, dados e registros do período, como poderá ser comprovado nos Capítulos 1 e 2. Em específico, pretendemos identificar as ocorrências relativas à migração, nessa época, para mostrar como a Literatura relaciona a revisão dos fatos sociais e empíricos à arte da palavra e da expressão subjetiva.

Perguntas como “por que migração?”; “por que literatura em Goiás?”; “por que entre 1940 e 1960?” motivaram a escrita desta Tese. Agora, temos a tarefa de respondê-las. Logo, como objetivos específicos, pretendemos mostrar que, a partir de uma obra escrita por quem que está fora do grande círculo de produção e recepção também é capaz de tratar assuntos universais e que dialogam com a literatura nacional e internacional, uma vez que pontua sobre os fatos históricos de alcance generalizado e, além disso, deixa críticas latentes e marcantes ao sistema ideológico. Evidenciaremos, ainda, que a migração é um evento característico da espécie humana e ocorre tanto nos mais distantes continentes como em Goiás; comprovaremos que a literatura produzida em uma região afastada dos grandes centros pode ser de qualidade e pede leitura e discussão; por fim, identificamos a importância que os anos de 1940 a 1960 tiveram, no Brasil, para a produção cultural e literária.

É possível notar como esse movimento social é trazido à luz via texto narrativo, ou seja, pela literatura em prosa, logo, discutir a relação entre literatura e sociedade é imprescindível nesse contexto que, aliás, reconhece a própria literatura como um produto social, uma vez que ela resgata os fatos ocorridos na sociedade e, por intermédio da figura do narrador e da linguagem literária, apresenta um conteúdo passível de discussão, tanto no âmbito da teoria da literatura e da estrutura textual quanto dos fatores sociais que implicam em questões como política, geografia e história, por exemplo. Além disso, a partir da leitura da narrativa, o leitor mais atento e crítico, enquanto ser social que é, estabelece conexão com outros componentes sociais, além da

migração, despertados em consequência da temática da obra, como a relação com o outro, a identidade, o próprio deslocamento e a questão da multidão. São esses desdobramentos a serem estudados que garantem a importância deste trabalho e sua significância no espaço acadêmico e na sociedade, como um todo.

Literatura e sociedade, tema central de uma das discussões de Antonio Candido, mostra claramente o impacto que o texto literário tem sob a vertente social e as implicações dos fatores sociais na literatura, até porque, para haver essa dinâmica, é necessária a interação entre autor, obra e público. A obra é sempre o produto literário resultado da posição social do artista que, pela sua experiência e leitura de mundo, escolhe um tema, cria uma história e a apresenta ao público; o autor, além de ser o responsável por tal elaboração, segundo Candido (2010, p. 23), “é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas”; já o leitor, sujeito imerso na sociedade, é pautado por uma ideologia e espera que a obra artística seja correspondente a ela, isto é, a arte deve seguir as influências sociais.

Aliás, esse contexto nos leva à necessidade de se subsidiar na dicotomia ficção x realidade, remetendo-se e aproximando-se da ficção, que não tem o compromisso com a verdade, expondo apenas o que poderia ter acontecido, de acordo com a verossimilhança. Ao falar em realidade, uso-a no contexto desta Tese, associando-a aos aspectos históricos e sociais ocorridos no período e espaço em que se dá a narrativa e sob uma ótica do texto ficcional, que não se prende à comprovação dos fatos, refiro-me, portanto, a uma realidade literária. Considerando o que ensinam os teóricos da Nova História, Jacques Le Goff e Pierre Nora, “aplicamos às nossas expressões uma carga de subjetivismo que impede a ação da neutralidade, o que, por sua vez, não nos leva a ignorar a existência e utilização de um método na prática da História, que se difere da livre invenção do ficcional” (LAVORATI e TEIXEIRA, 2010, p. 3), o que significa que o historiador, assim como o escritor literário, são movidos pela subjetividade, no entanto, a responsabilidade daquele com a escrita é maior e mais científica, enquanto que o último tem liberdade de criação, fazendo ou não uso dos acontecimentos reais.

Todavia, literatos que se dispõem a fazer uso de fontes e documentos históricos assumem maior compromisso com a História e sua obra pode ser lida com um viés

científico. Já os historiadores, impossibilitados de serem neutros, utilizam métodos de escrita para comprovarem suas verdades. Em síntese, não só o historiador, mas também e principalmente o escritor do texto literário, faz da linguagem uma prática social e a utiliza como ferramenta de construção de suas “reflexões sobre a interferência do subjetivo na produção do discurso, já que o sujeito, produtor, passa a ser visto como incapaz de se despir das influências sócio-histórico-ideológicas em seu trabalho com a linguagem” (LAVORATI e TEIXEIRA, 2010, p. 4).

Romances que são respaldados pelo viés histórico e social, como os de José Godoy Garcia, corroboram com a marca identitária regional, nesse caso em específico, porque adicionam vozes que vão além daquelas dadas pelo recorte do discurso histórico científico, são as vozes dos personagens fictícios que representam aqueles que foram ignorados e que a manipulação dos historiadores fez ficar para trás. Ademais, há uma preocupação, na ficção, com a verossimilhança, com o que poderia ter acontecido ou poderá acontecer e não necessariamente com o real e o que aconteceu, porque a literatura trabalha com as figuras de linguagem e a pluralidade do discurso, a ambiguidade, o fantástico, entre outros elementos que constituem o texto literário e que não são usados pela história enquanto ciência. Relembrando Pellegrini (1999), sobre a construção do novo romance histórico:

Lançando mão de uma série de artimanhas ficcionais, que vão desde a ambigüidade até a presença do fantástico, inventando situações, deformando fatos, fazendo conviver personagens reais e fictícios, subvertendo as categorias de tempo e espaço, usando meias-tintas, subtextos e intertextos – recursos da ficção e não da história –, trabalhando, enfim, não no nível do que foi, mas no daquilo que poderia ter sido. (PELLEGRINI, 1999, p. 116 *apud* LAVORATI e TEIXEIRA, 2010, p. 5).

Assim se constitui *O caminho de Trombas*, em que o romancista recorre aos aspectos ficcionais para conduzir suas personagens e enredo de modo a oferecer ao leitor uma visão distinta dos acontecimentos narrados pela História. Distinta, porém não contrária, a forma como narra os fatos ocorridos em Goiás complementa os dados registrados historicamente e oferece outra leitura, bem como acrescenta informações que podem ter sido abandonadas nos documentos e dados considerados oficiais. O escritor, portanto, recorre aos componentes históricos e deles faz uso, mas não é

comprometido com o que é tido como a verdade, de modo que ele cria representações. Nesse caso, em uma perspectiva lukacsiana, “o romance histórico seria capaz de recriar, pela singularidade histórica de sua época (o microcosmo), o processo de transformação histórica, o devir histórico - sintetizando a história, portanto” (GOBBI, 2004, p. 45). A realidade literária, nesse contexto, encontra-se, justamente, na capacidade do romancista de retomar um fato histórico particular de sua época e transformá-lo verossímil, recriando-o, de acordo com seus propósitos artísticos.

Ao ler o romance de Godoy Garcia, é visível sua preocupação em deixar evidente, como fator marcante e principal da obra, o caráter histórico e social que ela carrega, que é a relação do homem com a terra e seu processo migratório, no contexto histórico e marcante que foram os acontecimentos da Revolução de Formoso e Trombas, em Goiás, entre as décadas de 1940 a 1970. Há que se lembrar que, por meio do texto ficcional, conhecemos também os valores reais da sociedade como “a relação entre campo e cidade, a organização social específica do sertão goiano, as relações de trabalho, de idades e de gêneros, as festas populares, a religião na vida da gente camponesa [...]” (PESSOA, 1996, p. 167), como acontece em *O caminho de Trombas*, quando compreendemos os significados do real por meio da leitura do texto literário.

Quando, na configuração do romance moderno, o texto é perpassado por questões sociais, além das estéticas que não devem ser esquecidas, evidencia-se que “a literatura, enquanto produto do pensamento, transforma-se, assume estatutos novos, de acordo com o tipo de sociedade e a época em que é produzida” (SOUZA, 2004, p. 1). Nessa ordem, é viabilizada uma escrita de viés marxista, a qual se volta para o delineamento de uma natureza histórica, no sentido de resgatar os aspectos inerentes à sociedade da época, todavia, sem deixar de lado o caráter subjetivo e ficcional da arte literária. Nos dizeres de Souza (2004, p. 3-4):

A produção da arte de uma época, portanto, revela essa época pelas mediações estéticas que a particularizam, só se tornando perceptível como arte de uma época, através de seus meios específicos, isto é, das categorias estéticas particulares, com as quais apreende e exprime a realidade de um determinado tempo.

O texto literário, então, reelabora estética e simbolicamente a realidade, de maneira a apresentá-la por meio de uma linguagem literária significativa. Nesse sentido,

não apenas o homem da época é revisitado pelo olhar do literato, enquanto herói do romance, mas a sociedade como um todo, em todos os seus aspectos problemáticos, como a política, a economia, a cultura, a História, é a coletividade que entra em pauta nesse momento. Por isso em obras como a de Godoy Garcia, por exemplo, não existe um herói, seja ele problemático ou não, pronto a vencer as adversidades encontradas na trajetória da busca pelo final feliz. Temos, com efeito, a formação de uma categoria de trabalhadores migrantes, resultado de uma sociedade imersa em problemas das mais variadas ordens e que nem sempre (quase nunca) conseguem solucioná-los, dinâmica existente tanto na esfera local, como visto em *O caminho de Trombas*, quanto na global, encontrada na literatura brasileira e estrangeira.

Do ponto de vista da História, por mais próxima à ciência que esteja, aproxima-se também da Literatura, pois os historiadores, ao fazerem suas narrativas históricas, de acordo com Hayden White, nunca as retrataram da forma como aconteceram. Para esse estudioso, dentro da história contada pelos autores que se propõem a registrar os conteúdos vividos pela sociedade, há tanto invenções quanto descobertas, “cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura que com seus correspondentes na ciência” (WHITE, 2001, p. 98). Sendo assim, o registro histórico acaba por ser sempre fragmentado e incompleto, o que leva à necessidade de ser complementado com certa carga de imaginação, ou seja, ficção.

Em linhas gerais, o ficcionista reconta o passado, resgata os fatos que já ocorreram, para, a partir daí, recriar uma realidade que já não existe mais. Ele tem a liberdade de fazer uso da imaginação e, com ela, fundir os fatos históricos. A realidade, portanto, é algo que exige constatação e veracidade, estando ligada às questões científicas mais contundentes.

A Literatura e a História, recentemente, têm ganhado espaço dentro do campo da ciência, com suas teorias e conceituações, no entanto, em se tratando de textos literários, por mais que tenhamos ali fatos históricos, é preciso saber distinguir o que vem posto como verdade (e/ou realidade) e ficção. Aliás, a própria realidade é construída a partir de ficções conjecturais e necessárias, também chamadas cotidianas, que se distinguem da literária, como propõe Luiz Costa Lima (2008). A diferença está no desnude desta última que, desde sempre e do início, não se impõe como verdade e não tem compromisso com ela; já as cotidianas, pautam por discursos que a elevem ao grau de

certeza e imposição de credibilidade. Todavia, não é porque não se preocupa com a verdade que o discurso ficcional tende à mentira, ao contrário, não sendo necessário convencer o interlocutor pelo caminho dito certo, a inverdade também não é praticada. Nas palavras de Lima (2008, p. 174):

A ficção se cruza com a verdade à medida que ela, ficção, se cruza com o mundo, porque, do contrário, seria uma grande paranóia ou uma grande fantasia. Ainda que os termos imaginação e fantasia sejam tomados como sinônimos, a fantasia é simplesmente um mecanismo compensatório.

Por essa via, identifica-se que as duas vertentes, ficção e verdade, acabam por se complementar, já que, em algum momento, o que se coloca como “inventado” encontra-se com o que é tido como real e verdadeiro. Então, não se pode dizer que a ficção seja apenas da ordem da invenção ou da fantasia, porque ela também se resvala no que é do mundo, isto é, na verdade. É por isso que se torna importante analisar os textos literários, para encontrar ali a presença do que é ficcional e do que histórico, principalmente na obra escolhida aqui, que tem uma carga e valor históricos explícitos no decorrer da narrativa.

A partir de questões como essas é que pensamos nas possíveis vertentes a serem discutidas dentro desta pesquisa, que parte da temática da migração em uma obra literária goiana, para desdobramentos mais pontuais como identidade e cultura, relação campo e cidade, movimento de multidões, alteridade e diáspora. Para tanto, nomes como Antonio Candido, Raymond Williams, Eurídice Figueiredo, Stuart Hall, Fábio Lucas, Lígia Chiappini, entre outros, farão parte do repertório teórico-crítico para fundamentarem as discussões.

Os elementos históricos e sociológicos presentes na obra constituem-se como uma das questões relevantes para discussão nesta pesquisa, uma vez que é nítida a tendência godoyana para uma escrita que representasse, na literatura, as histórias e as culturas do povo goiano no contexto de modernização do Brasil. Vale ressaltar que a escolha de trabalhar com a obra de José Godoy Garcia foi fundamentada, primeiro, pela necessidade de se trazer ao espaço acadêmico estudos que contribuam para a visibilidade da obra que, mesmo sendo bastante importante dentro da história da literatura brasileira, é ainda pouco conhecida, lida e estudada; segundo, pelo conteúdo

temático da narrativa, que possibilita recortes específicos na temática pensada, como a religiosidade, o papel da mulher nas mudanças de identidade das personagens, e a migração do espaço rural para o urbano. No caso de *O caminho de Trombas*, o número de pesquisas é bem modesto. Até o momento, só há três dissertações de mestrado³ sobre a obra poética do escritor goiano, encontramos apenas alguns artigos científicos e outros de jornal que falam, hora sobre sua vida pessoal, hora sobre algum texto literário específico, ou trabalhos de outras áreas, como da História, que mencionam o romance como fonte de dados históricos.

Diante desse rápido levantamento, chegamos à conclusão da pertinência em se debruçar sobre essa obra para se fazer um estudo mais detalhado dos aspectos que se destacam em seu enredo e esperamos contribuir para a recepção crítica sobre a literatura produzida em Goiás.

Por essa razão, surge mais um desdobramento que, no decorrer do texto, será discutido com mais ênfase, que é a ideia do regionalismo literário, no sentido que Chiappini (1995) discute o termo, ou seja, sem, necessariamente, entender as descrições e ambientações da narrativa como algo comum, um simples movimento ou período histórico em si; falamos aqui de um regionalismo considerado como aquele em que, dentro do movimento, os escritores conferem vozes aos indivíduos marginalizados (em sua maioria do espaço rural) e vão além do espaço geográfico e, por intermédio do texto literário, ficcionalizam o real, apresentando e representando o quadro histórico.

Daí, inclusive, lembramos o caráter histórico e sociológico desse romance, que traz personagens das bordas sociais, com seus traços particulares, individuais, para se enquadrarem de maneira ativa no contexto histórico, que é público e constitui-se por fatores que vão desencadear, na vida dos personagens, momentos marcantes e fundadores de uma mudança bastante expressiva, tendo em vista que a maioria deles vai ter que sair de sua “zona de conforto”, se é que podemos chamar assim um espaço que está em decadência, para enfrentar o desconhecido. O público aqui vincula-se ao fator

³ Conferir: FAYAD, Maria Elizete de Azevedo. *Poesia e realismo em Rio do Sono, de José Godoy Garcia*. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009;

CAMPOS, Ionice Barbosa de. *José Godoy Garcia: a voz do Modernismo em Goiás*. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Uberlândia, 2011;

PERES, Luciano Gonzaga. *José Godoy Garcia e a poesia modernista em Goiás*. 2017. 116f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2017.

político, à História, e se faz representar por personagens típicos, enquanto o privado diz respeito ao individual, ao personagem, ao fator existencial do sujeito.

Um dos fatores que também conduzem o romance a ter traços sociológicos é trazer conflitos sociais para o âmbito literário, inserindo a coletividade no contexto narrativo, sem destacar um indivíduo em especial, um herói. Ao expor a composição dos pressupostos do teórico do romance sociológico, Frederico (2005) lembra, citando Goldmann: “[...] Mas, aqui, as dificuldades são também imensas: não se pode mais escrever a história de um indivíduo, já que ele ‘não tem realidade essencial’, e nem se pode falar das forças de contestação, ‘quando estas não existem ou estão desaparecendo’”. (FREDERICO, 2005, p. 442). No entendimento de Goldmann, Genet é, se não o único, um dos pioneiros em dar lugar aos personagens coletivos, representantes da classe social marginalizada, bem como de seus integrantes, os sujeitos mais marginalizados ideologicamente.

Seus primeiros textos, observa Goldmann, “foram escritos na perspectiva de um sujeito coletivo bem preciso: os *outsiders*, os pequenos ladrões, as prostitutas e todo o mundo marginal em relação à sociedade; eles exprimem a visão, a perspectiva deste grupo social. [...] Todavia, este grupo não elabora valores próprios”. (GOLDMANN, 1972, p. 90 *apud* FREDERICO, 2005, p. 442).

Nessa linha, a partir do século XX, vamos ter romancistas direcionando suas obras nessa perspectiva mais alinhada a um modelo de expor a coletividade, exprimindo a perspectiva de mundo desses personagens que representam os grupos sociais. Não foi diferente quando os escritores, em Goiás, começaram a produzir essa literatura que aqui trazemos em foco, de denúncia social, pois estavam em um período de engajamento literário e focados em trazer características do Modernismo para a literatura produzida em Goiás, o qual chegou um pouco tardiamente, mas, ainda assim, não deixou de aparecer.

Godoy Garcia exemplifica tal alinhamento ao classificar Hugo de Carvalho Ramos como um dos responsáveis pelo fortalecimento da escrita literária em Goiás, o qual “não só antecedeu as conquistas da parcela racionalista do Modernismo brasileiro, como ainda antecedeu o melhor do romance dos anos 30, o chamado romance nordestino” (GARCIA, 1997, p. 24). Carvalho Ramos inaugura, pelo olhar de Godoy Garcia, o posicionamento da literatura produzida em Goiás em relação à produção

nacional. E, para além disso, defende que “A velha capital de Goiás foi quem primeiro tomou conhecimento, foi quem primeiro discutiu e brigou sobre o movimento modernista” (GARCIA, 1997, p. 133).

Nesse momento de produção literária, as relações com os aspectos marcadamente sociais foram de grande importância dentro do contexto de uma literatura engajada, pois permitiram que a história passasse a ser vista de outra ótica, pelo viés ficcional. Não uma ficção apenas imitativa, mas uma que trazia relação entre a literatura e as práticas sociais, pela via do discurso ideológico (FREDERICO, 2013).

O alinhamento das obras como um sistema instaurado para fazer críticas à ideologia política vai ao encontro das ideias de uma sociologia do romance que, por meio da literatura, coloca em evidência os problemas sociais, não apenas expondo-os, mas também criticando-os; não somente considerados os cânones, mas também dando vez às obras de menor circulação e autores menos (re)conhecidos, como os goianos e sua vasta produção. É nessa esteira que Frederico (2013) conduz sua percepção dos posicionamentos dos críticos literários marxistas e expõe a conclusão de Gramsci no que tange à sobreposição do valor cultural da obra literária em detrimento do valor estético. De acordo com o pesquisador:

Essa literatura miúda, para Gramsci, pode ter pouco valor estético, mas pode ter um valor cultural imenso, quando expressa o modo de vida de setores significativos da sociedade. Por isso, Gramsci propõe, não uma teoria estética, mas uma sociologia da atividade literária. (FREDERICO, 2013, p. 55).

As questões sociais, como a migração, estão vinculadas, portanto, ao valor cultural da obra e à constante busca pela relação entre a literatura e a vida social proposta pelas leituras marxistas, que encontram respaldo nos contos e romances publicados pelos literatos de Goiás, a partir da segunda metade do século XX. Essa mesma figuração de texto literário será responsável por levantar as questões sociais, discuti-las e apresentá-las ao leitor, vinculando os ideais de realidade e arte, ou seja, aqui se volta à temática de que a literatura, enquanto arte que é, preocupa-se com o que pode vir a ser e não com o que foi realmente, mas sem deixar de apresentar os acontecimentos históricos.

O engajamento literário daqueles que produziram em Goiás nessa época permite dizer que conseguiram alcançar o objetivo de problematizar as questões sociais em suas obras, mesmo publicando em região distante dos grandes centros produtores e um tardiamente, no que diz respeito às datas não acompanharem, necessariamente, ao que era divulgado no eixo Rio-São Paulo. Por isso dizemos que o Modernismo em Goiás aconteceu de forma anacrônica e um pouco tardiamente, porque somente pelos idos de 1940, já com uma consolidação em termos de escrita e publicações, passaram a fazer uma literatura de mais consciência social. Assim, entendemos que, por se tratar de uma literatura que foi publicada fora do grande eixo, os textos desses autores conseguiram estar alinhados aos moldes da escola literária ainda vigente naquele contexto, qual seja, o Modernismo.

Gilberto Mendonça Teles (2007), em *O conto brasileiro em Goiás*, é quem nos auxilia no sentido de entender como se deu o desenrolar da produção literária nesse estado que, longe das metrópoles e centros artísticos, conseguiu produzir, em meados da década de 40, uma literatura mais consistente. Esse também é um fator que desperta nosso interesse em trabalhar com essas obras que, por muitos anos, ficaram escondidas nas estantes regionais, sem alcançar seu devido valor literário.

É pertinente resgatar a ideia de que na literatura produzida em Goiás, mais especificamente, o espaço híbrido (rural e urbano), só chegou à segunda metade do século XX quando passaram a deixar de lado o regionalismo demarcado pelo espaço rural e trouxeram ao universo literário, também, o de cotidiano citadino. Voltamos, porém, àquela ideia de regionalismo literário, levantada anteriormente, mas pensando em uma escrita que se transforma e alcança o neorregionalismo, visto que o espaço agora é trazido duplamente: campo e cidade.

Esses dois espaços estão sempre em contato e conflito, ora completando-se ora opondo-se um ao outro, mas ao que Chiappini (1995, 155) explica: “a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização. Ele é, portanto, um fenômeno moderno e, paradoxalmente, urbano”. Desse modo, por mais separados que os escritores queiram deixar, esses espaços não se desvinculam. Ao optar por não colocar o urbano na obra, infere-se que há o conhecimento desse lugar, mas a “expulsão” dele dá lugar ao

que conhecemos por regionalismo, que seria a contradição, o oposto, a recusa à modernização e suas consequentes vertentes.

No entanto, certos de que não seria mais interessante deixar a urbanização fora do texto, alguns literatos passaram a trazer a cidade para completar e não mais conflitar com o espaço rural, de modo que temos aí, grosso modo, uma nova forma de ser fazer literatura, o neorregionalismo. José Godoy Garcia, assim como José J. Veiga, Heleno Godoy, Miguel Jorge, Anatole Ramos, entre outros, é um desses escritores. As obras desses autores traziam característica que, por mais bem elaboradas que fossem as publicações que antecederam os anos de 1960, em Goiás, não possuíam: o espaço urbano.

Segundo as duas vertentes de escrita goiana propostas por Gilberto Mendonça Teles (2007), intelectualista e primitivista, os escritores mencionados aqui se configuram dentro da primeira delas, justamente por resgatarem o espaço urbano e, ao mesmo tempo, não ficarem presos apenas a elementos de ordem descritiva e paisagística, aspectos estes que também vigoram na perspectiva do neorregionalismo. De acordo com a teoria proposta por Teles (2007), os dois escritores responsáveis por desenvolver tais vertentes em Goiás são: Padre Zeferino de Abreu, com a publicação de *Casos reais*, em 1910; e Hugo de Carvalho Ramos, com *Tropas e boiadas*, em 1917, que representam a linha primitivista e intelectualista, respectivamente. Nas palavras de Teles (2007, p. 143):

Se o que caracteriza a linha “intelectualista” é a consciência artística, a preocupação da forma – a arquitetura e a linguagem –, nos contistas da linha “primitivista” o que predomina são as vivências mais ou menos primárias dos conteúdos de natureza anedótica, numa ficção rasante, expressa sem a natural preocupação de estilo. É certo que essa “consciência artística” existe sempre, variando apenas seu grau de atuação.

Apesar de ter tido uma menor duração, o crítico goiano considera que a vertente seguida por Padre Zeferino de Abreu tem uma produção mais ampla, enquanto a de Hugo de Carvalho Ramos é mais restrita, visto que o processo de escrita é mais refinado e literário, constando uma preocupação artística e literária sem amadorismos. Assim, avalia que a escrita goiana é concretizada a partir das obras que seguiram os traços de Hugo de Carvalho Ramos e não se fixaram apenas em arranjos gramaticais ou simples

histórias folclóricas. Vale dizer que Teles não menciona José Godoy Garcia em qualquer das duas vertentes, porque está, nesse momento, fazendo um apanhado da produção de contos em Goiás que vai até 1967, e o livro desse gênero escrito por Godoy Garcia só seria publicado em 1990. No entanto, a obra godoyana pode ser lida pelo viés intelectualista, porque há em sua prosa uma linguagem literária mais profunda e complexa, que parte de conflitos e problemas restritos aos contextos goianos para entender categorias mais abrangentes, como a recorrente luta de classes, por exemplo.

É à luz de Teles que Rodrigues (2006) faz um estudo dos pressupostos geográfico-espaciais da literatura goiana⁴, tendo em vista as produções do Sudeste do estado, em que constata, também, os momentos de produção literária mais intensos e profícuos da região. Vejamos:

Ao tecer as caracterizações das “áreas culturais”, Teles apresenta um quadro do estado e prepara a análise para receber e, de certa forma, localizar as produções literárias. A literatura goiana recebe um marco definido por acontecimentos históricos, que distingue as produções anteriores e posteriores a 1930 e antes e depois do surgimento de Goiânia e Brasília. Assim, se a literatura goiana é vista por esse escritor espacialmente, circunscrita às regiões culturais do estado, ela se acha temporalmente delimitada por dois acontecimentos históricos: a revolução de 1930 e a construção das capitais. A demarcação temporal divide, da mesma forma, as produções culturais, visto que, em Goiás, segundo esse escritor, pode-se falar verdadeiramente da constituição de uma literatura goiana após esses acontecimentos, tendo como centro definido a região da capital. (RODRIGUES, 2006, p. 62).

Dentro desse período e entre os nomes mais importantes, destacamos José Godoy Garcia, engajado nessa perspectiva de literatura de denúncia, a qual se dedica a pensar a sociedade e os fatores que dela emergem, a fim de inteirar autor, obra e público em um único contexto que, por sua vez, vai expor as necessidades intrínsecas ao homem, conforme nos orienta Candido (2010). José Godoy Garcia, por intermédio do narrador, segue uma vertente em que explicita claramente sua opinião sobre os acontecimentos sociais e históricos dentro do contexto da narrativa, de modo que deixa o leitor já direcionado para sua visão, que é a de um posicionamento crítico em relação

⁴ Nesta Tese, usaremos os termos “literatura produzida em Goiás” e “literatura goiana” como sinônimos, tendo em vista que, quando fazemos tais referências, estamos falando de uma literatura escrita por autores considerados goianos, ainda que não nascidos em Goiás, alguns dos autores que para lá foram e lá escreveram consideravam-se goianos.

às ações do governo e dos acontecimentos históricos. Moacyr Félix, na orelha do livro *O caminho de Trombas*, chega a dizer que “são retratos de homens, são vidas, com que a mão do poeta José Godoy alarga o nosso próprio retrato, as nossas próprias vidas”.

Enfim, este é um estudo que visa aprimorar a leitura da obra de José Godoy Garcia, com ênfase em sua temática histórico-social sobre a migração interna, uma vez que estudar a temática da migração dentro da literatura não só contribui para lembrar esse tema tão atual e pertinente de ser largamente discutido, mas também para pensar a dinâmica desse movimento em outras áreas do conhecimento, como a História, a Geografia e as Ciências Sociais, por exemplo. Consideramos de grande importância que as obras tidas como regionalistas e produzidas em Goiás precisam circular fora de seu espaço de produção e alcançar outras paragens, sendo lidas, relidas, estudadas e conhecidas. Ao realizar esta tarefa de leitura analítica, acreditamos contribuir em aspectos teóricos e historiográficos para que isso aconteça, já que as discussões acadêmicas são amplas e garantem levar o conhecimento a vários lugares, por meio de eventos que promovem a troca de experiências intelectuais e publicações em mídias de caráter físico e eletrônico, alcançando, inclusive, a comunidade externa à Universidade.

Muitas vezes, voltamo-nos apenas para a leitura dos cânones e esquecemos que os escritores e as obras considerados “menores”, que ficaram à margem da história da literatura, também precisam ser lidos e estudados, é por isso que escolhemos trabalhar com essa literatura produzida longe dos grandes centros culturais, como Rio de Janeiro e São Paulo, e, portanto, lida em menor escala. Esperamos, com esta Tese, trazer ao espaço acadêmico um trabalho que consiga solidificar, e sem a menor pretensão de exaurir, a questão da migração e de seus temas conexos na literatura goiana.

E, em sua completude, seguimos um direcionamento de pesquisa que se respalda em análise qualitativa de dados literários, ou seja, temos como *corpus* o único romance escrito por José Godoy Garcia, o qual será lido sob um viés crítico e teórico. Estruturalmente, optamos por um trabalho que, paulatinamente, oferecesse respaldo e direcionamento ao leitor, de modo que fosse possível dialogar com a teoria e a obra literária juntas, para facilitar a abordagem dos assuntos pertinentes ao tema.

Assim, temos, em princípio, um capítulo introdutório, com a delimitação da temática escolhida, a definição do termo e a maneira como conduziremos isso no decorrer da Tese; as considerações sobre literaturas migrantes em geral e a relação dos

espaços característicos da obra (campo *x* cidade) são aspectos discutidos nesse capítulo, a fim de contextualizar o leitor sobre os aspectos sociais que permeiam o enredo. Em seguida, dedicamos o segundo capítulo à vida e obra do autor e à exposição da obra literária e sua relação com as discussões teóricas e temáticas. Achamos válido nos demorar um pouco mais nessa apresentação em razão da ainda pequena fortuna crítica que se tem sobre a poética godoyana e, principalmente, sobre *O caminho de Trombas*. O terceiro capítulo volta-se, em específico, para a migração na narrativa e os espaços que a constituem, quais sejam, o campo e a cidade, lugares onde acontece toda a movimentação e a sua influência altera a identidade do sujeito migrante. Por último, analisamos as construções identitárias dos personagens, evidenciando as ocorrências de transformação nas vidas de alguns deles, visto que a quantidade numerosa de integrantes da narrativa não nos permite debruçar sobre todos eles. A análise é feita a partir das movências no espaço, isto é, a forma como eram e como passaram a se comportar em meio ao movimento de ir e vir do campo para a cidade e desta de volta ao campo, às vezes. Também buscamos evidenciar, nesse quarto capítulo, a religiosidade, que é outra questão peculiar às personagens do romance de José Godoy Garcia.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS: OS CONCEITOS DE MIGRAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

1.1 Para entender “migração”

Deslocamento e migração. Além desses dois vocábulos, outros tantos podem fazer referência à ideia do mover-se ontológico. Estar em processo de busca por um lugar novo pode ser algo relacionado à travessia, entre-lugares, movências, migração e seus desdobramentos de ir e vir (emigração e imigração). Aliás, essa é uma prática comumente encontrada na atualidade, nos tempos líquidos, como diz Bauman (2001) ao ponderar sobre a pós-modernidade, mas que vem desde os mais remotos tempos, haja vista que os primeiros registros escritos encontrados, passando pelos textos bíblicos e grego-latinos, e pelas mais diversas línguas e localidades, já demonstravam o mover do homem na terra. Sendo assim, esse processo de deslocamento já foi, e ainda é, uma prática constante, representado pela História e pela Literatura.

Todo contexto de movimento é pautado por um mote que leva o indivíduo a mudar sua trajetória, seja esse motivo da ordem que for, forçado ou desejado. Independentemente disso e do espaço escolhido para mudança, o trânsito será efetivado de um lugar para outro, desde dentro de uma mesma região (como acontece ao se mover do campo para a cidade), sendo a distância e os costumes ainda próximos, até mudanças de um continente para outro, que é o extremo de uma migração, pois aí se muda não só o espaço físico e geográfico, mas também e de forma mais abrupta a língua, os costumes, a cultura. A partir da leitura de alguns textos literários, bem como do estudo da História e da Geografia, temos conhecimento do que são esses movimentos migratórios que, por conseguinte, interferem no crescimento e/ou na alteração dos espaços demográficos de uma região, por intermédio de pessoas que saem ou entram em determinado espaço.

Na contemporaneidade, a temática da migração tem sido muito recorrente nos textos literários, até porque, é uma constante mundial e reflexo da globalização, fato que direciona os escritores a recuperarem os acontecimentos factuais, levando-os para a literatura, já que a arte literária também se encarrega de evidenciar o contexto histórico

de cada tempo e espaço, a fim de registrar, para a posteridade, como é/era cada sociedade. Gnisci (2003) lembra a necessidade desses registros e quem os faz:

Os dominados tendem sempre mais a mover-se, a deslocar-se. O próprio tempo, visto que cada época tem uma voz que necessita se expressar e se fazer ouvir por aqueles que estejam dispostos a fazê-lo. Os donos da voz são os literatos, os artistas, os “filósofos” e os humanistas. São levados, pela experiência, a pensar, contudo, que são apenas eles que se dedicam à pesquisa da voz e da sua ascensão. (GNISCI, 2003, p. 1).

Apesar da crítica que faz a alguns escritores e teóricos, o autor reconhece que é preciso alguém para fazer o registro da expressão de cada tempo, o que confere aos literatos, por exemplo, maior grau de credibilidade. No que tange à temática da migração dentro da literatura, para Gnisci (2003, p. 2), ela já deixou de ser “um dos temas” para ser o principal deles, o que acontece porque:

A migração, hoje, representa a relação planetária mais imponente e interessante da nossa espécie. A relação que está marcando o pertencimento de todos nós ao mesmo tempo histórico, ou melhor, ao tempo presente, não só por meio do imaginário. Esse tipo de meio antropológico e artístico tem-se feito uma via a partir da qual a consideração de que a literatura “fala” e demonstra interesse, vale dizer, pelo “entre-ser” humano, ser conjuntamente parte da história.

De fato, a migração é um acontecimento constante nas sociedades, desde as mais remotas, como já mencionamos, até hoje. Ademais, a relação entre os povos que a globalização e a modernidade permitem, é mais um motivo para que tanto a história quanto a literatura deixem registradas as marcas do pertencimento ao tempo e espaço históricos. Assim, *a posteriori*, o conhecimento do que é/foi hoje o processo migratório e a condição humana, por exemplo, poderá ser acessado, também, via texto literário que, atualmente, não é pautado apenas por inspirações subjetivas e temas clássicos, mas que também reconta e confere poder de fala aos que sofrem, aos marginalizados socialmente, que desejam se expressar. É por isso que falar de quem está no espaço movente da conjuntura atual, por meio da literatura, é considerado o tema principal, porque “Ser migrante, estar em movimento, em tradução e alteração, é uma condição da poética, da ética, e da política; uma condição da transformação em algo que não se enquadra no ‘cânone ocidental’”. (GNISCI, 2003, p. 3).

Nessa constante busca, o que se deseja é encontrar um lugar que seja seu, que os represente, que lhes receba e hospede sem julgamentos, ou seja, o homem quer ser reconhecido da forma como é constituída sua identidade. Sobrevivência, na maioria das vezes, é o que eles desejam. Vão em grupos, vão sozinhos, vão de qualquer maneira, mas vão. O trajeto nunca é fácil e, como companhia, possuem dores e sofrimentos, físicos e psicológicos, afinal, deixar para trás uma cultura, uma história, uma vida, ainda que isso seja uma escolha própria, é sempre deixar perder um pouco de si e estar sujeito às restrições da nova jornada. Ao mesmo tempo, porém, adquirem novos conhecimentos e descobrem um mundo que antes não era por eles explorado, passam a ter contato com realidades diferentes, o que contribui para a transformação social e pessoal. No texto literário, lemos o seguinte:

Podia viver em qualquer lugar desde que tivesse trabalho e amigos. O grande corpo de Prêto, sob o edifício, parecia insignificante. No início foi duro. A mão acostumada na enxada não teve alento. Para êle o difícil era apanhar-se sabido na profissão, dominando o ofício. Duro foi, até que se passou a primeira semana e Prêto assim foi se assenhorando das tarefas. Os operários diziam a êle que o seu trabalho era bom. (GARCIA, 1966, p. 74).

A situação em que se encontra o agricultor migrante Prêto Soares, nesse trecho, exemplifica a condição transformadora que o processo de mudança de espaço causa no sujeito. Antes acostumado com o trabalho na terra e as ferramentas para isso, agora precisa se adaptar ao novo emprego e às exigências da vida urbana, mudanças essas que, para ele, não são tão fáceis no início, mas, com o tempo, há uma adaptação e assimilação de conteúdo e experiência. Constitui-se, aqui, a condição de transformação do ser migrante mencionada por Gnisci (2003).

Nesse sentido, o que Ottmar Ette (2016) fala sobre as dinâmicas e movimentos de migração dentro dos textos literários, ao analisar alguns romances alemães e franceses, também nos direciona a pensar o texto em análise, uma vez que o espaço muda e, como consequência, a cultura, gerando uma transformação no sujeito movente. No que diz respeito ao lugar, especificamente em nosso *corpus*, é vista uma configuração de espaço que transita entre o rural e o urbano, desenhando, dessa forma, o que denomina de translocalidade; temos ainda um nível transregional, visto que os

deslocamentos se dão dentro de uma mesma região nacional, isto é, no próprio estado. Nas palavras de Ette (2016, p. 202):

Em um nível translocal, movimentos se estabelecem entre lugares e espaços urbanos e rurais de extensão limitada – no sentido das *landscapes and cityscapes*, de Bharati Mukherjee (1999) –, ao passo que, em um nível transregional, movimentos situam-se entre determinados espaços de paisagem e/ou de cultura, que se estabelecem – como Uckermark ou Hegau – sob a grandeza de uma nação, ou se desmembram, enquanto unidades visualizáveis, entre distintos estados nacionais [...].

Os níveis expostos por Ette, portanto, podem ser híbridos, já que, na narrativa, não se configura apenas um espaço, mas há uma diversidade deles ou, pelo menos, dois ambientes distintos. Ademais, tal experiência pode ser individual e/ou coletiva, uma vez que o deslocamento se dá, muitas vezes, em grupos, como é o caso da narrativa aqui em análise, mas também é vivida individualmente, pois cada um tem seus objetivos e olhares distintos de um mesmo trajeto, além de tomarem caminhos diferentes.

Antes de discutirmos questões que envolvem as consequências e as características intrínsecas de tais deslocamentos, como identidade, alteridade, espaço, entre outras, atemo-nos um pouco aos possíveis conceitos do termo migração. *A priori*, recorreremos ao *Dicionário Houaiss* para ter uma primeira definição oficial do verbete “migração”, qual seja, dentre outras: “[...] movimento de entrada ou saída de indivíduos em países diferentes ou dentro de um mesmo país” (HOUAISS, 2010, p. 521). Diretamente ligados a essa definição, estão os termos “emigração” e “imigração”, cujas definições encontramos ainda nesse dicionário, da seguinte forma:

e.mi.gra.ção [pl.: -ões] *s.f.* 1 saída espontânea de um país; expatriação
← imigração 2 movimentação de uma para outra região dentro de um mesmo país 3 conjunto de indivíduos que emigram cf. *migração*

.....
.....

i.mi.gra.ção [pl.: -ões] *s.f.* 1 entrada de estrangeiros em um país 2 estabelecimento de indivíduos em cidade, estado ou região de seu próprio país, que não a sua de origem 3 conjunto de indivíduos que imigram cf. *migração* e *emigração* 4 o fluxo desses indivíduos (HOUAISS, 2010, p. 286/420).

Para além da definição do vocábulo migrar, encontramos no *Dicionário Online de Sinônimos* alguns termos que, por sua vez, direcionam a um mesmo significado dessa palavra, por exemplo: “Mudar de país ou região: 1mudar, deslocar-se, transmigrar, emigrar, arribar [...]”.

A partir dessas conceituações, percebemos que os lugares de movências dos sujeitos migrantes podem ser tanto dentro de seu país de origem, quanto fora dele, é dizer, independente para onde se vai ou de onde se vem, e qual o motivo da mudança, se forçada ou voluntária, há um deslocar-se e instalar-se alhures e os movimentos, em sua maioria, são incertos, porque ao sair de seu território de pertença, o indivíduo está sujeito às mais variadas possibilidades de acontecimentos durante a trajetória e, também, ao final dela, visto que ele não pode prever os percalços nem tampouco a recepção que terá ao fim da jornada.

Convém reforçar que pensamos, nesta Tese, nas migrações não voluntárias, em específico, porque o homem da zona rural encontra-se em difícil situação social, política e econômica e, por essa razão, acaba por ser impelido para a cidade, lugar onde vai se deparar com inovações, com as quais precisa se acostumar, adaptando-se ao novo modo de vida. Esses são os passos que acompanhamos ao realizar a leitura do romance de José Godoy Garcia, no qual, por um lado, existem aqueles que querem estar fixos, independentemente da situação vivida, mas, de acordo com o cenário que ali se delineia, principalmente o contexto político, não é possível permanecer com o vínculo na terra, porque surge a necessidade de ir para a cidade, onde, derrotados, planejam o retorno.

Após um intenso conflito entre os trabalhadores da terra e a polícia, o próprio tenente, apesar de ter noção de uma possível vingança, deixa explícito seu pensamento de que os agricultores são obrigados a deixarem o campo e “tomarem rumo”, tanto os que queriam já sair dali e procurar novas terras, quanto os que pretendiam ficar e lutar pelo espaço. Na narrativa: “De nada valeria pensar que aqueles homens e mulheres de São Domingos deviam compreender que o caminho certo era deixar a terra, tomar rumo. Era gente imunda, perversa. Reconhecia a sede de vingança daqueles homens e de suas mulheres”. (GARCIA, 1966, p. 55). Incapazes, momentaneamente, de travarem nova guerra com o governo, as famílias começaram a deixar suas casas (as que ainda existiam) e seguir caminhos diferentes, para outros campos, para cidades menores, ou para a capital de Goiás.

Alguns personagens já almejavam a partida, cientes de que o fluxo precisava acontecer para que tivessem uma mudança de vida, nesse caso, a obrigação de se ver fora do ambiente que é seu dá-se via fatores políticos e econômicos, visto que o acordado entre fazendeiros e agricultores no arrendamento de terras devolutas foi quebrado e, conseqüentemente, a classe social menos favorecida se vê diante da problemática de encaixar-se no fluxo migratório, enquanto os favorecidos economicamente tomam conta das terras. Seguindo esse raciocínio, lembramos que a migração pode ser vista, também, da seguinte forma:

A trajetória de um fluxo migratório é definida segundo sua origem e destino. Os desequilíbrios econômicos regionais são os principais fatores que levam ao surgimento das trajetórias migratórias. Portanto, a migração é essencialmente entendida neste texto como o deslocamento da força de trabalho em busca de melhoria de inserção no mercado de trabalho e de condições de vida. (BIAGIONI, s/d, p. 6).

Assim, as mudanças involuntárias ocorrem em detrimento do processo social que se instaura em um espaço de múltiplas trajetórias, onde sempre há desigualdade e exclusão social e o indivíduo é, forçosamente, levado a se dirigir aos grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. A própria origem do estado de Goiás se deve à chegada de migrantes, tanto dos que para lá se direcionaram impulsionados pela diáspora (indígenas e negros), quanto dos que levaram os tipos de violência (homem branco), responsáveis pelos movimentos diaspóricos. É José Godoy quem conta:

Goiás era um dos territórios onde os escravos foragidos de outras regiões brasileiras se açoitavam; se agrupavam. Os escravos, desde suas origens africanas, não carregam o espírito senão do trabalho, nunca de propriedade. Goiás se povoou com o trabalho escravo. As fazendas, grandes latifúndios, iam-se formando com o extermínio dos índios e com a utilização do trabalho escravo. O povoamento e “desenvolvimento” de Goiás se fez através da violência mais cínica contra negros e índios. A minha cidade natal, Jataí, sudoeste de Goiás, teve seu início com a chegada do homem branco, que logo ateou fogo nos campos para a criação de gado e logo se pôs à caça dos índios, que não se deixavam prear. (GARCIA, 1997, p. 15).

É nesse sentido que Cury (2012) elenca alguns motivos que têm levado o homem à migração não voluntária, como fugir da fome, por exemplo, que é, também, o caso encontrado no romance de Godoy Garcia. No dizer de Cury (2012, p. 12):

Testemunhamos, no nosso mundo, a circulação de multidões de turistas, de *refugiados de guerras étnicas, religiosas ou ideológicas, de pessoas fugindo da fome ou gente em busca de oportunidades ligadas à internacionalização do capital*. Nesse grande contingente de migrantes, podem ser incluídos os novos nômades urbanos que erram nas metrópoles do planeta e *aqueles que deixam seus lugares de origem em busca de trabalho em outras regiões de seus próprios países ou em países diferentes*. Estas grandes migrações são responsáveis por uma reconfiguração dos espaços urbanos, criando “espaços transicionais”, o que Doug Saunders (2010) denomina “arrival cities”, que determinarão a configuração futura do planeta. “Arrival cities”: cidades que atraem enormes contingentes de pessoas vindas do campo e de outros países, com escassas condições de empregabilidade. (Grifos nossos).

Explicita-se, então, que alguns motivos não partem do querer do migrante, mas da situação que o leva a ter que sair e procurar por melhorias, o que, conseqüentemente, o conduz a participar da reconfiguração do espaço alheio. Ainda assim, pode ser que, ao se mudar, ele não encontre abrigo, trabalho, comida ou aceitação, pelo contrário, está ainda mais sujeito a julgamentos e percalços, desse modo, pode correr o risco de precisar voltar ao seu lugar de origem. Nesse sentido, há três ênfases no discurso do migrante⁵, os quais são vistos durante sua trajetória. Em um primeiro momento, tem-se a tristeza da partida, que se parelha à nostalgia de ter que deixar o espaço de pertença; em seguida, os relatos do pesar pela derrota, quando ele percebe que já não pode mais recuperar o pouco que tinha e, por último, a alegria do retorno, mas que não é tida por todos, já que alguns não conseguem chegar a essa etapa. É nesse momento que o que já não era feito por sua vontade passa a ter um peso ainda maior, pois ele, além de não ter encontrado o que precisava/procurava, não pode retornar. É também isso que Cury (2012) lembra ao mencionar que esse tipo de migração acontece em todos os lugares, independente se países ricos ou pobres, desenvolvidos ou não. Para tanto, é em Milton Santos que ela se pauta e assim o cita:

⁵ Considerações provindas do Prof. Dr. João Batista Cardoso na Banca de Defesa.

A migração, em última instância, é, sem paradoxo, consequência também da imobilidade. Quem pode, como já mencionamos, vai consumir e voltar ao lugar de origem. Quem não pode locomover-se periodicamente, vai e fica. A migração que também se dava em cascata, seguindo os degraus da mencionada hierarquia urbana, dá-se cada vez mais diretamente para os grandes centros (SANTOS, 2008, p. 63). (CURY, 2012, p. 13).

Há que se pensar, ainda, que tais acontecimentos estão expostos em várias obras da literatura, tanto nacional quanto internacional, como nas prosas de Milton Hatoum e Moacyr Scliar, em vários de seus romances que tematizam a diáspora judaica e do Oriente Médio; na poética de João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina*; no canônico *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; no instigante *Budapeste*, de Chico Buarque; no grande e conhecido *É isto um homem?*, de Primo Levi. São obras que abrangem tanto o imigrante quanto o emigrante, no Brasil e fora dele, em movimentos constantes de busca e aceitação de um espaço, bem como é um processo de descoberta da própria identidade e da alteridade, perpassado por questões de cultura e memória.

Por um lado, em termos históricos e geográficos, é sabido que entre as décadas de 1940 e 1950 o Brasil passou por um processo de desenvolvimento capitalista, vinculado à modernização, em que o governo federal visava expandir as ligações entre os estados através de rodovias e ferrovias, o que gerou grandes obras e oportunidades de trabalho, levando a grande massa social a se movimentar e, consequentemente, o fluxo migratório se intensificou. Pouco tempo depois, vieram os primeiros rumores sobre a construção de Brasília e, mais tarde, da rodovia que ligava a nova capital ao norte do país, fatores que muito contribuíram para a movimentação no interior do Brasil e, mais especificamente, em Goiás, estado onde situa Formoso e Trombas, local de uma das guerrilhas entre agricultores e governo e ambiente onde se passa a história do romance godoyano.

Por outro lado, esse movimento e as transformações sócio-políticas e econômica trouxeram um crescimento populacional ao país, conforme pode ser observado nos estudos de Santos e Silveira (2008). A cidade, nesse momento, tinha um número bem maior de pessoas que o campo, visto que era para a urbe que iam aqueles que deixavam a zona rural. Ademais, as consequências de todo o processo de modernização também trouxeram, por todo Brasil, conflitos de ordem política e territorial, em que agricultores passaram a lutar contra fazendeiros e governo, a fim de defenderem suas terras.

Confirma-se, nesse contexto, que o processo de deslocamento populacional está diretamente ligado ao contexto histórico e ao território onde acontece o fluxo migratório.

Em Goiás, não se deu de forma diferente e o conflito transformado em guerrilha foi, inclusive, um dos únicos em que os lavradores, em função de sua união e organização, saiu vitorioso. Foram muitos envolvidos, incluindo ativistas do Partido Comunista (PC), que davam apoio e reforço aos agricultores, como o autor do romance *O caminho de Trombas*, que participou ativamente desse acontecimento. Temos em Azevedo (2014, p. 74) o seguinte respaldo:

[...] a despeito de experiências anteriores dos comunistas e camponeses em confrontos com o aparato repressivo do Estado, a revolta em Trombas e Formoso teve uma série de particularidades. Os camponeses, por uma série de fatores, apresentaram uma grande capacidade de resistência, que os fez lutar por cerca de três anos (1955-1957), saindo vitoriosos ao final do processo. Nesse processo de luta, os camponeses ousaram confrontar na prática as concepções mecânicas do marxismo que viam no campesinato um sujeito individualista e pequeno-burguês, dando grandes demonstrações de coletivismo e avançando, ao ritmo da luta, a consciência política.

Na entrevista que Godoy Garcia dá ao Jornal *Opção*, outros conflitos são colocados em pauta e ele fala de sua experiência com as primeiras incursões no sentido de se unir aos trabalhadores do campo em prol da luta de classes. Aliás, esse é um dos acontecimentos históricos que é levado para o texto ficcional desse escritor. Na entrevista, temos conhecimento do ocorrido nos seguintes termos:

José Maria e Silva — Qual foi a primeira guerrilha da qual o senhor participou?

Em 1951, havia um movimento numa fazenda chamada São Domingos, e o movimento ficou conhecido como Tiririca. Era um grilo de terras. Então, fizemos uma luta contra o arrendo e contra o grilo. Contra o grilo era mais fácil, porque o lavrador já tinha a terra, bastava impedir que fosse tomada pelos grileiros. No caso do arrendo, era difícil porque o trabalhador era um servo de gleba.

Conseguimos reduzir a cobrança dos fazendeiros de 30 para 20 por cento do arrendamento. Essa era uma luta de classes. Já o grilo, não: os próprios fazendeiros eram contra o grilo, porque o grilo desmoralizava sua classe. Na Fazenda São Domingos, queríamos uma luta de resistência, mas os lavradores queriam a luta por intermédio de advogado. Mas eles vieram aqui e contrataram advogado, só que o advogado não podia fazer nada. Então, fui lá e convenci um dos

membros da direção do partido, Jerônimo Afonso, de Rio Verde, a recorrer às armas. Pegamos cinco fuzis, alicates e um monte de coisas. Fui me despedir dos meus filhos e olhei, triste, para eles. Minha mulher não sabia. Chegamos lá, nosso pessoal era todo jovem, irresponsável, danava numa falação, numa fumação. Fracassamos. Revolução com jovem e família não dá. Nem chegamos a trocar tiros com a polícia. Isso foi em 52 ou 53. E os grileiros tomaram conta da fazenda. (GARCIA, 1998, s/p).

Não só houve movimentos políticos em torno do processo de modernização, como muitos escritores testemunharam tais atos, como aqui é o caso de Godoy Garcia e como também aconteceu quando da Inconfidência Mineira, entre outros fatos históricos que marcaram o Brasil e estão, hoje, registrados nos livros de História e de Literatura.

Ainda sobre a migração, trazemos o que a Organização das Nações Unidas (ONU) entende sobre o termo: “deslocamento de uma zona definidora da migração para outra (ou um deslocamento de uma distância mínima especificada) que se tem feito durante um intervalo determinado e que implicou a mudança de residência” (1972, p. 1). Aqui, é preciso deixar claro que, quando falarmos de migração, nas análises deste trabalho, estaremos sempre fazendo referência ao processo que ocorre internamente, no Brasil e, especificamente, no estado de Goiás, logo, não estamos utilizando o termo em seu sentido mais amplo, que abrange “sair de” ou “entrar em” outros países. Dito isso, cabe ressaltar que temos por escopo justamente uma discussão em torno da temática migrante, logo, faremos sempre menção ao termo *migração* para referir a todo e qualquer movimento de deslocamento do sujeito (sair ou chegar) nas obras literárias.

Em seu contexto geral, sabemos que a migração é algo que sempre ocorreu entre as comunidades sociais. Tanto é assim, que é pauta em várias áreas como economia, política, geografia, história e artes, por exemplo, conquistando seu espaço no cinema, na televisão, no teatro, na música e na literatura. Maria Zilda Ferreira Cury (2006, p. 9), em *Uma luz na escuridão: imigração e memória*, confirma tal assertiva ao dizer que “A imigração apresenta-se como temática relevante na produção artística mundial que traz à frente da cena contemporânea figuras de exilados, de imigrantes ou desterrados, na música, no cinema, na fotografia, nas artes plásticas, na literatura”.

Quando falamos em migração, seja ela de que tipo for, esbarramos em assuntos como a identidade, a memória e a alteridade que, paralela e simultaneamente, fazem coro à discussão desse processo. Nesse sentido, Cury (2006, p. 10) endossa:

É claro que tal situação abala a percepção que temos de nossa própria identidade, tornando pouco seguras as projeções que fazemos de nós mesmos e do que julgamos ser a “nossa” cultura, já que o contraponto permanente com o “outro” representa, paradoxal e simultaneamente, o limite do “mesmo” e sua possibilidade de expansão para fora de si.

A identidade cultural está sempre em construção, mutações e algumas vezes é efêmera, tendo em vista a rapidez com que o sujeito se instala e desloca-se de um lugar para outro, de modo que não consegue projetar nem, muito menos, estabelecer uma cultura regular e delineada. Nesse aspecto, a alteridade fica evidente, já que a constante relação com o outro o multiplica em vários, impedindo de ser o mesmo o tempo todo e por toda a vida, pois a interação e a interdependência lhe condiciona a um existir coletivo, isto é, o outro, que com sua cultura e vivência distintas está sempre presente, de modo que o sujeito não consegue estabelecer uma particularidade identitária única, já que há uma agregação de outras culturas e identidades.

Doraci, uma das personagens de José Godoy Garcia é um exemplo disso, tendo em vista que, ao entrar em contato com a cidade e seus costumes, não se via mais como alguém que vivia da terra e nela trabalhava para ter o sustento da família. Prêto descobriu algo novo em Doraci: “[...] a mulher se enfeitiçara pela vida da cidade. Mulher fiel e destemida, mas se enfeitiçara pela vida da cidade, perdera o sentimento e tudo que é o campo e das lavouras” (GARCIA, 1966, p. 168). A mulher de Prêto agora está mergulhada na cultura do outro e toma para si as mesmas necessidades, adequando-se ao novo modo de vida, deixando o marido preocupado ao descobrir essa nova pessoa em que se tornou. A percepção da identidade de Doraci foi alterada a partir da relação estabelecida com os moradores da urbe e o contato direto com outra forma de vida, sua identidade primeira, a rural, cede lugar à da urbe em alguns momentos e ela passa a se constituir de um sujeito com identidade fragmentada, mas que, na totalidade, a completa enquanto ser humano em constante evolução.

Na literatura, especificamente nos textos em prosa, encontramos muitas obras que nos proporcionam questionamentos acerca dessa relação com o outro, como as que aqui entram em discussão. As dezenas de personagens da trama de José Godoy, por exemplo, vivendo em uma coletividade primeira, a de origem (zona rural) e, depois, deslocando-se para o encontro com outra comunidade, a de destino (cidade), faz pensar

que tipo de homem é esse que está no campo, vivendo em um espaço considerado seu e rodeado por seus amigos e companheiros. Também é necessário identificar em que tipo de homem ele se torna ao ter que se deslocar para o centro urbano e passar a conviver com outras pessoas, costumes e ideologia. A mudança ocorre em detrimento dos fatores sociais, políticos e culturais que influenciam o novo modo de vida de cada camponês em movimento.

Pensando que na literatura, assim como na sociedade, a alteridade está sempre em construção, Paterson (2007) resgata alguns teóricos para analisar esse desdobramento e pontua alguns conceitos fundamentais para tal discussão, quais sejam: “a distinção entre diferença e alteridade; a necessidade de um grupo de referência (um grupo social dominante) para a existência de qualquer forma de alteridade; e a complexidade dos vários tipos de relações estabelecidas com o outro” (PATERSON, 2007, p. 14). Logo, vê-se que, independente do ponto de partida, o outro sempre terá responsabilidade na formação do sujeito, uma vez que não se vive sozinho e, ainda sem ser migrante, o indivíduo sofre mutações causadas pela (con)vivência com o outro.

Um poema de Paulo Leminski que exemplifica essa necessidade de referência e o processo de relacionar com o outro e ser um só é “Contranarciso”, texto que anuncia uma miscelânea de identidades, paralelamente à fusão que o sujeito estabelece com o outro.

em mim
eu vejo
o outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós

estamos em paz
mesmo que estejamos a sós
(LEMINSKI, 2013, p. 32).

Não se vive sozinho, mas, quando o sujeito se enxerga no outro, mesmo que esteja a sós, está em paz, porque está respaldado pelo outro, pela coletividade, pela dezena de outros seres iguais e que compartilham dos mesmos ideais. Há uma inquietação do “mim” por estar só, todavia, ao se ver no outro, surge um sentimento de sossego e aceitação, vindo da certeza de se compartilhar a semelhança, ainda que dentro da diferença, dentro da multidão.

Na literatura, portanto, a alteridade é anunciada quando vozes e identidades se cruzam, tanto na prosa quanto na poesia, e quando os sujeitos se abrem para aceitar a presença do outro. “Mim”, “outro”, “você”, “nós”, remete a um todo, a uma coletividade que circula pelo espaço literário e, concretizada nas figuras dos personagens, surge uma multidão que transita na mente do eu-lírico, bem como aparece na narrativa em prosa godoyana. Essa multidão é caracterizada por seu papel de representar os desfavorecidos socialmente, aqueles que a ideologia dominante considera marginalizados e periféricos, como negros, pobres e prostitutas, por exemplo, mas sem os quais uma sociedade não é completa. Esses sujeitos que estão sempre juntos e aglomerados se constroem e se reconhecem uns nos outros, a partir do contato entre eles e a outra camada da sociedade, da qual não podem participar, mas também dela não podem ser subtraídos, portanto, é necessária a interação subjetiva.

Para além dessa multidão, existe o fato de que, no campo ou na cidade, os agricultores estavam sempre unidos. Logo, é indispensável falar sobre a quantidade e a classe social de pessoas que circulam pela obra, isto é, essa multidão de trabalhadores em Goiás. Na perspectiva de Justino (2015), é preciso também pensar no lugar em que se encontra essa população migratória, tendo em vista que o condicionamento espacial revela os tipos de relação. Para o autor,

Na literatura de multidão, na medida que a densidade demográfica dos espaços onde as cenas são encenadas abriga os narradores e seus protagonistas em inevitáveis relações de alteridade, e elas são de toda ordem, há bem mais que a violência operando, há relações de tantos tipos, vividas por nordestinos, donas de casa, prostitutas, operários, comerciantes, estudantes, desempregados, alcoólatras, esportistas, inclusive traficantes e assassinos. (JUSTINO, 2015, p. 135).

O espaço migratório e a necessidade de se relacionar com o outro, muitas vezes, (re)definem a identidade desses sujeitos que, vindos dos mais diversos lugares e sendo sempre secundários, vivem as mais diversas relações. Justino analisa alguns romances brasileiros contemporâneos, a fim de colocar em evidência essa categoria esquecida pela crítica literária, os personagens secundários, que estão presentes em várias obras, mas esquecidos pela maioria. Além do fato de serem secundários, também são representações de seres marginalizados pela ideologia, no entanto, povoam as narrativas e dão a elas linearidade e verossimilhança, bem como oferecem condicionamento ao texto literário. Tal relação é um fator determinante para se pensar a representação da migração na literatura, a partir do que Justino (2012) considera como “literatura de multidão”:

Chamo-as literatura de multidão porque semiotizam uma “quantidade infinita de encontros” e pressupõem horizontes dialógicos e contraditórios ao multiplicarem o número de personagens na trama e os seus percursos pela cidade. São narrativas de muitos, em estado de co-pertencimento. Os muitos são tanto do lugar, partilham uma vizinhança próxima e os problemas comuns de toda proximidade, quanto operam no cotidiano com diversos alhures, econômicos, culturais, linguísticos, tecnológicos. (JUSTINO, 2012, p. 82).

No romance em análise, portanto, o percurso das personagens vai além dos caminhos da cidade, ele vem desde o espaço rural, de onde já conhecemos alguns agricultores que compartilham os problemas semelhantes e buscam saída para eles. Mais tarde, somam-se aos da urbe, tendo, inclusive, a necessidade de construir uma nova identidade para que sejam aceitos na nova configuração espacial, cheia de pessoas e costumes diferentes. Essa multidão, contudo, não está alheia aos acontecimentos, muito pelo contrário, há uma força que move os sujeitos a uma atividade social coletiva que visa (re)tirá-los do estado de subalternização em que se encontram.

Não é por acaso que Justino (2012) recorre a Negri (2005), para enfatizar que “a multidão constitui um ator social ativo, uma multiplicidade que age” (NEGRI, 2005, p. 18 *apud* JUSTINO, 2012, p. 87), o que se encaixa, perfeitamente, no contexto da narrativa de Godoy Garcia, quando a classe operária se une para construir moradias, a fim de abrigar as famílias que chegam à capital do estado que está nascendo ali, junto

com eles e na dependência deles. Por mais paradoxal que possa parecer, ao mesmo tempo que o governo não quer aceitar a presença dos pobres e desvalidos na cidade, são esses mesmos homens e mulheres que trabalham para o crescimento e fundação de Goiânia.

É pensando nesse contexto de coparticipação e interação com o outro que Peterson (2007) chega ao conceito de “pensamento de alteridade”, definido como “um modo de pensar que incorpora a alteridade à nossa consciência de uma maneira fundamental” (PATERSON, 2007, p. 15), ou seja, para lidar consigo, enquanto sujeitos de determinada sociedade, o homem precisa, primeiro, pensar nas transformações que sofrerá, em todas as esferas, com a presença do outro em seu cotidiano, o que deve acontecer em um nível coletivo e não individual, pois as relações se dão entre sociedades inteiras e não apenas entre um e outro, por exemplo. Ao que propõe a pesquisadora:

Quando discutimos o outro, freqüentemente focalizamos formas diferentes de alteridade como se elas estivessem separadas de nossa consciência e identidade. Entretanto, alteridade implica um processo cognitivo (e, muitas vezes, ideológico) que se manifesta dentro do sujeito e consequentemente dentro da sociedade. Visto que a alteridade está na raiz das guerras, do racismo e da discriminação, é imperativo que ela seja reconceitualizada. (PATERSON, 2007, p. 15).

De igual modo, não se pode deixar de lado que a identidade é parte intrínseca desse elemento em constante transformação, estando ele em movimento no espaço ou não. Alteridade e identidade, portanto, não podem ser vistas em situação de polaridade, mas sim de relação, uma vez que são indissociáveis. O que a elas se opõe é a diferença, que traz a noção do que é contrário ou distinto do costumeiro e, por isso, não é visto como igual, ocasionando a relação entre identidade e diferença, mas é preciso lembrar que o diferente só é visto assim porque foge da norma, do costume, do padrão e é justamente esse valor de diferente que dá origem à alteridade. Para a pesquisadora:

O importante é compreender que o que está em jogo não é a diferença. Nós habitamos um mundo cheio de diferenças. A questão é a forma pela qual interpretamos e lidamos com todas essas diferenças. Daí a necessidade de refletir e reconsiderar o conceito de alteridade. (PATERSON, 2007, p. 16).

Da mesma forma que habitamos um mundo cheio de diferenças, no universo literário elas também estão colocadas. Os personagens acabam por representar o homem e suas constantes transformações e anseios, bem como seus princípios e valores, suas identidades, alteridades e diferenças. Na literatura, inclusive, há um vasto campo para a exploração do que venha a ser a alteridade, principalmente se pensarmos em romances e contos que têm um engajamento social voltado para aspectos como denúncia social e romances históricos, capazes de dar voz aos párias e mostrar sua alteridade.

Na obra aqui em análise, quando o sujeito é condicionado à vida da cidade e seus diferentes costumes, há, em alguns casos, um estranhamento e uma não aceitação ou adaptação aos moldes urbanos, como é o caso de Cirilo que, ao ser atingido pela alteridade, volta-se contra ela. Ele é um personagem que não lida bem com as diferenças e não se vê adaptado ao espaço, ao trabalho, às demandas sociais, nem aos costumes da urbe. Ao contrário de Doraci, que é “enfeitiçada pela vida da cidade”, o outro personagem é completamente avesso à ideia de sair dos campos: “Vendo as cidades com as suas luzes, Cirilo estremece. Tinha sempre medo daquela enorme cidade” (GARCIA, 1966, p. 175).

Nessa mesma perspectiva, somos direcionados a pensar à luz do que Bauman (2005) expõe sobre a identidade, principalmente aquela que está ligada a uma coletividade, porque aí está a relação com o outro, tanto “de vida e de destino” quanto “de idéias e variedade de princípios” (BAUMAN, 2005, p. 19). É nessa dinâmica que se discute o pertencimento e a identidade, no sentido de não haver possibilidade de uma concretude e definição desta, se aquele, o pertencimento, não é estático, isto é, a constante busca por pertencer a um lugar coloca em eterna fluidez o reconhecimento identitário. Nos dizeres do sociólogo:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Logo, ao mudar de lugar, em algum momento, o sujeito que percorreu vários caminhos pode sentir-se acolhido e, em casa, pode achar que pertence, de fato, a algum lugar, no entanto, a eterna busca por uma identidade vai acompanhá-lo, bem como o desejo de saber quem é, qual comunidade representa, em qual se encaixa. Aqui, estamos pensando no agricultor que passa a integrar o espaço citadino, e que hora se reconhece, ainda que com bastante dificuldade, hora não se identifica com o novo lugar.

Ao discutir “Cultura e Identidade”, Glissant (2005) propõe o conceito de identidade rizoma⁶, que está ligado à questão de algo que vai ao encontro de outras identidades, isto é, que agrega e não segrega, que soma e não diminui, que busca a harmonização entre outras culturas e não quer manter a tradição. Esse conceito é contrário ao que ele também estabelece, de identidade raiz única. Para esta discussão, interessa-nos a identidade rizoma, porque ela traz a ideia de prática da crioulização, que é a aderência às demais identidades e costumes para, daí, tornar-se uma só, possibilitando que todas as diferenças vivam em harmonia. A partir disso, haveria uma cultura compósita e não atávica, isto é, aberta e composta por várias diferenças e identidades, e não amarrada apenas a uma tradição.

O que queremos dizer com isso é que a identidade se constrói por meio da vivência com o outro, da assimilação e acréscimo de conhecimento e cultura. É por isso que, ao migrar, o sujeito espera encontrar um espaço receptivo e que o acolha para, daí, fazer a junção das identidades, ele não quer ser apenas compreendido, mas quer participar do processo de construção do outro também. Em termos literários, é o que vimos em muitas obras, o sujeito movente que busca um espaço onde será (re)construída sua trajetória.

No encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras ao mesmo tempo. É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade. Não necessito mais “compreender” o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele. (GLISSANT, 2005, p. 86).

⁶ Termo cunhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que permite abranger discussões no campo das Ciências Humanas por aproximar-se de muitos eventos do que é chamado de pós-modernidade, como é o caso da mescla de identidades. Raízes e acessos diversos permitem o cruzamento das identidades que marcam os sujeitos, levando, muitas vezes, a um labirinto. O rizoma, portanto, é o termo que consegue abarcar discussões como essa.

Cf.: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz (Trad.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

N’*O caminho de Trombas*, há, por um lado, essa liberdade que possibilita a harmonia das culturas, mas o contrário também acontece. Por um lado, entre os migrantes vindos da zona rural e a classe operária que se encontra na cidade existe uma simpatia recíproca e uma hospitalidade por parte dos que residem nas vilas. Assim que chegam são bem recebidos e convidados a construírem suas moradas, o que possibilita um vínculo afetivo e físico, bem como uma adaptação com o outro. Por outro lado, quando se trata da relação entre novos moradores da cidade e o governo, essa percepção já não é a mesma, porque há uma necessidade de os fiscais, a todo tempo, repelir os recém-chegados, de modo que há uma segregação e hostilização, deixando de lado a aceitação.

Então, quando pensamos em obras literárias que repercutem a temática da migração, dentro ou fora do país, pensamos também em textos que nos permitem discutir essa noção de convivência e construção coletivas, em que tanto quem chega quanto quem recebe têm a ensinar e oferecer troca de cultura. É nessa interação que se constitui e efetiva a identidade de cada um, assim, identidade, alteridade e diferença se manifestam em uníssono. Nesse caminho, Edward Said (2003) considera que a própria cultura ocidental seja construída por meio de exílios, emigrações e refúgios, o que pressupõe uma sociedade que se constitui a partir das interações humanas e, ao mesmo tempo, da falta delas, porque, quando se é exilado ou refugiado, por exemplo, o indivíduo perde o contato com seus compatriotas e deixa de ter uma interação com os seus, passando a conviver somente com o que é diferente. O emigrante, por sua vez, em alguns casos, tem a possibilidade do regresso, o que possibilita maior fluxo interacional.

No texto literário, são muitos os exemplos de escritores que, por terem passado por situações de distanciamento de sua pátria, acabam por escrever sobre suas experiências e, com isso, evidenciam a realidade vivida por toda uma multidão, ou seja, são vozes que representam sociedades inteiras que precisaram deixar suas terras. Especificamente, sobre a situação do exílio, Said (2003) lembra a importância dos textos literários nesse contexto de vivência:

Esse [Rashid Hussein] e tantos outros poetas e escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade às pessoas. A partir da história deles fica claro que para tratar o exílio como uma punição política contemporânea é preciso

mapear territórios de experiência que se situam para além daqueles cartografados pela própria literatura do exílio. (SAID, 2003, p. 48-49).

Ou seja, ainda que com as manifestações literárias vindas de várias partes do Globo, onde aconteceram, e ainda acontecem, situações como essa, é preciso ir ainda mais além, pois há uma necessidade de se resgatar, também, os camponeses refugiados, as pessoas que vivem uma solidão mesmo estando em meio a multidões. É preciso pensar nas “multidões sem esperança, a miséria das pessoas ‘sem documentos’ subitamente perdidas, sem uma história para contar” (SAID, 2003, p. 49). Todos esses sujeitos, para além de figuras ficcionais, são figuras reais e com identidades, que vivem em situações muitas vezes degradantes, gerando desgaste físico, psicológico e emocional, mas que não podem perder a esperança da vida. Talvez é por isso que parte deles se constitui de escritores que sejam, outras vezes historiadores, sociólogos e pesquisadores em geral, para manterem-se ocupados e fazer valer sua presença no mundo, mostrando as dificuldades vividas.

Na maioria das vezes, na literatura, as obras que trazem a temática do exílio, da migração, da diáspora, do refúgio, são obras “pesadas”, porque carregadas de muita dor e sofrimento, pois a ficção tende a representar a realidade, que é árdua. Ainda nas palavras de Said (2003, p. 55): “Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas à obra dos exilados. Os artistas no exílio são decididamente desagradáveis, e a teimosia se insinua até mesmo em suas obras mais elevadas”. Não apenas os exilados, mas também os refugiados, expatriados e emigrados, que são impossibilitados de regressar à terra natal, tendem a escrever nesse direcionamento, porque a história é parecida e o tempo em que vivem tal situação, geralmente, não é de bonança e felicidade, mas precisam achar um meio de serem inseridos e aceitos no lugar para o qual foram enviados e/ou levados a estar, cruzando identidades, culturas e costumes que, nem sempre, dialogam.

Em “Migração: o fato e a controvérsia teórica”, Celso Amorim Salim lembra que “a migração é qualificada em função do tipo de movimento ou deslocamento espacial que representa, podendo ser contínua, circular, intermitente, de retorno, por situação de domicílio, intra ou interregional etc.” (SALIM, s/d, p. 119) e, em torno disso, todos os

demaís vocábulos que aí giram, como fluxos ou correntes migratórias, migrantes, mobilidade, limite entre o rural e o urbano, entre outros.

Salim traça ainda um panorama histórico e contextualiza as tendências e denominações, bem como os demais pesquisadores acerca do fator migração e seus respectivos desdobramentos, para chegar aos “limites e possibilidades das explicações existentes”, quando se posiciona em relação a cada uma das especificidades do tronco-teórico. Assim, ele chega à conclusão de que a migração:

[vai] além das variáveis *distância*, *tempo* e *local* [...]. Afinal, a migração envolve movimentos múltiplos – contínuos, intermitentes ou circulares – que implicam em mudanças permanentes e temporárias, ou, mais especificamente, em simples mobilidades da força de trabalho. (SALIM, s/d. 138. Grifos do autor).

As noções de movência, intermitência, deslocamento e temporalidade sempre se farão presentes, independentemente de a migração ocorrer interna ou externamente. Esclarecemos que, apesar de pensar, inicialmente, em um contexto mais amplo de migração, direcionaremos nossa proposta para um recorte de migração interna, ocorrida especificamente em uma delimitação espacial e temporal, qual seja: Goiás, entre as décadas de 1940 e 1960, nos níveis já mencionados quando citamos Ette (2016) – translocal e transregional; ou, para seguir a perspectiva de Salim, intraregional. Tal escolha foi motivada, justamente, pelo fato de estarmos trabalhando com a literatura produzida em Goiás, e em um espaço e tempo específicos, por isso, os demais tipos de migração não entrarão em análise ou serão pormenorizados. Na obra de Godoy Garcia, tal demarcação aparece da seguinte maneira:

Três dias venceram ao relento quando vieram de São Domingos. Não queria pensar em São Domingos. Deus tira e Deus põe, ela pensa. Edificaram o casebre, tinha sua felicidade. Nunca ela vira uma cidade igual àquela, grande e bonita. Ninguém lhe contara antes que existiam cidades tão grandes. Conhecia Correntina, Miracema, Nazário. Pequenas cidades.

.....
Em 1949 a notícia da lei do arrendo veio da cidade de Pires do Rio e por alguns dias e semanas e meses ficou como as primeiras águas nos córregos secos [...]. (GARCIA, 1966, p. 72/117).

Esses são trechos que evidenciam o contexto histórico em que a narrativa passa, bem como o espaço, que é sempre o estado de Goiás, circulando os migrantes entre o campo e a cidade grande (Goiânia), bem como pelas pequenas cidades do interior do estado. Por se tratar de um romance com tendência a resgatar fatos históricos, existem ocorrências da História de Goiás que estão em evidência e, para tanto, é preciso voltar um pouco a atenção a elas, assim, eventos como a Marcha para o Oeste e a Guerrilha de Formoso e Trombas, entre outros, que estão diretamente ligados à migração em Goiás, serão trazidos para a discussão.

Há teóricos que ajudam a pensar os motivos e necessidades que levaram, e ainda levam, os sujeitos a procurarem outros espaços. Fausto Brito (2000), por exemplo, em “Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório?”, ao trazer uma apresentação do movimento migratório do final do século XX, no Brasil, lembra que os fluxos migratórios sempre ocorreram tanto nacional quanto internacionalmente, isto é, as pessoas tanto se locomoviam dentro do próprio território (migração interna) quanto deixavam o país (emigração). É esse o fato que aqui também ressaltamos, no que tange ao contexto da movimentação interna dos habitantes do país, mais especificamente em Goiás, num momento logo em seguida ao da Revolução Industrial, motivo que causou grande impacto em termos de migração no Brasil e no mundo, chegando até o interior do país. Aliás, Brito lembra vários casos de migração rural-urbana que, em sua maioria, foram decorrentes do período pós Revolução Industrial e/ou devido ao excedente demográfico no campo, em função do desenvolvimento da produtividade agrícola.

No resgate das trajetórias migratórias interestaduais entre 1940 e 1960, é mencionada a migração como um fator, antes de tudo, social, porque está intimamente ligado às demandas de uma “regularidade empírica” dos fluxos migratórios, o que, inclusive, motivou este estudo, já que, a partir da leitura de textos literários podemos resgatar essa realidade e, uma vez mais, mostrar que a literatura é fonte de conhecimento, pois, ao parearem-se os dados e fatos levantados pelas pesquisas geográficas e históricas com o romance aqui em análise, por exemplo, é identificada a semelhança de seus conteúdos. Ademais, a migração é também fator demográfico, uma vez que o censo realizado, periodicamente, preocupa-se em fazer uma contagem do percentual de habitantes de determinada região, indicando o fluxo de lugar de origem e

de chegada. Em sua pesquisa, Brito indica e analisa todos esses dados referentes ao período mencionado e lembra que

Os dados sobre os fluxos migratórios, no período 1940/60, confirmam a existência das trajetórias migratórias mais importantes, chamadas dominantes, que tinham como origem os dois grandes reservatórios de força de trabalho, o Nordeste e Minas Gerais, e como destino os estados com maior crescimento urbano-industrial e as regiões de expansão da fronteira agrícola, onde era gerada a grande maioria do emprego no Brasil. (BRITO, 2000, p. 8).

Dentro do contexto migracional no Brasil, entre os anos 1960 e 1980 houve um aumento em relação à política, à economia, ao crescimento demográfico, à agricultura, e a algumas políticas públicas, inclusive no que diz respeito ao fluxo migratório na região Centro-Oeste (que é a de nosso maior interesse). Nas palavras de Brito (2000, p. 13):

A análise dos fluxos, nos anos 60, mostra que estavam plenamente estruturadas as grandes trajetórias migratórias dominantes, articulando os dois grandes reservatórios de força de trabalho e os estados de maior crescimento urbano-industrial e as regiões de expansão da fronteira agrícola, principalmente a Centro-Oeste. No caso do Paraná, e em parte, do Centro-Oeste, se estruturavam trajetórias, pelas quais passaram maciços fluxos emigratórios do Extremo Sul e de São Paulo.

Dentre os índices demográficos, queremos chamar a atenção que, como os objetivos desta Tese é tratar da migração interna, em Goiás, na década de 1960: “[...] a expansão do Centro-Oeste teve um grande fator de atração urbano, desde a construção de Goiânia, que foi inaugurada no início dos anos 40 e, principalmente, na construção e consolidação do novo Distrito Federal, a partir de 1959” (BRITO, 2000, p. 18), como já mencionamos anteriormente. Constata-se que o crescimento da região Centro-Oeste foi marcado pela presença de migrantes, contexto que foi representado na narrativa em análise.

Para que se desse o fluxo migratório para a região Centro-Oeste, nesse período, a Marcha para o Oeste (1938) foi fator determinante, pois consistia em um projeto do governo de Getúlio Vargas (1930-1945) para acelerar o crescimento econômico do país, logo, havia um interesse no crescimento demográfico da região. Isto é, a relação é dicotômica e complementar, porque, para haver uma economia em crescimento, o índice demográfico precisa crescer e vice versa. Em termos nacionais, tivemos a partir de

1937, oficialmente, a instauração do Estado Novo (1937-1945), um regime que se dizia democrático e humano, mas era autoritário e combatia o comunismo e qualquer outra forma de resistência civil ou militar. Como tentativa de mascarar o autoritarismo, essa nova forma de governo aproximou-se da classe média e operária com propostas de políticas sociais trabalhistas que, *a priori*, foram criadas para ajudar o trabalhador brasileiro, em um afã nacionalista de proteção ao assalariado. No entanto, em termos práticos, apesar de os operários tentarem reformular a proposta, a real intenção política era manter o domínio sobre os demais. Como Schwab (2009, p. 9) lembra:

Se os trabalhadores assumiram o discurso estadonovista, e daí sua eficácia, não se tratava de simples reprodução. Ao contrário de uma simples reprodução do discurso dominante, os trabalhadores repensavam-no, reformulavam-no e filtravam-no, fazendo com que fosse contado e vivido de acordo com seus parâmetros culturais de mundo e suas condições de vida. Desta maneira é importante que se perceba que os trabalhadores não eram simples fantoches nas mãos do governo, mas havia uma negociação entre as duas partes. Porém, não pode-se negar que nestas negociações entre governo e classe operária, raramente os trabalhadores saíam em vantagem.

O discurso de patriotismo e democracia desse governo, portanto, era apenas uma fachada para que continuasse exercendo suas vontades soberanas, assim como a proposta da Marcha para o Oeste, criada nesse contexto, com o objetivo de fazer uma integralização territorial para o país, lançada em meio às comemorações de inauguração da nova capital de Goiás, Goiânia. Essa ideia de integração propunha um crescimento populacional do interior do país, uma vez que a proposta do governo federal era que o Brasil precisava ser povoado em todas suas regiões, para mostrar conquista e exploração da maior área possível.

Divulgar a Marcha para o Oeste foi uma das formas para alcançar o objetivo de redistribuição demográfica do país. A construção de Goiânia, idealizada por Pedro Ludovico Teixeira no período do governo Vargas, fez com que esse fosse um dos ápices da modernidade daquele momento histórico e político. Com esse projeto em andamento, foi mais fácil convencer as pessoas de que aquele era o lugar mais oportuno para ir e se instalar, porque lá teriam melhores condições, mas também exploração e ocupação de uma das regiões do país que, até aquele período, era pouco povoada. Nos dizeres de Figueiredo (1984, p. 189), a edificação da nova capital do estado tinha esse significado:

a cidade bandeirante por excelência, aquela que está traduzindo o verdadeiro sentido da nossa civilização, [...] um convite à inteligência. E aqueles que isso sabem compreender, estão todos acordes em proclamar Goiânia novo símbolo do Brasil Novo, uma afirmação inequívoca da marcha para o Oeste, um incitamento poderoso à aventura da redivisão política do Brasil.

Com toda essa falácia em torno da Marcha para o Oeste, fez-se alcançar os ouvidos dos camponeses a notícia de que, ali, havia terras livres para trabalharem e sustentarem suas famílias, de modo a não precisarem mais passar por tantas privações. No entanto, a propaganda era enganosa, pois, além das questões burocráticas para se conseguir assentar naquelas terras, as verbas do Governo eram pouquíssimas.

Na intenção de atrair os migrantes, no início da década de 1940, o governo também passou a criar colônias agrícolas, a fim de conferir mais nacionalismo e dizer-se preocupado com a segurança nacional. Pereira (1997) dá sua visão sobre o assunto da seguinte maneira:

A estratégia política da criação das colônias agrícolas nacionais, nas áreas consideradas vazias do interior do país, servia, por um lado, ao propósito de promover a diminuição dos conflitos urbanos, *através do patrocínio da migração interna pelo estado*; por outro, o povoamento das fronteiras nacionais evitaria sua ocupação por nações estrangeiras. (PEREIRA, 1997, p. 118 - grifo nosso).

Propor a migração interna, nesse contexto, foi uma estratégia do governo para redimensionar a estrutura populacional do país, preocupado que estava com a não ocupação e exploração de algumas regiões que, futuramente, seriam fonte de maior desenvolvimento econômico para o Brasil. Nesse contexto é que foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), que dizia oferecer maior segurança ao camponês, já que prometia a organização dos lotes de terras e empréstimo de ferramentas necessárias para o trabalho no campo. Contudo, depois dos longos trajetos percorridos, ao chegarem ao local de destino, não eram todos que tinham a mesma sorte. Vejamos:

Mas, quando os camponeses chegaram à colônia agrícola, depararam com uma realidade diferente do que era anunciado pelos arautos do governo. Na realidade, o acesso a terra era restrito, havia uma grande demanda em relação à oferta de lotes, bem como uma série de exigências burocráticas. Além disso, as verbas do Governo Federal

eram parcas, não havia estradas de rodagem para escoar a produção agrícola e, somando-se a essas questões, havia, ainda, a venda, a transferência e a permuta de lotes, que acarretaram o surgimento de latifúndios. (BORBA, 2015, p. 346).

Enganados pela falsa promessa, a opção que restava a esses homens em trânsito, na maioria das vezes, era, de novo, saírem em busca de novas terras para o cultivo e sustento próprio. Nesse contexto, encontraram-nas ainda na região Centro-Oeste, mais para o Norte do estado, onde havia terras devolutas (de propriedade do Governo, mas sem uso produtivo). Era onde se instalavam e, em pouco tempo, o número de ocupantes desse espaço cresceu consideravelmente, como atesta Borba (2015, p. 347) ao constatar que, devido ao fácil acesso às terras, “muitos camponeses decidiram se deslocar para a região. Consequentemente, houve um iminente aumento populacional, sendo que grande parte desse contingente vinha do sul de Goiás, de Minas Gerais e do Nordeste”. Na obra em análise essa referência aparece quando o narrador fala das origens de alguns personagens: “Recordava os velhos tempos de quando viviam *em Nazário*”; “O rancho de um tal João Abadia veio abaixo. Era um *mineiro de Tobati*, rabugento de manias e crente da Igreja Pentecostes”; “Lembra-se de Zeca, o *violeiro nordestino* nas suas conversas nos caminhos, nas suas cantigas” (GARCIA, 1966, p. 71, 81, 83. Grifos nossos).

Há de se colocar, também, a perspectiva da “seletividade e cultura migratória”, porque, como já mencionamos, o sujeito em movimento de deslocamento não sabe como será recebido no espaço vindouro e, muitas vezes, ele pode ser expulso, “provocando a sua reemigração”. A seletividade, portanto, é um traço bastante importante dentro do processo migratório, pois mostra as dificuldades fixadas ao sujeito movente, como ocorrido em *O caminho de Trombas*, porque nem todos os personagens se adaptaram, ou seja, superaram a seletividade, alguns precisaram retornar ao espaço rural, reemigrar. É o caso de Cirilo, que por muitas vezes foi e voltou do campo para a cidade, tendo um caminho bastante semelhante ao que pontua Brito (2000, p. 19): “muitos foram os migrantes que chegaram a um destino, mas nem todos foram capazes de superar a seletividade imposta pelos processos sociais e econômicos e foram empurrados em direção ao retorno ou a uma nova etapa migratória”. Aliás, o próprio retorno pode ser um processo de migração, pois os espaços deixados assumem nova configuração, como é o caso de Cirilo e Doraci, que depois de saírem de São Domingos,

passaram por muitas estradas, foram para Goiânia, voltaram para o campo, caminharam depois para Pires do Rio, Orizona e Brejinho, Goiânia, mais uma vez, regressaram para o campo.

Meses antes Cirilo e Doraci estavam nas estradas. Abandonando tudo em Orizona, puseram-se a caminhar. Ao fim de algumas semanas chegavam a Goiânia. Vendo a cidade com as suas luzes Cirilo estremece. Tinha sempre medo daquela enorme cidade.

.....

O coração de Cirilo pedindo que não fôsse morar, a mulher chamando, o homem indeciso. Não nascera para assim viver: nascera para o trabalho das roças, para o plantio da terra. Deus havia traçado o seu lugar de vida, era nos campos. Lá viver e morrer.

.....

Dormiram aquela noite na encosta do Botafogo. Mas ao dia amanhecendo, o homem disse à mulher:

- É caminhar!
- Pra onde, homi?
- Vamo embora!
- Pra cidade, Cirilo?
- Não! (GARCIA, 1966, 175-178).

Cirilo sabia que deveria continuar caminhando em busca do que era destinado a ele: a terra. Apesar dos conflitos internos e com o outro, tentou várias vezes se adaptar ao espaço da cidade, não sendo possível. Mesmo sabendo das dificuldades impostas pela seletividade, o indivíduo quer se sujeitar à migração ou, em alguns casos, ainda que de forma compulsória, precisam (por vários motivos) fazer essa trajetória. No texto literário lido aqui, tem-se a representação, várias vezes, de momentos em que as produções campesinas não correspondiam ao esperado e, por isso, o pagamento não poderia ser feito conforme o combinado, que já era injusto. Quando isso acontecia, o agricultor era expulso das terras pelos grandes fazendeiros e latifundiários e, conseqüentemente, obrigado a migrar para outro lugar. Em suma:

Mesmo que o migrante saiba que a sua possibilidade de êxito seja pequena, que a migração seja um risco cujo cálculo tem uma grande margem de incerteza, a motivação é forte, sustentada na tradição e na cultura migratória. Neste sentido, uma trajetória migratória é mais que uma estrada para o migrante. É um caminho social para o qual o migrante é mobilizado, uma alternativa aberta pela sociedade e sujeita,

portanto, aos mesmos crivos das desigualdades sociais, sujeita à mesma seletividade. (BRITO, 2000, p. 19).

E nessa constante movimentação tem estado os indivíduos da nação, indo e vindo, sempre e cada vez mais. Entre os anos de 1940 e 1960, época na qual se desenvolve o enredo do romance aqui discutido, precisamos lembrar que foi um dos períodos em que se teve um fluxo migratório bastante intenso, derivado da movimentação política e social do país, inclusive em Goiás, quando os militares assumiram o poder e, como consequência disso, os partidos de esquerda tentaram ganhar forças para lutarem contra a imposição governamental. É nessa dinâmica que, também, há a circulação entre os membros dos partidos, que vinham de diferentes lugares, a fim de reforçar suas bases e ajudar os companheiros que, na maioria das vezes, estavam em menor número. Como é o caso de Gregório Bezerra, que veio do Recife para Goiás e participou de algumas atividades relacionadas ao Partido Comunista. De acordo com as palavras do ativista, em *Eu, Gregório Bezerra, acuso!* (1967):

Fugindo de Pernambuco, passei a condição de “turista” sem dinheiro. Pude conhecer melhor a vida dos meus irmãos camponeses dos Estados de Goiás, Minas, Mato Grosso, São Paulo e norte do Paraná. Por onde andava, minha preocupação permanente era a de cumprir com o meu dever, ajudando as massas operárias e camponesas a se organizarem. Realizei centenas de comícios, conferências e palestras sobre a Reforma Agrária. Organizei dezenas de núcleos de futuras Ligas Camponesas e, onde pude, sindicatos rurais. Ao lado dos posseiros, do norte do Paraná e de Goiás, lutei contra os ‘grileiros’ e ladrões oficializados, assumindo, essas lutas, algumas vezes, formas vigorosas.

Sabendo da efetividade dessas lutas de classe e do movimento realizado em prol dos trabalhadores, o trânsito das pessoas aliadas ao PC ou simpatizantes ao partido intensificou-se, de modo que, onde houvesse um grupo que buscasse melhorias para a classe operária, poderiam contar com a presença e auxílio de alguém que viesse de fora, para dar suportes mais específicos, como a criação de sindicatos, por exemplo, no caso de Gregório Bezerra, em Goiás. Diante disso, podemos falar tanto da história de Goiás como do romance de Godoy Garcia, no qual encontramos a seguinte movimentação:

— Em Goiás, é campo, companheiros. Devemos, e isto é de importância fundamental, compreender, assimilar de uma vez por todas: devemos forjar a frente única operário-camponesa.

Não existe ninguém senão nós, como vanguarda, capaz de despertar o país para a grande revolução agrária que devemos fazer. Todas as classes e camadas interessadas nesta revolução precisam ser despertadas. A tarefa de ajudar as massas do campo, os milhões de homens sem terra, é a nossa. Uni-las, dar-lhes a mão, dirigi-las para que conquistem a terra, uma vida digna, esta a nossa tarefa. Sem esta política o Brasil marca passos de miséria. (GARCIA, 1966, p. 110-111).

Há, no romance, portanto, uma constante luta dos agricultores, com a finalidade de terem seus direitos e deveres reconhecidos, bem como desejavam que a reforma agrária fosse efetivada. Logo, a participação de alguém com mais conhecimento intelectual e prático seria de grande ajuda para esse grupo, que teve suporte de um dos membros ativos do PC, Gregório Bezerra. No romance godoyano, tal figura aparece na seguinte forma:

Certa feita, andara na região de Pires do Rio um patrício por nome Gregório Bezerra, alma do longínquo Pernambuco e que os caminhos de sua ardente fê revolucionária trouxeram a Goiás. Gregório quando falava punha na mente dos homens abandonados nos eitos goianos uma fertilidade de sonhos, tão igual às chuvas que vinham banhar as terras e searas nas velhíssimas enseaduras do mês de outubro. E na sua fala não foi sem razão que, entre outros conceitos, Gregório valorizou as ações revolucionárias que haviam de brotar das mãos e mentes dos homens, como justas todas as decisões partidas da necessidade. E Gregório Bezerra desfiou um rosário de ensinamentos, infundindo entusiasmo e alegria. Na sua oração chegou a dizer que *a terra só estaria conquistada quando as massas do campo, por cima das leis, tomassem os pedaços de chão com a força de seus braços*. A lei justa da terra não seria feita por ninguém mais, senão pelo combate dos homens e mulheres do campo. (GARCIA, 1966, p. 151-152 - grifo nosso).

Alinhados agora à perspectiva de Gregório e encorajados por seu discurso, um grupo de lavradores resolveu agir e invadir as fazendas de alguns fazendeiros. Perceberam que, realmente, para conseguirem conquistar terras, deveriam enfrentar a lei e os donos das terras (ainda virgens) com a força dos braços. Para o homem pobre e morador da zona rural, a justiça, na maioria das vezes, é inacessível e até desconhecida, porque eles não têm as devidas oportunidades de conhecerem as leis e estarem informados de seus direitos, mas, quando orientados por alguém que saiba se posicionar

diante dos enfrentamentos, podem obter o que almejam, ainda que seja por meio de lutas e conflitos físicos.

Algo que àquela época dificultava a ação dos trabalhadores, no campo e na cidade, real ou ficcionalmente, era a força política exercida pelos próprios homens do governo, bem como pelos grandes fazendeiros e empresários da cidade. Diante deles e de seu poder aquisitivo e social, todas as minorias eram inferiorizadas e com os migrantes não seria diferente, viviam, muitas vezes, sob os mandos dos coronéis e fazendeiros aliados ao governo. O contexto político-social da segunda metade do século XIX pode ser visto, em Goiás, na seguinte perspectiva:

Os chefes políticos regionais e locais controlavam os poderes do Estado: o executivo, legislativo e o judiciário assim como a polícia; usavam o Estado para interesses privados, seus e de seu grupo; controlavam e personalizavam todas as ações do Estado; atuavam como intermediários entre o Estado e a população. A população não tinha acesso direto ao Estado e era obrigada a recorrer ao chefe político local para a obtenção de qualquer tipo de prestação de serviço. (OLIVEIRA, 2016, p. 96).

Tudo depende do aval político e à população é negado o direito de falar diretamente com os chefes de Estado, precisando dos intermediários, que são os aliados do governo. Logo, mesmo falando com delegados, juízes, comandantes, fazendeiros ou empresários, os agricultores/operários quase nunca obtinham sucesso a seu favor. Em *O caminho de Trombas* identifica-se um episódio que exemplifica tal ação, quando do término de uma das colheitas feita nas terras de João Gabriel, o qual se recusava a pagar a quantidade devida aos agricultores. Na ocasião, o fazendeiro recorreu ao coronel Bastos (chefe político do município de Orizona) que, por sua vez, recorreu ao juiz, que disse que intimaria quem fosse necessário para resolver o problema. Em síntese, além de reunir na porta da casa do juiz e do Fórum uma multidão de trabalhadores, chegaram apenas à conclusão de que nada se resolveria, pois nem o magistrado sabia que posicionamento adotar diante da situação. Na narrativa:

— Sim, tá muito bem, doutor. Agora compreendemos tudo. Nós também não queremos encrenca. Mas se arranjam encrenca e o senhor manda chamar, a gente tem que agir.

— Não mandei chamar não.

— E a intimação?

— Aqui está a intimação, *seu* juiz!
 — Disse que não mandei? Mandei, sim, mas todo mundo aqui chama Clarimundo?
 [...]
 — Tenho o que fazer. Não me façam desordem. Ando esgotado. Eu espero que não me arranjem outra. Do contrário terei que tomar providências enérgicas. Podem ir embora. A lei será cumprida aqui no município custe o que custar. Espero ordem e sossêgo. (GARCIA, 1966, p. 144).

Todo o alarde em torno do assunto da colheita que deixou o fazendeiro nervoso teria sido evitado se a relação patrão x empregado não fosse pautada pela superioridade do primeiro e não houvesse o controle de poder pelos chefes políticos da região. Não havendo acordo entre as partes, torna-se necessário o envolvimento dos demais membros políticos, o que confirma e testemunha a prática do coronelismo no ambiente rural e citadino daquele momento.

Não só José Godoy Garcia, mas outros goianos também trouxeram para a seara da literatura tal temática, exemplificando o abuso de poder e a origem migrante de vários trabalhadores rurais que, depois de certo tempo prestando serviços braçais se descobriam enganados e endividados com os patrões/coronéis.

Oliveira (2016) elenca cinco desses autores e mostra como se dá tal discussão em suas obras, o que muito se aproxima do que é retratado em *O caminho de Trombas*, principalmente no que diz respeito à migração, uma vez que, na ficção de Carmo Bernardes, as famílias pobres também vinham das fazendas para a cidade (Goiânia ou Brasília), porque foram expulsas das terras em função da industrialização no campo⁷.

Por aqueles tempos vinham muitas famílias das costaneiras do Araguaia, os sitiantes de lá cedendo suas propriedades às agropecuárias. Vinham também muitos que estiveram nas matas e que foram dispensados depois que as invernadas foram formadas (p. 104). Indaguei e me informaram que era uma gente do Vão do Paranã; três famílias reunidas que vinham para Goiânia à procura de um meio de vida. Tinham parado em Brasília uns tempos, mas não deu certo de arrumarem colocação. Souberam que em Goiânia era mais fácil e que aqui, se procurassem a Associação dos Invasores, seriam bem sucedidos. (...) Vão do Paranã está em grande progresso. Entrou muita gente de fora, modificou tudo, formou invernada, todo aquele meio-

⁷ Os romances citados por Oliveira (2016) são de datas distintas, que vão do começo ao final do século XX, datando este de Carmo Bernardes do final da década de 1980, portanto, o motivo que mais forçava a saída do homem do campo era a substituição de sua força de trabalho e mão de obra pelas máquinas agrícolas.

mundo está descortinado (BERNARDES, 1986, p. 140 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 101).

A situação em que se encontram essas famílias não é muito distinta daquela dos personagens godoyanos, pois todos estão sob o jugo dos detentores do dinheiro e do poder, que os forçaram a deixarem as terras. Os primeiros, porque os fazendeiros se recusavam a pagar o valor devido aos agricultores, os segundos, porque com o advento e a aquisição de máquinas agrícolas, não havia mais espaço para eles no campo. Mas é preciso deixar claro que, ainda assim, esse povo subalternizado não deixava vencer-se facilmente e vários sindicatos foram criados, bem como manifestações e movimentos organizados em defesa da classe trabalhadora.

É ainda Oliveira quem nos lembra sobre tais movimentos nacionais e regionais, entre as décadas de 1950 e 1960, intensificando-se no campo e, em especial, em Goiás e Tocantins, onde “ocorreram vários movimentos: Formoso e Trombas; a Luta do Arrendo; as Ligas Camponesas; a Guerrilha do Araguaia e outros” (OLIVEIRA, 2016, p. 104). E ainda:

Na década de 1960, as lutas políticas e sociais no campo fizeram o Estado brasileiro elaborar uma legislação específica para o campo, na primeira metade da década de 1960: o Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963 e o Estatuto da Terra, em 1964, ambos com o objetivo de modernizar as relações sociais e de trabalho no campo. (OLIVEIRA, 2016, p. 105).

Esse é exatamente o contexto das obras discutidas por Oliveira, bem como o que sucede o período compreendido na obra aqui em análise, época em que a união dos agricultores migrantes com alguns membros do PC possibilitou a abertura de alguns sindicatos e que o conhecimento sobre os direitos e deveres (leis) chegasse até o povo, como é o caso da notícia da “lei do arrendo”, que chegou em São Domingos pelos idos de 1949 e, a partir dessa notícia, intensificaram as lutas por seus direitos.

É válido ainda mencionar que, mesmo estando em trânsito, e talvez até por isso, muitas pessoas se filiavam ao partido. Tais pessoas eram, em sua grande maioria, da classe operária camponesa ou citadina, estudantes que tinham vínculos a grêmios estudantis, entre outros ligados às classes minoritárias.

Se voltarmos um pouco na história, encontraremos registros que fundamentam os movimentos migratórios, no Brasil e no mundo, vindos de bem antes do século XX. No entanto, voltemos apenas um pouco antes disso, para entendermos sua origem na nação brasileira, a qual vive esse processo, ainda hoje, em diferentes escalas e intencionalidades, a depender das regiões, como por exemplo, a Centro-Oeste, alvo de fluxo migratório intenso quando da idealização da construção das capitais estadual (Goiânia) e nacional (Brasília), a partir da década de 1930. Muito antes disso, ainda na Inglaterra, já se via algo parecido, como atestam alguns estudos como o de Brandão (2015), por exemplo, que ressalta o seguinte:

A autora Tânia Quintaneiro (2002) destaca que o esvaziamento do campo surgiu, com muito mais força em fins do século XVIII e XIX com denominado processo de Revolução Industrial na Inglaterra, que foi uma das impulsionadoras do êxodo rural e o desalojamento de milhares de famílias. Estas foram obrigadas a se deslocarem para os centros urbanos, ainda em formação, uma vez que a sobrevivência em seus locais de origem já não era mais possível devido à concentração das terras nas mãos de poucos. (BRANDÃO, 2015, p. 145-146).

Algum tempo depois, semelhante acontecimento se deu no Brasil e em Goiás, porque a zona rural, onde inicialmente plantava-se e colhia para o sustento das famílias, foi, em sua maioria, ocupada pelos grandes fazendeiros e latifundiários, com o apoio do governo, o que gerou a expulsão dos camponeses para a cidade. Restava ao homem do campo, portanto, a opção de encaminhar-se para a cidade e procurar novas perspectivas de vida. Especificamente na região Centro-Oeste, no período já mencionado, chegaram muitas famílias, vindas tanto de regiões próximas como das mais distantes, orientadas pelo discurso de que ali havia amplo campo de trabalho, qual seja, a construção civil, visto que o projeto de mudança da capital de Goiás, aviltado por Pedro Ludovico Teixeira e apoiado por Getúlio Vargas, estava em pleno desenvolvimento. Mais tarde, a construção de Brasília e Palmas e, depois, da rodovia conhecida como Belém-Brasília foram, também, motivo para aumentar o fluxo migratório na região. Em tempo, Brandão (2015, p. 153) nos respalda:

A construção de Goiânia despertou nas pessoas que chegavam para Goiás uma expectativa de um novo ideal de vida, de mudança e modernidade. Assim, a migração se fez intensa não somente para a nova capital, mas também para as demais regiões do Estado em

função das terras disponíveis para a agricultura que por meio das frentes pioneiras de expansão estavam sendo ocupadas e se constituiriam posteriormente no agronegócio, atendendo assim aos interesses capitalistas.

Sendo assim, além da ida do camponês da região para a cidade, havia a chegada de outros que, caso não conseguissem se estabelecer ali, restava-lhes a agricultura. Quem chega, geralmente, não sabe das dificuldades enfrentadas, porque vem, de certa forma, iludido por promessas de fartura e bonança, então, como não conheciam a terra e nem sabiam dos atritos entre camponeses e fazendeiros, tinham a esperança de constituir negócios com o cultivo da terra. Em algum momento, após muitas desavenças e brigas judiciais, com a implementação e o cumprimento da lei do arrendo, e em vista de interesses capitalistas, realmente, foi possível expandir negócios no campo, como atesta Azevedo (2014, p. 71):

Os posseiros que vieram a se instalar em Trombas e Formoso eram camponeses pobres e migrantes advindos de outras expulsões de terras. Eram homens, mulheres e crianças dos sertões da Bahia, do Ceará, do interior do Maranhão, do Piauí, e também de diversos pontos de Goiás, todos eles vinham fugidos da seca, da miséria e da exploração, vítimas do latifúndio. Porém, os posseiros que buscavam sua sobrevivência naquelas bandas do país mal sabiam que estavam no “olho do furacão”, construindo seus casebres e roças sob a pressão de interesses do Estado, grandes latifundiários e investidores estrangeiros.

Em meio a esse cenário, que aliás é tema explícito n’*O caminho de Trombas*, temos ainda que considerar algumas questões políticas vividas naquele momento, entre os anos de 1930 e 1960, como é o caso, por exemplo, da participação e filiação de algumas pessoas em eventos sociais partidários e de vínculo ao Partido Comunista (PC). Nesse viés, tanto na História quanto na Literatura vamos encontrar registros desses fatos, pois fazem parte da história de Goiás e seu contexto de migração. A Guerrilha de Trombas e Formoso, assim como seus desdobramentos, repercutiu nessa escala e contribuiu para o crescimento populacional e repovoamento da região, uma vez que, a todo tempo, pessoas iam e vinham.

No que tange ao envolvimento partidário, foi em meados da década de 1950, quando acelerou o processo de industrialização e modernização do estado, que chegaram a Goiás alguns líderes do PC, os quais se organizaram no sentido de auxiliar

os camponeses em sua missão de lutar pelas terras cultivadas. José Firmino, José Porfírio, Geraldo Marques, João Soares, José Ribeiro e Dirce Machado são alguns nomes dos que participaram, ativamente, de todo o processo para que se organizasse a luta e acontecesse, de fato a guerrilha:

Em 1954 ocorreu a primeira grande batalha em Trombas, a Batalha de Tataíra, na qual camponeses, em menor número, derrotaram as forças policiais, impondo-lhes não apenas uma derrota no campo tático/militar, mas também uma derrota moral/ideológica que terá grandes repercussões. Os camponeses ao expulsarem os soldados, declararam a região “território livre” e proibiram a entrada de soldados e pistoleiros. (AZEVEDO, 2014, p. 76).

Nesse momento, por um breve período, foi possível haver um fluxo maior de migrantes, porque abriu-se um caminho de esperança para se trabalhar no cultivo das terras e, ainda, uma possibilidade de se chegar, de fato, ao destino de tantas famílias: Formoso e Trombas. A partir daí, foi criada uma associação que amparava o homem do campo em relação ao trabalho na/da terra e, também, na organização interna da comunidade camponesa.

1.2 Entre campo e cidade, espaços migratórios

Na transitoriedade que se instaura, dois lugares em específico têm sido palco de andanças e experiências, o campo e a cidade. Sendo assim, “[...] a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões” (WILLIAMS, 1989, p. 19). Somos levados a pensar no que o espaço citadino transforma o homem do campo, já que ali, instalado em um novo ambiente, ele precisa se adequar ao seu estilo que, por sua vez, é governado por alguém que não deixa brechas para opiniões e vontades de quem vem de fora, pelo contrário, as decisões são impostas e o relacionamento é de subordinação para com os menos privilegiados. Mesmo que a cidade se sustente em função do produto que vem do campo, não há um reconhecimento disso e, conseqüentemente, o homem campesino, nesse contexto, está sujeito, por um lado, aos interesses do seu dominador, de forma que

é explorado naquele espaço e, muitas vezes, não vê outra saída, se não, aceitar a subordinação.

Por outro lado, em vários momentos da história, vemos registros de uma resistência por parte desse camponês que, um dia, deixou-se dominar. Por exemplo, desde o fim do Império, no Brasil, já há registros de lutas camponesas no nordeste e no sul do país, o que abriu precedente para as demais manifestações ocorridas com o passar do tempo, em vários outros lugares, mas com dois objetivos alinhados: enfrentar o governo e a classe social dominante; lutar por posse de terras e pelo sustento da família. Sendo assim, tendo como referência os primeiros conflitos, os camponeses de Goiás, com o subsídio de alguns membros do Partido Comunista, a partir de 1940, até meados de 1960, não se deixaram ser subordinados por completo:

Entre as reações do campesinato a essas condições está Canudos (1893-1897) e Contestado (1912-1916). Manifestações camponesas caracterizadas pela forte presença da religiosidade popular e seu costumeiro messianismo, teologia e catolicismo de cunho colonial, situados na transição da Monarquia para a República e a modernização capitalista, como destaca Monteiro (1977). “Ao fazê-lo [os camponeses], irromperam no curso de uma história dramática de submissão para trilhar os caminhos de rebeldia sem projeto, ou seguir as vias místicas que lhes eram dadas ousando assumir a condição de sujeitos” (MONTEIRO, 1977, p. 43). Essas lutas antecedem o campesinato da década de 1950 que se apresentava como sujeito político diante da modernização capitalista. (SOUZA, 2010, p. 58-59).

Por mais que haja situação de subordinação e ela seja comprovada historicamente, chega um momento em que fatores como a política e o capitalismo, como o próprio impulso de sobrevivência, resultados da modernização, direcionam o campesinato a sair de sua situação de submissão e procurar saídas tangentes para se manter no meio social. No romance de Godoy Garcia, tal fato pode ser exemplificado com o episódio da “derrubada do mato”, que intitula a quarta parte da obra, inclusive. Chega um momento em que os lavradores se cansam de esperar pela compreensão dos fazendeiros e políticos e vão, por conta própria, enfrentar os donos de terras ainda intocadas, a fim de derrubarem os matos e plantarem suas lavouras. A subordinação, nesses termos, precisa ser revista, porque há uma inversão dos papéis quando, afrontando, os lavradores chegam, invadem as terras alheias, derrubam os matos e plantam. Quando descobrem a ação, os fazendeiros se manifestam, mas, mesmo com

esforço e apoio da polícia, dessa vez, não conseguem vencer os ditos subordinados. Ao final do capítulo, a vitória é de quem teve a coragem de enfrentar o dominador e assim finaliza a parte da derrubada do mato:

Assim chegaram ao fim da limpa, em tôdas as palhadas. O fazendeiro não apareceu. Era esperar as chuvas para os novos plantios. As chuvas sempre vinham. Mesmo retardadas, mas vinham. A semente era jogada na terra. Sentiam-se fortes, como a árvore farta das regras da chuva, as velhas árvores de cedro, vigorosas. (GARCIA, 1966, p. 162).

Tanto na literatura quanto na história, graças aos primeiros manifestantes, registram-se em todo o Brasil lutas como essas que, por mais que tenham sido perdidas em alguns casos, evidenciam que o sujeito não está completamente estagnado e à mercê de seu dominador, mas, pelo contrário, enfrenta-o de maneira direta e com as armas que possui, aliás, em alguns casos, literalmente. Sobre sua participação em guerrilhas como a de Formoso e Trombas, por exemplo, José Godoy Garcia, em entrevista, dá o seguinte testemunho:

José Maria e Silva — Como foi a participação dos senhores na guerrilha de Trombas e Formoso?

Mandamos fuzis para o pessoal da associação de lá. O Alberto Xavier foi quem levou as armas, umas espingardas e uns fuzis. Com o golpe de 64, o regime militar resolveu abrir inquérito sobre Formoso, uma coisa do passado. E nessa época eu estava advogando, não queria saber de pegar em armas. Tanto que, quando começou a se falar em resistência armada ao novo regime em Brasília, eu me opus frontalmente.

José Maria e Silva — Qual foi a primeira guerrilha da qual o senhor participou?

Em 1951, havia um movimento numa fazenda chamada São Domingos, e o movimento ficou conhecido como Tiririca. Era um grilo de terras. Então, fizemos uma luta contra o arrendo e contra o grilo. Contra o grilo era mais fácil, porque o lavrador já tinha a terra, bastava impedir que fosse tomada pelos grileiros. No caso do arrendo, era difícil porque o trabalhador era um servo de gleba.

Conseguimos reduzir a cobrança dos fazendeiros de 30 para 20 por cento do arrendamento. Essa era uma luta de classes. Já o grilo, não: os próprios fazendeiros eram contra o grilo, porque o grilo desmoralizava sua classe. Na Fazenda São Domingos, queríamos uma luta de resistência, mas os lavradores queriam a luta por intermédio de advogado. Mas eles vieram aqui e contrataram advogado, só que o advogado não podia fazer nada. Então, fui lá e convenci um dos

membros da direção do partido, Jerônimo Afonso, de Rio Verde, a recorrer às armas. Pegamos cinco fuzis, alicates e um monte de coisas.

Diante da necessidade de conquistar um espaço, o homem do campo, principalmente, precisa sair em busca de maneiras que o permita viver na terra e da terra, por isso a união dos agricultores e sua proximidade com os posicionamentos políticos que direcionam para uma dinâmica favorável ao comunismo. Movidos pelos ideais marxistas e adeptos da proposta de uma reforma agrária, a maioria dos participantes ativistas, como José Godoy Garcia e seus companheiros goianos, ajudaram nessa seara durante as guerrilhas que ocorreram nessa região. Limitados, mas com empenho e o objetivo de ajudar, conseguiram fazer muito por aqueles que, morando no campo, não tinham muitas possibilidades e meios de luta, sendo assim, ainda que subordinados, em algum momento há uma conquista.

A partir desse viés, portanto, de o homem ser dominado dentro de seu próprio espaço, tanto física quanto social e psicologicamente, fica evidente a relação de dependência e ao mesmo tempo subordinação, porque, para se construir dentro do espaço rural ou urbano, as classes inferiores sempre vão ser subordinadas à classe dominante. No , essa última não deixa de ser dependente da primeira, uma vez que, para sobreviver, ela também precisa das demais, pois o plantio e a colheita, bem como qualquer outra atividade que exija uma mão de obra mais pesada, como a construção civil, no espaço citadino, só é realizada por aquele considerado subalterno. Revendo isso, o grupo inferior passa a perceber a relação de dependência e subordinação, e que os interesses estavam voltados ao grupo dominante, o que os leva a buscar um conhecimento de seus direitos e agir em prol do social e do coletivo, e não mais ficar na inteira submissão.

Para exemplificar o exposto, pensemos nos dois espaços que aqui nos chamam a atenção, o campo e a cidade, e a relação entre as classes sociais ali existentes. Inicialmente, em termos históricos e geográficos, temos uma concentração demográfica no campo, onde a maioria dos meios de subsistência humana são produzidos e, posteriormente, enviados para a cidade, que apenas recebe e consome tais produtos. Estando o maior número de pessoas concentrado e produzindo no campo, por que o fruto de seu trabalho não permanece ali, mas é enviado para outro lugar? Quem é responsável por essa organização e estruturação? Onde, exatamente, são os campos de

produção? Para responder a essas perguntas, precisamos lembrar que esse número populacional diz respeito à classe baixa, que não tem posse de terras nem condições financeiras para se sustentar, por isso, submete-se ao jugo dos fazendeiros e latifundiários, trabalhando com o máximo de força e tempo, para receber o mínimo, o que mal atende às suas necessidades, logo, o que esse homem produz não é seu e, portanto, ele não terá a possibilidade de usufruir dos resultados de seu trabalho.

Em resumo, o que se produz no campo, sendo este o espaço onde há um maior número de pessoas, é destinado ao consumo daqueles que possuem fortunas, vivendo no campo ou na cidade. Teoricamente, são os proprietários das grandes terras, destinadas ao cultivo e à pecuária, que organizam e estruturam as formas de oferecer meios de subsistência à população, mas, na prática, isso é feito pelos trabalhadores da classe subalterna. Ora, nesse sentido, se não houver quem esteja no campo, para plantar e colher, não haverá mantimentos, logo, a classe dominante depende da dominada.

No que tange ao contexto citadino, após a Revolução Industrial, sabe-se que houve um fluxo migratório mais intenso em direção à cidade, o que esvaziou, de certa forma, o campo. Quando chega ao espaço urbano, aquele homem do campo precisa se organizar para enfrentar as novas atividades, a fim de dar respaldo à sua sobrevivência. Mais uma vez, a relação de dependência e subordinação entre as classes é ressaltada, pois, para que cresça a cidade e se fortaleça, em todos os seus aspectos, o dominador precisará do dominado e vice-versa. Todavia, por mais que haja tal interdependência, quem tem mais dinheiro e *status* sempre permanecerá no controle, tendendo à dominação total. Contudo, nem sempre terá uma aceitação passiva da classe trabalhadora, pois, como vimos anteriormente, manifestações, lutas, guerrilhas e movimentos em defesa do proletariado já foram e ainda são realizados, começando no campo, onde havia maior concentração demográfica e, depois, indo para as cidades, esse lugar de transformações e, hoje, mais populoso.

Os aspectos levantados, para além do campo social e histórico, estão explicitados, também, na literatura, a qual tem como uma de suas funções o resgate do aspecto social externo que, na conjuntura ficcional, torna-se interno, conforme nos lembra Candido (2010). Dessa maneira, ao trazer para o interior do romance uma temática como essa da migração, o escritor cumpre seu papel social e literário, pois evidencia tanto os fatores constituintes da sociedade quanto os elementos do texto

narrativo, além de usar uma linguagem que foge ao formato técnico e científico exigido aos textos de documentos históricos, por exemplo.

Toda essa conjuntura nos leva a enxergar o processo de deslocamento que leva o indivíduo a ter contato com culturas distintas que, até então, ele desconhecia. Deslocamento esse que, na obra em análise, acontece quando da ida do homem do campo para a cidade e, a partir do novo contato, surge o que Tomaz Tadeu da Silva (2014) chama de hibridização de culturas, tendo em vista que é uma relação que se dá pelas vias de um grupo estabelecer poder sobre o outro, mas que, ao mesmo tempo, é uma via de mão dupla, porque o grupo dominado também exerce alguma influência sobre o dominador. De maneira geral, como o autor nos adverte, o hibridismo se dá a partir do contato possibilitado pela movimentação demográfica, em todos os sentidos: diáspora, deslocamentos nômades, viagens, cruzamentos de fronteiras. Adiante, Silva (2014, p. 88) diz:

[...] movimentos migratórios em geral, como os que, nas últimas décadas, por exemplo, deslocaram grandes contingentes populacionais das antigas colônias para as antigas metrópoles, favorecem processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas. Finalmente, é a viagem em geral que é tomada como metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade. Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o “outro”.

Sendo assim, independente da natureza do caminho percorrido, o indivíduo passará por uma experiência de troca e estranhamento ao cruzar as fronteiras, reais ou metafóricas, já que o contato com o outro e o colocar-se no lugar do outro, em algum momento, vai conferir a ele a mudança da identidade ou, no mínimo, uma nova experiência enquanto indivíduo movente. Acrescentamos ainda o fato de que, por menor e mais rápido que seja o contato com a outra cultura, respingará sobre ambos os sujeitos, o que se desloca e o que recebe, vestígios da identidade que cada um carrega e é aí, também, que se efetiva o hibridismo.

No que tange ao romance *O caminho de Trombas*, especificamente, veremos que as alterações identitárias se constituem a partir da saída do homem do seu espaço de pertença, que é o campo, isto é, acontece em função do novo contato com o homem da cidade, pois, ao chegar ali, forçosamente, o modo de viver é alterado, logo, o meio tende

a determinar e influenciar as atividades do camponês, que precisa se adequar àquele lugar para sobreviver. Vê-se aí uma mudança que respinga na identidade do sujeito. Ademais, na urbe, ele também passa a ter contato com pessoas mais esclarecidas, no sentido de ter uma vivência e uma prática, tanto escolar quanto de atividades sociais e políticas, que vão além das experiências tidas na zona rural. Assim, surge o interesse de conhecer sobre seus direitos, sobre a política, sobre o comunismo, o que o leva a alterar, uma vez mais, seus valores e conhecimento, acrescentando experiência ao processo de mudança identitária.

Prêto Soares, na narrativa godoyana, é um exemplo claro desse sujeito movente e em constante transformação. Uma vez na cidade, ele se vê diante de várias situações que o fazem perceber a diferença entre viver ali e no campo, onde antes vivera e de onde já possui muito conhecimento. O personagem reconhece que alguns novos costumes, como o contato com o homem da cidade, a lida no novo emprego, a necessidade de construir uma morada e a participação em movimentos políticos mais acentuados, fazem dele e dos companheiros de São Domingos outras pessoas, as quais contam, depois de estarem na cidade, com mais conhecimento e experiência, ou seja, são identidades e diferenças que se cruzam e o resultado disso é a transformação do sujeito.

Seguindo a mesma perspectiva de discutir as interferências ocorridas na vida do sujeito por meio das movências, mas com temática e contexto não apenas nacional e de identidade, Sandra Regina Goulart Almeida (2015) discorre sobre o processo de hibridização do indivíduo, focalizando a elite como responsável pela literatura migrante pós-colonial. A pesquisadora se respalda em Boehmer (2005) e Bhabha para pensar o espaço como influenciador das mudanças e responsável pelo entre-lugar em que o homem se encontra, nesse sentido, traz sua reflexão sobre a mudança identitária, a partir do espaço, nos seguintes termos:

No contexto transnacional sobre o qual também discorre Bhabha, ressalta-se ainda a questão da produção literária diante da nova cartografia cultural da contemporaneidade, que cada vez mais privilegia os relatos e experiências dos sujeitos híbridos. Por um lado, pode-se argumentar, como fez Boehmer (2005), que esse mapa transnacional continua mantendo as relações de poder, apropriação e exploração entre polos opostos, já que a metrópole permanece como espaço de produção hegemônica, enquanto a periferia se encarrega de

fornecer o produto e mão de obra a ser explorada, muitas vezes em condições degradantes. Não resta dúvida de que a literatura pós-colonial migrante é escrita, definida e canonizada por uma elite (BOEHMER, 2005, p. 233). (ALMEIDA, 2015, p. 17).

Vê-se, portanto, que onde houver trânsito de pessoas, haverá dominação de um grupo sobre o outro e influências identitárias, como, por exemplo, o que ocorre com os personagens de *O caminho de Trombas*, que, ao saírem do campo, passaram a ser explorados na cidade e, como consequência disso, sua identidade sofreu transformação. Apesar disso, ele também influencia a identidade do sujeito cosmopolita.

Não podemos deixar de mencionar aqui a temática da diáspora que acontece dentro do país e, mais especificamente, em determinada região. Dessa forma, dizemos que se trata de uma questão inter-regional, para tomar emprestado um termo da geografia. Para deixar claro, estamos entendendo o termo *diáspora* com base no que Stuart Hall (2003) aponta sobre o assunto, ainda que ele fale de um contexto caribenho. Ainda que em regiões e épocas diferentes, o processo de desapropriação de terras e de perda/mudança de identidade é evidente, isto é, aquela identificação com o lugar de nascimento, o sentimento de pertença a um determinado local, com a diáspora, lida aqui como o processo migratório, faz com que ocorra uma mudança no sujeito que se encontra em transição.

Não podemos deixar de dizer que a maior causa das transformações dos sujeitos é a migração e seus desdobramentos na vida deles, pois isso é o que mais afeta, diretamente, sua relação com o outro e causa um estranhamento necessário ao enfrentamento com o novo. A partir daí, praticamente todas as áreas da vida do migrante serão alteradas, desde o espaço onde vive, que é a primeira mudança, passando pelo trabalho, até chegar ao pensamento crítico e posicionamento político.

Nesse sentido, vale lembrar o contexto histórico no qual estamos focados neste trabalho, a década de 1960, momento em que o governo de Juscelino Kubitschek investiu para que houvesse um desenvolvimento industrial em grandes cidades do Sudeste do país. Mais especificamente, ainda no final da década anterior, houve um fluxo intenso do êxodo rural em função da construção de Brasília; pessoas saíam das mais diversas partes do país em direção à nova capital, mas, principalmente, migrantes do Norte e do Nordeste, além daqueles da região mais próxima, como Goiás, por exemplo. Como é sabido, esse processo migratório não se deu de forma tão tranquila e

natural, pelo contrário, foi cercado de desavenças políticas, econômicas e sociais, o que, como consequência, não deixou de interferir na identidade cultural do sujeito. Em linhas gerais, ao analisarmos todos os fatores contextuais que levaram ao grande processo migratório do período aqui em destaque e seus desdobramentos, encontramos em Milton Santos (1993) um resumo do que se deu:

O caso de Goiás é emblemático. Durante praticamente quatro séculos e, do ponto de vista da produção, um verdadeiro espaço *natural*, onde uma agricultura e uma pecuária extensivas são praticadas, ao lado de uma atividade elementar de mineração. [...] Com a redescoberta do cerrado, graças à revolução científico-técnica, criam-se as condições locais para uma agricultura moderna, um consumo diversificado e, paralelamente, uma nova etapa de urbanização, graças, também, ao equipamento moderno do País e à construção de Brasília, que podem ser arrolados entre as condições gerais do fenômeno. (SANTOS, 1993, p. 62).

Em função dessa dinâmica de preencher o espaço geográfico e ao mesmo tempo trabalhar para o desenvolvimento econômico e demográfico do país, a região a que Goiás pertence acabou por se tornar alvo de pessoas dos mais variados estados e, também e acima de tudo, preocupação do governo federal, que via no cerrado goiano uma chance de crescimento no setor agrícola, industrial e de urbanização. Essas circunstâncias contribuíram para a chegada de novos migrantes e seu envolvimento com os que já estavam ou já eram do local, acontecimento que, mais uma vez, indica a relação de alteridade e convivência entre os sujeitos.

Nesse ponto, recorremos aos questionamentos de Hall (2003, p. 28), quando o estudioso elenca algumas razões para se pensar a construção da identidade em suas relações de poder, “construídas pela diferença e disjuntura”. Como uma resposta, ou tentativa para tal, ele traz a seguinte assertiva:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. *A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades* – os legados do Império em toda parte – podem *forçar as pessoas a migrar*, o que causa o espalhamento – a *dispersão*. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p. 28. Grifos nossos).

A parte final dessa citação é o que mais nos chama a atenção, pois vai ao encontro de nosso objetivo de identificar a relação de oposição entre campo e cidade, ou seja, verificar a existência da dispersão das pessoas que saíram do espaço rural e foram para o urbano, porque essa mudança não se efetiva apenas nos campos físico e geográfico, ela também chega ao psicológico e, conseqüentemente, reflete no modelo identitário a ser seguido por aqueles que estão em processo de transição. Paralelamente aos opostos, há uma dinâmica de justaposições, já que a vivência compartilhada dos dois espaços pode gerar uma ligação que contribui para a formação do novo homem. Sendo assim, entendemos que, mesmo não mudando de estado ou de país, o fato de deslocar da zona rural para um espaço de urbanização interfere na formação da identidade cultural. Resta-nos identificar, na prosa de Godoy Garcia, de que forma vem essa interferência e apontá-la nos possíveis personagens, como é o caso de Prêto Soares e Cirilo, que representam esses “resultados” de interferência.

N’*O caminho de Trombas*, é intrínseco o caráter social que possui, visto que as trajetórias dos personagens estão ligadas, diretamente, ao convívio social e a práticas dessa mesma dimensão. Fábio Lucas (1985) corrobora com a ideia aqui lançada ao afirmar que: “A perspectiva social será apanhada toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos” (LUCAS, 1985, p. 5).

Partindo desse pressuposto, nota-se a proximidade dessa discussão social e de caráter histórico com o contexto da narrativa escolhida para análise, qual seja, o da ditadura no Brasil e, mais especificamente, em Goiás. Em José Godoy Garcia, o próprio título da obra já nos direciona a pensar tal aspecto, além da migração: *O caminho de Trombas*. Como já foi dito, Trombas é uma cidade do norte do estado de Goiás que, na década de 1950, juntamente com Formoso, sediou a única guerrilha rural bem-sucedida do Brasil entre latifundiários e lavradores, que teve como vitoriosos os camponeses.

Os documentos históricos da época, como encontramos em artigos científicos e documentários⁸, dão informações dessa natureza, o que direciona nosso olhar sobre o

⁸ SOUSA, Ana Lúcia Nunes et al. *Trombas e Formoso: a vitória dos camponeses*. Projeto de documentário. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=390&cf=16>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

romance com uma perspectiva de análise que pode ir além da literária, ela pode, também, em outra instância, ser histórica, visto que esse episódio ficou bastante conhecido, no estado e no país, como “A guerrilha de Formoso e Trombas” e, ao debruçarmos sobre esse acontecimento com mais atenção, encontraremos nele muita proximidade com o que José Godoy Garcia narra em seu romance e a relação dos seus personagens com fatos bastante próximos a tais acontecimentos. Por exemplo, em sua dissertação de mestrado “‘Fazia tudo de novo’: camponeses e partido comunista brasileiro em Trombas e Formoso (1950-1964)”, o historiador Renato Dias de Souza faz uso de algumas obras literárias, como *O caminho de Trombas* (1966), entre outras, para analisar os fatores ligados à guerrilha, uma vez que esses textos contribuem, também, para o enriquecimento dos detalhes da história. Segundo Souza (2010, p. 19):

[...] as obras literárias não serão consideradas restritamente a partir das relações sociais de produção de sua época, mas como elas se identificam às relações literárias de produção. Tomando as técnicas literárias, os estilos, a escola em que se situam como produtos literários acessíveis a uma análise social, materialista, dialética ao invés de gênero fechados em si mesmos.

Se voltarmos um pouco ao contexto histórico e matérias publicadas em *sites* como “A nova democracia”, e tidos como documentos de base real, teremos a reconstituição do episódio de Formoso e Trombas, de maneira bastante resumida e breve, nos termos que seguem: durante o período de 1950 a 1957, com a construção da rodovia BR-153 (Belém-Brasília), terras devolutas que eram ocupadas por camponeses há mais de 30 anos passaram a ser desejadas por alguns latifundiários que, com a parceria de juízes corruptos, passaram a cobrar dos posseiros parte do que produziam naquelas terras, o que ficou conhecido como grilagem de terras. No entanto, os lavradores não estavam dispostos a desfazer do que lhes era de direito e passaram a lutar contra esses fazendeiros, com o apoio de estudantes, outros trabalhadores e membros do Partido Comunista.

Entre idas e vindas, conversas, conflitos armados, debates, enfrentamento e determinação, conseguiram vitória sobre o governo e os fazendeiros, ficando com as

terras, o que durou até o ano de 1964, quando instalou-se, de vez, a ditadura militar no estado e, a partir daí, já não tiveram mais forças para resistir, foi quando muitos dos que lutaram ali foram perseguidos, presos, torturados e mortos, conforme nos relata, em entrevista⁹, Valter Waladares, um dos membros do PC e que participou, ativamente, de toda a guerrilha de Formoso e Trombas.

Ainda sobre registros de pesquisas feitas a respeito do episódio de Formoso e Trombas, encontramos um artigo de Leon Martins Carriconde Azevedo (2014) que nos dá respaldo para traçar linhas de semelhança com o romance de Godoy Garcia. No estudo, Azevedo menciona as diversas naturalidades dos camponeses que chegavam à região, incluindo os do próprio estado, e que tinham idealizado um espaço novo, visando prosperidade e uma vida mais confortável. “Porém, os posseiros que buscavam sua sobrevivência naquelas bandas do país mal sabiam que estavam no ‘olho do furacão’, construindo seus casebres e roças sob a pressão de interesses do Estado, grandes latifundiários e investidores estrangeiros” (AZEVEDO, 2014, p. 71). Passagens como essa são também encontradas na narrativa em análise, o que nos direciona a uma comparação com os eventos históricos. Além disso, outras informações podem, ainda, ser lidas em semelhança ao romance, como, por exemplo, a seguinte:

É com o intento mais agressivo de grilagem das terras por parte dos latifundiários que se inicia objetivamente o conflito na região. Segundo Cunha (2007), os fazendeiros atuaram nesse primeiro momento por meio de duas linhas de ação: a violência direta contra os posseiros, queimando as roças e casas, espancando os moradores e torturando mulheres e crianças; a segunda forma foi encaminhada paralelamente e consistia em atuar nas vias “jurídicas”, para grilar os títulos das terras devolutas e se passarem por legítimos proprietários. (AZEVEDO, 2014, p. 72).

Ora, se voltarmos os olhos para *O caminho de Trombas* vamos reconhecer, de imediato, cenas bastante comuns a essas, desde o início da narrativa, quando os lavradores já se encontram às voltas para tentar meios legais de permanecerem em suas terras e, semelhantemente, quando são ameaçados e violentados pelos fazendeiros e seus jagunços, com o auxílio da polícia. Indistintamente, eles atacam homens, mulheres,

⁹ Entrevista concedida a Ana Lúcia Nunes, para o jornal de publicação online *A nova democracia*, publicada em abril de 2006 e disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-29/499-trombas-e-formoso-o-triunfo-campones>.

crianças, jovens ou velhos. Em São Domingos, os fatos se dão da seguinte maneira: “Queria que os soldados levassem o pânico, que fôssem (sic) chegando sem dar tempo e derrubassem as moradas, destruíssem tudo que iam encontrando pela frente. Sua experiência era mestra. Assim sempre fôra bem sucedido”. (GARCIA, 1966, p. 50). Esse é o pensamento do Comandante Arnaldino, que estava disposto a colocar abaixo todas as moradas e deixar as terras livres para os fazendeiros, expulsando os lavradores.

Posteriormente, na urbe, os trabalhadores têm seus ranchos queimados novamente e continuam a sofrer violência por parte da classe dominadora. Mas, nesse momento, existe uma possibilidade maior de permanecer onde estão, porque o espaço é maior e eles podem tanto se instalar em outro local como saírem em busca de outras localidades, que é o que acontece com muitos dos personagens.

CAPÍTULO 2 - NOS RASTROS D'OS CAMINHOS DE TROMBAS

Faremos neste capítulo uma leitura mais pormenorizada e com viés crítico e analítico da obra *O caminho de Trombas* (1966), de José Godoy Garcia. Antes da análise, entretanto, julgamos necessária uma apresentação do autor, tendo em vista que não é tido como um cânone e, por conseguinte, é ainda pouco conhecido no meio acadêmico. Sendo assim, apresentaremos o autor e sua obra, em um primeiro momento, a fim de evidenciar quem ele foi e qual a importância de seu papel, enquanto escritor, na literatura produzida em Goiás.

Em seguida, daremos ênfase à apresentação da obra aqui em análise, o único romance produzido por Godoy Garcia, o qual foi de fundamental valor para se pensar, a partir da leitura do texto literário, como se deu a configuração do contexto histórico da sociedade goiana, entre as décadas de 1940 e 1960, que passava por um processo migratório de bastante impacto social, como todos os demais, lembrando, no entanto, que seu impacto cultural é mais denso. Por fim, faremos um percurso analítico da obra, pautados pela questão central aqui discutida, a migração, que terá como objetivo identificar as possíveis transformações ocorridas nas identidades dos personagens, de maneira mais abrangente e, na sequência, mostrar, em alguns deles, as modificações verdadeiramente ocorridas.

2.1 Sobre a vida e a obra de José Godoy Garcia (1918-2001)

O escritor José Godoy Garcia nasceu em Jataí-Go, em 1918, e faleceu em Brasília, em 2001. Teve uma vida profissional e política bastante agitada, pois exerceu várias atividades, de jornalista a ativista do Partido Comunista. Formou-se em Direito e mudou para Brasília em 1956, quando a cidade estava em seu início, onde viveu até seus últimos dias de vida. Ainda que não seja muito estudado em nosso meio, publicou obras no exterior e tem uma bibliografia vasta, principalmente no que diz respeito à poesia.

Seu primeiro livro é intitulado *Rio do Sono* (1948). Dessa primeira publicação até a próxima houve um espaço considerável de tempo, pois foi um momento em que Godoy esteve bastante ocupado em seu engajamento político. Somente em 1966 surgiu

O caminho de Trombas, editado pela Civilização Brasileira. Depois disso, as publicações passaram a ser realizadas em períodos menos espaçosos. Temos, portanto, *Araguaia Mansidão* (1972), *A Casa de Viramundo* (1980), *Aqui é a Terra* (1980), *Entre Hinos e Bandeiras* (1985), *Os Morcegos* (1987), *Os Dinossauros dos Sete Mares* (1988), *Florismundo Periquito* (1990), *O Flautista e o Mundo Sol Verde e Vermelho* (1994) e *O Aprendiz de Feiticeiro* (1997). Em comemoração aos 50 anos de carreira literária de Godoy Garcia, foi lançado, em 1999, o livro *Poesia*, que reúne todos seus demais livros de poemas.

Dentro dessa extensa bibliografia poética, é preciso evidenciar que a escrita de José Godoy Garcia sempre foi pautada pelo viés social, notadamente com uma inclinação à defesa das minorias, do primeiro ao último livro, às vezes mais explícita, às vezes mais implicitamente. Não podemos olvidar, portanto, de fazer menção aos poemas que resgatam a mesma temática abordada neste trabalho, que é a migração. Ao fazer um percurso pelos diversos livros, vamos encontrar poemas como “Os meninos pegaram estrada”, “El Quim Piluti” – Para Langston Hughes, “Os Sem-Terra”, “O poeta pela estrada Goiás”, “Um homem na estrada”, “Invasores”, entre outros. Todos esses textos, como os títulos já nos indicam, referem-se ao homem em trajetória constante, em diferentes momentos e posições, aliás, José Godoy faz alusão em seus poemas desde crianças aleatórias até Langston Hughes, poeta americano, a quem muito admirava pelo engajamento social.

Na poética godoyana, vale dizer, os componentes externos serão basilares para a produção de sentido na constituição da criação literária. Eles não serão apenas matérias casuais e signos colocados em disposição métrica favorável à estética da obra de arte, mas sim impregnados do sentido essencial na poesia, nesse caso, acompanhados por uma temática que perpassa toda a obra. É nesse viés que a construção textual do autor se aproxima dos desenvolvimentos teóricos de Candido (1976), que assegura que a criação literária está pautada nos aspectos de ordem social, posto que uma obra não possa nascer sem fundamentos, sendo necessário que esteja ligada a algum contexto histórico. Para o crítico, “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”, gerando assim, no leitor, uma “inquietação no tocante à relação literatura e sociedade. Neste caso, pode-se dizer que a obra desempenha certa função social decorrente de sua própria natureza” (CANDIDO, 1976, p. 17).

Os fatos externos, como a Guerrilha de Formoso e Trombas, segundo bem nos lembra Peres (2017, p. 90):

[...] não se mostra como mera intenção de reproduzir um dado acontecimento. O autor está mais interessado em como certas ações humanas desencadeiam resultados negativos no que diz respeito à condição existencial do homem. Isso condiz com a construção de boa parte dos poemas godoyanos, visto que muitos se desdobram para a vida, para a alegria de viver, para os desvalidos [...].

Com efeito, não apenas na produção poética, mas também na prosa, a escrita godoyana é marcada pela dicotomia realidade e ficção ao preocupar-se com os resultados das ações humanas sobre as relações sociais existentes entre as classes e, principalmente, no que diz respeito às minorias. Tais evidências encontramos quando o poeta em questão dá voz aos seres marginalizados pela sociedade e, portanto, vivem na escória social, constituindo um cenário histórico. São eles os moradores das pequenas cidades, os bêbados, os negros, as prostitutas, os migrantes, as crianças abandonadas. Além disso, o poeta também usa um leque abrangente de acontecimentos históricos reais para relatar fatos marcantes na sociedade e que, em sua visão, precisam ser externados. Por isso, são encontradas nas linhas poéticas traçadas por Godoy Garcia características dos eventos regionais de maior peso na representatividade de Goiás e na construção de Brasília e Goiânia, entre eles, o movimento migratório.

OS MENINOS PEGARAM ESTRADA

Os meninos pegaram estrada
indo à grande cidade...
Deixaram para trás, a fome,
o tédio dos dias,
a dura mão dos que sugam
o suor dos sem-terra.
Os meninos chegaram
à grande cidade e
se tornaram vitoriosos:
roubavam, comiam, brincavam,
sorriam, viviam,
matavam, como se Deus lhes
desse uma nova e justa vida.
(GARCIA, 1999, p. 302)

Nesse texto, cuja primeira publicação foi de 1985, a presença do elemento social é marcante, visto que o eu-lírico fala de meninos que foram para a cidade grande a fim de encontrarem uma nova dinâmica de vida, isto é, são migrantes pobres desde crianças e, por isso, já conhecem a fome e suas consequências, bem como “a dura mão dos que sugam o suor dos sem-terra”, ou seja, os fazendeiros que exploram os agricultores que não possuem terra e trabalham para tentar garantir sua subsistência. A figura dos meninos como representação da realidade configura-se como uma forma de mostrar que a mesma condição é vivida tanto pelos adultos quanto pelas crianças, que acabam se tornando, cada vez mais, párias da sociedade ideológica que, certamente, vai excluí-los por julgá-los como perigosos, pois eles roubam e matam para garantir sua “nova e justa vida”.

Igualmente, então, vimos como é relativa a visão sobre o estado de movência. Para quem procura por um meio de sobrevivência, a chegada à cidade grande significa conquista, prazer, gozo, milagre, oportunidade; mas quem recebe esse migrante, por sua vez, pode vê-lo como uma pessoa perigosa, que vai privar a cidade de sossego e ordem. No entanto, a preocupação do poeta é em dar voz ao desvalido, ao migrante, ao que sai em busca de uma melhoria, por isso eles “se tornam vitoriosos”.

Em *Araguaia Mansidão*, cuja primeira edição é de 1972, Godoy Garcia já trabalhava nessa mesma perspectiva de trazer o fator externo para o interior do texto literário, sempre com a mesma temática, em defesa dos párias, esse grupo do qual os migrantes fazem parte. Quando falamos em grupo, pensamos em uma coletividade, também característica desse escritor, que sempre traz muitos personagens para seus textos, tanto nos poemas quanto no romance.

ESTRADAS

Mães dos cabelos tristes
com um filho no braço e dois atrás, em Nazário.
Redemoinho nas estradas
Passagem de barco no rio Maranhão.
A roda de fiar de Doraci.
Os peitos de Doraci
Cama de couro
onde Jeromão morreu.
Romaria em Muquém.
Soldado sangrando gente.
As estradas de Araguatins

têm flores de abril a setembro.
 Cuidado com as cobras
 nos meses de março a abril.
 Nas searas os pássaros
 falam mais que os homens.
 Vacas engordam no Sudoeste.
 Marcham para Barretos em dezembro.
 As nossas orações são simples,
 são para curar espinhela caída.
 Em geral amamos todas as mulheres.
 Acaba daí, a nossa é quem agüenta.
 Tem muitas estradas: pode escolher.
 Tem a que vai para Nazário e Santa Helena.
 Tem muitas estradas: pode escolher.
 Tem a que faz tua mente e o teu braço.
 (GARCIA, 1999, p. 245).

Em um só poema temos várias estradas e várias pessoas, ou seja, os caminhos e as possibilidades são muitos, mas o objetivo é um só: escolher uma estrada. A voz lírica desse poema deixa evidente a trajetória do homem do campo, seus costumes, sua crença, seu modo de vida, sua relação com a natureza; o próprio título, no plural, já nos remete a uma ideia de que o movimento é contínuo e cheio de curvas, desvios e escolhas. Ademais, outra peculiaridade de se ler a obra de Godoy Garcia se evidencia nesse texto: a semelhança de personagens, lugares e acontecimentos. No poema, Doraci, Nazário e as várias estradas, respectivamente, correspondem a essa semelhança; e no romance que estamos analisando aparece essa personagem, essa cidade e as estradas mencionadas no poema. Depreende-se, assim, que a poética godoyana está presente no conjunto da obra, em verso e em prosa, que se complementa, por isso a mesma temática (neste caso, a migração) pode ser lida tanto nos poemas quanto no romance ou nos contos.

Além desses dois poemas que colocamos a título de exemplificação, existem outros que vão na mesma direção temática, desde sua primeira publicação até a última, o que comprova que a estética seguida é pautada em uma única vertente, dentro da qual pode haver o que chamamos de subtema. Explica-se: dentro de um viés engajado e com perspectiva social voltada para dar voz aos párias, os textos de Godoy Garcia podem ser lidos pensando em temas como o da migração, aqui escolhido, mas também o da relação entre homem e natureza, o da religiosidade, o da figura feminina, o do regionalismo, entre vários outros.

Em sua bibliografia, que não se restringe a poemas, como já vimos, constam como escrita em prosa duas obras, quais sejam: *O caminho de Trombas* (1966) – romance e *Florismundo Periquito* (1990) – contos, as quais vão trazer as mesmas abordagens já citadas. *Aprendiz de Feiticeiro* (1997) é um livro de crítica literária, no qual escreve sobre várias obras e discute seu ponto de vista sobre a poética de autores como Machado de Assis e Bernardo Élis.

Florismundo Periquito (1990) foi editada pela Thesaurus teve seu lançamento realizado na Biblioteca do INL, em Brasília, em setembro de 1990. Trata-se de um trabalho que consolida a carreira de Godoy Garcia como prosador e é uma obra peculiar, que representa os sertões de Goiás ao narrar histórias de famílias que remetem ao tema rural, da natureza e do humano. Dizemos que consolida porque, além de ser a última publicação de texto literário em prosa, são contos que, ao serem lidos e analisados, revelam ao leitor crítico estarem dentro da proposta teórica do que vem a ser esse gênero, isto é, não são textos rodeados de fatores que tiram o foco central, que despercebam o tema. Ao contrário, a captura do momento certo acontece, assim como em uma fotografia, como nos lembra Cortázar (1993), em que o fotógrafo seleciona uma imagem significativa, que desperta em seu espectador a sensibilidade de interpretação.

Essas narrativas godoyanas merecem atenção por estarem inscritas na ordem dos contos populares. Antonio Carlos Hohlfeldt (1988, p. 14) afirma, nas águas de Câmara Cascudo, que um conto revela “informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos”. Assim, a prosa contista de José Godoy Garcia revela esse caráter documental e social por meio de seu posicionamento, para captar a sensibilidade do leitor, definindo o caráter estético da obra.

Sobre a obra, o *Correio Brasiliense* publicou em um de seus cadernos um artigo, escrito por Scartezini, em que o jornalista faz um rápido apanhado de alguns dos contos da nova publicação e, sobre o livro como um todo, e em especial o conto que dá título à coletânea, diz o seguinte:

A exploração do grotesco que há nas ações humanas. Assim José Godoy Garcia define um dos seus cuidados centrais na construção do seu último livro, que tem na novela *Florismundo Periquito* o eixo de uma movimentação na qual o escritor rompe sua obra com o

marxismo: se o marxismo privilegia o pensamento, o escritor não esquece o corpo. “Se o corpo morre, o que vira do pensamento?”, questiona. (SCARTEZINI, 1990, p. 25).

A partir das falas do próprio Godoy Garcia, vê-se que Scartezini articula sua análise e expõe sua visão sobre o conteúdo do texto literário, mas não vemos, como ele, um rompimento com o marxismo nesse conto, porque, por mais que tenha um direcionamento voltado ao corpo do menino, o enredo não deixa de mostrar a árdua trajetória da família Periquito em busca de um lugar para se instalar, ou seja, o social se faz presente, a migração e os questionamento do pai de família sobre uma forma de dar sustento para sua família perpassa por toda a narrativa, logo, a preocupação com o corpo e o pensamento se complementam no decorrer da história.

Sendo elaborados de acordo com as características que definem esse gênero, alguns elementos dos contos que encontramos em *Florismundo Periquito* podem também ser vistos na poesia e no romance godoyano. Um exemplo de tal afirmação é que encontramos no conto que dá título ao livro uma relação intertextual com o poema “O menino que não sabia morrer”; o que acontece, também, com outro conto, “Neco e Joza”, que é parte do romance *O caminho de Trombas* (1966). Mais uma vez, confirma-se que a poética gira em torno de uma mesma temática e se comple(men)ta.

Perfazendo um caminho rápido sobre os contos do livro, de maneira geral, vimos que são narrativas retratando fatos do cotidiano em cidades pequenas e interioranas, onde a população vive em decadência social e em um eterno ir e vir, ou seja, o fluxo migratório se mostra presente em várias dessas narrativas, afinal, é um aspecto imanente da existência. Ao todo, são onze contos que trazem, ao dizer do autor no prefácio do livro, “historietas simples, ou simplórias”, mas que sabemos não ser apenas isso. Carregam um significado ontológico perceptível a cada página lida.

“Florismundo Periquito”, em relação aos demais contos, sobressai por mesclar em sua tessitura todos os elementos abordados na temática geral da poética godoyana. Nele encontramos a relação do homem com a natureza e o social, o campo e a cidade, o movimento contínuo da família Periquito em busca de um lugar para estabelecer

moradia e a religiosidade. É uma narrativa que, segundo Salomão Sousa¹⁰ (2009, s/p) “reafirma a humanidade, salva a dignidade do ser humano”.

Enfim, tanto em verso como em prosa, o grande tema da escrita godoyana é o apanhado do relacionamento em suas diversas vertentes, como a social e a política. Há, principalmente na prosa, uma guerra declarada entre as classes sociais, na maioria das vezes representada pela dicotomia governo e povo. Suas técnicas de narrativa e linguagem simples ao relatar os fatos históricos conferem à obra um caráter verossímil e existe uma linearidade que conduz o leitor a entrar na narrativa e se sentir parte da história, tal é a forma com que as palavras são colocadas no texto e a maneira como a leitura flui.

Em 1997 foi publicado o livro *Aprendiz de Feiticeiro*: crítica literária, no qual José Godoy Garcia comenta obras de escritores como Bernardo Élis, Machado de Assis, Hugo de Carvalho Ramos, entre outros, e faz um rápido levantamento sobre o movimento modernista. Segundo ele, ao apresentar o livro, o título dispensa explicação, porque o meio crítico é entremeado de apontamentos que podem saudar ou reprovar os autores e suas obras, e não apresentam uma linha a ser seguida. Nas palavras dele, sem deixar de fazer críticas: “[...] está aqui esse Aprendiz de Feiticeiro, cujo título vai sem explicação, por desnecessária. Se aproveitou do título, o poeta Goethe aproveitou da lenda num poema e Paul Dukas fez dela uma sonoridade mágica, essa lenda que já era velha na Roma antiga”. (GARCIA, 1997, p. 9).

Também se considera apenas como mais um aprendiz, sujeito às críticas, uma vez que é escritor de textos literários. Para ele, a crítica é como um processo de conhecimento, por meio do qual traz uma significativa contribuição para o desenvolvimento da obra. Na introdução da entrevista concedida ao Jornal *Opção*, o editor faz o seguinte comentário a respeito do “aprendiz”: “O poeta não era um crítico acadêmico, mas conhecia a crítica acadêmica, a teoria, e, sobretudo, tinha amplo conhecimento de literatura” (s/a, 1998, p. 1).

No caminho percorrido por Godoy Garcia para análises literárias, ele toma sua posição de crítico e se distancia ao máximo da do escritor. Enfatiza temas que ele vê desnecessários nas obras de escritores como Machado de Assis, Domingos Carvalho Silva, além de alguns escritores goianos, seus amigos até, mas que ele não se deixa

¹⁰ Não há referência, é o registro de uma conversa informal entre o jornalista e a pesquisadora, em meados de 2009.

levar pela admiração pessoal. É, na verdade, uma questão de estilo literário, pois o que ele condena é tomar partido de um movimento literário apenas para publicar uma obra e não fazer jus à filosofia empregada pelo movimento. É nesse sentido que o autor questiona o posicionamento dos demais escritores, uma vez que muitos querem apenas fazer a arte pela arte.

Godoy Garcia intenciona nessa sua caminhada “chamar a atenção sobre filosofias estéticas” (GARCIA, 1997, p. 9), é isso o que ele faz ao analisar as obras de Machado de Assis e Hugo de Carvalho Ramos. Partimos do pressuposto de que tais filosofias, nessa obra, são vistas enquanto movimento literário, a saber: o romantismo de Machado de Assis e o realismo/naturalismo de Ramos. Para tanto, Godoy Garcia se aliou, em Goiás, a um grupo de pensadores que realizava críticas de fundamentos filosóficos marxistas, ou seja, permeou “o meio turvo e inconsubstancial das letras universitárias e desses velhíssimos e sempre novos-ricos analistas e estruturalistas, das letras turvas” (GARCIA, 1997, p. 10).

Em *Aprendiz de Feiticeiro* (1997), Godoy Garcia adota um posicionamento crítico que vai ao encontro das ideias de Lukács, localizadas em *Ensaio sobre literatura* (1965), especificamente no texto “Narrar ou descrever?”, quando ele fala do real histórico e do particular e se coloca contra o experimentalismo e a arte pela arte. Além disso, o autor-crítico diz que a importância do fato histórico junto à linguagem no desenrolar de uma obra literária confere à obra a chance de não se perder no tempo e estar sempre atual, independente do momento. Se a linguagem não está preocupada com as regras estilísticas e gráficas, ou seja, a estrutura, e sim voltada para a forma artística, que é a expressão do gênero (lírico, épico ou dramático), então a obra será um reflexo da vida. Ainda na mesma entrevista mencionada, lemos o seguinte trecho:

José Maria e Silva — O seu livro de crítica literária, *Aprendiz de Feiticeiro*, traz avaliações muito contundentes a respeito da crítica literária que vem sendo praticada nas universidades. Trata-se de um livro polêmico, entretanto foi recebido com indiferença em Goiás. A que se deve esse silêncio em torno dele?

O meu livro tem um nível crítico e um aprofundamento filosófico que o torna difícil para resenhas de jornal. Mas sou otimista. Acho que, aos poucos, ele será lido e compreendido. No Brasil, o que é justo demora a vingar, mas não morre. A Universidade de Brasília, por exemplo, encomendou 50 exemplares. No livro há uma crítica a um professor da UnB, o Laércio Nora Bacelar. Nesse livro, eu carrego na teoria. Mas procurei fazer isso com base nas obras. Ao invés de

escrever um tratado de estética, preferi aplicar a teoria, concretamente, a determinados livros, como *O Tronco*, de Bernardo Élis, e os contos de Hugo de Carvalho Ramos, o romance *Pium*, de Eli Brasiense. Até me chamo, neste livro, de “novo rico” da literatura, por carregar na teoria. Mas isso é necessário. E não é necessário apenas num Goiás seco deste, mas no Brasil. O Brasil está absolutamente fora do ângulo de uma pesquisa, de um caminho, sobre este mundo de hoje.

Mesmo não sendo um crítico literário por ofício, aventurou-se por esse caminho e foi bastante ousado em suas análises e em sua autoavaliação sobre o livro de crítica.

Diante do exposto, no que diz respeito à estética godoyana, ressaltamos que há preferência por um viés ontológico em sua escrita, poética ou prosaica, e defende muito o caráter humanista, sempre em amparo dos párias, essa é a maior peculiaridade de sua escrita e é a partir dessa defesa e da voz que ele confere aos marginalizados que podemos ver sua marca autoral. Lembramos, ainda, que Godoy não tem, necessariamente, uma filiação com alguma escola literária, mas pode ser lido como um modernista, visto o caráter social, denunciador e engajado em sua escrita, tanto na prosa quanto na poesia, fato que o leva a ser considerado um dos representantes do Modernismo em Goiás, como nos lembra Gilberto Mendonça Teles (2007).

O jornalista Alaor Barbosa se coloca como responsável por apresentar ao meio literário nacional a poesia de José Godoy Garcia, mas Teles diz que foi necessário o jornalista lançar mão das influências que tinha no meio para dar mérito a Godoy Garcia. Barbosa, em depoimento encontrado em seu livro *Pequena História da Literatura Goiana* (1984), explica que a fala de Teles não é verídica.

Faço questão de contar esses fatos, para você ver o tanto que eu gosto da poesia de José Godoy Garcia. E também para mostrar que o poeta e crítico Gilberto Mendonça Teles errou totalmente quando disse, no seu livro “A Poesia em Goiás”, na página 143, que foi preciso eu comentar “com algum escritor conhecido”, no Rio, a poesia de Godoy para eu descobrir o valor dela. O contrário é que é a verdade: eu é que me esforcei para conseguir despertar o interesse dos escritores e poetas, meus conhecidos no Rio, pela poesia de José Godoy Garcia. Hoje em dia, muitos intelectuais do Rio a conhecem e estimam muito. (BARBOSA, 1984, p. 68-69).

Ao rever as considerações feitas por Gilberto Mendonça Teles, na passagem colocada por Barbosa, vimos que ele se refere à descoberta tardia que o jornalista fez do escritor jataiense, mas é elogioso com o artigo sobre José Godoy Garcia. Alaor Barbosa

vê um poeta exímio, que contribuiu efetivamente com a literatura em Goiás e no Brasil, e Teles diz que Godoy Garcia é o principal poeta do modernismo nesse estado, sendo assim, cada um contribui para a legitimação da obra a seu modo.

De uma maneira mais geral, após a leitura da obra completa, fica evidente que, em sua fase inicial, há uma busca por contemplar temas locais, prosaicos, do cotidiano, em conformidade com o projeto modernista. Trata-se de uma poesia conectada com as linhas de força do Modernismo e que remete aos conteúdos ligados à natureza, de ordem mais lírica e bucólica, resgatando a abordagem da infância e da juventude em seus poemas. Na fase de amadurecimento de sua escrita, já encontramos um poeta mais nevrálgico, enfatizando questões que podem suscitar discussões “calorosas” entre os críticos e apresentando uma poesia de cunho social um pouco mais elevado, ou seja, vimos nesse ponto uma temática que valoriza ainda mais os párias, gente humilde que vive na rua, enfim, o poeta canta a rua e seus moradores.

Como escritor, portanto, tinha um encanto pela vida, escrevendo poesia lírica e posteriormente engajada, além do romance e do livro de contos. Salomão Sousa, em conversa informal, afirmou que José Godoy Garcia era um “poeta ambulante, andava fabulando em todas as circunstâncias”. Sua obra é rodeada pela natureza, a aurora é muito presente, dando ideia de clareza, de nascimento, esperança. Palavra e natureza juntas, o que nos faz lembrar Candido (1987) ao dizer sobre as três possíveis atitudes estéticas na literatura:

Ou a palavra é considerada maior que a natureza, capaz de sobrepor-lhe as suas formas próprias; ou é considerada menor que a natureza, incapaz de exprimi-la, abordando-a por tentativas fragmentárias; ou, finalmente, é considerada equivalente à natureza, capaz de criar um mundo de formas ideais que expressem objetivamente o mundo das formas naturais. (CANDIDO, 1987, p. 53).

Diante dessa assertiva, identifica-se que a estética perfilhada por Godoy é essa última, em que a palavra é equivalente à natureza e juntas andam sempre em movimento, trazendo algo novo, ajustando ao pensamento das variáveis constantes da dialética, ou seja, está sempre em movimento, nunca está acabada.

Enquanto literato, José Godoy Garcia recebeu atenção por parte de alguns teóricos e críticos, como por exemplo, Salomão Sousa, Gilberto Mendonça Teles, Alaor Barbosa, Assis Brasil e Gabriel Nascente. Também foi muitas vezes mencionado no

Correio Brasiliense, jornal de circulação em Brasília desde 1960, que já nessa década destinava uma coluna literária, inicialmente escrita por Ézio Pires, para informar os leitores sobre o mundo das letras. O nome de Godoy Garcia por várias vezes aparece como um dos mais expoentes escritores de Goiás, sendo escolhido para figurar nas antologias dos poetas goianos e brasilienses que o Instituto Nacional do Livro encomendou ao poeta Waldir Ayala e a Joanyr de Oliveira, respectivamente, conforme encontramos nos registros do jornal Correio Brasiliense, de julho de 1969. O próprio autor, em 1966, organizou um concurso de contos, romance e poesia, com respaldo da Editora Brasil-Central, de Goiânia e, além disso, alguns de seus poemas também foram publicados no Caderno Cultural desse jornal.

Pela sua atuação artística, política e intelectual, ele pode ser conhecido, ainda que por poucos, não só em Goiás, mas em todo o país, inclusive no exterior, de onde Vinícius de Moraes escreveu-lhe cartas, segundo nos relata Salomão Sousa (1999), na apresentação do livro *Poesia*. Também Curt Meyer-Clason, um importante tradutor que trabalhou com obras de Machado de Assis, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Eça de Queiroz, Pablo Neruda, João Cabral de Melo Neto, Mario de Andrade, entre outros, traduziu alguns dos poemas de Godoy Garcia para o alemão.

Fica evidente que pode ter sido esquecido em Goiás, mas não o foi por outros nomes da época. José Godoy Garcia estava em Brasília, por volta de 1970, mas não escrevia apenas para os candangos e goianos, ao contrário, escrevia uma literatura em nível nacional. Era o que Alair Barbosa tentava mostrar ao evidenciá-lo como um escritor (poeta) que merecia reconhecimento nacional. Para sua época, ele escrevia uma literatura paralela à produzida no Rio de Janeiro e São Paulo, quiçá alinhava-se à literatura internacional. Essa ocorrência é perceptível ao vislumbrarmos a aproximação de sua poesia com as obras de Manuel Bandeira e Mario de Andrade, além da forte contribuição que teve Langston Hughes e Walt Whitman para a produção poética de Godoy Garcia.

Foi homenageado por alguns poetas que escreveram poemas sobre ele e para ele. Brasigóis Felício e Gabriel Nascente foram responsáveis pela escrita de dois desses poemas. O primeiro intitulado “Passarinhando” e o segundo “Godoy, a odisséia da terra”. Nas palavras de Felício, “Poeta Godoy: nos infinitos orbes do vaso universo fica à vontade com Walt, teu companheiro solar” (FELÍCIO, 2009, s/p). Ambos os autores

ressaltam que há de se encontrar uma ponta que seja de resquícios da escrita de Walt Whitman, Manuel Bandeira, Mario Quintana e Mario de Andrade nos poemas de Godoy Garcia e, por isso, o texto poético dedicado a ele é uma combinação selecionada de poemas dos referidos poetas.

O próprio Godoy revela que seu primeiro livro, publicado depois de oito anos em que já estava em Goiânia, recebeu muita influência de Bernardo Élis que, por sua vez, foi “profundamente influenciado” por Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo, especialmente o segundo. “É um trabalho semelhante ao do pintor que, para começar, vai aprender com os mestres, respirando a atmosfera do ateliê, descobrindo concretamente o fazer. O Bernardo ficava desconfiado, temendo que eu fosse mexer nos poemas dele”, declara José Godoy Garcia em entrevista.

Engajado nas causas sociais e culturais, além de propor concursos de literatura, Godoy foi também signatário de movimentos que exigiam a divulgação de obras artísticas, em todas suas vertentes, em Goiás e no Distrito Federal. Por exemplo, fez parte da reunião e manifesto que incentivava divulgar a cultura produzida na capital federal, o chamado Movimento Candango pela Dinamização da Cultura (CUCA). Em um dos cadernos do Correio Brasiliense, “Variedades”, temos essa confirmação:

O escritor Ézio Pires lembrou que no início dos anos 70, um grupo de escritores composto por Fritz Teixeira Sales, Fernando Mendes Vianna, José Godoy Garcia, Júlio César e ele, tentou criar a **Frente Ampla de Arte e Cultura** (Faacu), que propunha, através de polêmico manifesto, a criação de um **Circo de Cultura**, que rodaria pelas cidades satélites, divulgando a arte e a cultura candanga. (CORREIO BRASILIENSE, 1980a, p. 23).

De seu envolvimento político, há informações por ele dadas em entrevista ao Jornal *Opção*, já mencionado aqui, em que ele afirma o seguinte: “Encarei seriamente a militância no partido. Era um pau para toda obra”. Sobre essa relação e a escrita de *O caminho de Trombas*, lembrando que participou das lutas do Partido Comunista e envolveu-se na guerrilha com o lendário de Zé Porfírio, mencionado no romance, Godoy confessa: “Levei fuzis para os camponeses”. Fora isso, politicamente, também teve problemas com o governo e seus aliados, sofrendo perseguição por ser um “homem de esquerda”, como é o caso de alguns atentados terroristas que aconteceram a pessoas envolvidas ligadas a partidos políticos de esquerda.

Com a continuidade dos atentados e de ameaças a cidadãos, como agora ocorre em Brasília (referência ao atentado à gráfica do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal e às ameaças do advogado e ex-deputado Lycio Hauer e ao escritor José Godoy Garcia), o assunto exige tratamento de emergência (CORREIO BRASILIENSE, 1980b, p. 5).

A movimentação em torno de José Godoy Garcia, portanto, é intensa em todos os sentidos, não deixando ele de participar sempre de atividades relativas à política, literatura, cultura, advocacia, jornalismo e causas sociais. Ainda sobre sua posição política e atuação enquanto advogado, houve um tempo em que não pode atuar, pois foi cassado a mando de alguns colegas de profissão. Por tal motivo, a família conseguiu, anos depois de sua morte, vencer um processo de anistia, conforme lemos em matéria da sessão “Cultura”, do jornal “Tribuna do Planalto”, escrita por Salomão Sousa e publicada em 2018.

Em 2005, a família de José Godoy Garcia conseguiria indenização em favor da esposa Maria Rachel Garcia por **anistia do poeta por ter sido impedido de exercer a advocacia** no período de abril de 1964 a 1980, em decorrência de motivação exclusivamente política. Os advogados que representaram a família relacionam no processo as perseguições que os órgãos de repressão registram sobre José Godoy Garcia nos arquivos da ABIN: atuação no jornal O Estado de Goiás, órgão de divulgação do Partido Comunista; como advogado, em Brasília, **teria o poeta sido mentor de assaltos e outras atividades subversivas no Brasil**; foi indiciado em IPM, em 6 de julho de 1972, onde foi solicitada a sua **prisão preventiva; por ter sido autor do romance ‘O Caminho de Trombas’, que retrata atividades de movimento de camponeses em Formoso**; por ter publicado no jornal Cinco de Março, em 10 de junho de 1968, artigo “no qual eram feitos ataques à Revolução de 1964 e à classe militar”; e, ainda, registro nos órgãos repressivos, datado de 15 de abril de 1972, em que é “citado como advogado em Brasília, mentor de assuntos e outras atividades subversivas no Brasil com verbas recebidas do estrangeiro e **autor do Estatuto da Associação dos Lavradores de Formosa e Trombas**”; por figurar na relação dos fundadores da Associação Cultural Brasil/Cuba do Distrito Federal; e por atuação como advogado da Associação dos Lavradores de Formosa e Trombas (GO). (SOUSA, 2018, s/p. Grifos nossos).

Nessa mesma matéria, o jornalista enfatiza os motivos pelos quais Garcia foi acusado quando de sua cassação, o que inclui, além de participação ativa em atividades do Partido Comunista, a publicação do romance aqui em análise. Sendo assim, enquanto

exercia o papel de literato, não deixaram de o acusar e o romancista, por sua vez, não se silenciou diante das reprimendas.

Em termos de recepção crítica, como já mencionamos na introdução desta Tese, são apenas três os trabalhos acadêmicos mais consistentes sobre a poética de Godoy Garcia. Retirante isso, alguns historiadores, cientistas sociais e pesquisadores de áreas afins utilizaram o romance *O caminho de Trombas* como fonte de pesquisa e o consideraram com valor de documento histórico. Outros trabalhos, como artigos científicos e menções do nome do autor em jornais e revistas, também podem ser encontrados, mas não serão aqui listados por se tratar de um número já considerável. Contudo, ainda é preciso lembrar que esses escritos estão muito voltados para a produção em verso, de maneira que a prosa é menos estudada. Recentemente, publicamos um artigo ressaltando a questão dos conflitos de classes e do autoritarismo em sua relação com o processo migratório n’*O caminho de Trombas*, em que expomos, entre outras leituras, a de que “o romance oportuniza que o leitor não se esqueça desse passado conturbado da história nacional, ficando na memória as lutas populares contra o poder insensato dos ditadores no interior de Goiás.” (DE MELO e CAMPOS, 2019, p. 17).

Fayad (2009) reuniu em sua Dissertação de mestrado todos os comentários encontrados sobre a poética godoyana até aquele momento, de modo que, para sabê-los, pode-se conferir na introdução de seu trabalho¹¹. A pesquisadora analisa *Rio do Sono* (1948), a primeira obra poética de Godoy Garcia, com o intuito de averiguar a

¹¹ Em resumo: *Súmula da Literatura Goiana*, de Augusto Goyano e Álvaro Catelan, (s.d). Nesse livro didático constam alguns dados biográficos e comentários sobre *Rio do Sono*; *Aspectos da Cultura Goiana* (1971) traz artigos que analisam a poesia de Godoy Garcia a partir do que é mais visível em sua poética: o tema dedicado às pequenas cidades, infância e mulheres; *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho, resgata a crítica, oferecendo dados biográficos e a produção de José Godoy Garcia e outros escritores, jornalistas, historiadores e pesquisadores de um modo geral; *Estudos Literários de Autores Goianos e Escritores Literários*, de Mário Ribeiro Martins e *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares, trazem verbetes de identificação sobre o autor; Em *Os Pioneiros da Construção de Brasília*, de Adirson Vasconcelos, Godoy é reconhecido como cidadão e advogado que participou da efetivação da mudança da nova Capital Federal e como contista que retratou tais situações em *Florismundo Periquito*, seu livro de contos; *Estante do escritor goiano*, do serviço social do comércio; *Antologia assim é Jataí*, do escritor e médico Hugo Ayaviri; *Antologia do conto goiano II*, de Vera Maria Tietzmann Silva e Maria Zaira Turchi, (1994), são obras em que aparecem o nome de Godoy como um dos contistas em evidência; Assis Brasil em *A poesia goiana do século XX*, de 1997, apresenta o autor enquanto o poeta que produz poesia livre de formas fixas e voltada para o social; e em *Goiás - meio século de poesia*, de Gabriel Nascente, também está uma poesia de Godoy e considerações que o autor tece sobre o poeta, com alguns dados biográficos.

“lisibilidade realista como recurso transmissor de clareza, homogeneidade e coerência lingüística da sua lírica” (FAYAD, 2009, p. 5).

Já na Dissertação de Luciano Gonzaga Peres (2017), o foco é mostrar a relevância da figura de José Godoy Garcia para a concretização do Modernismo em Goiás, a partir da leitura de poemas de *Rio do Sono* (1948). Para isso, o pesquisador recorre a teóricos que discutem o Modernismo, desde sua fase inicial até a Geração de 45 e, especificamente, volta-se para a revista *Oeste*, que teve grande influência e potencializou a escrita de Godoy Garcia no estado e no país. Finalmente, lança um olhar mais demorado sobre alguns poemas da obra escolhida para análise e faz uma relação entre o autor e demais produtores da literatura em Goiás.

Faz-se importante ressaltar que Godoy Garcia também foi lembrado por críticos de maior envergadura, como Sérgio Buarque de Holanda, em *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária*, no Volume II, em que menciona os escritores de Goiás que foram premiados com a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.

Aliás, a literatura produzida em Goiás teve muito a ganhar com suas publicações que, juntamente com seus contemporâneos, fizeram acontecer uma mudança de perspectiva nas letras goianas. Desde as primeiras décadas do século XX, quando surgiram as primeiras manifestações em prosa (contos) mais contundentes na região, com o Padre Zeferino de Abreu e Hugo de Carvalho Ramos, até os idos de 1960, o que se tinha, apesar de já contundente, era uma literatura bastante voltada para o regionalismo, com certa preocupação em engajamentos sociais e pontos de vista mais centrados no que diz respeito à temática. Sem dúvida, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, por exemplo, são nomes importantíssimos dentro da literatura produzida em Goiás, com prêmios e cadeira na Academia Brasileira de Letras, mas, ainda assim, o que se tem em suas obras e que pode ser discutido em termos sociais fica restrito ao espaço rural e, aqui, objetivamos resgatar as obras que vão além desse regionalismo.

Nessa perspectiva de contribuição com a literatura nacional e regional, se voltarmos um pouco na história dos movimentos literários em Goiás, veremos que eles chegam com certo atraso, mas é por meio de escritos como os Godoy Garcia que vão se consolidar, permitindo a circulação de uma literatura sintonizada nacionalmente. Contextualizando historicamente e recorrendo a datas específicas, da época da

colonização até o período de pós-independência de Goiás, nada ou quase nada se lançou que fosse passível de aproveitamento e aceitação. Nas palavras de Alair Barbosa:

[...] Goiás tem sido uma região periférica. O arcadismo de Minas e do Rio, o neoclassicismo da época da mineração, por exemplo, se manifestou em Goiás, porém com um atraso grande no tempo e trazido por um poeta talvez mineiro, talvez carioca, Bartolomeu Antônio Cordovil. O romantismo já morria em São Paulo e no Rio de Janeiro quando Félix de Bulhões o praticou em Goiás; e já morrera fazia muito tempo, quando Joaquim Bonifácio de Siqueira ainda continuava - fiel - a exercê-lo. E o Modernismo da década de 1920 só chegou a Goiás vinte anos depois, com Bernardo Élis, José Godoy Garcia e outros (BARBOSA, 2008, s/p).

Fica evidente a necessidade de autores que possam preceder aos outros em seu tempo, de modo que as estéticas e movimentos literários nas regiões distantes no eixo Rio-São Paulo estejam alinhados. Teles (2007) esclarece que entre esses foi por meio de Leo Lynce que puderam conhecer e tomar contato com o Modernismo nacional, mas não foi aí o começo desse movimento em Goiás, e sim em 1942, com a participação mais ativa em termos de produção e divulgação de obras do grupo de Godoy Garcia. Segundo Teles (2007, p. 125):

Foi através de Leo Lynce que os goianos tomaram contato, pela primeira vez, com as grandes contribuições estéticas do Modernismo brasileiro. Não foi o autor do primeiro verso amétrico, da primeira estrofe arrítmica em Goiás, que isto por si só não constitui a essência mesma do Modernismo. Referimo-nos à adoção de concepções nacionalistas, de reformulações temáticas e estéticas, de inovações através de uma linguagem valorizada nos seus múltiplos recursos de expressividade.

Assim, o lapso de tempo, marcado pelo anacronismo entre a literatura nacional e a literatura produzida em Goiás seria bem curto, tendo em vista o intervalo que demorou até chegar os demais movimentos literários. Vale lembrar que nos anos 1940 surgiu um grupo de jovens poetas que revolucionou a poesia em Goiás e foi responsável por sintonizar o Modernismo em seu Estado e, dessa forma, quando a terceira fase desse movimento, com a Geração de 45, começou a ganhar corpo no Brasil, esses jovens fizeram acontecer, um pouco anacronicamente, o Modernismo em Goiás. Trouxeram as

características, principalmente do Modernismo de 1922, para mais tarde alcançarem as tendências de 1945. Segundo Fayad (2009, p. 12):

[...] a poesia de Godoy Garcia surgiu em um período em que a situação cultural em Goiânia era de pouco contato com os grandes centros culturais, como São Paulo e Rio de Janeiro, face ao atraso econômico e ao anacronismo que marcavam a cultura e a arte, particularmente a literatura, no Estado de Goiás. No entanto, apesar do isolamento geográfico e da lentidão no progresso cultural, a estagnação não impediu o aparecimento de talentos em Goiânia. Godoy Garcia, nesse sentido, puxa a lista dos que viriam a ser os poetas modernos representativos da literatura goiana: Afonso Felix de Souza (1948), Antonio Geraldo Ramos Jubé (1950), José Décio Filho (1953), Gilberto Mendonça Teles (1955), Cora Coralina (1956), Jesus de Barros Boquady (1959) e Yêda Schmaltz (1964).

Antônio Moreira da Silva, em *Dossiê de Goiás: enciclopédia* (2001), elenca os esses nomes que corporificam a “Geração de 45” no estado de Goiás. Esse grupo lança mão de uma temática regional que, segundo Assis Brasil, “por vezes denunciava uma inesperada postura romântica, mas os versos livres e o repúdio ao soneto davam-lhes crédito modernista” (BRASIL, 1997, p. 20), o que nos leva a inferir que esses autores utilizavam-se dos recursos que tinham no momento para alcançarem reconhecimento de seus talentos até então escondidos no interior do país. É nesse meio que identificamos uma reciprocidade da obra de Godoy Garcia com a estética nacional, já que é possível encontramos, em sua escrita, evidências de um norteamento sintonizado com as demais produções do eixo Rio-São Paulo, como é o caso da aproximação com Manuel Bandeira, além dos princípios direcionados pela sua leitura harmoniosa com os poetas americanos.

Um último fato digno de nota sobre a atuação e a relação internacional de Godoy Garcia com o campo literário, social e político diz respeito a sua participação em palestra-debate, no Itamarati, em 1985, onde o convidado de honra era o renomado escritor e crítico literário mexicano Octávio Paz. Garcia, franco-atirador que era, não se sentiu acuado diante do palestrante e a ele dirigiu algumas críticas que causaram irritação e atrito entre os dois intelectuais:

— “Você é um almanaque que aceita tudo: das bruxarias aos vanguardistas. É preciso examinar as coisas também pelo que não foi dito pelas ditaduras. O seu formalismo eclético me deixou arrasado.

Seu pensamento é muito parecido com o do Pentágono em relação ao sofrido povo da Nicarágua”. Essas foram algumas das colocações mais críticas e veementes feitas ao Octávio Paz pelo poeta José Godoy Garcia, durante o debate travado no Itamarati. Paz não pode esconder uma ligeira irritação, limitando-se a classificar as severas críticas do nosso Godoy de “enfermidades do século e de intolerâncias” (CORREIO BRASILIENSE, 1985, p. 21).

Despertado o incômodo ao visitante, este ficou arredio e sem interesse nos demais temas levantados no debate, passando a não mais responder os presentes. É de se notar, contudo, que o intelectual goiano seguiu apenas o decurso normal de eventos como esse e expressou sua opinião sobre o posicionamento do convidado, dirigindo-se diretamente a ele. Levando em conta que Garcia foi um homem de duras críticas, independente de quem se tratasse e inclusive com ele próprio, o incomum em casos como esse seria ele ter dado um tratamento bajulador a Octávio Paz. Ter dito tais palavras não significa rejeição total aos pensamentos do crítico mexicano, apenas direciona os propósitos de Garcia para a temática discutida naquela ocasião, qual seja: política.

Por fim, julgamos válido lembrar que, em 2018, comemorou-se o centenário de José Godoy Garcia, no dia 03 de junho, em Jataí, quando e onde seus familiares idealizaram e realizaram um evento em homenagem ao escritor goiano. Na ocasião, foram lidos textos do poeta, além de sua biografia e outros escritos sobre ele, por vários convidados, entre eles acadêmicos, críticos, familiares e atores. Também foi exibida uma reportagem, feita pela TV Anhanguera, que já havia sido reproduzida no jornal local na semana anterior, para a qual foram coletadas informações mais assertivas acerca do autor, dadas por familiares, amigos e estudiosos de sua obra. Ressalto que tive o prazer e a honra de ser convidada, tanto para o evento quanto para a reportagem, enquanto pesquisadora de sua poética. Essa participação muito contribuiu para conhecer mais de perto e de modo mais efetivo sua vivência, bem como sua família e, conseqüentemente, entender seu processo de escrita literária em relação aos temas abordados, uma vez que, com a experiência, mostrou-se bastante pertinente.

Traçada a bibliografia e feita sua apresentação, passamos à apresentação e, posteriormente, à análise de seu único romance, o qual leremos sob uma ótica teórica que nos convida a pensar sobre vários temas, além do central, que escolhemos para esta pesquisa: o da migração; o romance em questão tem características de uma obra

histórica, além de abordar assuntos como identidade, alteridade e relação campo e cidade, pontos aqui colocados em discussão.

2.2 Sobre *O Caminho de Trombas*

A obra aqui em destaque foi publicada pela Civilização Brasileira, em 1966, e recebeu prefácio de Moacir Félix, editor e crítico que, em 1964, foi acusado pelo movimento militar de defender uma literatura considerada subversiva¹², enquanto, na verdade, o que procurava era publicar obras com perspectivas culturais abertas e que possibilitassem novos horizontes para a literatura, principalmente quando se tratava de novos escritores. Até onde temos conhecimento, o romance conta apenas com a primeira e única edição, cujos exemplares que ainda podemos encontrar são bastante raros.

Quando de sua publicação, alguns jornais de circulação nacional, como o Correio Brasiliense, divulgaram o convite para o lançamento da obra, que aconteceu no dia 1º de dezembro de 1966. Esses anúncios circularam na véspera e no dia do lançamento com os seguintes dizeres, respectivamente:

Amanhã, às 19 horas, será lançado na Livraria Civilização Brasileira, da Sq. 309, o livro de José Godoy Garcia, “Caminho de Trombas”. Livro excelente, livro que nos aproxima de problemas, sofrimentos, lutas dos pequenos agricultores de Goiás, num estilo vigoroso e original e com uma imensa ternura humana que desperta a revolta contra as injustiças e o entrosamento com problemas e seres que vivem tão perto de nós e que, graças a este livro, vislumbramos e compreendemos, repentinamente. (JEAN, 1966, p. 9).

O livro “Caminho de Trombas”, de José Godoy Garcia, será lançado hoje, às 19 horas, pela Civilização Brasileira. Segundo o convite, “todos os escritores, pessoas ligadas à literatura e conhecidos leitores desta capital” foram convidados a comparecer à livraria da 309. (CORREIO BRASILIENSE, 1966, p. 8).

Evidenciamos que, ter sido publicado pela Editora Civilização Brasileira, eleva a condição autoral de José Godoy Garcia, porque essa foi uma casa de publicação do Rio de Janeiro considerada como um marco na história do Brasil, principalmente na década de 1960, por ter um engajamento e uma postura arrojados naquele período. Com

¹² Cf.: <https://www.almadepoeta.com/biblioteca/moacyrfelix.htm>. Acesso em 19 jun. 2019.

sociedade de Ênio Silveira e Moacir Félix, a editora fez muito pelo campo cultural brasileiro ao trabalhar com um grupo de intelectuais bastante ativo na militância contra a ditadura no Brasil. De acordo com Rocha (2012, p. 9):

A editora que possuía uma postura arrojada para a época, havia a preocupação em não elitizar o consumo literário, permitindo um maior acesso da população aos seus produtos através do uso de brochuras. Os títulos de seu catálogo eram escolhidos com grande cuidado e a casa era reconhecida por seu posicionamento contrário ao governo repressor.

Trata-se, portanto, de um veículo que possibilitou horizontalizar as formas de divulgação da cultura e dos ideais políticos, fazendo chegar à população o maior número possível de informações por meio de suas publicações que expunham as ultrajantes ações da ditadura e, além disso, apoiavam a esquerda política. Intelectuais da alçada de Carlos Heitor Cony, Antônio Callado, Dias Gomes, Millor Fernandes e Flávio Rangel foram publicados pela Civilização Brasileira e, mesmo com a repressão do governo, com os Atos Institucionais (AI), a censura, atentados e várias visitas inesperadas, a casa continuou com suas atividades. Rocha lembra que: “Entre os anos de 1964 a 1968 a CB foi o principal alvo desse tipo de ação, chegou a ser invadida e ter sua produção editorial apreendida” (ROCHA, 2012, p. 13).

Além disso, sabemos ser o contexto da publicação de *O caminho de Trombas* aquele que teve um despertar cultural e intelectual no Brasil, fato que possibilitou tantas e importantes obras a nível nacional, como é o caso da coletânea de contos de Guimarães Rosa (*Primeiras Estórias* - 1962, *Tutaméia – Terceiras Estórias* - 1967 e *Estas Estórias* – 1969); *A paixão segundo G.H.* (1964), de Clarice Lispector; *Quarup* (1967), de Antônio Callado; os contos críticos representando as adversidades das cidades de Dalton Trevisan e, mais especificamente em Goiás, J. J. Veiga, com *A hora dos ruminantes* (1966).

A editora aqui em pauta não publicou apenas livros endereçados e engajados a um grupo social e político específico, como imprimiu vários números e exemplares da *Revista Civilização Brasileira*, para deixar claro seu posicionamento diante das constantes retaliações. Ainda é Rocha quem nos dá a seguinte informação:

Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira, compreendendo a predisposição do público leitor, investiu em um catálogo com temas sociais e políticos, fazendo dos estudantes universitários, seu principal público-alvo. A Revista Civilização Brasileira foi um periódico vital na época, recheada por ensaios de autoria dos mais diversos pensadores brasileiros, a revista era leitura indispensável dos jovens universitários ainda hoje é referência de qualidade por seus artigos. (ROCHA, 2012, p. 22).

Percebe-se aí a importância dessa editora e, conseqüentemente, das publicações advindas dela, como é o caso de *O caminho de Trombas*, cuja capa foi feita por um dos nomes mais importantes daquela época e da editora em questão, que é o do designer gráfico Marius Lauritzen Bern, também pintor e fotógrafo, nascido no Rio de Janeiro e também ativista político e cultural. Segundo Rocha (2012, p. 8):

Ainda trabalhando no “Estúdio Gráfico”, Marius Bern iniciou sua parceria com a Civilização Brasileira através do editor Ênio Silveira no ano de 1965, após a saída do designer Eugênio Hirsch. No período de 1965 a 1970 Marius Bern permaneceu como principal designer da Editora Civilização Brasileira.

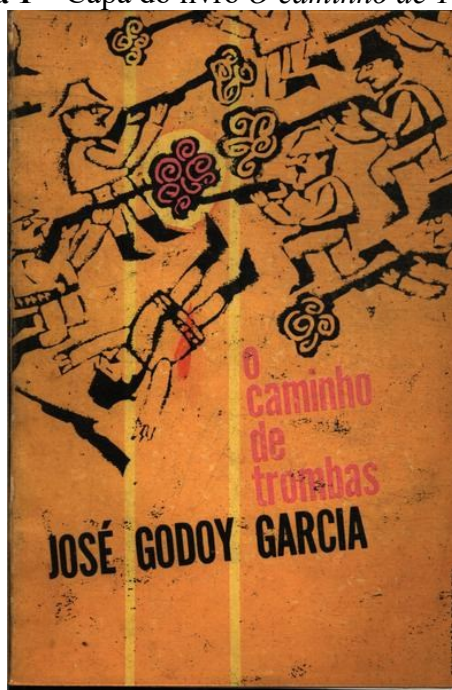
Trabalhando na editora na época da publicação do livro de Godoy Garcia, Marius Lauritzen Bern foi o responsável pela curiosa capa, que nos dá elementos para análise ao trazer uma imagem que já expressa visualmente a militância política e social registrada no livro, sendo essa uma das características nas produções gráficas e artísticas do período em questão. Intui-se que o capista tenha, antes de realizar sua criação, tido conhecimento do conteúdo do livro, o que lhe permite fazer uma arte que interaja com o conteúdo textual.

N’*O caminho de Trombas*, a capa (Figura 1) é constituída por um desenho que representa uma batalha, um evento bélico, com alguns homens empunhando e manejando armas que parecem ser espingardas. Esse é o contexto da obra, a guerrilha de Formoso e Trombas, da qual participaram alguns dos personagens em destaque na narrativa. Na imagem, que não tem muitas cores, há alguns pontos que precisamos destacar: os desenhos que representam o fogo saindo das armas parecem rosas que se formam a partir do disparo dos tiros, no entanto, essa é uma figura paradoxal ao real sentido da ação e do objeto, mas, ainda assim, conotativamente, pode representar a natureza, que é tão presente na obra de Godoy Garcia, inclusive pela cor rosa, que faz

alusão à própria imagem, pois, além de dar nome à cor, também é um tipo de flor; a mancha vermelha que está sobre o homem deitado evidencia o ferimento e a possível morte de um dos guerrilheiros, que tem sua arma caída e longe do seu alcance; as faixas amarelas podem significar as fronteiras, os limites e as demarcações de terras naquele contexto, as quais não podiam ser ultrapassadas, bem como pode também fazer alusão aos dois macroespaços da narrativa, o campo e a cidade.

Com relação aos homens, não há como identificar sua identidade, quem são os soldados do governo e quem são os outros. Todos estão de uniformes e o traço que os distingue é o chapéu, alguns pretos, outros sem preenchimento de cor, mas não podemos dizer qual dos grupos representa os respectivos partidos e/ou classes. Apenas um deles está de pé, enquanto os demais estão ajoelhados, em posição de batalha, e um está ferido, caído ao chão. Essa imagem dá o tom do que seja uma guerrilha, traz os elementos principais desse tipo de conflito e, acima de tudo, representa completamente o enredo godoyano, uma vez que é por meio de várias lutas que os homens conseguem chegar a Trombas, isto é, o caminho até lá é de conflito, de guerras, é pesado e é um divisor de águas na vida dos homens que precisaram passar por ele. Alguns foram, chegaram, outros ficaram pelos caminhos, morreram. Todos trilharam os mesmos caminhos, admiraram a mesma natureza, mas somente alguns ultrapassaram os limites.

Figura 1 – Capa do livro *O caminho de Trombas*



Fonte: acervo da autora (digitalização)

Ao analisar *O caminho de Trombas*, percebe-se que a estética de Godoy Garcia é marcada por uma linguagem fluida e dinâmica, sempre em movimento, que conduz o leitor a vislumbrar uma obra completa, é dizer, ao ler esse autor, infere-se a necessidade de um alcance total de sua escrita, é preciso ler poesia e prosa para ver que a obra se completa, tendo em vista que, por vezes, os poemas podem ser lidos como epígrafes de algum conto ou do romance. Tal configuração, na análise que ora propomos, prende a atenção para o desenvolvimento da história, que trata de um tema universal, relação campo e cidade e sua divisão de classes sociais, mas com características do regional. Aqui, por tema universal entendemos a temática da migração e da relação entre campo e cidade, que ocorre em diversas áreas do mundo; já o regional é o destaque que se dá para esse tema, mas voltando-se para as particularidades do Centro-Oeste brasileiro, mais especificamente, em Goiás.

Nesse romance, percebemos uma voz narrativa onisciente, que é de quem conhece tudo sobre os personagens, é aquele narrador que, de acordo com Vargas Llosa (2015, p. 153):

[...] tem, em termos numéricos, a responsabilidade principal do relato, é quem narra quase tudo o que ocorre e quem descreve quase tudo o que existe na realidade fictícia. Não faz parte do mundo narrado, é exterior a ele e fala na terceira pessoa do singular. Seus atributos são a ubiquidade, a onisciência e a onipotência. [...] Presencia e relata com igual soltura o que acontece no mundo exterior e na intimidade secreta dos personagens [...].

Essa voz pode ser identificada no trecho em que Velho Juliano e seu filho Custódio partem, mais uma vez, em busca de nova morada. As reflexões dos personagens são feitas através da voz desse tipo de narrador: “As lágrimas visitavam os olhos do velho nos caminhos e os dois rompem silenciosamente. Juliano pensa que também o filho não quer mais viver. Custódio chama-o para descansarem e o velho aceita de bom grado e pensa que a sua hora é chegada.” (GARCIA, 1966, p. 60). Assim, o leitor sabe o que se passa com cada um dos personagens, mas eles próprios não conseguem acessar os pensamentos um do outro, a menos que haja um diálogo, o que não acontece nesse momento e, quando ocorre, a fala exteriorizada não condiz com o

que antes fora expresso, pelo pensamento, de modo que o narrador tem o conhecimento de tudo que se passa com o personagem, mas “fala” somente o que lhe convém.

Vejamos: Juliano quer morrer, quer parar de caminhar porque acha que está prestes a partir e sofre ao pensar que isso pode ocasionar mudanças na vida do filho. Sabemos desses fatos porque o narrador nos conduziu a isso, mas Custódio não sabe, porque não houve diálogo com o pai. Mais adiante, ao ser questionado para onde vão, Juliano responde: “__ Custódio, é andar, é procurar uma lavoura...” (GARCIA, 1966, p. 60). O narrador onisciente seleciona, então, o que vai deixar explícito dentro dessa realidade fictícia, de modo que dá a conhecer aos demais personagens somente o que lhe interessa. O leitor, por sua vez, por intermédio desse narrador, tem acesso tanto ao pensamento quanto às ações dos personagens.

Em outros momentos, há a presença de uma voz “filosófica” e reflexiva que não necessariamente está vinculada a uma personagem. Logo, existe uma multiplicidade de narradores, e não apenas um, como seria mais usual, tradicionalmente falando. Por exemplo, há trechos descritos nos quais não é possível identificar a presença de personagem e o narrador se difere daquele mencionado acima, pois ele parece estar inserido na narrativa e não externo, embora não haja uma voz explícita, se primeira ou terceira pessoa. Lemos o seguinte:

O mês de julho se aproximava e trazia o vento frio. O amanhecer era cheio de calma e muito sol, um sol transparente que varava as copas das árvores, penetrava nas fendas das matas, banhava as águas sempre puras dos riachos, as águas que ainda davam bom sinal de vida. Mas logo o sol ia alcançando as alturas, enrijecendo sua fôrça plena, os ventos vinham batendo com fúria [...]. Sol e vento caminhavam para a descida dos elementos, era a ruína, a grande e opaca ruína que cobria tôda a extensão da terra. [...] Depois, as nuvens, altas, correndo, sempre correndo, quando não se paralisavam à semelhança das horas dos mormaços preguiçosos. Nada havia de vida na terra e na alma dos homens. A vida era vazia, o corpo e a alma dos homens abandonados de esperança. [...] (GARCIA, 1966, p. 44-45).

É uma gradação temporal, que narra os elementos da natureza em sua força e movimento ao longo das estações, que o narrador compara aos homens e suas almas. Não diz respeito à individualidade de um personagem, mas alcança a todos, já que o foco narrativo, nesse momento, não recai sob um ângulo específico, a não ser aquele

que pode ser visto por todos. Talvez sua escolha em trabalhar com tantos narradores e personagens esteja, justamente, em sua percepção de que “o foco narrativo é sempre um ângulo que pode desfigurar uma trama ficcional e desnaturar a intenção e o fôlego realista de uma obra. (GARCIA, 1997, p. 45-46). José Godoy não quis oferecer ao leitor apenas um olhar ou posicionamento, isto é, o foco narrativo no escritor goiano é desvinculado de um herói, ele é compartilhado entre as várias personagens. É fato que sua ideologia social e engajamento condicionam para uma leitura que reflete a defesa aos menos favorecidos, é justificável o foco narrativo em Godoy Garcia não ser voltado para os que representam o poder, a classe dominante, o *status* social elevado, o governo.

Por sua vez, trazendo ao campo prático da literatura, um dos perfis do narrador de *O caminho de Trombas* é exatamente esse que direciona o leitor a conhecer tanto personagens quanto espaço e tempo, mas, principalmente, os passos daqueles personagens em destaque na narrativa:

Prêto Soares presenciava, via os lavradores esperar que alguma coisa acontecesse, e esperando por essa coisa ou por Deus Nosso Senhor ou não esperando por nada, deixavam o tempo escoar sem que tivessem nenhuma iniciativa de louvor. Conhecia os homens e sabia, por exemplo, que uma doença nova podia crescer e virar doença maligna. E cresceria, até a morte. [...] Prêto Soares se contrariava. Mas êle também via que sua ira pela indiferença de todos em nada ajudava e se punha mais uma vez aos caminhos. Seria falar mais, convencer os homens a fim de que tivessem uma ação pronta. (GARCIA, 1966, p. 26-27).

Ora, o narrador aqui parece estar o tempo todo ao lado de Prêto Soares, pois sabe de todos os seus passos, sabe o que ele espera, sabe o que sente. Em um momento de reflexão e preocupação do personagem, o narrador mostra, sob mais de um ângulo, o que pensa Prêto e como ele se sente em relação à decisão que precisa tomar para que os lavradores pudessem acreditar, como ele, que se todos lutassem juntos e pensassem na mesma proposta, poderiam vencer a luta contra os fazendeiros pelo direito a terra.

Posteriormente, já quase no final da narrativa, a personagem de Prêto Soares surge representada por outro tipo de narrador, que é o personagem, em primeira pessoa, falando por si, sem uso do discurso direto. Há uma mudança significativa de um parágrafo para o outro, no que diz respeito ao ponto de vista do narrador. No final da última parte do livro, no capítulo oito, um dos parágrafos começa da seguinte forma:

“Prêto Soares andava os caminhos. Era um homem forte. Era um homem que ninguém vencia e a sua fortaleza estava na sua bondade e na sua mente” (GARCIA, 1966, p. 198). E termina assim: “Quem podia falar que êste era o Prêto Soares de anos antes”. (GARCIA, 1966, p. 198). Na sequência, o parágrafo começa com as palavras do próprio personagem, na primeira pessoa do singular, sem qualquer traço que indique o discurso direto:

Eu penso na vida do lavrador e sei que é uma vida que pouca gente pensa nela.

Meu nome é Prêto Soares, vivi em muitos lugares. Um dia quase morri de bexiga, minhas faces têm a marca da doença até hoje. Foi Desidéria que me ajudou a curar. Conheci Desidéria nessa doença. [...] Aprendi a cuidar melhor da vida de meus irmãos. (GARCIA, 1966, p. 198)

A partir desse ponto, outra mudança de narrador, porque o discurso passa a ser impessoal, não tendo mais a marca do pronome pessoal ou da conjugação verbal em primeira pessoa. E é nesse tom que passa a ser narrado texto: “Lavrador sofre muito pelas quinze bandas do mundo. Lavrador não gosta de que falem nesta sua miséria. O que lavrador gosta é de terra, de um rancho seu, uma água e um mato bom”. (GARCIA, 1966, p. 198). E termina o capítulo, sem mudar de parágrafo, falando por uma coletividade de lavradores, elevando-os a uma divindade que se configura no humano: “Lavrador é um Deus Nosso Senhor do suor que está crucificado na cruz e que não tem nada, nem pranto, nem alegria, nem horizonte. O lavrador é um homem, é uma mulher, são os meninos do campo”. (GARCIA, 1966, p. 199).

Em uma obra com tantos personagens como a de Godoy Garcia, as vozes narrativas também são múltiplas, já que, em diferentes momentos, identificamos a presença do discurso livre, mas principalmente o indireto livre. Ademais, existe uma primeira pessoa do plural, que fala pelo todo e pelo coletivo, ao mesmo tempo em que se marca o recurso da terceira pessoa, falando exclusivamente pelo outro; em alguns momentos identifica-se, ainda, um “narrador-filósofo”. Todos esses tipos aparecem na teoria de Vargas Llosa (2015) e ajudam a pensar a dinâmica narrativa godoyana, que apresenta traços de uma narração múltipla e vai além do uso do discurso indireto livre, em que mais de uma voz é colocada em evidência, ou seja, o relato é feito a partir de mais de uma enunciação, o que não significa dizer que há uma posse do pensar do outro,

mas uma interpretação, um novo olhar. Logo, a quantidade de discursos presentes é tanto quanto ou aproximada à quantidade de personagens, que podem ou não se apossar da mesma opinião e/ou identidade, de modo que “cada verdade mostrada não exclui as outras verdades possíveis em torno do mesmo tema” (ÁVILA, 2012, p. 67).

Do mesmo modo, a teoria de Friedman (2002) nos faz pensar em uma onisciência seletiva múltipla, em que o autor recupera certas percepções das personagens, expondo-as diretamente ao leitor. Assim, quem fala é a personagem e o narrador apenas assume aquele pensamento, um de cada vez, de acordo com a necessidade de cada personagem. Nesse momento, há uma predominância do discurso indireto-livre. Sendo assim, não só os discursos, mas também as vozes narrativas, os fatos e as ideologias podem variar de acordo com o tipo de personagem que o narrador aparece representando. Se o texto for conduzido por um único narrador, de primeira ou terceira pessoa, geralmente, predomina-se uma ideologia e uma opinião a respeito dos acontecimentos, que está voltada para a defesa do grupo de trabalhadores e migrantes, nesse caso, há uma linearidade no discurso, ainda que o personagem mude de opinião em algum momento. No entanto, a mescla de vozes narrativas encontrada na obra de Godoy Garcia assemelha-se ao discurso indireto livre, as perspectivas ampliam-se e pode haver defesa de pontos de vistas distintos.

Vejamos o caso da figura feminina em momentos diferentes do texto. No início da narrativa, ela é apresentada por um narrador onisciente que, fazendo uso do discurso indireto livre, expõe o pensamento do personagem Juliano sobre a mulher. “‘Tendo uma *mulherzinha*, taí, ela pode arrumar minha roupa mais a do Custódio. Onde já se viu a gente ficar *bancando caseira* o resto da vida?’” (GARCIA, 1966, p. 4. Grifos nossos). Ao usar o substantivo mulher no diminutivo, o personagem desvaloriza o papel da mulher, colocando-a em um lugar de subalternidade e desmerecimento, não reconhecendo seu valor humano. O mesmo acontece quando ele se refere a essa figura como “caseira” e se recusa a exercer essa atividade “o resto da vida”, demonstrando desconforto em assumir tal posição e assumindo que essa é uma função que deve ser desempenhada pela mulher, ou seja, ela é vista apenas como uma espécie de ferramenta, que serve apenas para o trabalho braçal e a lida com as coisas domésticas.

Para além disso, Juliano tem ainda uma visão mais preconceituosa e machista do sexo oposto (que é, até hoje, uma marca da sociedade), quando a trata como objeto,

desdenhando da condição alheia: “Era seu orgulho saber que o filho ia tomar mulher e era engraçado saber que a mulher ia ser a Jerônima e engraçada também pensar Custódio *dono de mulher* e grudado nela nas noites e nos dias e com responsabilidade de marido” (GARCIA, 1966, p. 4. Grifo nosso). Jerônima, aqui, está completamente escondida por trás de uma ideologia hegemônica e autoritária, não tem voz, não tem vez, não tem condições de se defender, aliás, ela nem é uma personagem que aparece “fisicamente”, é apenas aludida, lembrada, mencionada, o que corrobora para pensar no fato de que o narrador, nesse momento, a despreza, fazendo coro ao posicionamento de Juliano e sendo os dois um só. Considerada meramente um objeto sexual e de prazer para Custódio, a mulher é, mais uma vez, rebaixada à condição de submissão e desvalorização, enquanto o homem é elevado a um patamar viril e de dominador, de provisão e responsabilidade.

Mas, outra voz narrativa que aparece no final do romance, e em outros momentos, carrega a responsabilidade de anunciar a figura feminina de maneira oposta à contemplada por Juliano. O narrador que surge agora é um observador e quase filósofo, que se ocupa em pensar o que se passa no pensamento e na vida das mulheres, bem como questiona a existência das coisas no e do mundo e de Deus. Ele se coloca ao lado de Pureza, infiltra-se em seus pensamentos. Ela é a falecida esposa de Juliano, esse personagem que já sabemos o que pensa das mulheres e o que espera delas. O novo narrador carrega uma ideologia muito diferente em relação à do anterior e traz a seguinte reflexão:

Velha Pureza não gostava. A velha nunca achava bom se entregar a Juliano de Madrugada. Mulher tem suas dificuldades. Mulher tem gente que pensa que elas vivem para abrir as pernas para os homens. Tem coisas que só elas têm. Tem segredos que só elas têm na natureza. As pernas, os peitos, os ombros, o misterioso e sagrado ventre. Mulher tem suas dificuldades que os homens, muitos homens, não entendem. Mulher sofre muito padecimento. Muito dissabor. Muita miséria. Muita dificuldade de viver. Mulher é uma agitação contínua de solidão. (GARCIA, 1966, p. 197).

Ao contrário da voz que conduz o pensamento e as ações de Juliano, essa que aparece agora é completamente voltada em defesa da mulher e a compreende perfeitamente, de modo que fica clara a mudança de narrador. É o mesmo tema, mas com ideologias distintas, são as várias vozes que anunciam um assunto semelhante, é o

narrador múltiplo. O texto volta-se para (re)pensar o papel feminino no contexto da narrativa e explorar a outra face, a verdadeira interessada em anunciar seu lugar de fala e posicionamento. Ainda assim, ela ainda não tem voz, não é uma personagem ativa, por assim dizer, todavia, já se delineia uma defesa da mulher e um reconhecimento de seu valor humanitário, não mais a rebaixando à subordinação, mas exaltando e realçando suas particularidades.

Na narrativa godoyana, de acordo com a propositura de Vargas Llosa (2015), existe o narrador-filosófico, que transmite uma ideologia coletiva, não se filiando a nenhum personagem em específico, característica que corresponde bem à proposta do romance, já que sabemos ser uma narrativa de multidão. Assim, a voz narrativa que se instaura nessa hora é a que representa, se não todos, a maioria dos personagens da obra. De acordo com o crítico literário:

a coleção de afirmações do narrador-filósofo dá forma a um plano da realidade fictícia: o ideológico. Não a ideologia deste ou daquele personagem, mas a geral, imanente àquela sociedade, o sistema básico de ideias no qual os personagens nascem, vivem e morrem, e que é elástico o bastante para admitir em seu seio ideologias contraditórias de classes, grupos sociais e mesmo de pessoas. (VARGAS LLOSA, 2015, p. 159).

Em diálogo com essa ideia de ouvir a sociedade e não apenas um ou outro, Justino (2015, p. 138) aponta o seguinte: “A produtividade dos muitos na obra exige do crítico a observação de fatos difusos, uma realidade cuja complexidade jamais pode ser reduzida ao ponto de vista do um, seja o narrador, o protagonista ou o autor, posto como foco ou núcleo pregnante da narrativa”. Ou seja, na literatura de multidão, mesmo tendo mais de um narrador, não se deve dar ouvidos somente a ele, é preciso ir além e atentar-se, também, para os outros componentes da narrativa. Em *O caminho de Trombas*, não existe um protagonista, o que exige atenção redobrada do crítico, para não cair na armadilha de querer voltar-se para a multiplicidade de focos narrativos e esquecer-se dos demais fatos.

Ser multitudinário consiste em ser múltiplo, logo, a elasticidade aviltada por Vargas Llosa aproxima-se dessa multiplicidade, porque há na narrativa ideias que representam as diferentes instâncias ideológicas, inclusive dentro da mesma classe social, como a divergência entre os trabalhadores que acham que a vida no campo é

melhor e os que preferem a cidade como espaço de sobrevivência. Fora isso, nos momentos em que aparece uma voz que representa um grupo social, ela sempre está voltada para um tema que é comum a todos, como a religião, a necessidade de ação política, a ligação do homem com a terra, a relação campo e cidade, entre outros. Quando isso acontece, o que se narra é sempre no sentido de reflexão ou teoria, às vezes até usando a personificação, enquanto figura de linguagem, para dar características humanas ao espaço ou a algum objeto. No romance:

A cidade vivia na sua mansidão. Aparente e velha mansidão. A cidade, como qualquer mulher desgastada, ainda que vencessem os dias de viço nos caules, as paredes enegreciam e os muros de terrenos baldios assinalavam sempre a corrosão da vida. Os tempos chuvosos apodreciam o cotidiano miserável e sem honra. Com alguns dias de sol, um sol sempre insano, a poeira enegrecia e enervava os elementos, igual mesmo ao que sempre acontece com a pele dos animais que se encrespam com a contínua mutação do tempo. Certo seres viventes sentiam os ossos estalarem e engoliam a vida tediosa, como cães bernentos no entardecer, um tal viver, como um castigo, uma insegurança estriada de enervamento e preguiça. A cidade como um coração. As suas estradas podiam contar muitas histórias. Mas viviam, solenes, ridículas, desgraçadas. A vida se fazia por elas em todos os rumos. [...]. (GARCIA, 1966, p. 193).

Não há personagem específica, trata-se de uma ideologia comum a todos, é o espaço onde vivem que está sendo narrado, a partir de uma perspectiva horizontal, que enxerga a cidade como um lugar cheio de histórias e amplo, recebendo todas as pessoas e sentindo todas as dores, mas também vertical, que começa mansa e, depois, pulsa como um coração, em um ritmo intenso e marcado pelas muitas desgraças. Aqui, o narrador parece estar presente e distante, simultaneamente, pairando sobre a cidade, como se olhando por cima, para identificar os caminhos daqueles que por ela passam e fazer a seleção do pensamento coletivo, do todo, da multidão que circula.

Definitivamente, esse é um romance com várias vozes, com vários narradores, rico ao mostrar tantas particularidades em uma só narrativa. No emaranhado das personagens, as relações se cruzam, mas o leitor não se perde, sendo possível acompanhar a progressão do texto literário. Há uma linearidade temporal que facilita a identificação dos cruzamentos e, mesmo quando tem uma volta ao passado ou a uma passagem anterior, o(s) narrador(es) são alinhados ao que se passa ali.

Estruturalmente, a obra é constituída por cinco partes, quais sejam: “Os dias de São Domingos”, “Os caminhos da cidade”, “A Servidão”, “A derrubada do mato” e “Cirilo, Doraci e Desidéria”. Todas essas partes são subdivididas, com numerais arábicos, a fim de que o leitor possa se guiar pela narrativa e acompanhar as “idas e vindas” dos numerosos personagens, bem como sua localização, que ora é no campo ora na cidade. Tais subdivisões funcionam como se houvesse várias câmeras e, a cada nova marcação, surge uma cena diferente, que direciona o leitor para o foco narrativo que o narrador quer chamar a atenção. Desse modo, há 16 subdivisões na primeira parte; 18 na segunda; 9 na terceira; 3 na quarta e 11 na quinta e última parte do romance.

A narrativa de Godoy é constituída por uma vasta gama de personagens, apresentados no decorrer do texto de modo que em todos os capítulos têm personagens novos e, ao final, conhecemos quase uma centena deles. Lembrando que não há no romance um personagem principal, herói ou vilão, mas existem alguns que se destacam mais dentro da história por estarem inseridos tanto no espaço rural quanto no urbano, por atuarem mais presentemente ou por serem mencionados e aparecerem mais vezes, como é o caso de Prêto Soares, Cirilo, Doraci e Desidéria.

No início da obra, o leitor é apresentado a alguns personagens, suas características físicas e psicológicas, bem como aos costumes e à cultura do lugar onde vivem: o campo. Mais adiante, surgem os que vivem na cidade, os que circulam pelos dois espaços e os que são mais passageiros, aparecendo em segundo plano, como que para completar a existência de outros. Há ainda os personagens que se configuram como representantes de figuras históricas e políticas existentes no contexto da narrativa, como o governador Bueno.

Desse modo, no romance, há personagens planas e esféricas, no sentido do estudo levantado por Candido (1976, p. 47), quando fala que personagens planas, “Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única idéia ou qualidade; quando há mais de um fator nêles, temos o começo de uma curva em direção à esfera”. Essa assertiva se refere àqueles que, no decorrer da narrativa, não apresentam variações físicas nem psicológicas, geralmente, como os que aparecem em segundo plano no romance de Godoy Garcia. Já as esféricas, o autor conclui: “[...] se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender”

(CANDIDO, 1976, p. 47). Sendo assim, podemos identificar que em *O caminho de Trombas* tal personagem aparece nas figuras de Prêto Soares e Cirilo, por exemplo, por apresentarem mudanças em seus comportamentos que, no início da narrativa, o leitor não identifica.

Ademais, é preciso lembrar que todas as pessoas apresentadas na narrativa, sendo elas apenas ficcionais ou com traços de figuras reais, no texto literário configuram-se como um modelo, alguém em quem o romancista se inspirou para desenvolver sua história, afinal, para que haja uma verossimilhança, o leitor precisa entender que há uma relação entre o personagem e o mundo real. No entanto, não é possível que haja uma cópia real da pessoa humana colocada na ficção. Nas palavras de Candido (1976, p. 49):

pode-se copiar no romance um ser vivo e, assim, aproveitar integralmente a sua realidade? Não, em sentido absoluto. Primeiro, porque é impossível, como vimos, captar a totalidade do modo de ser duma pessoa, ou sequer conhecê-la; segundo, porque neste caso se dispensaria a criação artística; terceiro, porque, mesmo se fosse possível, uma cópia dessas não permitiria aquele conhecimento específico, diferente e mais completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção.

Impossibilitada a reprodução fiel, resta ao romancista tomar a pessoa real como base e fazer as modificações cabíveis, dentro das possibilidades verossímeis, para apresentar seu personagem, o qual carrega traços de realidade, uma vez que seu criador o molda de forma a apresentá-lo por completo e fornecer ao leitor as características mais básicas e as mais complexas, o que não conhecemos nem das “pessoas reais”, logo, o ser ficcional é mais completo e desnudo que o real, dentro dos limites de criação.

Pensando na relação existente entre ficção e realidade, que aqui podem ser lidas como a literatura e a história, convém refletir sobre o assunto dentro do contexto da obra em análise, a qual é desenvolvida tendo como pano de fundo central alguns fatores sociais e políticos que marcaram a história de Goiás entre os anos de 1940 e 1960, inclusive com referência a algumas figuras públicas. Tais aspectos estão diretamente ligados às palavras literárias que o ficcionista utiliza para recriar os fatos e apresentar sua versão do que foi a experiência vivida pela classe trabalhadora, rural e urbana, em uma época marcada por um governo autoritário e repressor. João Batista Cardoso

(2012) pensa essa relação de proximidade colocando a memória como responsável pelo resgate da realidade constante na ficção. De acordo com Cardoso (2012, p. 88):

A memória penetrou no texto literário, sobretudo, por meio dos personagens reconhecidos como existentes na realidade concreta. Quando esses personagens passam a fazer parte de um texto ficcional, tornam-se ficção naquele texto. Isso decorre de sua interação com os personagens não reconhecidos na realidade, isto é, com personagens ficcionais nascidos nos limites da economia do pensamento e da criatividade do escritor, o que induz ao conceito de migração da realidade histórica para a ficcional. Ao migrar da vida para o romance, o personagem ou o acontecimento tornam-se ficcionais, mas não se despem inteiramente de seu conteúdo de referencialidade, nesse momento tanto o personagem como o acontecimento conduz a história para a literatura.

Consoante com a assertiva, ainda que a arte não tenha compromisso com a verdade, ao fazer uso de um personagem ou acontecimento para a ficção, ela não vai deixar de manter sua referencialidade, ou seja, no texto literário, a figura real é vista como personagem criada, mas também não perde seu valor de pessoa pública. O papel do autor, nesse momento de transposição do real para o fictício, é exatamente o de usar sua criatividade para colocar ficção e realidade em diálogo.

No romance, não há preocupação em evidenciar o que foram os acontecimentos sociais para o governo, pelo contrário, o compromisso de José Godoy Garcia é com o ontológico, é dizer, com o homem e o que representou para ele ser expulso de suas terras e precisar procurar abrigo e meios de subsistência em outro lugar, o que importa ao escritor é ir além da realidade e imaginar o que poderia ter acontecido. Igualmente, uma das preocupações do ficcionista referente ao homem migrante é se ele encontrará o que procura, afinal: segurança e tranquilidade no lugar de destino, o que implica pensar na fragmentação da identidade desse sujeito. Mas, nessa relação de construção de identidade migrante, ao mesmo tempo que tem uma fragmentação, existe também um fortalecimento dela, porque cria-se uma rede social a partir da união dessas pessoas.

Do ponto de vista existencial, os migrantes constroem territorialidades próprias que são verdadeiros microcosmos ou pequenos mundos nos quais compartilham lugares, paisagens, signos e símbolos. Nos microcosmos tem-se uma existência espacial coletiva: o grupo pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante por partilhar uma mesma cultura e um determinado estilo/modo de vida.

As redes sociais como uma rede de lugares-chave (lugares dos migrantes) podem ser entendidas como microcosmos ou microterritórios, resultantes de uma singularização, através de uma territorialização micro, na qual um grupo relacional exerce suas práticas sociais e afirma seus aspectos e atributos identitários, atendendo suas necessidades relacionais e preservando sua identidade (COSTA, 2005). Esta prática acaba sendo uma saída eficiente para a situação destes grupos migrantes. (MARANDOLA JR. e DAL GALLO, 2010, p. 415).

Para não ficarem deslocadas no espaço que as recebe, portanto, valem-se da parceria para construir seus próprios territórios, como quando da criação do novo bairro em Goiânia. Não importa o lugar da migração, se dentro ou fora do país, esses grupos sempre serão formados, porque é a configuração que os migrantes encontram de compartilhar suas experiências, culturas e costumes, isto é, de deixar transparecer sua identidade. Daí os microterritórios, exemplificados com os quilombos, as aldeias, os vilarejos, os bairros mais afastados dos centros das grandes cidades, os cortiços e todos os outros lugares originados a partir da união de um grupo de migrantes que, em sua maioria, são os desvalidos e marginalizados pela sociedade, considerados minorias.

Em linhas gerais, o enredo de *O caminho de Trombas* gira em torno de um grupo de lavradores do interior de Goiás, que se vê sem muitas alternativas para continuar a lida no campo, já que a exploração pelos fazendeiros estava muito grande e não havia lucro nas colheitas. Diante disso, surge a oportunidade de irem para a cidade, na tentativa de ressignificar o modo de vida, no entanto, lá também há dificuldades a serem enfrentadas, afinal é um novo espaço, um lugar por eles ainda não explorado. Uma vez na urbe, a notícia ouvida é de que há uma terra onde existe prosperidade e bonança, com chão para todos, esse lugar é Trombas, para onde caminham esses lavradores.

Inicialmente, em “Os dias de São Domingos”, depois de já termos conhecimento de boa parte dos personagens e identificar sua real intenção em conseguir um meio para que todos vivam dignamente, ainda no campo, deparamo-nos com Neco Assunção indo a Goiânia para falar com um advogado e tentar encontrar um meio legal, prático e efetivo de terem a porcentagem combinada com o fazendeiro quando da colheita da roça. Ele volta com alguma esperança, porque o advogado lhe informa sobre os procedimentos legais para defesa, a qual, teoricamente, é a favor do agricultor, no entanto, na prática, não é o que acontece e, no decorrer do texto literário, quase ao final da primeira parte, encontramos os posseiros e seus homens a maltratarem e matarem

alguns inocentes agricultores, simplesmente pelo fato de não acharem que deveriam dar aos que trabalham na terra, de fato, a porcentagem acordada no trato inicial e constante na lei e por não permitirem que aqueles trabalhadores morassem nas terras onde trabalhavam.

Além disso, os fazendeiros contam com o apoio do governo para fazerem suas investidas sobre os agricultores, de forma que, sozinhos, eles não conseguem ter o que é de direito. Com os ranchos destruídos, os corpos em frangalhos por tanto terem sofrido nas mãos dos jagunços, sem se alimentar e sem dinheiro ou direito ao que haviam plantado, eles saem em busca de um novo começo, um novo lugar que, talvez, permitam-lhes acomodar e reconstituir parte do que foi levado.

As demais quatro partes da narrativa vão continuar retratando essa luta dos agricultores pelas suas terras e, posteriormente, pela sobrevivência na cidade. A segunda parte é dedicada à apresentação do círculo urbano, bem como aos enfrentamentos que as famílias vindas do campo sofreram, a fim de se adaptarem ali. Nesse ínterim, há alguns movimentos sociais sendo instaurados, lutas partidárias, conflitos entre povo e governo, contexto histórico do período e tentativa de assentamento na Vila Nova.

A terceira parte volta-se, cronologicamente, para a vida no campo, tendo em vista que alguns agricultores lá ficaram para defender o que lhes era de direito. Questões sobre a lei do arrendamento são levantadas e há passagens de contato do homem do campo com o de cidades menores, que não a capital, na intenção de se organizarem para a luta com os fazendeiros. “A derrubada do mato” é a quarta parte da obra e, especificamente, narra um dos poucos momentos vitoriosos dos agricultores, que conseguiram colher sua porcentagem na plantação de arroz, ficando o fazendeiro com sua parte, bem pequena, sem colher. Além disso, os lavradores se organizam para invadir e derrubar parte do mato de uma das grandes fazendas da região, sem a permissão do dono, o que fazem com considerado sucesso, deixando-o bastante nervoso. Por fim, a última parte, “Cirilo, Doraci e Desidéria”, narra as condições em que viviam os personagens vindos do campo, bem como a terrível ação do governo, em Goiânia, de mandar queimar todos os ranchos onde moravam os desvalidos, o Matadouro Velho. Em seguida, ao leitor é dado o direcionamento de alguns dos personagens, depois da estadia na cidade, lembrando que, de todos que se tem

conhecimento, apenas um casal (Prêto Soares e Desidéria) conseguiu chegar ao destino: Trombas.

CAPÍTULO 3 – MOVÊNCIAS EM ESPAÇOS MIGRATÓRIOS RUMO A TROMBAS

Neste capítulo, desenvolveremos uma discussão em torno do mote central da Tese, esse movimento característico ao ser humano e que está presente na sociedade desde os tempos mais remotos. Tal movimento funda-se em uma base social, geográfica e histórica, mas também é abordado pela literatura, área que muito tem contribuído para a ampliação dessa temática. Nesse sentido, sempre atentos ao texto literário, discutiremos as implicações da migração nos espaços em que ela ocorre (campo e cidade), de que forma ela se dá (forçada ou voluntária), em que momento histórico é mais recorrente, quais os impactos para a sociedade e suas relações diretas com a identidade dos migrantes. Porém, esse último tópico será melhor desenvolvido no capítulo seguinte, a fim de deixar mais explícitas as implicações presentes na formação identitária de alguns personagens.

3.1 Movências

N’*O caminho de Trombas* (1966), há uma relação entre o viver no campo e na cidade, o que caracteriza a necessidade do processo migratório na obra. Nas cinco partes da narrativa, conhecemos a trajetória de seus personagens e suas respectivas histórias, todas com início na zona rural, o espaço primeiro da vivência, e terminadas na cidade, para onde vão os lavradores e suas famílias, conforme exposto no breve resumo acima. O contexto da mudança e seu mais forçoso motivo é a necessidade de busca por sobrevivência, uma vez que, no campo, em função de motivos políticos, econômicos e sociais, passou a não ser mais possível resistir e residir.

Sendo assim, entre idas e vindas, tentativas frustradas de negociação com o governo, lutas e movimentos sociais sem muita resposta positiva, o homem do campo acaba por se ver obrigado a ir para a cidade. Por razões claras, sabemos que sua adaptação ao novo espaço não é fácil, ao contrário, muitos não conseguem e querem voltar para o campo, para as lavouras, como Cirilo, por exemplo, mas a situação não é favorável para nenhuma das alternativas, o que os levam a “aceitar o destino”, até certo ponto. Resumidamente, no enredo, mais de sessenta personagens vivem dias de pouca

fartura e muito sofrimento no que diz respeito à falta de um espaço que possa ser considerado seu. No campo, precisam enfrentar os fazendeiros para conseguirem um pedaço de terra para plantar e colher, fazerem seus ranchos e criarem seus filhos. Na cidade, o enfrentamento é ainda maior, dá-se com o governo, e terminam por ter, na maioria das vezes, suas moradas derrubadas, além de nem sempre encontrarem um trabalho que possam fazer.

Ao refletir sobre essa relação do homem do campo com o da cidade, somos levados a pensar no indivíduo que se desloca dentro de seu próprio espaço (estado/nação) e, ainda assim, encontra dificuldades de se relacionar com o Outro, ou seja, esbarramos na alteridade, na relação identitária que se faz presente no romance, em que os personagens entram em conflito interior para se adequarem ao sistema e às ideologias do Outro. Essa mesma discussão está nos apontamentos de Rita Olivieri-Godet (2007, p. 236) sobre os romances brasileiros contemporâneos, em que a autora discute o seguinte:

[...] as narrativas que tematizam a imigração e colocam em diálogo, no espaço nacional, códigos culturais diversos. É possível identificar nessas duas últimas vertentes evocadas, uma estratégia de questionamento identitário especular, apoiada no confronto com o Outro, nas relações entre identidade e alteridade.

O que significa que, na maioria das obras brasileiras, quando o tema é a imigração, inclusive as que abordam o cenário internacional, coloca-se o eu e o Outro em confronto, este, que recebe o sujeito andante, e aquele que deixou sua terra para trás e chega a um novo lugar. Não é diferente o processo em *O caminho de Trombas*, uma vez que a necessidade da migração, neste caso forçada, faz o campesino ter contato com o citadino, o que gera os confrontos entre as duas identidades.

Gnisci (2003) ressalta a necessidade de se ter, sempre, alguém para dar voz aos dominados. Esse alguém, geralmente, são os literatos, que escrevem para que a história não se perca e as experiências sejam lidas e reconhecidas como parte constituinte da trajetória de cada povo e região. Nas palavras do estudioso, em artigo que discute sobre a migração e a literatura, lemos o seguinte:

Os dominados tendem sempre mais a mover-se, a deslocar-se. Chegam assim a constituir a voz do próprio tempo, visto que cada

época tem uma voz que necessita se expressar e se fazer ouvir por aqueles que estejam dispostos a fazê-lo. Os donos da voz são os literatos, os artistas, os “filósofos” e os humanistas. São levados, pela experiência, a pensar, contudo, que são apenas eles que se dedicam à pesquisa da voz e da sua ascensão. (GNISCI, 2003, s/p).

No romance godoyano, identificamos uma necessidade de dar voz a uma coletividade que, desde sempre e até então, na maioria das vezes, não tem conseguido se expressar de forma contumaz e sólida. Coletividade esta que se constrói por dois grupos: primeiro, o homem do campo em seu lugar de pertença, a terra enquanto produtora de todo seu sustento e, depois, a esse grupo, juntam-se os desvalidos da cidade, os lá subalternos e também destituídos do poder da fala, no sentido de não serem ouvidos pelas autoridades. Vale ainda lembrar que a cidade, na conjuntura do romance, é um espaço em construção e as pessoas que lá se encontram, principalmente os pobres, vieram também de outras regiões e/ou do campo, a fim de se estabelecerem, no entanto, já estavam lá antes de chegarem os novos integrantes, motivo que nos leva a acreditar que já estavam mais adaptados àquele lugar. O narrador da obra em análise nos conta a história de um dos personagens nessa situação:

Viu Goiânia crescer nos matos. Cidade que nasceu pelas mãos aventureiras. Feita na penúria e no frio, e aconteceu que assim feita, a cidade cresceu solidária, e quando um sujeito chegava, trazia o peito, a saliva, as mãos ao trabalho, o sonho velho de riqueza, e, se alguém perguntava a outro: “É daqui?”, tinha logo a resposta: “Não”. Como podia ser? O orgulho se dobrava. As amizades cresciam entre os edifícios, obras audazes, entre gente brava de infância desbotada. (GARCIA, 1966, p. 66).

Esse trecho mostra que a organização demográfico-social era feita a partir de pessoas vindas das mais diversas regiões, mas que estavam ali pelo sonho coletivo de serem ricos um dia, encontrarem um trabalho, uma moradia. Igualmente, ainda que vindos de lugares diferentes, identificavam-se uns com os outros por uma questão de proximidade de classe social e cultura, pois eram todos “sem voz”, partilhando da mesma memória de terem tido uma “infância desbotada”.

Vê-se, portanto, que José Godoy Garcia escreve para e pelo povo, ele dá voz àqueles que saíram para enfrentar o mundo à sua volta e são tidos como seres marginalizados e subalternos pela sociedade ideológica, independente se vão conseguir

alcançar o objetivo. O que se mostra é a luta, a união, a sabedoria secular, a vivência coletiva e, principalmente, o trajeto percorrido por esses sujeitos que se dispuseram a ter uma nova vida, a buscarem um novo espaço e a alcançarem Trombas, o lugar idealizado como o da conquista final.

O caminho percorrido nessa busca coletiva pode ser lido por ângulos distintos, pensando em termos teóricos, já que esses movimentos de deslocamento são conceituados pelos teóricos com nomenclaturas distintas. Zilá Bernd (2007), ao falar sobre os tipos de deslocamentos na literatura das Américas, lembra que:

Para os críticos, comparatistas ou simplesmente estudiosos da literatura, a teoria propõe uma vasta panóplia de termos tais como: *flânerie* (Benjamin), movência, nomadismo (Glissant), errância, travessia (Guimarães Rosa), deriva, migração/migrância, entre-lugar (S. Santiago), entre-dois (Sibony), *braconnage* (S. Harel), liquidez (Bauman), deslocamento, *zapping* (Sarlo), passagens transculturais (Ortiz), desterritorialização (Deleuze e Gattari), percurso (Bouvet), entre outros (BERND, 2007, p. 90).

Alguns dos termos acima podem, em momentos distintos, serem levantados e discutidos, como deslocamento, desterritorialização e movência, visto que o texto narrativo em análise nos direciona ao próprio trajeto percorrido, que é o mover-se do homem sobre a terra e, ao mesmo tempo, ocorre porque ele foi obrigado a sair de seu lugar primeiro, ou seja, foi desterritorializado. Sendo assim, o deslocamento e a desterritorialização relacionam-se ao processo de migração, já que Bernd (2007, p. 90), mais uma vez, nos conduz à seguinte assertiva:

Território e deslocamento deixam de ser antitéticos, passando a ser complementares. De modo semelhante, os conceitos de territorialização e desterritorialização não devem ser vistos em termos de oposição binária, mas de passagens necessárias nos processos de construção identitária, pois desterritorializações são sucedidas por movimentos de reterritorialização que não apenas restauram o território cultural perdido, mas o enriquecem com elementos novos.

Nessa conjuntura, muitas vezes, o território é ocupado novamente e, em alguns casos, os novos componentes a povoarem levam riqueza cultural ao lugar. Da mesma maneira, ao chegarem a espaços diferentes, os migrantes contribuem tanto em termos de identidade quanto de cultura, evidenciando que a movência não é apenas de corpos, mas

também de costumes, identidades e memórias. Ainda, ao se moverem, os sujeitos tanto ganham quanto perdem esses traços.

Em grande parte, esses movimentos se dão em função do trabalho, porque a própria migração parte do resultado e da necessidade de procurar emprego em outras áreas, dentro ou fora do país ou de determinada região. Cury (2012) endossa a questão dos motivos da migração e, dentro dessa leitura, a mudança do homem do campo para a cidade, na maioria das vezes, não se dá por outra razão. Segundo Cury (2012, p. 12):

Testemunhamos, no nosso mundo, a circulação de multidões de turistas, de refugiados de guerras étnicas, religiosas ou ideológicas, de pessoas fugindo da fome ou gente em busca de oportunidades ligadas à internacionalização do capital. Nesse grande contingente de migrantes, podem ser incluídos os novos nômades urbanos que erram nas metrópoles do planeta e aqueles que deixam seus lugares de origem em busca de trabalho em outras regiões de seus próprios países ou em países diferentes. Estas grandes migrações são responsáveis por uma reconfiguração dos espaços urbanos, criando “espaços transicionais”, o que Doug Saunders (2010) denomina “arrival cities”, que determinarão a configuração futura do planeta. “Arrival cities”: cidades que atraem enormes contingentes de pessoas vindas do campo e de outros países, com escassas condições de empregabilidade.

O fluxo migratório, portanto, é existente em qualquer parte do Globo, porém único em cada lugar que acontece. Para cada região há uma literatura que narra a história dos refugiados, migrantes, nômades, exilados, ou seja, lá como forem denominados os sujeitos que vivem em constante travessia. Em alguns casos, há escritores que experienciaram tais vivências e, a partir daí, narram, via ficção (literatura) suas histórias. Outras vezes, mesmo sem ter vivido qualquer experiência de deslocamento, autores dão voz a personagens que representam a grande circulação desses grupos sociais moventes.

Aqui, Godoy Garcia escreve sobre a experiência do homem campesino de Goiás na constante busca por um lugar ideal, isto é, da necessidade de migração, a partir de sua vivência enquanto homem político e ativista do Partido Comunista. O romancista expõe na narrativa ficcional, mesclados ao caráter literário do texto, fatos ocorridos durante o período de lutas no conhecido confronto entre povo e governo, que culminou na Revolta de Formoso e Trombas. No decorrer do romance, algumas marcas identitárias que acompanham o homem do campo são trazidas, de maneira bastante

presente, como é o caso do carácter religioso, configurando-se na narrativa como parte da identidade coletiva desse povo, sem o qual eles não se reconhecem nem se veem.

Nesse percurso, lembramos que a obra gira em torno do processo de migração desse povo que, por não mais virem possibilidade de sobrevivência no campo, lugar que tanto lhes dá prazer, é obrigado a procurar “refúgio” na cidade. Logo, a fim de que consigam isso, precisam, ainda mais, lutar por esse objetivo, o que fazem coletivamente, mas com empenho maior de Prêto Soares, um dos personagens mais destacados da narrativa. Ao falar em refúgio, somos redirecionados às discussões de Said (2003) sobre o exílio, situação em que se encontram muitos migrantes e, por mais que não seja o caso dos personagens godoyanos, a situação vivida por muitos é a mesma, porque ambos não estão em um lugar que é seu, estão, ao contrário, no lugar do outro, do que a eles não pertence. Deparam-se com uma espécie de limbo espacial, onde “logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas” (SAID, 2003, p. 50), como é caso dos refugiados, que vão para países diferentes e lá ficam, como agregados, a espera de, um dia, pode voltar ao seu lugar de pertença.

O deslocamento, aqui, mais que o refúgio, é a situação em que encontramos Cirilo, personagem que não se sente pertencente ao espaço urbano e não pode ficar no campo, ele vaga, portanto, sem saber o que fazer, como agir ou para onde ir quando está na cidade. Resta-lhe, de fato, refugiar-se, mas não só em um espaço físico, que são as ruas, para onde vai pedir esmola; ele se esconde, também, na mulher, torna-se uma sombra dela, uma figura não-pertencente, sem identificação com o lugar.

Ao avaliar o processo ocorrido na vida dos personagens, a partir do momento que surge a necessidade de deslocamento para o espaço urbano, configura-se a construção de uma nova identidade ao sujeito movente, uma vez que ele se vê diante de uma realidade distinta. É também nessa perspectiva de análise que se evidencia o carácter de coletividade da obra, pois, aos poucos, tomamos conhecimento das dezenas de personagens existentes e, por isso, levantamos uma discussão em torno do que podemos chamar, nesse contexto, de multidão, povo ou classe que, por sua vez, está vinculada à questão da identidade coletiva, que também vincula-se ao reflexo de uma alteridade.

Luciano Barbosa Justino considera que os personagens secundários acabam por serem os de maior importância dentro dos romances, pois configuram uma gama mais aberta de pessoas à margem que circulam pelos centros urbanos e, também, habitam o espaço rural: pretos, pobres, prostitutas, bandidos, travestis, entre outros. Nas palavras do autor:

Em *Cidade de Deus* me interessa menos Inferninho e seu bando de traficantes assassinos, e mais personagens como Ana Rubra, o travesti irmão do protagonista, e Fernanda, a “negona gostosa”, pessoas comuns que produzem seus lugares comuns e suas formas de resistência, tratados pela obra, o que em outras palavras quer dizer, a “instituição” da obra, como meros coadjuvantes que só aparecem para reforçar, tornar mais verossímil e verdadeiro, o viés dos narradores e o modo como “inventam” seus protagonistas, o alvo predileto de nossa melhor crítica. (JUSTINO, 2012, p. 84).

A assertiva evidencia que os seres e os lugares comuns são os que tomam lugar nas narrativas de multidão e enriquecem-na, no sentido mais literal do termo, visto que, sem eles, os protagonistas estariam ligados apenas a uma existência sem valor crítico. Fica clara a diferença entre o espaço da multiplicidade e do cooperativismo, que é a multidão, o movimento uníssono da massa, essencialista e voltado para a nação que é o povo. É enfático ao direcionar seu olhar para além do protagonismo das obras, isto é, valoriza o que geralmente fica em segundo plano, “os personagens secundários, para mim aqueles que definem a grandeza das obras, que lhes dão densidade literária, poética, política, humana” (JUSTINO, 2016, p. 5).

N’*O caminho de Trombas*, além de trazer dezenas de personagens secundários (aliás, nem podemos dizer que há ali um protagonista, já que a narrativa gira em torno das várias famílias moventes), são eles quem fazem o romance acontecer, é a união em torno de um objetivo conjunto, são as identidades misturadas, os laços afetivos, a religiosidade coletiva, enfim, são os muitos, a multiplicidade, que definem a obra. No texto em análise, esses personagens são quase inúmeros, estão em grande quantidade, sempre juntos, independente das circunstâncias, partilhando tanto o pão quanto a moradia, tanto os anseios quanto a busca pela realização, tanto as lutas quanto as (poucas) vitórias. Logo, essa dinâmica de coexistência e coparticipação é um fator determinante para se pensar a literatura de migração.

A personagem pode ser lida, sabemos, por vieses teóricos distintos, mas há em Bakhtin um vínculo com o dialogismo que nos interessa por estabelecer uma relação com o outro, com o discurso do outro, que é a forma como temos lido sempre nosso *corpus*. Entendemos, da mesma forma, que a construção da personagem não é diferente, a identidade de cada um se forma mediante enunciações entrecruzadas. Como lembra Reis (2006, p. 32) sobre os propósitos bakhtinianos:

[...] a teoria geral da narrativa pode subordinar-se ao princípio genérico do *dialogismo* e à noção de que a lógica interna e a intencionalidade mais recôndita da enunciação do discurso (e da narrativa) envolvem uma projecção sobre o *outro*, mesmo que esse outro seja um *eu desdobrado*.

Sendo assim, podemos pensar em como se dão os discursos ao depararmos com tão grande quantidade de personagens em *O caminho de Trombas*. No mínimo, existem duas possibilidades de perceber as construções discursivas a partir daí: primeiro, pode haver uma quantidade infinita de discurso, intencionais ou não, que são pulverizados por meio de cada uma dessas figuras ficcionais; segundo, as vozes das personagens, nessa dinâmica dialógica, podem se confundir e/ou espelhar umas nas outras, já que falam por e para um mesmo grupo, na maioria das vezes, desdobrando-se em um único discurso.

Em um viés de análise mais prático, por assim dizer, devemos lembrar que a personagem não é uma pessoa, ainda que o texto literário faça alusão a personalidades reais, e que suas referências são criações do artista/escritor, por mais verossimilhança que se tenha. Diante disso, é importante notar que o romancista aqui faz referência a figuras políticas que fizeram parte da História de Goiás, no entanto, na obra, entendemos que sejam essas apenas parte das dezenas de outras personagens. Poderíamos, contudo, dizer que essas são “personagens ‘referenciais’”, para tomar emprestado um termo dos estudos formalistas. Relendo Hamon, Brait (1985, p. 46) classifica esse tipo de personagem como:

[...] aquelas que remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamadas de personagens históricas. Essa espécie de personagem está imobilizada por uma cultura, e sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura. Tal

condição assegura o efeito do real e contribui para que essa espécie de personagem seja designada herói.

É o caso de alguns personagens aqui, como o governador Ludovico e Gregório Bezerra, bem como de outros que, em sua verossimilhança, conferem “efeito do real” e podem ser vistos como herói, como Prêto Soares, por exemplo. Mas não temos aqui o interesse de fazer um estudo pormenorizado das personagens e sua construção, por isso, lembraremos apenas mais um ponto a respeito da presença desses seres na obra literária:

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos. (BRAIT, 1985, p. 53).

Assim, com ou sem muitos detalhes físicos e/ou psicológicos, seja de onde surgir sua ideia, o escritor sempre vai garantir às suas criaturas uma vivacidade e originalidade, de forma a atingir e conduzir o leitor a uma realidade. A personagem tem, dessa maneira, o poder de guiar toda a movimentação da obra, materializando-se através da linguagem. Prêto Soares e Desidéria, sua mulher, bem como Cirilo e Doraci, têm uma abrangência maior na narrativa. Prêto Soares porque foi uma das figuras mais importantes dentro da construção literária e que sempre ajudou seus companheiros na lida com a terra e seus proprietários, os fazendeiros, e o governo; Desidéria, Cirilo e Doraci, porque a eles é dedicada a última parte do romance, além de aparecerem nas demais com maior frequência. Os outros personagens estão todos envolvidos e entrelaçados com esses quatro mencionados, no campo ou na cidade, o que configura o romance, inclusive, dentro da literatura de multidão.

A trama de Godoy Garcia, nesse viés, é costurada por aspectos de relações sociais que unificam o olhar dos personagens sobre as ações que se desdobram. Há uma cumplicidade entre as pessoas que se dividem e organizam para alcançarem suas metas no processo de migração: ir para a cidade e, lá, encontrar trabalho e sustento para suas famílias. Junto a isso, fatores sociais, políticos, históricos e econômicos perpassam, a todo momento, não deixando que o leitor esqueça a movimentação intensa e necessária

dos personagens, no sentido de terem que se submeter ao êxodo rural, única forma de (tentar) garantir a subsistência coletiva.

A ida para a cidade, lugar visto como uma espécie de fuga e refúgio, direciona os personagens para uma convivência direta com o outro, o que está lá, já tendo partido de outras localidades, como o Ceará, por exemplo. Há uma multiplicidade de pessoas, bem como as relações de alteridade, pois o contato com o diferente, com a outra identidade, é consequência da chegada e permanência (temporária) no novo espaço. *N'O Caminho de Trombas* revela-se uma:

literatura de multidão, na medida que a densidade demográfica dos espaços onde as cenas são encenadas abriga os narradores e seus protagonistas em inevitáveis relações de alteridade, e elas são de toda ordem, há bem mais que a violência operando, há relações de tantos tipos, vividas por nordestinos, donas de casa, prostitutas, operários, comerciantes, estudantes, desempregados, alcoólatras, esportistas, imigrantes e, inclusive mas não só, traficantes e assassinos. (JUSTINO, 2016, p. 15).

Outra questão que está sob um viés do aspecto social é a identidade do homem enquanto trabalhador e militante das causas sociais e políticas. Ainda que vindos do campo, e talvez por isso, os agricultores carregam uma necessidade de união e ajuda ao próximo que é peculiar ao seu modo de vida, portanto, quando chegam à cidade e precisam sair à luta, eles não se intimidam, pelo contrário, sacrificam-se em prol da manutenção da união, característica do homem do campo. Nesse sentido, a luta, tanto no campo como na cidade, é intrínseca ao modo de vida e à identidade desse homem em constante mudança de espaço, ou seja, em migração. Assim, vivendo na cidade, as lutas pelas melhorias no campo não são findas, há uma união dos “companheiros” que gira em torno da política, mais especificamente em relação ao Movimento dos Sem-Terra e à Reforma Agrária, bem como à Lei do arrendo.

Na narrativa, encontramos essa união, configurando a identidade do sujeito agricultor, da seguinte forma:

Não existe ninguém, senão nós, como vanguarda, capaz de despertar o país para a grande revolução agrária que devemos fazer. Todas as classes e camadas interessadas nesta revolução precisam ser despertadas. A tarefa de ajudar as massas do campo, os milhões de homens sem terra, é a nossa. Uni-las, dar-lhes a mão, dirigi-las para que

conquistem a terra, uma vida digna, esta a nossa tarefa. Sem esta política o Brasil marca passos na miséria.

Nas concentrações de arrendistas e assalariados, nas grandes áreas onde o grilo põe sua mão de ferro, aí devemos atuar. Nossos melhores quadros dirigentes devem seguir para o campo. A luta no campo é difícil, exige sacrifícios. (GARCIA, 1966, p. 111).

Sendo esse trecho a fala-reflexão de um personagem em processo de migração e luta diária, percebemos, por um lado, que não há, necessariamente, uma mudança categórica na constituição da identidade do sujeito, tendo em vista que ele ainda carrega as características peculiares ao homem do campo. Por outro lado, podemos dizer que existe uma inclusão de valores éticos, sociais, políticos e culturais, o que não tira do sujeito sua identidade, mas dá a ele possibilidade de acrescer algo mais ao que já lhe constitui enquanto um homem que luta pelo seu espaço de sobrevivência, tanto geográfico quanto simbolicamente, isto é, dá-se um processo transformador, todavia, sem interferir negativamente na construção da identidade.

Enfim, a constituição dos personagens ao longo da narrativa evidencia-nos que, apesar de dezenas deles, todos estão marcados por uma construção identitária singular e coletiva ao mesmo tempo, uma vez que compartilham de escopos similares, espaço de crescimento e cultura, mas, individualmente, carregam traços distintos e pessoais. É como se falássemos em uma “identidade nacional”, para retomar Bauman (2005), mas em um contexto mais afunilado, que é o regional, essa seria a identidade coletiva, em que todos os membros compartilham traços e costumes, e o outro, o “eles”, não entra em questão. Já a identidade singular seria a que é construída e constituída desde o nascimento, com marcas bastante peculiares ao sujeito, como o gosto por se viver em determinado local, por exemplo, ou a própria personalidade, o que não muda, independente para onde o sujeito vá e com quantas culturas tenha convívio.

São personagens assim, vistos como párias, em especial os operários e camponeses, que se misturam e se identificam, ou não, durante o percurso para Trombas. São eles, em constante conflito com o governo, que vão possibilitar o desenvolvimento do texto narrativo, já que a trama se constitui a partir da situação vivida por esses personagens secundários. É essa coletividade, múltipla e em cooperação, que vai mostrar a força literária desse personagem na literatura de multidão. Em específico, temos na obra em análise, inicialmente, um grupo de pessoas que se constitui em torno de uma identidade do homem do campo e, em seguida, outro grupo

que está na cidade, ao qual o primeiro se junta. Logo, surge um choque diante do encontro com o novo, o desconhecido, o modo de vida diferente e, acima de tudo, a identidade que, ideologicamente, detém o poder, no qual “a hibridização se dá entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder” (SILVA, 2014, p. 87).

Paralela à questão da hibridização da identidade que constitui o camponês, temos a alteridade, que é exatamente o reflexo do outro nesses sujeitos agora pertencentes ao espaço da cidade. O que se opõe a essa ideia é a diferença, a não identificação com o que foge aos costumes, conhecimentos, formas de agir, de vestir, de falar. Mas, a partir do momento em que há uma permanência, ainda que passageira (por mais paradoxal que isso possa parecer), inicia-se um processo de adequação e aceitação ao que vem de fora, de modo que “quando pensamos sobre o outro, temos de lembrar que ele/ela é diferente de nós (assim como somos diferentes dele/dela) e que a identidade dele/dela não está associada apenas a fatores de idade, raça, nacionalidade ou religião”. (PATERSON, 2007, p. 17).

Sendo assim, quem chega ao novo espaço que está sendo levantado, literalmente, já que se trata da construção da nova capital de Goiás, e se depara com a identidade ali já instalada, vê-se em situação de recuo e/ou enfrentamento, pois, para se moldar nessas circunstâncias, precisa adequar-se ao novo modelo e, portanto, estar disposto a passar pelo processo de transformação e adequação, ou, caso contrário, haverá uma recusa e dificuldade de ser aceito e de viver em conjunto. O enfrentamento se dá ao ter que aprender novos ofícios, conviver com a pressão governamental, construir moradas, adequar-se aos costumes citadinos. Na obra:

A Prêto e a negro Damásio disseram que levantassem o rancho, tivessem tino. A exemplo de todos que chegavam, levantassem o seu. Assim, Prêto e o amigo, ao fim de três dias ao relento, construíram o rancho. [...] Prêto e Damásio haviam arranjado serviço na cidade; saíam de manhã e voltavam de noite. Aí caíam no trabalho difícil, furavam a cisterna, serviço dificultoso igual ao do rancho. (GARCIA, 1966, p. 70)

Prêto se empregara numa construção da Avenida Goiás. Nos primeiros dias estranhara. Os operários cantavam canções; êle tinha ouvidos desacostumados. Eram sambas e marchas do carnaval. Desde a infância Prêto ouvira as cantigas de roça, só conhecia os embalos das cantigas de viola. Gostava da moda de Ferreirinha e outras. Mas também gostava daquelas modas cantadas na construção. (GARCIA, 1966, p. 73).

Nas saídas de Vila Nova para o Meia-Ponte, pela manhã, o povo se aglomerava para ver o serviço do fiscal e dos policiais. Deram com os adôbes enfileirados, esperando secagem ao sol, no quintalzinho de um tal Quinu Salgado. Os soldados se puseram a dançar sob os adôbes, destruindo-os. Como a destruição demorava e como os soldados e o fiscal agiam com muita algazarra, as gentes se aglomeravam, mulheres e homens que àquela hora passavam para o serviço na cidade. [...] Não tardou, o lugar onde se enfileiravam os adôbes virou um chão batido e apisoado. Fiscal e soldados se foram. (GARCIA, 1966, p. 78-79).

Em qualquer das situações, não é possível se abster do contato com a identidade do outro e, como reflexo disso, acontece o hibridismo, uma vez que os dois modelos identitários se fundem e, automaticamente, resquícios de um aparecem no outro. Por exemplo, se Prêto era acostumado às cantigas da roça, agora está diante de novas músicas, as quais ouve com certa regularidade no novo emprego que, por sua vez, no início estranha, mas aos poucos se adapta. O contato direto e contínuo com a cidade, seus costumes, sua gente e até suas dificuldades começam a influenciar o homem do campo de forma que, paulatinamente, o meio, o território em que se encontra, passa a fazer parte de sua vida e ser acrescido em sua trajetória. Da mesma forma, quem está na cidade e entra em contato com o camponês acaba por refletir características inerentes à identidade deste. Essa é a dinâmica dos processos de movência territorial:

[...] movimentos migratórios em geral, como os que, nas últimas décadas, por exemplo, deslocaram grandes contingentes populacionais das antigas colônias para as antigas metrópoles, favorecem processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas. (SILVA, 2014, p. 88).

Então, não importa o lugar para onde vai, o sujeito que se vê em trânsito, em algum momento, estará diante de uma nova identidade e isso não ocorre apenas com o indivíduo em separado, mas também com o grupo como um todo, já que todos estarão em contato direto e expostos à nova convivência social, tanto o subalterno quanto o hegemônico. N’*O caminho de Trombas*, a partir dos espaços onde vivem as personagens e da configuração narrativa em torno de suas relações, essa identidade é revelada através da voz do narrador, que mostra as novas percepções de alguns lavradores. Desidéria, por exemplo, mulher de Prêto Soares, facilmente se acostuma aos moldes de vida e vê de forma positiva as mudanças ocorridas. A maioria dos

trabalhadores também se condicionam logo ao labor da cidade: “Soares gostava do trabalho na terra e na cidade. Aqui é feito junto com os companheiros. [...] Na cidade não se trabalha só, como nas roças. A vida é movimentada, há muito falar e muito ouvir. Mas, dizem, nas lavouras nunca se está só” (GARCIA, 1966, p. 83).

Também a identidade daquele que representa o hegemônico na narrativa é alterada. Miguelão é um personagem que, apesar de morar na Vila Nova, alia-se ao governo para levar informações sobre as novas moradas que vão sendo construídas na vila, mas que são proibidas. O tempo todo ele vigia os novos moradores, ameaça-os, chama a polícia para derrubar os ranchos, no entanto, no decorrer da narrativa, após uma ação conjunta dos trabalhadores, o governador diz não ter proibido as construções, o que deixa o povo feliz e tempo desconfiado, e Miguelão sem seu “emprego”.

[...] Nas últimas eleições havia sido cabo eleitoral dos trabalhistas. Venceu o candidato contrário e os sonhos de bom emprêgo se tinham ido. Quem sabe agora a sorte lhe sorriria? Vira os vizinhos trabalhando à noite, construindo os adôbes. Vira as paredes levantadas. Contaria ao fiscal. Trabalho bem feito. Com o fiscal arranjaría sua sorte. Falaria com êle ou com o govêrno? Qualquer um. Daria o serviço. (GARCIA, 1966, p. 86).

Miguelão se amoitou no seu rancho. A esperança de emprêgo se foi e as bóias, sem que a mulher soubesse por quê, eram recebidas sem exigências. [...] Raramente ia à rua. Quando assim fazia, após semanas e semanas, atormentava os meninos quitandeiros. No rancho, comia o que lhe tocava, dormia. (GARCIA, 1966, p. 103).

É nesse momento que identificamos a alteração da identidade do “dominador” depois da convivência e presença dos novos inquilinos, os considerados subalternos. Numa dinâmica de movimentos cruzados e vários fatores que fizeram o personagem chegar a essa mudança de identidade, verifica-se a real influência da convivência entre migrantes sob o contexto identitário de cada um, seja ele quem chega ou quem recebe (eu e o Outro); quem é subalterno ou dominador.

E por citar essas duas esferas, lembremos sua colocação em relação às escritas literárias na contemporaneidade, conforme Almeida (2015) volta à teoria de Boehmer (2005) e indica os caminhos que definem a literatura pós-colonial. Ainda que a discussão seja feita em termos de uma transnacionalidade, pode ser aplicada ao contexto nacional de ocorrências migrativas, como a que tratamos aqui, porque, apesar do

hibridismo identitário, o que prevalece, muitas vezes, é o poder hegemônico. Transcrevendo Almeida (2015, p. 17), ao resgatar Boehmer:

Esse mapa transnacional continua mantendo as relações de poder, apropriação e exploração entre polos opostos, já que a metrópole permanece como espaço de produção hegemônica, enquanto a periferia se encarrega de fornecer o produto e a mão de obra a ser explorada, muitas vezes em condições degradantes. Não resta dúvida de que a literatura pós-colonial migrante é escrita, definida e canonizada por uma elite.

O processo migratório da obra em análise configura-se como uma travessia proveniente da necessidade de reordenação coletiva na zona urbana e, por consequência, o homem do campo acaba sendo atingido pelos respingos sociais desse contexto de mudanças, pois, ao precisar de mão de obra barata para efetivar o levantamento da cidade, são esses migrantes vindos das lavouras e que já perderam espaço no campo quem vão servir. São nas grandes construções, de prédios particulares e do governo, que o camponês vai conseguir emprego, mas, ainda assim, continua a ser um ser marginalizado e esquecido socialmente, já que não existe uma responsabilidade governamental com políticas públicas, por exemplo, para garantir moradia, saneamento, educação e segurança a esse público. Pelo contrário, chegando à cidade, precisam enfrentar a eterna vigilância e cobrança dos fiscais e da polícia, que não só ameaçam como derrubam suas moradas.

O processo, então, é também político e econômico, visto que o texto literário gira em torno de plantações e colheitas no espaço rural e a construção de uma nova capital para o estado de Goiás no espaço urbano, com imbricações políticas bastante explícitas, como é o caso da necessidade de participação de um partido político trabalhista na defesa da porcentagem da colheita, estando no campo; e na defesa do levantamento dos ranchos, estando na cidade. Diante da luta entre trabalhadores e governo, há um conflito no campo, para onde mandam homens armados e com ordens explícitas de captura, os quais vão se deparar com os outros também armados, mas eram poucas e fracas suas armas de defesa, de modo que ficaram em desvantagem e precisaram ver seus companheiros serem presos e/ou mortos:

Ao velho cair da tarde, à hora calculada, o caminhão da polícia chegava a São Domingos. O preparo dos praças, ao todo vinte e oito, fora da estrada real. O Comandante fez alto, os soldados desceram e entraram em forma. O Comandante Arnaldino e o Sargento abriram os olhos dos praças sobre o serviço que iam enfrentar. Informaram detalhes sobre a captura. Contaram que os homens de São Domingos eram gente perigosa e aventureira; estavam informados, em São Domingos havia homens bem armados e municiados. Comandante e Sargento falavam e deixavam bem claro qual a missão a cumprir e a espécie de serviço que iam enfrentar. (GARCIA, 1966, p. 49).

Em São Domingos, tinham contado com o auxílio de alguns amigos para terem as poucas armas. A participação de uns poucos membros ativistas políticos ajudou nessa empreitada, mas a determinação e o armamento dos soldados eram superiores, o que acabou por fazer com que investissem e cumprissem as ordens dadas pelo Comandante. Dessa vez, portanto, perdeu-se muito em termos de direitos à colheita e posse de terras, houve bastante prejuízo para os camponeses, que tiveram suas casas derrubadas e queimadas, algumas pessoas foram espancadas, torturadas e mortas.

Esses foram os dias em São Domingos. Difíceis. Alguns promissores, outros de fracasso. Alguns de lutas, poucos de conquistas, muitos de esperanças. Ao mencionar as lutas, não podemos esquecer da união dos agricultores em prol de sua classe, da vontade de justiça e da necessidade de mostrar força e empenho, o que nos remete ao contexto histórico discutido no primeiro capítulo e que faz alusão à criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), na década de 1940, a qual contou com a participação dos ativistas do PC e pessoas do movimento estudantil da época. No romance, são representados por aqueles que ajudaram os camponeses a terem algum armamento e, depois, levaram até eles o conhecimento das leis favoráveis ao arrendamento e à moradia.

Ainda no início da narrativa, encontramos uma questão social, política e de poder que é, justamente, a união dos agricultores para saírem em defesa de seus direitos na colheita. É nas primeiras páginas que encontramos Neco Assunção vindo de Goiânia, para onde tinha ido à procura de ajuda e para saber dos direitos cabíveis no momento da colheita aos que plantavam. Eles sabem pouco, mas sabem que têm esse direito e, por isso, não ficam parados, mas fazem um esforço e vão à luta. É o que é possível ver quando Neco Assunção volta de sua ida a Goiânia, os parceiros saem em busca de reforços e todos se dispõem. Estando ainda nas terras de São Domingos, antes de

começarem a sair dali, os futuros migrantes estão em busca de organizar socialmente seu espaço, a fim de estabelecerem contrato entre si e os fazendeiros proprietários das terras onde plantam e colhem, além de morarem e cuidarem de alguns poucos animais e fazerem hortaliças para consumo próprio. O foco maior, no entanto, é a união de todos para que seja possível conseguirem o dinheiro e os documentos necessários para levarem ao advogado na cidade e dar início ao processo que efetivaria a quantidade exata em porcentagem que lhes cabia na colheita. No texto literário, pela voz dos próprios personagens, tomamos conhecimento das ações:

__ Que te manda, pode ir falando, Prêto, hein?
 __ Vim porque Neco veio desde ontem. É preciso arranjar dinheiro para nossa defesa.
 Prêto sorveu o último gole de café.
 __ Pois não!
 __ Neco falou com o Govêrno. Nosso caminho é na justiça. Mandaram Neco procurar advogado, procurou. Agora é dinheiro.
 __ Tá direito.
 __ Concorda? __ indaga Soares.
 __ Ai, gente, que remédio! Sendo precisão, Deus é que manda.
 (GARCIA, 1966, p. 16).

A partir desse episódio, começaram a pensar nas estratégias que os levariam a concretizar as ideias levantadas até então. Prêto Soares, Neco Assunção, Cirilo e Damásio, no dia seguinte à chegada do companheiro de Goiânia, foram aos vizinhos anunciar as intenções e planejamento. No início, houve atenção e todos ficaram bastante eufóricos, mas, com o passar de duas semanas, apenas Prêto ainda estava animado com a ideia de colocar em prática o negócio da lei do arrendamento, os demais não se desuniram, apenas ficaram desacreditados de que aquilo pudesse dar certo e os favorecesse. Tempos depois, Neco Assunção voltou à capital e de lá veio cheio de esperança e certeza de que conseguiriam a almejada porcentagem.

À medida que a narrativa transcorre, vimos que não é apenas nos momentos de luta e de dificuldade que os agricultores estão unidos, pelo contrário, à época da colheita, homens, mulheres e crianças, todos, fazem seu trabalho com disposição e alegria, como pode ser visto no trecho a seguir:

Pela manhãzinha, o ar fresco ajuda o trabalho. Mas quando é sol na plenitude, as mulheres cobrem as cabeças com panos ou com velhos

chapéus de palha de aba larga. Êh, colheita, êh faina nas lavouras, êh alegria. Coração cantante de alegria. Corpo esfiapado de palha de arroz cantante de alegria. A fileira dos homens, mulheres e meninos, incerta, uns adiantando, outros recuados, as foices cortando o arroz seco numa ligeireza. O barulho do corte, contínuo, deixando atrás a terra limpa, pisoada, e à frente o arrozal nervoso. As cantigas! As môças e os homens cantam, os velhos também, mais gemem do que cantam. Os ecos sumindo nas distâncias. As cantigas rolam no dia.

[...]

Os dias passam e a colheita rompe. Os homens se ajudam. (GARCIA, 1966, p. 40).

Terminada a colheita, que não fora muito boa, e depois da intervenção dos fazendeiros e do governo para expulsar os agricultores das terras, eles são agora levados a procurarem outro lugar para se instalar. São Domingos não era a terra natal desses lavradores, foram para lá depois de terem ouvido que era lugar bom, terras devolutas, onde poderiam ter algo próprio. Por um tempo, conseguiram se manter, mas, dias depois de uma colheita, foram atacados por jagunços de alguns fazendeiros e pela polícia, que atuavam juntos, a fim de expulsarem os produtores das terras. A ação foi feita com bastante violência e os moradores foram pegos de surpresa, tendo que sofrer ao ver seus ranchos destruídos e suas famílias em desespero, o que se configura como uma das consequências do processo migratório. Na narrativa:

O caminhão parou à porta de Cirilo Pereira.

Os soldados apearam, e Salvino dos Patos logo chegou com oito cabras que andavam por ali, amoitados. Saíram pelos caminhos, trilheiros, matos, palhadas. A movimentação foi precisa. Tôda ela tinha sentido. Surgiram vozes, brotava a algazarra, mas de momento tudo silenciava. Os assaltantes soltavam gritos de alarmas, disparavam tiros. Os estampidos incessantes, ora espaçados. Uma vez que atingiam as moradas, ateavam fogo nas palhas ressequidas. Os moradores, pegados de surpresa, punham-se ao relento, gritavam ou ficavam mudos. Sempre a insistência dos tiroteios, os gritos. Como cães medrosos, os sitiante debandavam desordenadamente. O fogaréu subia pelos vários pontos de São Domingos. O fogo nascia de onde existia um rancho de moradia, paiol, ranchos de colheitas. Com o vibrar das chamas nas palhas e o barulho dos tiros, ouvia-se ainda o vozerio aflitivo e incerto dos que foragiam, como também a algazarra dos soldados, que insultavam e riam vendo fácil a tarefa.

— Cadê os valentes do Piauí e da Bahia?

— Êh lasarentos, filhos da puta! (GARCIA, 1966, p. 50-51).

É um trabalho conjunto dos fazendeiros, representado na figura de Salvino e seus homens, e da polícia, com os soldados. Antes da chegada dos homens do governo,

os “cabras” do fazendeiro já andavam pelas terras amedrontando os sitiante, depois, foram juntos afrontá-los. De forma bastante violenta e sem qualquer aviso ou oportunidade de negociar, os que se dizem como donos das terras, além de ameaçar, insultam, ofendem, machucam e desabrigam os que ali plantavam. Consequentemente, apesar da união e do espírito de cooperativismo entre os homens que trabalhavam no campo, não puderam, naquele momento, fazer muita coisa que os livrasse da situação imposta naquela armadilha, no entanto, juraram vingança e, da forma como puderam, ainda resistiram um pouco, inclusive Desidéria, que foi quem começou a agredir alguns soldados. Prêto Soares e Damásio também estavam ali, tentando se salvar e aos demais.

Mais tarde, os homens presos pelos soldados foram soltos a mando do fazendeiro, mas o Comandante teve medo ao pensar que eles conheciam muito bem o lugar e poderiam se vingar. O pensamento do militar, portanto, ficou restrito à necessidade de fazer com que as terras fossem desocupadas o quanto antes, preocupado que estava com a possibilidade de que os moradores, agora com bastante ira e jurando vingança, voltassem contra ele e seus homens. O mais sensato seria que, por conta própria, tomassem outro rumo, seguissem caminho, buscassem outro lugar para viver.

De fato, foi o que aconteceu, cada um, com sua família, destina-se a um novo horizonte, já não podem mais ficar em São Domingos, onde tiveram suas casas queimadas e estavam sem terra para plantar. Então, depois desse episódio, o fluxo narrativo direciona o leitor a acompanhar a nova caminhada dos lavradores. Aqui aparece a translocalidade mencionada por Ette (2006) e da qual falamos anteriormente, que é a mudança para um espaço que se configura, geograficamente, na mesma região, mas que distingue em culturas, costumes e, claro, identidades. A região para onde seguem os migrantes é a mesma, é o estado de Goiás, porém, eles vão para lugares como Goiânia, a “cidade grande”, com a qual não têm costume, o que comprova a afirmação de que, por mais que o local seja próximo, sempre haverá algo que o distingue dos demais.

Assim foi com negro Juliano e Custódio, Prêto Soares, Damásio, Neco Assunção, Cirilo e tantos outros. Em meio a esse processo de mudanças, alguns dos personagens são direcionados a permanecer no campo, no entanto, outros partem rumo à cidade, em busca de algo novo e promissor, lugar onde imaginam que poderão encontrar maior conforto para sua família. No último capítulo da primeira parte do romance,

depois de terem tentado resistir às investidas pesadas e violentas do Comandante e seus homens, encontramos velho Juliano e Custódio na seguinte situação: “Rumo de caminhos desconhecidos, para o sul, vão negro Juliano e o seu filho Custódio. Pai e filho caminham mudos, como dois que não se conhecem, e é assim durante horas e horas, e só se ouve o barulho dos pés” (GARCIA, 1966, p. 59). Mais algum tempo de caminhada, depois de refletir bastante sobre a vida, o sofrimento e a morte:

Êle chora mais uma vez e não tarda Custódio dá sinal de vida, agora mais resoluto.

— Pai, pra onde a gente vai? Tu fala nosso caminho.

A vida é cuidar da terra, é tirar o arroz e o feijão para o alimento.

— Custódio, é andar, é procurar uma lavoura...

E os dois pegaram a estrada, Custódio à frente, velho Juliano e o cão atrás. (GARCIA, 1966, p. 61).

Não se sabe para onde vão, mas uma coisa é dada como certa, a movência continua, porque é a isso que a narrativa direciona, à constante procura pelo lugar ideal de sobrevivência, até que os dias de vida se findem ou até que, definitivamente, seja possível chegar a Trombas, o lugar esperado, uma espécie de “terra prometida”, para fazer uma analogia ao texto bíblico. Lá, talvez, pudessem conseguir uma terra para chamar de sua e conviver em maior harmonia. Mas, enquanto esse tempo não chega, os homens do campo agora se dirigem para a cidade de Goiânia, onde tentam um recomeço, veem nisso uma oportunidade, apesar de terem consciência de sua baixa posição social.

A intertextualidade com a narrativa bíblica é encontrada na obra godoyana quando percebemos que, depois de muito caminhar para chegar a um destino tão almejado, apenas duas personagens conseguem alcançar à terra desejada. Na Bíblia Sagrada (s/d), o texto diz que o povo israelita caminhou por um período de mais de quarenta anos, sem descanso ou paragem, sem pertencer a lugar algum e em permanente mudança, a fim de chegarem a uma terra prometida, onde encontrariam leite e mel em abundância e não teriam mais os desprazeres vividos até ali. No entanto, depois de todo esse tempo, ao chegarem às portas da tão esperada cidade, foram surpreendidos pelos desígnios divinos, que os impediram de entrar, justificando desobediência e pecado. Dois homens, apenas, foram considerados puros o bastante para alcançar a promessa e ter acesso aos domínios do território almejado, ou seja, somente os dois tiveram fé o

bastante para superar os desafios e vencer as dificuldades impostas no trajeto. Na narrativa bíblica, assim é dada a notícia a todos: “Vocês não entrarão na terra na qual jurei que os faria habitar, com a exceção de Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num.” (NÚM – 14:30).

Já em *O caminho de Trombas*, o tempo gasto para chegarem à terra prometida não foi tão grande, porém, as pessoas nem conseguiram chegar às portas, a não ser Prêto Soares e Desidéria. À semelhança do primeiro texto, a multidão encontrada nas paragens goianas também vinha de lugares distantes e sem endereço fixo, seguindo uma promessa de que, em Trombas, conseguiriam terras prósperas, onde poderiam plantar e colher com fartura. Na sequência do enredo, acompanhamos como essa dinâmica de deslocamento é realizada, vindo de pouco a pouco, até chegar ao conhecimento de todos o lugar ideal. Paulatinamente, a massa populacional se direciona para a região, mas, ao que o romancista deixa claro, não foram todos que puderam chegar ao lugar previsto. Depois de muito caminhar, de muito lutar e vencer os obstáculos do percurso, assim como Josué e Calebe, Prêto Soares e Desidéria seguiram rumo a Trombas, como lemos no romance:

Alguns dias depois Prêto Soares e sua mulher tomaram condução e partiram. Chegaram a Anápolis. Desta cidade pegaram um caminhão e rumaram para o Norte, via Ceres e Uruaçu. Prêto demandava as terras de Formoso e Trombas, onde o esperavam. Êle falou à sua mulher das lutas daquela região. A estrada sumia sem fim nas chapadas goianas. Êle mostrava, vento dobrando as abas de seu chapéu, a grande estrada. Ela olhava. Prêto Soares ria. (GARCIA, 1966, p. 207).

Migrantes quase em tempo integral, a ida para Trombas, apesar de ser, por hora, a recompensa do casal de agricultores, não é garantia de estabilidade e permanência, como foi para os personagens bíblicos, que a história conta que permaneceram na terra prometida e dividiram ali suas heranças. Prêto e Desidéria poderiam tomar ainda outros rumos, assim como estavam indo para Trombas, onde companheiros esperavam pelo ativista político e partidário Prêto Soares. Fica subtendido, no trecho citado, que ainda existe possibilidade de novas mudanças, já que a luta continuava, e a região de Formoso e Trombas foi, por um tempo, lugar de guerrilha, para onde iam e de onde vinham muitas pessoas.

As personagens citadinas no romance de Godoy representam estereótipos do denominado pobre e subalterno, tendo que sobreviver de escassos trabalhos que lhes aparecem irregularmente ou sob o julgo de algum patrão controlador. São os “protagonistas da questão social” que, obrigatoriamente, são “usados” para construir a urbe, ou seja, eles são necessários dentro do espaço urbano, tendo em vista que os burgueses não vão se dar a nenhum tipo de trabalho braçal para continuarem a ter que desejam. Logo, para não haver possíveis rebeliões e/ou comportamentos ditos desviantes, subjagam os desvalidos à vigilância e à disciplina permanente. (PESAVENTO, 1994, p. 9).

Em consonância às ideias de Pesavento (1994), entendemos que, nesse momento social, mais que nunca, em função do alastramento do capitalismo, a classe subalterna passa a perceber que não tem para si o mesmo espaço que a burguesia. No entanto, mais que o proletariado, a classe capitalista também se dá conta de que surge aí um problema, já que não podem conviver com os demais, sendo assim, precisam pensar em teorias que, de alguma maneira, colocadas em prática, expurguem os menos favorecidos de seu meio ou, de forma fantasiosa, ao menos deixe que pensem que estão convivendo em equidade. Na verdade, o que há é uma separação efetiva das classes, uma vez que cada uma assume o seu lugar na sociedade, mas debaixo de uma velada aceitação por parte dos capitalistas. Enquanto isso, por trás dos discursos políticos de aceitação, os subalternos estão fadados à disciplinarização.

Uma das maiores preocupações nesse contexto é a moradia, justamente o que aflige os moradores de Vila Nova, que a todo tempo estão lutando contra o governo na intenção de se manterem no pequeno espaço da cidade onde estão alojados. Assim são construídas, historicamente, as cidades, com a chegada de pessoas que antes não habitavam e, quiçá, sabiam da existência daquele espaço. Foi assim desde os tempos mais remotos e em todos os lugares, como já nos lembra Pulido (2014) ao resgatar o modo de construção das cidades em seu artigo “*Valor de uso y espacio urbano: la ciudad como eje central de la conformación política cultural y simbólica de las sociedades*”.

Por um lado, a cidade nada mais é que um produto originado do capitalismo, que se erguem em torno de uma organização social e política, constituindo-se como um aglomerado de construções que circunda as necessidades humanas. Por outro lado,

pode-se chegar ao nível simbólico e, em seus redutos menores, como a casa, por exemplo, ter uma transcendência de valores. Querer um espaço seu é condição intrínseca ao ser humano, principalmente quando se trata de ser um migrante forçado, por isso a necessidade biológica e política de busca por um lugar fixo, mas existe outro fator que condiciona o aparecimento das cidades, que é a cultura, a necessidade de estar junto com o outro, a constituição simbólica de um espaço de união. É nesse sentido que resgatamos os dizeres de Pulido (2014, p. 197): “A forma social natural ao mesmo tempo que é biológica é também política e cultural. Esta última dimensão está vinculada não apenas ao semiótico, mas também ao simbólico.”¹³

Vale notar, ainda, que as primeiras aparições urbanas foram compostas por uma mescla de espaço rural e urbano, porque tudo era feito no mesmo local, isto é, ao redor da cidade estavam os campos de plantações e não havia uma separação como na atualidade. Porém, com o transcorrer do tempo, temos hoje uma sociedade urbana construída, basicamente, a partir de interesses políticos, biológicos e sociais, perdendo-se em cultura e representação simbólica. E é de acordo com a primeira colocação que se ergue Goiânia, real e ficcionalmente, a partir da necessidade de adequação aos avanços tecnológicos e à tecnologia, isto é, à modernidade.

Assim, quando os trabalhadores migrantes chegam do campo e precisam se instalar na cidade, eles não são ouvidos pela polícia que, frequentemente, vigia para que não haja a construção de mais nenhum “barraco”, nem reparação ou aumento dos já construídos, assim, teoricamente, as famílias que chegam da zona rural ficam impedidas de compartilhar daquele espaço. No entanto, ainda que, sob constante vigilância, conseguem levantar uma ou outra casa para, em seguida, serem novamente descobertos e humilhados pelos homens do governo, que derrubam as frágeis construções e, de forma alguma, lhes dão ouvido, como lembrado por Pesavento (1994, p. 11): “Politicamente, são os tais cidadãos de segunda ordem, pouco ouvidos pelas autoridades em suas reclamações e sendo considerados suspeitos aos olhos da polícia”.

De qualquer modo, a coletividade que une esse povo, os vários já moradores da vila, mais aqueles que ali vão chegando aos poucos, direciona-os a proteger seu bem maior, a propriedade, o lugar de abrigo, onde convivem. Afinal, são muitas pessoas envolvidas e que dependem dessa moradia para sobreviverem; famílias inteiras, com

¹³ “La forma social natural al mismo tiempo que es biológica es también política y cultural. Esta última dimensión está vinculada no sólo con lo semiótico sino también con lo simbólico.”

vários filhos e agregados, dependendo da conquista desse espaço. Por isso a necessidade de trabalho conjunto, a afinidade de objetivo e a reciprocidade de todos, do mais novo e do mais velho, mas, ainda assim, são vistos como perigosos pelo olhar das autoridades, porque temem rebeliões e conquistas a partir dessa união, assim, logo que iniciam qualquer movimento referente a uma nova habitação, são interceptados pela polícia, conforme lemos no capítulo três da segunda parte.

No texto literário, depois da queimada dos ranchos em São Domingos, o narrador só volta seu olhar e acompanha mais de perto a trajetória de Juliano e Custódio, de modo que já vamos encontrar os outros personagens diretamente na cidade, sem saber quanto tempo demoraram para chegar ou como chegaram. Mas, assim que nos deparamos com a presença deles no novo espaço, também temos conhecimento da recepção que lhes é dada, tanto pelos já moradores da Vila Nova quanto pelo governo, que impede a construção de novas moradias:

A Prêto e a negro Damásio *disseram que levantassem o rancho*, tivessem o tino. A exemplo de todos os que chegavam, levantassem o seu. Assim, Prêto e o amigo, ao fim de três dias ao relento, construíram o rancho. [...] Ao fim de quatro dias eis que a água brotou na cacimba. Tratavam de levantar mais uma parede; puseram-se a fabricar os adobes e *chegaram as notícias da proibição*.

[...] o fiscal do govêrno havia percorrido a Vila, proibindo o consêrto dos velhos e a construção de novos ranchos. [...] Nessa mesma noite o fiscal veio e avisou que se continuassem o serviço a polícia entraria em ação.

[...]

[...] Na vila, quando alguém levantava a voz contra o govêrno, muita gente se reunia para ouvir.

Pelas noites procuravam melhorar escondido suas moradas. As mulheres, os homens e os meninos trabalhando silenciosamente. Punham vigias. Eis que era um cair na caminha, um roncar de tocas; alta noite levantavam-se e caíam no trabalho. Com o surgir de moradias reconstruídas, surgia o fiscal avalentado, ameaçando céus e terras.

—Êh, cachorrada; eu pego um, cachorrada! (GARCIA, 1966, p. 70/71. Grifos nosso).

É dessa forma que se organizam em prol de uma ajuda mútua, vendo-se cercados pelo governo, que os ameaça constantemente, dizendo serem perigosos e sem deixar que ocupem espaço na cidade. Aqui aparece uma contradição social, política e econômica, uma vez que existe aí um conflito de interesses, já que a cidade, para ser construída e

desenvolvida precisa da classe operária em todos seus setores; no entanto, os sujeitos estão sendo expulsos desse lugar que, no contexto narrativo, é a nova capital do estado, ainda em construção. Ao invés do acolhimento dos migrantes para, em harmonia, darem seguimento ao projeto de evolução da cidade, a prática é outra e a visão que se tem desse povo que quer apenas instalar-se no espaço urbano é distorcida pelas autoridades governamentais. Não há, porém, uma desistência de luta por parte dos trabalhadores, ao contrário, eles insistem em levantar suas casas, mesmo diante da vigilância constante dos fiscais do governo. Ao tentar proteger suas novas moradas, mais uma vez, vemos a coletividade em ação, a presteza desse grupo social, a forma como eles são tratados e vistos pelo governo, que é como uma ameaça e comparados a animais, como pode ser visto no seguinte trecho:

Pelas noites procuravam melhorar escondido suas moradas. As mulheres, os homens e os meninos trabalhando silenciosamente. Punham vigias. Eis que era um cair na caminha, um roncar nas tocas; alta noite levantavam-se e caíam no trabalho. Com o surgir das moradias reconstruídas, surgia o fiscal avalentado, ameaçando céus e terras.

— Êh cachorrada; eu pego um, cachorrada! (GARCIA, 1966, p. 71).

Antes, durante a queimada dos ranchos em São Domingos, foram tratados da mesma forma pelos soldados e jagunços dos fazendeiros. Sendo assim, verifica-se que essa é uma situação a que os trabalhadores estão sujeitos, visto seu posicionamento de marginalizados socialmente. De certa maneira, essa marginalização ocorria numa dada sociedade, porque eles mesmos formavam um grupo social e se aceitavam mutuamente, querendo apenas lutar contra a subalternidade que lhes foi imposta, pensando-a como uma relação de dominação e de exclusão política e social.

3.2 Espaços migratórios

O espaço é, sem dúvidas, um dos pontos mais altos da narrativa, porque é onde tudo acontece; no campo ou na cidade, tudo gira em torno do lugar onde se encontram os personagens. Um espaço que é construído de movências, o que dá à obra uma forma ainda mais privilegiada, porque os deslocamentos levam o sujeito a explorar novos territórios e, daí, a encontrar experiências a serem compartilhadas.

Quando iniciamos a leitura de *O caminho de Trombas*, encontramos os personagens em São Domingos, já carregando uma bagagem cultural e vivência de mundo que, no decorrer da narrativa, vamos saber que foram provindas de outras andanças e que nem todos nasceram ali, mas para lá foram quando ouviram rumores de que eram terras fartas e não tinham donos:

Desde anos o Neco lutava para ter os seus haveres. Despendera muito para defender as terras de São Domingos. Era corajoso, agora um tanto esmorecido. Anos passados souberam que as terras de São Domingos eram devolutas. Então se casaram e vieram. Mais tarde tiveram conhecimento de que tratava de terra de ausente. (GARCIA, 1966, p. 33).

Lá passaram a viver e a explorar essa terra que, inicialmente, cumpria a função de dar o sustento a uma quantidade significativa de famílias de agricultores. É essa, portanto, a primeira experiência que testemunhamos ao seguir as trilhas deixadas pelo narrador. Tempos depois, esse lugar já não era mais o mesmo, chegaram aqueles que se diziam donos das terras e expulsaram os lavradores, que, após certa resistência, mas sem obter sucesso, precisaram deixá-las e ir a caminho da cidade, onde, mais uma vez, precisavam lutar para conseguir o mínimo de subsistência possível.

Não é só no romance godoyano que essa situação é encontrada, mas se trata de um acontecimento bastante comum quando se pensa em termos de contextualização histórica, visto que, com a condição política e econômica pela qual passava o país em meados da década de 1940 e 1950, reflexo da grande crise internacional da década de 1930, era comum que:

No campo, acentuavam-se as condições de pobreza crônica e recrudescia o poder das oligarquias, articulado à falta de assistência por parte do Estado, como se pode exemplificar com o caso brasileiro dos retirantes que saíam de suas terras em busca de trabalho, pão e dignidade em outros lugares, gerando o fenômeno do desenraizamento explorado por autores como Antônio Tôrres em seus romances, visto que nem sempre a partida para terras distantes significava o resgate da vida, mas a inadaptabilidade e a perda dos referenciais. (CARDOSO, 2012, p. 97).

Com a crise instaurada no campo, as idas para a cidade tornam-se cada vez mais frequentes e o número de migrantes aumenta, refletindo nos direcionamentos

econômicos e políticos. Nas leituras de outros textos literários produzidos em Goiás e Tocantins, Oliveira (2016) resgata esse aspecto social voltado para a história brasileira da segunda metade do século XX expondo o seguinte:

Os trabalhadores rurais sem-terra, com longo histórico de sofrimento nas periferias das cidades, e que vem conquistando o acesso à terra via pressão política, enfrentando o poder constituído, criam, recriam e negam representações sociais acerca dessas experiências. (OLIVEIRA, 2016, p. 94).

Esse tipo de crise é uma realidade no mundo e não apenas no Brasil e/ou em Goiás, logo, para além da realidade, nas literaturas produzidas em todo o país, quiçá no mundo, os reflexos sociais são expostos. A migração, por exemplo, o desenraizamento, dito por Cardoso (2012), é uma consequência das crises econômicas globais, que forçaram as pessoas a percorrer caminhos desconhecidos, e as condições para tais movimentos não foram os melhores possíveis, como podemos ver a partir dos relatos históricos e literários dados nas obras de José Godoy Garcia, Antônio Tôrres, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Vargas Llosa, Alejo Carpentier, Gabriel Garcia Marque, entre outros. Todos esses autores escreveram romances de cunho sociológico e histórico, marcados por temáticas que giram em torno “da diáspora, do exílio, do desenraizamento, do êxodo em qualquer nível ou circunstância” (CARDOSO, 2012, p. 100). Em termos geográficos, na narrativa, temos dois espaços físicos, quais sejam, o rural e o urbano, o que não significa que seja reduzido, muito pelo contrário, já que são tropos que indicam vivências diferentes, mas que se complementam, pois os valores dados à construção das cidades não se difere muito, neste caso, dos do campo. Em síntese, compreendem-se em economia, política, cultura e valor simbólico (PULIDO, 2014). Desses lugares, os mais destacados e onde há mais ação, assim como os que são descritos em pormenores mais específicos são, respectivamente, a fazenda São Domingos e arredores, bem como Goiânia e cidades vizinhas. No desenvolver do romance, outras paragens rurais e urbanas são mencionadas, mas em menor escala e, na maioria das vezes, a título de exemplificação ou menção. No que diz respeito à descrição do campo, o narrador é bastante detalhista e descreve a paisagem, o clima, as estações, a posição geográfica e todos os demais fatores que identificam aquele lugar. Vejamos um desses exemplos na obra:

A sesmaria de São Domingos começa no Rio São Domingos, dividindo com as terras dos Farias pela cabeceira mestra, subindo a serra, águas vertentes, até a cabeceira do rio Sereno e por este abaixo, veio d'água, até onde recebe as águas do riacho Bonsucesso, seguindo por este até o capão, dêste em rumo até o São Domingos onde teve o seu princípio. Muitos alqueires de chão estavam nestas divisas. Vinham posses de anos e haviam sido muitas delas transmitidas de pais para filhos. (GARCIA, 1966, p. 30).

É muito específica a posição espacial aqui, de modo que marca a indicação mais próxima do real possível, se pensarmos que o romance tem traços históricos e faz alusão a acontecimentos, lugares e pessoas reais. É um lugar por onde passaram muitos migrantes e caminheiros, pessoas que não constituíram moradas fixas, mas apenas estavam de passagem.

Estar nesse lugar tão pormenorizadamente situado e descrito confere às personagens uma relação de construção de identidade, visto que pertencem a um lugar muito marcado culturalmente, cheio de valores e tradições e, acima de tudo, as pessoas que vivem no campo ou na cidade, e são ou serão migrantes, compartilham de uma condição social desvalorizada, de modo que são capazes de entender o outro e identificar-se entre eles, o que corrobora para a criação de uma identidade coletiva. Ao pensar esse processo de construção identitária, Castells (2008) propõe três diferentes formas e origens para tal, de modo que uma delas dialoga com esta discussão acerca da maneira como são dadas as identidades desse povo migrante em relação ao espaço em que vivem. É a segunda forma a que nos interessa e está colocada assim:

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo expostos a estes últimos [...]. (CASTELLS, 2008, p. 24).

Ora, ser migrante é, por si, um estado de resistência, porque o sujeito que está posicionado nessa situação é confrontado a todo momento com a necessidade de adequar-se ao espaço alheio. Além disso, se esse sujeito é de classe social inferior e vive em condições desfavorecidas e desvalorizadas socialmente, ele é obrigado a resistir para sobreviver. Pensando agora não em um, mas em vários desses, temos a comprovação da

definição dada por Castells de que a construção de uma identidade coletiva de resistência dá-se nesses moldes, ou seja, mediante o enfrentamento e a resistência aos princípios colocados pela sociedade ideológica e comumente tida como correta. Assim, estar em um espaço (rural ou urbano), ser pobre, migrante e trabalhador são fatores que convergem para a formação identitária desse sujeito.

Já no que tange à cidade, apesar de haver também muitas referências, não são tão descritivas e esmiuçadas, faz-se apenas menção aos lugares existentes: “Viu Goiânia crescer nos matos. Cidade que nasceu pelas mãos aventureiras (GARCIA, 1966, p. 66).” “Prêto se empregara numa construção da Avenida Goiás” (GARCIA, 1966, p. 73). “Nas saídas de Vila Nova para o Meia-Ponte [...]” (GARCIA, 1966, p. 78). “O mar de povo congestionou a Praça Cívica, as colunas do verde edifício palaciano comprimiram-se” (GARCIA, 1966, p. 101). Encontramos aqui um espaço que, fisicamente, é maior e mais complexo, no entanto, e talvez por isso, sobre ele não há tantas observações, ficando a cargo do leitor fazer as inferências aí relativas.

Com as experiências dos dois tropos mencionados, outros fatores também surgem e são vistos de maneira distinta pelos personagens, como conhecimento, cultura, identidade e economia, por exemplo. E quando pensado em termos de representação literária, esses espaços e fatores passam a significar ainda mais, porque deles é indissociável a noção de tempo.

Almeida (2015), retomando os ensinamentos de Bakhtin, lembra a noção de cronotopo, que é “‘o lugar onde os nós da narrativa se fazem e se desfazem’ e está intrinsicamente ligado à forma como a literatura assimila o tempo e o espaço históricos ao estabelecer um significativo diálogo entre literatura e história” (ALMEIDA, 2015, p. 29). Sendo assim, no trajeto narrativo, urge a necessidade de se observar sempre a relação cronotópica, uma vez que o texto é conduzido por tais vieses.

É nesse ponto que o texto literário se funde às perspectivas teóricas, visto que, na narrativa, tanto na zona rural como na cidade, há uma segregação do espaço territorial ocupado pelos grupos de minoria, em qualquer tempo. Nas lavouras, em função dos arrendamentos e das posses dos fazendeiros, os lavradores só têm direito a um pequeno sítio para construir seus ranchos e criar alguns animais, bem como plantar mantimentos para sua sobrevivência. E, no espaço urbano, não há também um lugar reservado ao proletariado, uma vez que onde moram é constantemente vigiado pelo

governo, que exclui e cerca de todas as maneiras possíveis, a fim de impedir que a cidade (futura metrópole) não seja “invadida” pelos indesejados retirantes da zona rural.

Há aqui um paradoxo, já que, para que a cidade cresça, é preciso de uma mão de obra trabalhadora, a qual se encontra, justamente, na força bruta desse grupo que é excluído. Surge então um conflito espacial, na medida em que todos precisam dividir o espaço citadino, mas as dualidades presentes impedem e/ou dificultam a relação com o outro, ideia esta que se vincula com o que é discutido por Pesavento (1994) sobre o lugar dos pobres na cidade.

Os espaços da narrativa godoyana são demarcados tanto pela exclusão quanto pela coletividade e, ao mesmo tempo, o excesso e a individualidade se fazem presentes. Isto é, os grupos sociais de minoria são excluídos dos espaços rural e urbano, por razões individuais, como a dos fazendeiros, por exemplo, que querem para si a exclusividade das terras. Por outro lado, ao passo que a cidade é constituída por um excesso de pessoas, o grupo é excluído e impedido de circular no grande centro. A constante presença desses grupos que se movimentam no decorrer da narrativa demonstra a inserção da literatura de multidão na obra godoyana, porque há uma participação e um pertencimento em conjunto, digo, mesmo havendo a tentativa de segregação do espaço entre as classes sociais, aqueles que estão juntos, o povo, os excluídos, estão sempre em uma configuração que contribui para o nivelamento do coletivo que movimenta a narrativa.

A massa populacional também se movimenta a fim de fazer valer seu direito civil e não é por acaso que se une e sai em passeata para “falar com o governo” (GARCIA, 1966, p. 101) e exigir uma ação direta em relação à moradia. Essa multidão subalterna e também responsável pelo crescimento da cidade busca espaço em meio aos demais e, quando decide pela manifestação, homens, mulheres, crianças e velhos, todos vão. “A *onda humana* tomou rumo do palácio.” “O *mar de povo* congestionou a Praça Cívica [...]”. (GARCIA, 1966, p. 100-101. Grifos nossos). E foi por meio dessa ação que conseguiram, ao menos por um curto período, manterem suas moradias levantadas.

Na segunda parte da obra, “Os caminhos da cidade”, acontece uma mudança circunstancial no espaço da narrativa, pois é quando identificamos os personagens em uma relação de convivência próxima com a cidade. Além dos já mencionados, aparecem, também, aqueles que já viviam em Goiânia, desde antes da chegada dos

novos moradores. Essa representação do espaço urbano e seu delineamento é um diferencial promissor, principalmente porque evidencia o acompanhamento da criação e do desenvolvimento das duas capitais que cercam a região, quais sejam: Brasília e Goiânia, respectivamente, a capital do país e do estado.

A presença do espaço citadino na narrativa é uma característica do Neorregionalismo, que deixou de focalizar apenas o cenário rural e passou a situar, também, o ambiente urbano. Ademais, esse espaço passa a exercer uma função de coparticipação na narrativa, isto é, atua “na condução das experiências vivenciadas pelas personagens ao longo da narrativa” (BRITO, 2017, p. 32). A referência a Goiânia na obra de Godoy Garcia não é por mero acaso ou apenas para conferir verossimilhança ao romance, mas para enfatizar a importância desse espaço na vida das personagens que para lá vão seguir e das que lá já se encontram, vindas, por sua vez, de outros lugares. Desidéria, por exemplo, mulher de Prêto Soares é uma das personagens que mais chama a atenção nesse aspecto, porque vê a mudança como algo bastante positivo.

A mulher de Prêto gozava sua nova vida. Recordava os velhos tempos de quando viviam em Nazário, Prêto ganhando dinheiro por dia, Prêto longe das lavouras. Não queria mais a terra. Não queria para si nem para o seu marido Prêto. Longe da terra e das plantações haveria de viver agora. Nas cidades parece que Deus ajuda mais; o trabalho é menos injurioso. Desde muito não queria sua vida nas lavouras; era constantemente convidada ao ódio. Em Goiás, o ódio mora nos campos, nos rios, matas e palhadas. Não, pensava Desidéria. A terra é amaldiçoada. [...]

Agora vivia numa grande cidade. Olhava Goiânia com seu mundaréu de casas e plantações [...].

O rancho é uma morada bonita; uma casa que se liga a outras. A grande cidade encantada, à noite, com seus luzeiros, parecendo estrelas caídas no chão ou na mata. (GARCIA, 1966, p. 71-72).

Cansada da experiência no/do campo, Desidéria sonha em ter uma vida que ela considerava mais calma e menos cansativa na cidade, onde as coisas parecem mais fáceis e “Deus ajuda mais”. Estar nas lavouras era uma condição à qual se via submetida há tempos, mas que já não se contentava mais com ela, não queria mais a terra para trabalhar, por isso a possibilidade de migrar desperta na personagem uma nova perspectiva, é um atrativo, uma esperança, uma forma de se ver útil e integrada ao social, à comunidade, à vida.

Não só na ficção, mas também na realidade, somos constituídos pelo processo migratório e pelo cruzamento de identidades, valores, costumes e interação com o outro. Essa prática milenar tem sido discutida por estudiosos há séculos e, por mais novidades que apresentem e direcionamentos que tomem suas teorias, o resultado será igual, pois o movimento de ir e vir é cíclico e constante. Inicialmente, a partir das grandes revoluções e chegada da globalização, a migração acontecia de maneira mais intensificada da zona rural para o espaço urbano, contudo, na contemporaneidade, ela ocorre, principalmente, nas cidades, o que gera mais contato pessoal e, conseqüentemente, contribui para a construção das identidades do sujeito movente. Na narrativa em análise, o percurso das personagens vai além dos caminhos da cidade, ele vem desde o espaço rural, de onde já conhecemos alguns agricultores que compartilham os problemas parecidos e buscam saída para eles. Mais tarde, somam-se aos da urbe, tendo, inclusive, a necessidade de construir uma nova identidade para que sejam aceitos na nova configuração espacial, cheia de pessoas e costumes diferentes, o que não foge à já mencionada forma de construção de identidade apontada por Castells (2008).

O autor pormenoriza, também, “que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e [...] uma identidade cultural, comunal” (CASTELLS, 2008, p. 79), o que está diretamente ligado à construção social e identitária dessas personagens migrantes vindas do campo, que lá estabeleceram cultura e costumes, espaço este que consideram seu e do qual, muitos deles, não querem desapegar e ficam reféns. A condição social e de subalternidade de nenhum deles vai mudar substancialmente, mesmo indo para a cidade, apesar disso, se há uma abertura para receber o que vem de fora, do outro, haverá um reposicionamento no que tange à possibilidade de novas identidades serem construídas.

Essa multidão, contudo, não está alheia aos acontecimentos, muito pelo contrário, há uma força que move os sujeitos a uma atividade social coletiva que visa tirá-los do estado de subalternização em que se encontram, como quando a classe operária se une para construir moradias, a fim de abrigar as famílias que chegam à capital do estado que está nascendo ali, junto com eles e na dependência deles. Por mais paradoxal que possa parecer, o governo não quer aceitar a presença dos pobres e desvalidos na cidade, mas são esses homens e mulheres que trabalham para o

crescimento e fundação de Goiânia. Espaço, pessoas, poder e território são elementos que, juntos, configuram-se como o que denominamos de relações sociais, que é uma prática humana comum e permite a comunicação e interação entre as classes.

Estar em um lugar que é seu e ter que sair para se instalar em outro, como aconteceu com os migrantes agricultores, é o que os teóricos da Geografia chamam de desterritorialização e reterritorialização, isto é, há uma exclusão de determinada classe social de seu local de pertença e, na sequência, a ordenação dessa mesma classe deve ser feita em outro território. Ambos os processos, portanto, estão vinculados e incluem questões políticas, econômicas e culturais.

Desterritorialização, portanto, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial. [...] Na sociedade contemporânea, com toda sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de “exclusão”, ou melhor, de precarização socioespacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador é o principal responsável pela desterritorialização. (HAESBAERT, 2006, p. 67 *apud* CHELOTTI, 2010, p. 170).

É exatamente isso o que se dá com os agricultores que, acuada pela força do poder dos grandes fazendeiros são excluídos de suas produtivas terras e obrigados a viver em outro espaço, no qual também não são bem acolhidos e sobrevivem em situação precária, tanto de espaço quanto de subsistência, ou seja, mais uma vez são excluídos. Precisam morar nos arredores da cidade, fora dela, porque o centro não é lugar para eles, a não ser que seja para trabalhar, mesmo os lugares ditos públicos são proibidos e o novo território termina por ser mais excludente que inclusivo e receptivo.

A construção da Vila Nova, no contexto do romance, remete a um diálogo com a própria noção de desenvolvimento urbano e revolução industrial no Brasil, vinda desde meados do século XX, quando também teve um fluxo bastante intenso no êxodo rural do país e que, mais tarde, intensificou-se um pouco para, adiante, ter menor fluidez, caracterizando como a reterritorialização, depois do processo de desterritorialização. É um episódio ocorrido não apenas no romance, mas na História de Goiânia, pois é um dos bairros mais antigos da cidade e, de fato, foi construído a partir da ocupação de alguns operários que vieram de várias partes do país, inclusive do próprio estado. O nome do bairro dá, hoje, nome ao time de futebol da cidade e, de

acordo com dados do sítio oficial da cidade Goiânia, no último censo realizado, em 2010, contava com 15.893 habitantes¹⁴.

Portanto, vimos no romance uma caracterização do início desse espaço e a relação e comprometimento dos personagens com sua efetivação, então, não é por acaso que parte da obra é dispensada para narrar os fatos ali ocorridos, aliás, desde o segundo capítulo, “Os caminhos da cidade”, já são inseridos aspectos que delineiam os personagens e sua relação com aquele espaço, bem como com os lavradores vindos da zona rural e o governo. É na quinta parte da obra, “Cirili, Doraci e Desidéria”, que teremos um retorno a esse lugar, bem como a outros bairros que foram construídos e destruídos da mesma maneira, pelo povo e pelo governo, respectivamente, um constrói e o outro destrói, como foi o caso de Vila Nova e Matadouro Velho. Ali, só tinham um pouco de tranquilidade quando estava em época de eleição: “Viviam tranqüilos no Matadouro Velho. Há cinco meses que o novo governo tomara posse. O povo com fundadas esperanças de que não sofreria mais vexame” (GARCIA, 1966, p. 182). Depois disso, novo enfrentamento, mais uma vez vieram os homens do governo e destruíram as moradas, ação realizada com violência e autoritarismo, da mesma forma que foi realizada em São Domingos.

Para o lavrador vindo da roça, era preciso pensar que o trabalho na cidade seria outro, uma vez que a lavoura e o campo ficaram para trás, era agora preciso aprender um novo ofício, o que não era problema para Prêto, por exemplo, que conseguiu empregar-se na construção civil, onde, inclusive, fez novos amigos e passou a aprender não só sobre alvenaria, como também de política e outros assuntos até então desconhecidos.

Toda essa movimentação influencia na construção identitária desse migrante e em seu crescimento enquanto ser social e interativo que é, lembrando que não há como se desvincular de estar com o outro e participar da cultura, da história e da memória do outro, uma vez que se encontra diante de um território compartilhado. Nas palavras de Chelotti (2010, p. 170):

¹⁴ Disponível em:

<<https://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/anuario2012/arquivos%20anuario/3%20DEMOGRAFIA/3.1%20Popula%C3%A7%C3%A3o/3.1.22%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20de%20Goi%C3%A2nia%20por%20regi%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

A identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial. Portanto, percebe-se que a incorporação da dimensão simbólica, do imaterial no discurso geográfico, tem possibilitado uma enorme riqueza nas análises sobre a produção do espaço, das paisagens, das territorialidades.

Logo, existe o que se pode chamar de identidade territorial, que é construída de acordo com as subjetividades de cada membro pertencente ao grupo social que chega e ao que recebe o migrante. De uma maneira darwinista, por assim dizer, o meio influencia o modo de vida e o sujeito acaba por se adaptar à nova realidade do território agora habitado por ele, bem como incorpora as simbologias no novo costume. Em meio a essa mudança, as identidades dos personagens passam por um processo de transformação, uma vez que precisam adequar-se ao novo modo de vida. Dessa forma, uma cultura diferente é trazida para o contexto daqueles que vieram do campo, mas não esqueceram seus hábitos antigos, incorporando outros, o que nos direciona ao movimento da transculturação, proposto por Fernando Ortiz e discutido por vários outros estudiosos, nos dado aqui por Almeida (2009, p. 92):

Esse processo se daria em três momentos: a desculturação, onde há a perda dos componentes culturais do povo dominado; logo, a incorporação de uma cultura externa imposta e, por fim, uma neoculturação, ou seja, a articulação dos elementos culturais originais junto aos externos adquiridos.

Assim, o homem subalterno, vindo do campo, perde um pouco dos traços característicos que carrega, passando a adquirir os costumes e maneiras do “colonizador”, lido aqui como o homem da cidade. Resultado disso é a hibridação das culturas, que acaba por fundir-se em uma transculturação. Dentro da narrativa, houve mudança de profissão, por exemplo, e foi preciso um tempo para acostumar-se a ela, mas não o sentimento de conexão com a natureza, temática explorada por toda a obra de Godoy Garcia. O conhecimento da nova experiência de Prêto Soares e suas impressões sobre o ocorrido também é um exemplo de transformação cultural, todavia, ele continua encantado pela força, pureza e vitalidade da água, presente e necessária em todos os lugares, inclusive nas canções que os operários cantavam durante a lida diária:

[...] Aquela canção que dizia:

__A água lava, lava, lava tudo
 pouco saía de sua mente, era bonita e Simeão a cantava com entonação. Punha sentido no ritmo e aceitava os sentimentos. [...] Sua vida agora será sempre esta, operário, longe dos matos, vivendo na cidade como queria sua mulher.
 [...] Podia viver em qualquer lugar desde que tivesse trabalho e amigos. O grande corpo de Prêto, sob o edifício, parecia insignificante. No início foi duro. A mão acostumada na enxada não teve alento. Para êle o difícil era apanhar-se sabido na profissão, dominando o ofício. [...] A água lava mesmo tudo. O homem sabe a fôrça da água; sabe sua energia e vitalidade. (GARCIA, 1966, p. 74).

Essa necessidade de apegar-se à água faz parte da identidade do personagem que, após seu processo de migração para a cidade, não deixa de se ver como alguém que tem raízes históricas e que, por sua vez, constituem a natureza do homem do campo, mantendo, por conseguinte, as suas tradições e cultura. A globalização, a modernidade e a reterritorialização, portanto, sem sempre vão influenciar tanto a identidade, a ponto de se perder sua essência, até porque existe uma “permanência de elementos identificadores de identidades coletivas, principalmente em sociedades tradicionais (como a camponesa) que não se inseriram completamente na onda modernizante” (CHELOTTI, 2010, p. 172), resistindo à mudança total de identidade e permanecendo fiel à de seu território primeiro. Mais uma vez, então, voltamos ao processo transcultural, que muda, mas mantém a identidade do sujeito em determinados aspectos. Esse também é um fator que pesa sobre a poética godoyana, pois valoriza de forma bastante peculiar a questão do ontológico e, conseqüentemente, sua relação com a terra e a água. Assim pode ser vista a relação do sujeito migrante com sua identidade territorial nesse contexto:

O camponês, quando perde sua referência anterior, ou seja, sua condição de pequeno proprietário, ou de arrendatário ou sua relação com a terra, sofre um processo de desterritorialização. Na medida em que vai se constituir um novo território este camponês passará por um novo processo de organização, mas ainda manifestará os seus jeitos, as práticas, as suas experiências acumuladas em sua história de vida. (MEDEIROS, 2006, p. 285 *apud* CHELOTTI, 2010, p. 174-175).

Independentemente do que muda ou do que permanece, pensamos na desterritorialização, circunstância advinda do processo de globalização e contemporaneidade, que levou os teóricos a repensarem a questão da identidade, já que

o sujeito passa a coexistir com outros, alterando sua primeira formação identitária e dando margem à inclusão de novas culturas em sua existência, fenômeno que também pode ser associado à migração. Territorialmente, o espaço passa a ser marcado por certa desordem, além de mostrar-se refratado e exposto a novos conhecimentos provindos, justamente, da globalização cultural.

No entanto, em episódios como as das derrubadas das moradias, tanto no campo quanto na cidade, o que temos é, unicamente, a desordem, já que o espaço físico foi desintegrado e as pessoas que ali viviam passaram a não ter mais possibilidade alguma de reconstrução do que, um dia, chamaram de casa e acreditaram estar inseridas na nova convivência urbana. Por outro lado, diante disso, a identidade desses sujeitos é, de alguma forma, reconfigurada, tendo em vista a necessidade de reerguerem-se e, mais uma vez, deslocarem-se rumo ao desconhecido, que é Trombas, onde esperam chegar.

Identidade reconfigurada porque, ao passarem pela segunda experiência de terem suas casas destruídas, em dois espaços distintos e onde não são respeitados como seres humanos co-participativos, passam a carregar vivências que alteram o modo de vida e de ver a realidade vivida. A vivência com o outro e a posição de dominado conferem ao personagem, portanto, uma reconfiguração identitária, como pode ser visto em Doraci, que no início da narrativa era bastante submissa às ordens do marido e, depois de ver esgotadas as possibilidades de reconstruir moradia, no campo ou na cidade, percebendo também que a relação com os demais companheiros e/ou vizinhos não tinha mais progresso, decide pegar os filhos e pedir esmolas pelas ruas, atividade que obriga o marido a exercer junto com os demais membros da família.

— Disbriado, bêsta, Cirilo. Disgramado. O tanto que sofremos nas lavouras e tu ainda lembrando dos eitos. É falta de juízo bom e vergonha, Cirilo. Apanhamo, e agora vivemo bem. Nunca, em época nenhuma, nossa vida foi tão boa e mais sussegada, como agora. Pedir esmola é bom porque o povo é bom e ajuda mesmo. Num falha. No tempo das lavouras era a miséria. Tu inda fala em voltar. (GARCIA, 1966, p. 204-205).

Aquela que em São Domingos era guiada pela voz do marido, trabalhava de bom grado na terra e cuidava dos filhos, transforma-se em uma mulher que dita os caminhos a serem seguidos por Cirilo e pelos filhos. Acredita que o tempo que passou no campo

não foi de contentamento e era só miséria, mas agora, acostumada (ou influenciada) com o novo modo de vida, julga ser outra pessoa e ter aprendido com as desventuras. Essa é uma personagem, entre tantas outras, que mostra as possíveis transformações que o espaço causa em quem está em constante migração. É a prova de que o meio influencia o modo de vida do ser humano, e espaço citadino, sendo que esse meio, exerceu algumas mudanças nos comportamentos dos migrantes.

As classes sociais distintas sempre estiveram presentes na sociedade, então, os pobres (con)vivem na cidade há tempos, no entanto, a partir de meados do século XIX, com a questão da industrialização e da modernização, deu-se, como é sabido, uma intensificação nas mobilidades espaciais, de onde surgiram a migração interna e o êxodo rural. Com isso, o homem do campo, pobre, a procura de subsistência, passou a habitar a cidade, local que o atraía, pois prometia mudanças positivas. Porém, ao chegar a esse espaço, a realidade encontrada era outra, já que havia muita dificuldade em se instalar na urbe. Inicialmente, era preciso ficar na rua, até que encontrasse um lugar onde pudesse levantar uma moradia, por mais simples que fosse. Depois, lidar com a indiferença do homem citadino de uma classe social superior e, principalmente, com os desmandos do governo.

Surge, mais uma vez, o paradoxo da convivência entre as classes sociais e os espaços, porque a cidade, ao mesmo tempo que cresce e precisa do operário, rejeita-o ao não conceder um espaço habitável a ele. Sendo assim, o pobre, o negro, o camponês, o operário e o migrante precisam se manter afastados da burguesia e dos espaços considerados de elite branca. Não podem se misturar, cada um precisa ter seu espaço, o que torna-se completamente impossível, visto que, em algum momento, haverá o encontro dessas classes nas ruas, lugar público, pertencente a todos, como bem nos lembra Pesavento (1994, p. 84).

Esta era, todavia, uma realidade inevitável: à medida que a cidade crescia, que a vida comercial e fabril da urbe se estendia, um povo sem rosto parecia habitar as ruas. Eram, em princípio, pobres, mal vestidos, muitas vezes mal-encarados e freqüentemente atemorizavam a vida das famílias burguesas. A caminho do trabalho, na volta da fábrica, fazendo biscates, mendigando ou simplesmente flanando, a rua parecia-lhes pertencer.

Inevitável, portanto, que não houvesse contato. Posteriormente, a dificuldade tornou-se ainda maior, porque a cidade passou a crescer por todos os lados, inclusive onde passaram a habitar os pobres. No contexto do romance em análise, em Goiânia, especificamente, tanto na narrativa godoyana como no contexto histórico do surgimento da cidade, Vila Nova tornou-se um dos bairros mais populosos. Antes disso, porém, os primeiros a chegarem ali precisaram lutar bastante para que o governo não os tirasse de lá, clandestinos que eram e com a necessidade que o estado via em “limpar” a cidade. Nota-se que esse não é um fato ocorrido apenas em Goiás, mas também no sul do país e em vários outros estados, conforme lemos ainda em Pesavento (1994), ao analisar a mesma situação ocorrida em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul:

Uma das formas de impedir a proliferação de habitações insalubres, feias e atentatórias à moral era aumentar o imposto predial, particularmente no que dizia respeito aos cortiços, o que já fora feito desde 1890 (Bakos, 1986, p.176). Outra medida seria estabelecer as regras a serem observadas para as construções na cidade, o que seria enunciado no Código de Posturas Municipais em 1893. Buscava-se ordenar, padronizar e regulamentar o surgimento de novas edificações, dando um aspecto mais “civilizado” à cidade. (PESAVENTO, 1994, p. 87).

Apesar de as ações governamentais serem um pouco diferentes, o contexto era um só: “desinfetar” a cidade daqueles que eram indesejados, inferiores e vistos como não civilizados, mas que eram necessários para o crescimento e desenvolvimento da cidade, já que isso não aconteceria sem a classe operária. No caso de *O caminho de Trombas*, tal fato se deu com a derrubada dos ranchos que eram erguidos, nas caladas da noite e às escondidas. Buscando um meio para se abrigar, o camponês que chegava à cidade reunia-se aos que lá já estavam e erguiam suas moradas, simples e sem conforto algum, com a intenção, apenas, de se abrigarem da chuva e do sol. *A posteriori*, todavia, queriam eles melhorar as habitações, no entanto, como o crescimento era contínuo e impossível de passar despercebido pelo governo, já que as construções eram ilegais, a constante guarda acabava por destruir as pequenas moradas e deixar seus antigos habitantes ao relento.

Por um breve período, depois de muito batalhar, os moradores conseguiram que o governo os ouvisse e os deixasse em paz. No entanto, não muito tempo depois, viram, mais uma vez, suas casas serem postas no chão. O que chamavam de “Matadouro

Velho” foi, ao final do texto literário, destruído pelo governo. Na narrativa, temos uma passagem que ilustra o pequeno momento de regozijo do povo, a qual é antecedida por uma constante busca para que pudessem ser notados como cidadãos que eram. É uma ocasião de certa utopia, em que o governador tenta enganar os moradores, mas não deixa de ser uma vitória para a classe operária. Na narrativa:

Surge uma voz dentre o povo, ouvida por todos e pelo governador, que se deu interesse em ouvi-la. Voz de elogio, fala maneirosa. Era, aquele, um dia histórico: pela primeira vez, em Goiás, um governador recebia o povo; discutia com o povo os seus problemas. Com os elogios veio o silêncio e assim tudo tomou os seus lugares. A narrativa do que acontecia nos bairros de Goiânia; era época de frio, próxima a vinda das chuvas, os casebres desmoronando-se; não se podiam fazer consertos; havia uma proibição do govêrno. O fiscal dava em cima, maltratava, derrubava cômodos, prendia. Claro falava o orador; era Simeão. As gentes recuperavam a confiança, sentiam-se defendidas. O governador dá um aparte, dizendo que não dera ordem nenhuma. Aí o povo se alegrou. Surgiram aclamações, regozijo. Tanto o governador como os políticos sentiram-se contentes. Mas como o regozijo estava sendo muito sentiram-se um tanto ludibriados, como se tivessem caído em armadilha. Simeão informou que o crime se cometia em nome do govêrno. Estava sabendo que o fiscal mentia. [...]

O fiscal desapareceu das Vilas, e foi aí que o povo sentiu a vitória daquela passeata ao palácio do govêrno. Pelas noites, nas guritas, numa ou noutra esquina, em cada magote de gente eram as prosas animadas. (GARCIA, 1966, p. 102-03).

Tendo essa pequena garantia de serem deixados em paz, ao menos por certo período, os camponeses, além de arrumarem suas casas e viverem em harmonia, passaram a se preocupar com os companheiros que ainda estavam no campo e precisavam de forças para lidar naquele espaço, bem como de incentivo para deixarem a zona rural e virem para a cidade, a fim de que pudessem lutar para chegar a Trombas e terem uma garantia de vida melhor. Se voltarmos à teoria de Williams (1989), vamos perceber que a (co)dependência entre campo e cidade sempre existiu, que o homem continuamente precisou lidar com a necessidade de se adequar a um espaço.

Dessa forma, subordinados pelo sistema que os ameaça e explora em todos os sentidos, os agricultores vão procurar, de alguma forma, meios para sobreviverem a essa pressão. Eles são, dentro dessa prática exploratória e de migração, os mais afetados, direta e indiretamente, já que ficam sem terra, sem casa e quase sem comida; no entanto, há ali espírito coletivo e de luta que não os deixa perder a esperança da dignidade de

uma vida mais justa. É por isso que a conclusão dada por Williams ao fazer seu relato sobre a história do homem do campo se aproxima muito do que pensamos a respeito dos indivíduos goianos, personagens da obra de Godoy Garcia:

O que mais me impressiona, pelo espírito criativo, é a coragem e a disposição de agir, encontrando ações que teriam algum efeito, no sentido de aliviar a miséria e a fome extremas, uma causa que agora (mas agora não interessa; os filhos desses homens estavam passando fome na época) seria defendida por qualquer um. (WILLIAMS, 1989, p. 252).

Esses homens não ficaram parados, apenas sendo explorados, eles buscaram maneiras de conseguir sair daquela situação, lutaram para ver cumprida a Lei do arrendamento; na quarta parte da obra, “A derrubada do mato”, não foram covardes e, juntos, enfrentaram o fazendeiro João Gabriel, derrubando uma parte virgem do mato de suas terras para plantarem; depois, na cidade, lutaram por um sindicato dos trabalhadores, pela possibilidade de serem construídas as casas na vila e por um espaço de sobrevivência; os migrantes, bem como os já moradores da cidade, saíram em passeata a fim de “falar com o govêrno” que, aparentemente, os ouviu e disse que não havia proibição em consertar as casas ou algo parecido, o que não passava de uma farsa, tentativa de enganar a população. Antes disso, porém, o governador perguntou ao povo: “Por que vocês não vão para o campo? Por que não trabalham nas roças?” (GARCIA, 1966, p. 102).

Ora, esse é justamente o espaço de onde haviam saído, por motivos claros de impossibilidade de se viver, estavam ali procurando uma oportunidade distinta da que tiveram no campo. Enfim, de qualquer forma, o governador conseguiu convencer o povo de que os deixaria em paz, que poderiam continuar nas vilas, sem mais preocupações com vigilâncias e derrubadas de moradas, o que era um episódio bastante frequente nos vilarejos que tentavam erguer nos arredores da cidade. Apenas um momento de ilusão, na verdade, uma vez que, posteriormente, não puderam continuar ali.

Nesse diapasão, interessa-nos ainda pensar a configuração do deslocamento desse homem do campo para a cidade e as transformações daí advindas, isto é, a identidade social do sujeito migrante, seja ele real ou ficcional. Silva Júnior (2014) ao refletir sobre o caráter transitório das identidades no sertão goiano, a partir da leitura de

Êxodo Rural, de Brasigóis Felício e, traz a definição de Cuche (2002, p. 117) sobre a identidade social, a qual o teórico diz ser “ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo [...] e o distingue dos outros grupos [...]”, o que dialoga com os pressupostos de Silva (2014) ao descrever identidade e diferença.

O homem do campo traz um cabedal identitário construído no decorrer de sua experiência vivida até o momento em que precisa partir para a cidade e lá se deparar com outros sujeitos, que vivem outra cultura e, portanto, possuem identidades diferentes. A identificação com o que já é familiar, de certa forma, impede a abertura à novidade e à aceitação da diferença e do que vem do outro. Cada um desses sujeitos tem experiências sociais distintas, de acordo com a marcação territorial em que vivem (campo x cidade) e, por isso, ao chegar ao espaço citadino e não se identificar com o grupo lá presente, a exclusão aparece, levando o homem a sentir-se afastado dos demais, até que, com o tempo, ele se acostuma com seus novos modos de vida.

É nesse contexto que começa a estabelecer-se a nova configuração da identidade do trabalhador migrante, que precisa identificar-se ao outro grupo e não mais distinguir-se dele. Na análise de Silva Júnior (2014), assim como nesta, percebemos um homem do campo que, em um primeiro momento, rejeita a ideia de conviver no espaço citadino e, apesar das dificuldades, sente-se realizado no campo. Em concordância com Silva Júnior (2014, p. 106):

[...] a personagem se localiza como pertencente ao meio rural, e não ao urbano. Para tanto, recorre a elementos como o barulho da cidade e o movimento rápido dos carros para justificar sua repulsa ao meio citadino, já que a fazenda, mesmo com toda a dificuldade de sobrevivência, é vista como espaço de repouso, tranquilidade; é nesse lugar que ela se sente confortável.

Contudo, após o contato inicial e obrigatório, já que foram expulsos do campo, o meio em que passam a viver os leva a concordar e/ou aceitar o modelo de vida vigente, alterando, então, sua identidade. A cidade é o lugar paradoxal para onde os trabalhadores não queriam, mas precisavam ir. Considerada por alguns personagens como o espaço que os acolheria e sanaria todos seus problemas, por outros já não tinha viés semelhante, pois viam-na como destrutiva de seus costumes e prazeres campestres.

A ilusão de uma vida melhor foi construída no pensamento dos migrantes por meio das palavras de seus patrões, os grandes fazendeiros e latifundiários, que já não os

queriam mais em suas terras e disseram que Goiânia estava sendo erguida naquela época, de modo que eles encontrariam lá auxílio do governo e viveriam com mais dignidade, sem deixar de trabalhar.

Todavia, em síntese, a verdade é que o contato com os sujeitos da cidade e aquele espaço mudaria em todos os sentidos a vida dos trabalhadores migrantes, mudança essa que foi negativa em vários aspectos, uma vez que eles não tinham domínio do que mais precisava para ali sobreviver, as ferramentas e os conhecimentos necessários para o trabalho; em alguns casos, por não ter emprego, os personagens foram tomados como bandidos e arruaceiros, sendo presos pela polícia, de modo que o governo em nada os ajudou, pelo contrário, deu-lhes apenas punições; e suas moradias não eram suficientes, inferiores às que tinham no campo.

No romance godoyano, ainda que verifiquemos mudanças nas identidades dos migrantes, ora elas são negativas, ora positivas. Cirilo, por exemplo, rendeu-se ao chamado da mulher para pedir esmolas, mas Prêto Soares e a maioria dos companheiros adaptaram-se à vida da cidade e assimilaram de maneira positiva os aspectos da identidade do grupo citadino. Em muitos momentos, estando na cidade, a identidade rural ainda predomina na vivência do migrante, mas, aos poucos, ele se reconfigura e aceita a identidade urbana.

Existem alguns fatores que identificam os sujeitos do campo e da cidade, são os chamados “marcadores sociais”, que cumprem o papel de evidenciar que “determinado sujeito pertence a um grupo e não a outro, constituindo as várias fronteiras simbólicas que se fazem presentes na sociedade e que provocam o afastamento ou aproximação dos sujeitos a certos espaços e condições.” (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 114). No contexto de *O caminho de Trombas*, os trabalhadores rurais são (re)conhecidos na cidade por seus aspectos físicos, jeito de andar e falar, bem como pelas suas vestimentas e a forma como admiram tudo que veem na cidade, desde os carros e máquinas usadas nas construções, até a arquitetura das casas e o asfalto das ruas.

Esses símbolos são opostos aos dos sujeitos da cidade, grupo que se aproxima entre si pelo *status* social, entre outros fatores, e afasta o outro pelo mesmo motivo, isto é, incluem e identificam-se com os que carregam traços identitários próximos e excluem e distinguem-se daqueles migrantes. E não apenas as características físicas, a linguagem pode ser, ainda, um marcador social, se pensarmos como Souza (2004) e lembrarmos do

posicionamento alemão com base marxista de que: “[...] se o signo é essa materialidade produzida no intercâmbio dos homens, ou seja, se ele tem natureza social, a sociedade, é importante pontuar, obedece a leis históricas” (SOUZA, 2004, p. 6). É preciso que haja, então, troca e identificação, já que a sociedade, assim como os sujeitos, é construída a partir de leis que regem essa relação. Enfim, as identidades dos migrantes, durante o processo de mudanças, estão sempre em construção, elas também se deslocam, na mesma medida em que se desloca o sujeito, gerando assim uma fragmentação da identidade.

No que diz respeito ao espaço da narrativa, assim como os personagens, por mais próximo que seja da realidade, será sempre ficcional. A configuração teórica nos remete a três tipos espaciais, quais sejam: realista, imaginativo, fantasista (FILHO, 2008), sendo que, para a obra em análise, temos como principal o realista, que é aquele que se assemelha à vida real e em que o autor faz referência a espaços existentes, como cidades interioranas do estado e a capital de Goiás, além de algumas fazendas da mesma região (Pires do Rio, Orizona, Anápolis, Catalão, Ceres, Trombas, Goiânia, Fazenda São Domingos, etc.). Ademais, *O caminho de Trombas* é dividido em dois macroespaços, o campo e a cidade, que delineiam toda a narrativa e cumprem com funções como as de situar as personagens geograficamente, influenciar as personagens e sofrer suas ações, antecipar a narrativa, entre outras (BORGES FILHO, 2008a).

É na sua relação com o espaço que se constroem as identidades dos personagens que o circundam, em especial, a dos migrantes trabalhadores (agricultores e operários), e é a partir da focalização nesses lugares que o romancista apresenta ao leitor sua percepção do que seja o campo e a cidade. Associa-se à construção desse cenário uma vertente regionalista, no sentido de o foco estar voltado para a descrição do espaço encontrado na narrativa ser o da zona rural e urbana do estado de Goiás. Não significa dizer que há uma descrição na tentativa de reproduzir o espaço real, mas também não podemos deixar de lado a hipótese de que o veio sociológico do romance godoyano não queira expor, de forma crítica, a exploração desse lugar pelos migrantes.

Em seus textos críticos, o próprio Godoy Garcia afirma que não se deve confundir as descrições paisagísticas com registros documentaristas, então, não é por esse viés que lemos seu texto como regional, mas pelo fato de ter um recorte que direciona o olhar para uma das vertentes de escrita da literatura brasileira. Ao analisar

Gente da Gleba, de Hugo de Carvalho Ramos, Garcia critica os estudos que classificam a obra como documental e regional e diz o seguinte: “Deve-se entender que Hugo não quis fazer novela de costumes e muito menos levantar documento físico, sociológico, paisagístico de uma região brasileira. [...] Sua consciência criadora era de outro molde e estatura.” (GARCIA, 1997, p. 18). E quando fala isso, refere-se também ao espaço da novela de Ramos.

Em *O caminho de Trombas*, se analisarmos o espaço pelo viés da topoanálise, no que diz respeito ao espaço da narração e da narrativa, perceberemos que, por ser uma história contada em terceira pessoa, o espaço da narração é ausente, enquanto o da narrativa é bastante explícito e detalhado. A ausência se dá porque não há um narrador personagem para guiar o leitor e dizer de onde fala, qual espaço ocupa, em que circunstância se dá a narração. Por outro lado, o espaço da narrativa aparece com riqueza de detalhes e, com ele, a objetividade (BORGES FILHO, 2008b).

Diante disso, teoricamente, o narrador em terceira pessoa deve descrever o espaço tomando dele certo distanciamento. No entanto, não é o que, necessariamente, acontece no romance em análise, porque o autor, via narrador, confere aos personagens uma intimidade com o local onde vivem inicialmente, há um apego com a terra, de modo que, ao falar ou descrever os espaços menores da narrativa, nota-se a evidência de uma subjetividade, característica mais comum quando o narrador é de primeira pessoa. É o que vimos quando o narrador descreve uma bica d’água: “Frias, as águas vinham correndo e caíam em jorros fortes, escamosas, formando espumas. Negro Juliano gosta d’água e a limeira que nasceu dentro do poço cresce com suas fôlhas verdes e molhadas permanentemente” (GARCIA, 1966, p. 14). Mais que uma simples descrição, temos a prova de uma íntima relação que o personagem tem com o lugar onde vive, que é a zona rural, e seus mínimos detalhes, mostrada a partir de uma linguagem simples e poética, ressaltando a relação de subjetividade do narrador com o espaço da narrativa.

Em outros momentos, fazendo valer a teoria proposta para os estudiosos do espaço, temos um distanciamento e a aparição de uma descrição mais objetiva dele, feita em terceira pessoa, por exemplo: “O casebre tem dois quartos, a cozinha e o terreiro.” (GARCIA, 1966, p. 69). No geral, quando se trata do espaço rural e da relação do migrante com ele, tem-se uma maior aproximação e subjetividade por parte do narrador, o que revela uma identificação do homem do campo com esse lugar; quando

se trata da cidade, já é possível identificar maior distanciamento e objetividade, inferindo-se, portanto, que a proximidade é menor. As dimensões campo e cidade são constantes e não há como se desvencilhar delas, todavia, é perceptível a preferência que o escritor confere ao campo.

Godoy Garcia não escreveu outros romances, mas, ao contemplar toda sua poética, entre poemas, contos e romance, bem como a julgar pelo seu modo de vida e tendência à defesa das minorias sociais, atrevemos a dizer que, caso houvesse outro romance, seu espaço não deixaria de situar, se não todo, boa parte dele na zona rural. Talvez, mesmo sem se dar conta disso, queria ele mostrar que a cidade não vive sem o campo, porque é ele quem a abastece, em todos os sentidos, como já apontava Williams (1989) sobre o fato de virem do campo os mantimentos que nutriam a cidade; e também no sentido que afirma Candido, ao dizer que o campo fornece “material humano” para a cidade (CANDIDO, 1978, p. 43).

Não podemos duvidar disso, principalmente na leitura de *O caminho de Trombas*. Primeiro, porque se não houvesse plantação, não haveria mantimentos suficientes para resguardar a população, tanto rural quanto urbana, sobretudo essa última, que não tem onde fazer isso; segundo, e paradoxalmente, porque esse grupo que planta e colhe depara-se com a terrível situação de ter que deixar o campo para povoar a cidade, ou seja, passam a ser migrantes em condições mínimas de sobrevivência, que vão procurar na cidade um lugar para se estabelecer, dando a ela o material humano dito por Candido (1978).

A caracterização temporal do romance em análise é feita de modo a nos apresentar aspectos cronológicos, sem muita presença de eventos que remetem ao tempo psicológico, uma vez que não há muita rememoração, *flashbacks* ou fluxo de consciência. O que há de lembrança ou retorno à memória é feito de maneira que conduz o leitor a entender um tempo cronológico e as marcações com numerais arábicos em cada capítulo ajudam o leitor a entender essa temporalidade, porque a partir delas são pontuadas características como estação do ano, mês, dia da semana, ano de algum acontecimento histórico, além de uma segmentação linear de decorrência de dias ou descrição temporal do dia ou da noite.

Na sequência narrativa, encontramos os seguintes exemplos: “Antes do sol sair o negro estava de pé e foi à bica d’água” (GARCIA, 1966, p. 14). “O mês de julho se

aproximava e trazia o vento frio. O amanhecer era cheio de calma e muito sol, um sol transparente [...]” (GARCIA, 1966, p. 44). “Era o mês de junho, entrado para julho e os ventos da noite vinham às vezes fortes, trazendo frio” (GARCIA, 1966, p. 99). “Em 1949 a notícia da lei do arrendo veio da cidade de Pires do Rio” (GARCIA, 1966, p. 117). A partir desses excertos, retirados do início para o final do texto, percebemos que o fluxo narrativo direciona para um tempo linear e progressivo, ou seja, cronológico. Tudo que acontece no romance, ainda que seja preciso voltar ao passado da narrativa, é de uma forma sequencial, que conduz o leitor a não se perder em meio aos acontecimentos.

Voltemo-nos aqui para uma reflexão teórica de Raymond Williams que, no século XX, fez um estudo sobre a relação campo e cidade, na Inglaterra, o que pode nos auxiliar para entendermos o que também ocorreu no Brasil. Aliás, no que diz respeito ao contexto histórico da obra mencionada, não devemos esquecer que, principalmente por uma questão regional, não há como desvincular a história do seu contexto de produção e recepção, inclusive porque ela se faz presente na memória e no tempo, tanto dos personagens da narrativa, quanto do autor. Sendo assim, “[...] a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões” (WILLIAMS, 1989, p. 19).

Essa assertiva pode ser exemplificada a partir da leitura de um trecho do romance de Godoy Garcia, quando um dos personagens, Desidéria, reflete a respeito de suas impressões sobre a cidade:

O rancho é uma morada bonita; uma casa que se liga a outras. A grande cidade encantada, à noite, com seus luzeiros, parecendo estrelas caídas no chão ou nas matas. Não era mais jovem, tanto vivera e sofrera, os filhos andavam os caminhos do mundo. Mas sua alma e toda sua natureza recobravam as alegrias da mocidade, com a vida nova e o rancho. Três dias venceram ao relento quando vieram de São Domingos. Não queria pensar em São Domingos. Deus tira e Deus põe, ela pensa. Edificaram o casebre, tinha sua felicidade. Nunca ela vira uma cidade igual àquela, grande e bonita. Ninguém lhe contara antes que existiam cidades tão grandes. Conhecia Correntina, Miracema, Nazário. Pequenas cidades. Prêto era forte e disposto. Tinha confiança. Sabia que nunca mais Prêto a chamaria para voltar às lavouras. Prêto nunca haveria de chamá-la, pedia a Deus. (GARCIA, 1966, p. 72).

No momento em que ela compara sua antiga vida, no campo, com a nova, na cidade grande, deparamo-nos com esse mover de ideias e sentimentos do qual fala Williams (1989) na citação já feita anteriormente. Diante da obrigatoriedade de sair do campo e caminhar em direção à cidade, o homem campesino torna-se um subalterno dentro de sua própria região e localidade, ou seja, mesmo dentro de seu espaço, não se configura como um ser que tem voz, que fala e pode ser ouvido; pelo contrário, é subordinado ao outro, ao patrão, ao governo, à classe social dominante.

Quando chegamos à terceira parte do romance em discussão, “A servidão”, voltamos para um espaço predominante rural, com algumas incursões no citadino, mas não apenas em Goiânia, são mencionadas pequenas cidades goianas, cuja relação com as lavouras era de proximidade, como Pires do Rio e Orizona, por exemplo. Havemos de lembrar que nem todos os agricultores se mudaram, especificamente, para a capital, alguns continuaram no campo, ainda que tivessem de sair, de tempo em tempo, de uma fazenda para outra. É desse modo que se constitui o agrupamento desse povo que se conhece, se auxilia, se entende e se junta em torno de uma mesma finalidade, eles só querem colher o que foi plantado e viverem com o que lhes é de direito.

Mas é exatamente nesse ponto que surge o conflito narrativo, porque os fazendeiros não querem cumprir com o combinado, aliás, com o que se torna lei a partir de 1949, e chega ao conhecimento do campesinato. Logo, gera-se uma situação difícil de ser mediada e acertada, porque os camponeses têm ao seu lado a lei do arrendo, mas os fazendeiros recorrem a favores governamentais para se virem livres do pagamento acordado. Em resumo, apesar do tempo de servidão, valeram as lutas e discussões com os donos das terras que, ao final do capítulo, deixaram suas partes das plantações nos campos, sem colher, de forma que ficaram “prejudicados”.

Em análise, pensando no fator social que está intrínseco ao literário, neste caso, é nessa parte da narrativa que percebemos uma forte presença da atividade política, pois é quando se apresenta com maior expressão o contato com a lei e a ida dos agricultores a Goiânia, para falarem com o governo sobre seus direitos.

Ademais, quando pensamos que nessa parte da narrativa existe uma espacialidade que transita sempre entre o campo e a cidade, é válido destacar que esses dois macroespaços, indubitavelmente, contribuem para uma leitura mais pormenorizada dos ambientes que se configuram na obra. Sendo assim, o campo é visto como espaço

primeiro, onde vivem e lutam os lavradores, a fim de terem para si o pagamento justo do trabalho que fizeram. Paralelo a isso, temos a urbe, tanto a capital quanto as cidades menores, que é para onde esse homem se desloca, várias vezes, e com a intenção de buscar embasamento para seus direitos enquanto agricultor.

CAPÍTULO 4 – MULTIDÃO MIGRANTE EM TRÂNSITO N’O *CAMINHO DE TROMBAS*

Na dinâmica espacial de apresentação dos personagens, já vimos que há alguns que se destacam por terem suas vidas mais movimentadas e serem mais elásticos no que diz respeito à influência que o meio exerce sobre si, contribuindo para uma transformação na identidade desse sujeito, como é o caso de Miguelão. Outros, tal como Cirilo, apesar de toda movimentação (sair do campo e ir para a cidade grande, depois ir para uma cidade menor e voltar para o campo, regressar a Goiânia repetidas vezes), aceita muito pouco as mudanças que são efetuadas e tem dificuldade em permanecer na urbe.

Os macroespaços de *O caminho de Trombas*, como já visto, são o campo e a cidade. Inicialmente, ao leitor é apresentado São Domingos, a fazenda onde vivem os trabalhadores da terra, e algumas outras propriedades rurais próximas dali; em seguida, surge a cidade, a capital em construção, que antes fora apenas mencionada, mas depois passa a ser o centro de (con)vivência de pessoas que chegam e saem a todo momento. Afora estes, aparecem ainda menções a cidades menores, do interior de Goiás, que é aonde os personagens também transitam e que não deixam de influenciar em suas identidades que estão em constante evolução.

Esse parece ser o ponto crucial, como o lugar de permanência, fixo ou de fluxo, interfere na vida dos personagens? Quando do início da narrativa, conhecemos pessoas que estão fixas no campo, mas, mais adiante, descobrimos que elas não nasceram ali, ou seja, já vieram de outros lugares, já estão em movimento, logo, constroem uma identidade que está ligada não só ao espaço rural onde vivem quando temos delas conhecimento, com cultura, linguagem e costumes, mas que também têm traços dos lugares de onde vieram. Mais tarde, mudam-se ainda para a cidade, lugar de contato com outras identidades, outras pessoas e costumes, o que significa que o processo de construção identitária não cessa, mesmo se o personagem fixa permanência em determinado lugar. É dizer, por mais que o sujeito esteja instalado em um espaço, o fluxo das outras pessoas pulveriza nele culturas distintas.

No que tange às relações entre esses espaços apresentados na narrativa de Godoy Garcia e os personagens, salientamos que a movimentação que há entre os caminhos

que percorrem, no campo e na cidade, conduz a uma alteração na identidade desses sujeitos, em alguns casos com maior nitidez, em outros de forma mais amenizada, mas fica constatado que não existe possibilidade de moverem de um lugar para o outro e não ser “contaminado” pela cultura do outro. É o que discutiremos a seguir, a forma como o espaço contribui para a trans(formação) de alguns personagens.

4.1 Miguelão

No novo espaço narrativo, que é o citadino, vamos encontrar Miguelão, que vive na Vila Nova e, como o nome já indica, é um bairro em construção, mas onde os fiscais do governo estão sempre presentes para impedir reformas ou construção de novos ranchos. A figura desse personagem é importante para a construção da narrativa porque, quando da apresentação da cidade, é a partir dele que vamos entender como é desenhada a construção da Vila, já há um tempo iniciada ali, mas sempre apresentando dificuldades para quem chega. A princípio, é oferecida uma hospitalidade de quem vive nesse lugar, mas, com o tempo, a presença da polícia evidencia uma hostilidade, o que nos remete, mais uma vez, à questão da dualidade excesso/exclusão, como marca do espaço contemporâneo.

Nessa perspectiva, avaliemos a relação de Miguelão com a cidade onde está instalado, lembrando que esse é um personagem já em trânsito quando o conhecemos. Lemos que, por outras vezes, ele já foi expulso e, por isso, talvez, carregue tanta descrença no trabalho e na relação com os outros e com o próprio lugar de permanência atual. A narrativa nos relata que ele veio do Ceará, por volta de 1927, e já havia passado por mais tantas outras cidades antes de se estabelecer em Goiânia, cidades menores, é certo, mas em nenhuma delas obteve sucesso ou trabalho suficiente para lá permanecer, assim, está sempre em trânsito, em movência e à procura de uma realização pessoal. Nesse ínterim, sua identidade também vai sendo modificada e reconstruída, de acordo com as experiências que vive e as culturas dos lugares por onde passa, então, podemos chamá-lo de migrante por natureza, além de dizer que a construção social desse sujeito é dada a partir das posições que ele ocupa:

Do Ceará viera na quadra de 27. Viu o sofrer e o morrer nas estradas.
Viu fomes que Deus mandou. Nos garimpos do Tesouro viu céu de

estrêlas de balas, levando homens e prostitutas para o cemitério. E viu em Santa Helena o arroz nascer para as tulhas cheias. Depois Rubiataba, depois Santa Maria, Lizarda. E comia com quantas fomes. Os anos, como os enxurros, levaram-no às estradas e aprendeu. Negro que trabalha é burro. (GARCIA, 1966, p. 65-66.)

A identidade de Miguelão sofreu alterações ao longo do tempo em que ele viveu nos caminhos mais distintos do país, conhecendo e sendo conhecido, misturando sua cultura com a de outras paragens e pessoas. Lemos, com isso, que esse é um personagem que, além de ser determinado pela sua classe social e lugares onde vive, descobre-se, ao longo de suas andanças, como uma pessoa sem muita perspectiva de vida. De acordo com Culler (1999, p. 109): “[...] os personagens mudam de acordo com as mudanças em seus destinos, ou então a identidade se baseia em qualidades pessoais que são reveladas durante as atribulações de uma vida.” Exatamente o que ocorre com Miguelão, aos poucos, de cidade em cidade, ele vai se tornando outra pessoa, mas vemos que, na verdade, esse outro era ele mesmo, que precisou passar por todas as experiências para ver que com nada se identificava ou importava.

Ademais, esse é um personagem que, por já vir com uma bagagem histórica no que diz respeito a trajetórias percorridas, diferencia-se dos demais que, por sua vez, vivem a primeira experiência nesse sentido, ou seja, em termos de coletividade migrante Miguelão não se identifica com todos do grupo que chega a Goiânia, vindos da zona rural.

Outra particularidade desse personagem é seu posicionamento no que tange à relação com o outro, visto que, dos demais que aparecem na narrativa, ele é o único que não se posiciona a favor do povo, da classe social na qual está inserido, ainda que sendo pertencente a essa massa, quando é preciso lutar contra o governo por um espaço na cidade. Pelo contrário, ele quer unir-se aos homens da polícia, a fim de denunciar os novos moradores, com a única intenção de receber dinheiro sem precisar trabalhar, portanto, Miguelão é um personagem que destoa da luta da coletividade e toma partido do lado oposto, diferindo-se e marcando, com isso, sua particularidade.

De novo, voltamos a Culler (1999) para mostrar como esse é um personagem que tem sua identidade construída aos poucos e sempre em conflito. Primeiro, Miguelão quer se aliar ao governo, indo contra sua classe social, depois, já aflito e sem mais ânimo para juntar-se a qualquer causa, sua ou do grupo, luta contra si próprio. Ao fazer

isso, o cearense, claramente, torna-se um dos tipos de personagens que a literatura aborda e segundo os preceitos de Culler (1999, p. 110), representa “[...] indivíduos, de modo que as lutas a respeito da identidade são lutas no interior do indivíduo e entre o indivíduo e o grupo: os personagens lutam contra ou agem de acordo com as normas e expectativas sociais.

Ainda assim, ali estava, desde o início da fundação da Goiânia, para onde foi com a esperança de um dia ser rico e, a princípio, viveu uma relação pacífica com a cidade e seus integrantes, “ajudou e foi ajudado”; no entanto, mais tarde, descobriu-se iludido por toda aquela novidade e, por isso, decidiu não mais compartilhar da ideia do coletivo e recíproco, passando a vigiar seus vizinhos e denunciá-los à polícia:

Viu Goiânia crescer nos matos. Cidade que nasceu pelas mãos aventureiras. Feita na penúria e no frio, e aconteceu que assim feita, a cidade cresceu solidária, e quando um sujeito chegava, trazia o peito, a saliva, as mãos ao trabalho, o sonho velho de riqueza, e, se alguém pergunta o outro: “É daqui?”, tinha logo a resposta: “Não!”. Como podia ser? O orgulho se dobrava. As amizades cresciam entre os edifícios, obras audazes, entre gente brava de infância desbotada. Goiânia acabou com o egoísmo dos que são sempre os da família e os da terra, abraçando os seres humanos e unindo-os por sorte diversa. Miguelão ajudou e foi ajudado, com ela aprendeu. (GARCIA, 1966, p. 66).

Depois de tantos anos ali, a visão de Miguelão já não era mais a mesma, agora, tudo que queria era viver sem trabalhar, escondido para ver tudo o que acontecia na vila e observar as mulheres que iam às casas de banho. O que queria de fato, e pensava ser a solução para seus problemas, era trabalhar para o governo, conseguir uma forma de ganhar dinheiro sem precisar sair para a lida como os outros, o que conseguiu, até certo ponto. Com o tempo, passou a ser uma espécie de fiscal da vila e denunciava todo e qualquer tipo de ação relacionada à construção ou conserto de qualquer rancho, até o dia em que, definitivamente, a polícia veio e destruiu toda a vila, derrubou e queimou tudo que havia sido construído por último.

Interessante notar que a constante movência e procura por um espaço adequado e seu já não é mais, agora, uma preocupação de Miguelão, porque, depois de uma manifestação social contra o governo, em que a classe saiu vitoriosa, Miguelão perdeu seu tão sonhado “emprego” e a consequência disso foi uma alteração em seu humor diário e nas suas atitudes, o que podemos ver como um sinal da mudança de identidade.

Miguelão, que antes era autoritário com a mulher e os filhos, curioso (vigiava a tudo e a todos), tinha “olhos ariscos” e estava a todo custo disposto a conseguir ser aliado do governo, passou então a ficar amuado pelos cantos, triste e já quase não saía para a rua. Vejamos trechos que nos esclarecem as fases desse personagem na narrativa¹⁵:

Miguelão rondava no casebre com a cabeça grande quase roçando na cobertura, ora rindo, ora sério. Que idéias tinha em mente, o cearense, nesta manhã? Nas últimas eleições havia sido cabo eleitoral dos trabalhistas. Venceu o candidato contrário e os sonhos de bom emprêgo se tinham ido. Quem sabe agora a sorte lhe sorriria? Vira os vizinhos trabalhando à noite, construindo os adôbes. Vira as paredes levantadas. Contaria ao fiscal. Trabalho bem feito. Com o fiscal arranjaria sua sorte. Falaria com êle ou com o govêrno? Qualquer um. Daria o serviço. A mulher percebeu aquêles modos e quis perguntar o que estava acontecendo [...].

— Mas o que foi, Miguel?

— Vou arranjar um bom emprêgo.

— De que jeito, home de Deus?

— Com o govêrno, idiota!

— E o govêrno vai te dar emprêgo, Miguel?

Punha a camisa para dentro das calças, punha o sapatão rasgado, cheio de brio, malcriado, rancoroso.

— Vou arranjar um emprêgo que não aturo mais essa desgraça. Tu e os menino só sabe azucriná os dias da criatura. Vou trabalhá pro Estado. Vai pro inferno tudo.

[...]

— Tu fede, mulher. Vou inda-gorinha arranjar minha vida, ficar livre. Vou contar pro govêrno que êsses descarados dos vizinhos desobedecem a lei. Eu vi tudo. Vou pegar um emprêgo. Ficar livre desta merda de vida que vou levando. (GARCIA, 1966, p. 86-7).

Miguelão separa-se do grupo, à porta de seu casebre; dentro, lava as mãos e imagina que agora seu emprêgo está garantido. Fizera bom serviço, dera a informação e êle próprio ajudara na derrubada das paredes. O fiscal lhe garantira o emprêgo. (GARCIA, 1966, p. 94).

Miguelão se amoitou no seu rancho. A esperança de emprêgo se foi e as bóias, sem que a mulher soubesse por quê, eram recebidas sem exigências. Quando o filho vinha com o dinheiro da fêria e a mãe comprava pão, o pai não mais passava à frente do filho. [...] Raramente ia à rua. Quando assim fazia, após semanas e semanas, atormentava os meninos quitandeiros. No rancho, comia o que lhe tocava, dormia. (GARCIA, 1966, p. 103).

¹⁵ Os trechos ora transcritos são relativamente longos, mas essenciais para que o leitor entenda a configuração da personagem em análise.

Essa é a trajetória identitária desse personagem que veio do Ceará, com grandes distâncias percorridas, culturas assimiladas, pensamentos e ações variados. É, portanto, um ser inconstante e carrega várias marcas, o que nos leva a identificá-lo como um sujeito plural, multissignificativo e paradoxal, às vezes, porque ao mesmo tempo em que se adequa aos moldes de um lugar revolta-se contra os de sua própria classe social. Se observarmos as diversas características de Miguelão, chegaremos à conclusão de que a reunião delas é, também, o resultado das possíveis identidades das quais esse sujeito é construído, lembrando sempre a noção de diferença que está aliada ao conceito de identidade proposto por Silva (2014).

A identidade de tal personagem pode ser discutida em três momentos distintos, apresentados ao leitor, inclusive, em ordem cronológica. *A priori*, tem-se a primeira impressão, de que pode ser alguém de bem, que chega às terras goianas cheio de sonhos, esperança e traz consigo certo otimismo, a leitura que fazemos desse personagem é de que ele aceita ser amparado e ampara o outro, como é narrado no texto literário. Em seguida, esses aspectos são substituídos pela descrição de uma pessoa sem caráter, que trata mal todos a seu redor, desconfia de qualquer pessoa a sua volta e não quer trabalhar para ter seu próprio sustento e de sua família.

Na verdade, descobrimos que ele sempre fora preguiçoso e aproveitador, além de achar-se esperto e sábio: “[...] sentia-se sabido, bom velhaco. O trabalho não dá nada, tira. Tira o tempo e a saúde. Dá a miséria” (GARCIA, 1966, p. 66). Por último, a imagem de um ser apático e alheio a qualquer movimento que se faça perto de si leva-nos à conclusão de mais uma mudança identitária, já que, agora, para ele, nada mais importa ou faz sentido, e é dessa forma que temos as últimas informações sobre ele na narrativa: “Miguelão se amoitou no seu rancho. A esperança de emprêgo se foi e as bóias, sem que a mulher soubesse porquê, eram recebidas sem exigências [...]” (GARCIA, 1966, p. 103).

4.2 Cirilo

Não são todos os personagens que se constituem como seres passíveis de uma transformação cultural e imergem em uma nova cultura, Cirilo é exemplo de uma pessoa que não se adequou ao meio, apesar de várias tentativas para se inserir no espaço

da cidade. Como a maioria dos amigos agricultores, saiu para a cidade por motivos óbvios, expulso das terras onde até o momento sobrevivia, em busca de trabalho e moradia, no entanto, não teve a mesma sorte que os outros no que se refere a conseguir um emprego e ajustar-se à vida urbana. Ter que se adequar a outro espaço desagua no fluxo do deslocamento forçado e é resultado dos fatores de repulsão, que, por sua vez, acontecem a partir das necessidades e demandas do ser humano.

Nesse caso, um deslocamento involuntário/forçado, que foi imposto por ações de outros sujeitos e situações, quais sejam, os fazendeiros, o governo e as demais circunstâncias políticas e sociais que interferem na vida dos personagens, de modo a ser preciso que se buscasse reestruturar na cidade, ou seja, precisa-se reconstruir no novo espaço, alinhar-se ao novo território (territorializar), logo após ter se desterritorializado do campo, o que não foi possível para Cirilo.

Convém lembrar que tratamos aqui de um texto ficcional que:

[...] deixa-se atravessar pela intensificação dos atuais processos de globalização, tematizando os deslocamentos, o mundo do trabalho, a mudança de feição de nossos espaços urbanos e tantas outras realidades, assumidas em dicções e processos enunciativos também eles em trânsito, elegendo a mobilidade e a pluralidade vertiginosa de vozes como marcas textuais. (CURY, 2012, p. 14).

A voz de Cirilo é mais uma dessas vozes em deslocamento, anunciando que a mobilidade, para ele, além de não ter sido voluntária, não foi positiva. É um personagem que se identifica apenas com o trabalho do campo, de modo que a alternativa de mudança para a cidade o deixa sem ter como garantir o sustento de sua família, ao contrário de Prêto Soares, que se adequa rapidamente ao mundo do trabalho urbano. A identidade de Cirilo, com isso, é a que menos sofre influência do meio citadino, no sentido de que o personagem não consegue adaptar-se ao novo padrão.

Depois de várias tentativas para se instalar na urbe e de passar por várias cidades, Cirilo pensava apenas em voltar para seu lugar de origem, porque ele só se encontrava no campo, sua identidade fora formada naquele espaço, de onde ele não queria ter saído e para onde queria retornar, mesmo não havendo perspectivas de trabalho e sobrevivência. Doraci, sua esposa, a princípio, vivia à sombra do marido, mas, depois, tem atitude de sair para conseguir dinheiro, deixando Cirilo para trás; mais adiante, volta a segui-lo, quando ele propõe voltar para as lavouras:

Cirilo e Doraci se foram para as terras de Pires do Rio. Êle se tomou de pavor tão grande, chamou a mulher para os caminhos das lavouras. Doraci não pôde recusar e não teve outro jeito senão pegar os filhos e acompanhar o marido. (GARCIA, 1966, p. 106).

Esse movimento de ir para a cidade e depois voltar para o campo, além de fazer parte do processo de construção da identidade do personagem, está relacionado ao próprio fator migração, que é o deslocamento feito pelo sujeito que, ao chegar em outro espaço, não se reconhece como pertencente a ele e, em seguida, quer voltar para o campo, o que é facilitado pela distância entre as localidades de travessia. Na narrativa godoyana, Cirilo e seus companheiros estavam no contexto migracional, em Goiás, em uma época em que:

Os migrantes eram a mão-de-obra excedente capaz de proporcionar a continuidade do crescimento econômico com a passagem de trabalhadores do setor rural para o urbano, principalmente entre as décadas de 50 e 70 (Graham e Holanda Filho, 1980). As interpretações propriamente sociológicas, por outro lado, privilegiaram as conseqüências da migração nos locais de origem e destino. A pobreza dos migrantes na origem e questões relativas à adaptação no destino eram a tônica dos debates sobre a migração interna como reflexo da modernização da estrutura produtiva e social do Brasil (Durham, 1973). Em ambas as abordagens a emigração rural estava fortemente associada à melhoria das condições no destino urbano. (BIAGIONI, s/d, p. 4).

Muitas vezes, os camponeses não conseguiam se adaptar à industrialização e à modernização da cidade e acabavam retornando para seu lugar de origem, até onde fosse possível, já que, depois, teria que ir para a cidade novamente, criando um movimento pendular, exatamente como ocorreu com Cirilo e Doraci. Também sobre o deslocar-se e não se ver pertencente ao lugar, que está dentro do contexto do movimento migratório, é um fato que acontece ao indivíduo em virtude de sua adaptação, ou não, ao contato com o outro e à cultura do outro, voltando aqui, à questão da alteridade em relação ao deslocamento. Ademais, há ainda o fator social que é preciso levar em consideração, visto que a migração se dá em todos os âmbitos de vivência do sujeito, entre eles, a identidade, o social, o político, o econômico. Mais uma vez, Biagioni (s/d, p. 6) nos lembra que:

Por migração entende-se não meramente o fenômeno demográfico de mudança do local de residência de um indivíduo ou família. Entende-se, sim, o processo social de deslocamento de população em contexto histórico específico e em período e território delimitados que definem o próprio fenômeno. O conjunto dos deslocamentos individuais caracteriza o fluxo migratório.

Ao se falar de migração, não podemos levar em conta apenas o fenômeno demográfico, mas tudo que envolve socialmente o indivíduo, inclusive os motivos do deslocamento. Lembrando ainda que essa discussão é pautada pelo viés do coletivo e da perspectiva da multidão, já que os movimentos não são de um único sujeito, ao contrário, o fluxo migratório, principalmente o do êxodo rural, em sua grande maioria, é realizado coletivamente.

Por mais que seja uma figura que, aparentemente, demonstra ser fraco, sem perspectiva e indiferente às organizações sociais e políticas empenhadas pelos agricultores, Cirilo não é um personagem menor, afinal, na narrativa, a última parte trata, especificamente, de seu destino e de sua família. Portanto, o enredo se constitui, também, em função desse personagem e sua peculiar formação identitária. A partir dele discute-se essa identidade sempre em construção, pois o sujeito instala-se e desloca-se de um lugar para outro contínuas vezes. Hall conceitua, ainda no século XX, a identidade do fragmentado sujeito pós-moderno “como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”, pois ele:

[...] assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2003, p. 13).

Sendo assim, convivemos todos, e não apenas Cirilo, com identidades contraditórias a todo momento, com as quais nos identificamos ou não, visto que os constantes deslocamentos, sejam eles de que ordem for: de localidade, de cultura, de classe social, de posicionamento político ou religiosa, é que vão configurar a fragmentação e a formação dos sujeitos. A alteridade também fica evidente, já que a constante relação com o outro o impede de ser ele mesmo, bem como a interação e interdependência lhe condicionam a um existir coletivo, isto é, o outro, com sua cultura

e vivência distintas, está sempre presente, de modo que o indivíduo não consegue estabelecer uma particularidade identitária.

Estando todos na cidade, após derrubarem seus ranchos e já conhecendo um pouco mais o novo espaço que habitam, os agricultores pensam se devem voltar às lavouras ou permanecerem na cidade, enfrentando os obstáculos que surgirem. Se voltam, continuam sendo pobres lavradores, sujeitos a um eterno caminhar, já que, se não conseguem se organizar no trabalho na cidade, precisam retornar ao trabalho rural, de onde saíram, já cientes do que é a vida no campo. Tal fato, Brito (2000) chama de reemigração. Se optam por ficar, estão sujeitos a descobrirem, dia após dia, como é manter-se em meio ao caos da cidade grande, ainda em construção. Nesse contexto, Cirilo agarra-se à vontade de voltar ao campo, os demais, ainda que naquelas condições, buscam forças para se sustentarem ali. Reconhecem que se enquanto estavam em São Domingos soubessem o que aprenderam na cidade, a realidade poderia ser outra. Assim fala Prêto a Damásio: “Em São Domingos tudo podia ser salvo, se a gente sabe o que sabe hoje” (GARCIA, 1966, p. 105).

Ao final da narrativa, a percepção que temos de Cirilo é a de que esse personagem, apesar de ser impulsionado a entrar em contato com outra cultura e outro espaço, não tem sua identidade muito alterada, como a de Miguelão, por exemplo, ou de sua própria mulher, Doraci, que se deixa levar pelas necessidades impostas pelo novo modelo de vida. Cirilo sai do campo, vai para a cidade grande, depois para outras menores, mas não há nada que o faça mudar de ideia nem seu apego à terra, ele precisa dela, necessita estar nela e trabalhar ali. O campo não sai de Cirilo. Não há meios de se acostumar com o trabalho da/na cidade, sua cultura está muito enraizada, de modo que a do outro não opera nele.

Importa dizer que, por mais que tivesse muito carinho e vontade de trabalhar nas lavouras, depois de tentar achar um lugar fixo por várias vezes e ter sua identidade submetida a outras, as circunstâncias levam o personagem a seguir outros caminhos que não os desejados por si, talvez o de Trombas, que o narrador não nos diz se ele realmente alcança. A última menção que temos de Cirilo na narrativa mostra a figura de alguém que foi vencido pelo cansaço e que está sem forças para relutar ou ir contra a vontade da esposa ou qualquer pessoa, é a imagem da entrega, que aliás se aproxima da

de Miguelão, que se entregou ao bel prazer do destino, como vimos acima. No texto literário, a derradeira aparição de Cirilo é narrada da seguinte maneira:

Doraci discursava para o pobre Cirilo, êle não queria nada, falava só da saudade da terra, a mulher não entendia. Ela o deixou na rua Sete e seguiu à porta do Mercado, foi descompondo-o, de longe ainda Cirilo ouvia sua voz.

Cirilo olha com os olhos enterrados nas órbitas a rua movimentada. Gostava de apreciar as ruas. De momento, tudo lhe parecia miúdo, os homens indo e vindo, os automóveis, as bicicletas, como se feito de brincadeira. Às vezes dorme. Mas alerta, está sempre observando a rua. A cabeça pendida, a barba rala e crescida, o velho chapéu na cabeça. (GARCIA, 1966, p. 204-205).

É com essa veia poética e uma descrição quase pictórica que o narrador nos deixa a imagem desse personagem que atravessou toda a narrativa, desde o primeiro capítulo até o último. Passou por vários lugares, conheceu muitas pessoas e um dia sonhou em ter uma terra para chamar de sua, mas as fatalidades o levaram para um final um tanto quanto reticente, pois, ao vermos Cirilo na situação em que se encontra, vendo os amigos partirem para Trombas, ainda pensamos se, em algum momento, ele também não caminharia para lá e retomaria seu sonho.

4.3 Prêto Soares

Da quase centena de personagens que compõem esse romance, Prêto Soares é a que mais se aproxima de uma figura heroica, de modo que, se houvesse aqui um protagonista, seria ele. Não é possível dizer que existe um protagonismo em *O caminho de Trombas*, porque a narrativa gira em torno de uma coletividade, é uma multidão que se move, o tempo todo, e constrói o enredo. Nesse ínterim, identidades, culturas e caminhos se cruzam, a partir do movimento feito pelas personagens, que não permanecem em um espaço fixo. Prêto Soares, pelos tantos lugares que passa e pela quantidade de pessoas com quem lida, é o exemplo mais claro para representar a mudança de identidade em um sujeito que se move constantemente.

A apropriação da cultura do outro, a mudança de perspectiva em relação a assuntos cotidianos, a vontade de aprender e a adesão a um movimento político são fatores que evidenciam as alterações sofridas na identidade da personagem diante das

situações às quais ele foi exposto. Mudanças também ocorreram com Miguelão e Cirilo, assim como se deram na vida dos demais personagens da narrativa, no entanto, as de Prêto o leitor pode acompanhar mais de perto e por mais tempo, já que ele tem uma presença bastante intensa e movimentada.

Algumas particularidades do sujeito não mudam, por mais interação que ele tenha com o outro. Em Prêto, esse traço é o espírito de liderança e a vontade de ajudar o próximo, que o acompanha desde que dele temos conhecimento, quando se encontra em São Domingos, sua passagem por Goiânia e a ida para Trombas, onde os companheiros o esperam, já que ele “havia sido destacado para atuar permanentemente em Formoso e Trombas” (GARCIA, 1966, p. 203).

Em vários momentos da narrativa é ele quem toma frente dos movimentos dos camponeses e, quando não o faz, não deixa de estar presente. Diante do autoritarismo político imposto no campo, uma das saídas que encontraram foi enfrentar as consequências da invasão à parte virgem de uma fazenda e:

[...] engajados na tarefa de fazerem a derrubada do mato e plantarem suas lavouras, Prêto Soares e seus companheiros concluíram seu objetivo. Em meio a essa empreitada, conseguiram muitas pessoas que, na multidão, se juntassem com um mesmo propósito: de trabalharem com o corpo e com a mente para que, ao final do episódio, obtivessem um resultado positivo. (DE MELO e CAMPOS, 2019, p. 18).

Multidão, não podemos esquecer, é palavra de ordem no romance godoyano e é com quem Prêto Soares convive diariamente. É também aspecto presente no movimento de deslocamento como um todo e assunto discutido por Justino (2015) ao questionar as literaturas que muitas vezes esquecem o caráter validador dos personagens de margem e secundários, os quais encontram-se em meio a essa multidão. São eles, em sua infundável luta, que evidenciam “a vida do homem comum das cidades brasileiras contemporâneas, através mesmo da superabundância dos ‘lugares-comuns’, de funções-clichê, que as faz exagerarem no pormenor e no descritivismo neonaturalista” (JUSTINO, 2015, p. 135-136). É a partir de um olhar voltado para esses homens e suas realidades tão comuns e desvalorizadas, que enxergamos, de acordo com Justino, uma das funções do texto literário e um dos sentidos da leitura.

É válido ressaltar que, diferente de Miguelão e Cirilo, que tiveram mudanças negativas, em algum ponto, a partir de seu contato com a cultura do outro e com a alteridade, as transformações identitárias ocorridas com Prêto Soares foram positivas, em todos os sentidos. Não há, portanto, uma crise de identidade ou uma desconstrução dos valores já construídos, mas uma aculturação, à medida em que ele se adapta muito facilmente ao modelo da vida da urbe e retém para si os valores considerados positivos dessa participação. É certo que não somos compostos, os humanos, por uma única identidade, e a todo momento somos expostos à convivência alheia, bem como somos sujeitos a variações identitárias, às vezes até conflituosas. Como pondera Hall (2006, p. 13): “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

Somos construídos, portanto, por uma multiplicidade de identidades e é utópico pensar em uma singularidade para isso, logo, quando todas essas identidades se cruzam, principalmente se em constante contato com o outro, é compreensível que algumas pessoas não consigam lidar com as diferenças e acabe tendo crises, como aconteceu com Cirilo e Miguelão, mas não é o caso de Prêto, que viu nesse emaranhado identitário, isto é, na constante movimentação de um espaço para outro (campo e cidade), uma identificação e assimilação com a cultura do outro. Ainda que esteja na cidade temporariamente, porque sabe que seu lugar é no campo, esse lavrador se apropria, enquanto permanece na urbe, dos novos costumes, das diferenças e da nova identidade. Ao fazer isso, ele se constitui, cada vez mais, como alguém que se destaca na narrativa e para quem se volta todos os olhares.

Da primeira à última menção que temos de Prêto na narrativa godoyana, ele está conectado a um grupo, sendo deles o líder. É na casa dele que os demais se reúnem, pela primeira vez, para discutirem sobre as tomadas de decisão a respeito do que fazer para terem direito às terras que ocupam. Também é ele que, quando chega em Goiânia, encontra e reúne os antigos companheiros que lá já estavam, Cirilo e Doraci, levando-os para dividir o mesmo teto, na Vila Nova. Depois, já integrante do novo espaço, é quem organiza o movimento que leva a coletividade às ruas, para falar com o governo e, por fim, agora já envolvido com os membros do Partido Comunista, com quem passa a ter contato ao chegar na cidade, é o escolhido para liderar as ações em Formoso e Trombas.

Assim como as demais personagens, as mudanças de maior impacto acontecem na vida de Prêto ao chegar na cidade, uma vez que, no campo, não tinham muitas condições de estabelecer contatos com algo que fosse marcado pela diferença. No caso dessa personagem, sua facilidade para adaptação contribui para que as mudanças sejam positivas, para ele: “Podia viver em qualquer lugar, desde que tivesse trabalho e amigos.” (GARCIA, 1966, p. 74). Realmente, recorda o passado e os tempos de São Domingos, mas também se satisfaz por estar agora trabalhando na construção civil, e em contato com novos amigos: “Em tantos momentos estêve nas estradas com o caboclo Neco, pelejando na defesa das terras de São Domingos. Relembra o dia em que partiram cedo, rumo à estrada real de Inhumas. [...] Agora vivia com outros companheiros: Raimundo e Simeão. (GARCIA, 1966, p. 79).

Até aqui, a mudança de espaço não influencia, nitidamente, na mudança de identidade da personagem, mas já se faz transparecer, de forma implícita, por meio da comparação, uma pequena alteração no modo de vida. Ademais, é a partir dos diálogos e da constante interação com os companheiros da cidade que Prêto começa a perceber a necessidade de adquirir mais conhecimento, intelectual e prático, a respeito do movimento político e social que ajudaria a classe a sair da situação em que se encontrava. Aos poucos, contudo, a transformação ocorre e a relação do camponês com a cidade torna-se mais próxima, evidenciando a intervenção que esse macroespaço faz na vida dele:

O que acontecia com Prêto raramente acontecia com outros homens do campo. No campo ou na cidade sua alma vivia. Mas o trabalho e a vida da cidade eram-lhes mais ajustados, sentia-se à vontade. A razão embalava mais que tudo o seu avolumado corpo. (GARCIA, 1966, p. 84).

Quando o narrador diz que aos demais homens do campo não é comum acontecer o que se dá com Prêto, voltamos ao caso de Cirilo, que de nenhuma forma consegue se adaptar à urbe. Prêto não, tanto se sentia à vontade ali que, paulatinamente, tornou-se um membro do sindicato dos trabalhadores e participante das reuniões do PC. Aqui, mais uma mudança positiva na vida desse personagem, que agora convive de perto e expressa sua opinião, de forma que é evidente sua atuação sócio-política, o que antes, no campo, não lhe era possível de maneira tão prática e contundente.

Prêto e seu amigo iam ao sindicato, aos domingos. Damásio nunca abria a boca, Prêto sim. Era chamado. E quando Prêto falava, Damásio e tantos outros das lavouras e das construções sentiam o bater do coração. Nas reuniões da Câmara Municipal de Goiânia, em que se convoca o povo, Prêto era convidado a falar e todos se interessavam e se punham a ouvir. Soltava cachoeira de palavras, voz serena e firme, falava o que vivera e o que viveram os demais, no curso dos anos. (GARCIA, 1966, p. 105-106).

Entre os lavradores e construtores civis, Prêto se destaca por ter coragem e firmeza nas palavras, fato que foi aprimorado com sua participação efetiva nas discussões no trabalho e entre os companheiros, corroborando sua marca pessoal de líder e companheiro. A prova mais precisa da transformação de Prêto é vista ainda no contexto do trecho citado acima, quando ele se dá conta e fala aos companheiros que tudo seria diferente em São Domingos se soubessem o que sabem “hoje”. E é na sequência a essa fala que eles seguem para a reunião do sindicato, onde ele faz sua participação.

De igual modo, ao dialogar com a esposa e refletir sobre as mudanças ocorridas em suas vidas desde que deixaram as lavouras, Prêto constata que está alegre por estarem ali e “Tudo lhe parecia como uma grande descoberta” (GARCIA, 1966, p. 111). Naquele momento de reflexão: “Sentia agora sua vida mais valiosa” (idem), o que nos permite inferir que o personagem descobre, ali, sua transformação, ele se dá conta da mudança em sua identidade, em decorrência de sua presença naquele espaço, ou seja, a interação com o outro e com a diferença, permite ao sujeito identificar e acompanhar sua própria evolução.

Assim como Hall (2006, p. 13) afirma que não é possível haver uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente”, Bauman vai dizer que “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação de liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo” (BAUMAN, 2005, p. 60). Em consonância com os dois teóricos, sustentamos que a fragmentação da identidade dos sujeitos, a partir da sua mobilidade, é de caráter positivo, uma vez que o liberta da estagnação e do não crescimento enquanto ser humano que é, necessitado de estar em constante movimento para se construir. Por isso, ao chegar à conclusão de que

é outro e não mais aquele que saiu de São Domingos, Prêto Soares consegue “destravar a porta” para novas experiências e oportunidades.

A mudança é percebida nitidamente ao recuperarmos, junto com o personagem, por meio de uma retrospectiva reflexiva, a história de sua própria trajetória. A voz de Prêto Soares é colocada em evidência, em primeira pessoa, com a utilização do discurso direto livre, para narrar os episódios de seu deslocamento. Além disso, ele faz uma reflexão sobre seu passado e sobre o que é ser um lavrador, sem nunca esquecer que seu lugar não é apenas um, mas é pelos caminhos, indo e vindo, de um lugar para outro, do campo para a cidade e vice-versa; mostra sua necessidade de estar em movimento para ajudar o outro, que considera seus irmãos: “Eu não pude fazer as vontades de Desidéria, não pude ficar morando na cidade. Tive um caminho; as lutas do campo. Aprendi a cuidar melhor da vida dos meus irmãos.” (GARCIA, 1966, p. 198). O verbo aprender, conjugado assim, na primeira pessoa do pretérito perfeito, indica que houve um processo de assimilação e as experiências vividas fizeram com que o sujeito passasse por uma transformação positiva, que se configura, nesse caso, como uma ferramenta, a qual ele usa a seu favor, para continuar sendo aquele personagem que sempre ajuda o próximo e tem espírito de liderança. O que se altera nesse sujeito, portanto, ao entrar em contato com outras identidades, é tido como algo positivo.

Outras personagens migrantes aparecem no espaço da cidade, moradores da Vila Nova, e carregam também suas particularidades: “O rancho de um tal João Abaida veio abaixo. Era um mineiro de Tobati, rabugento de manias e crente da Igreja Pentecostes” (GARCIA, 1966, p. 81). “Lembra-se de Zeca, o violeiro nordestino nas suas conversas nos caminhos, nas suas cantigas” (GARCIA, 1966, p. 83). Descobrimos neles, independentemente de onde vieram, identidades que são bastante singulares às de personagens mais ativos na trama ou traços de uma coletividade, como a questão da religiosidade, por exemplo, que marca tanto a maioria dos lavradores que vieram do campo, como boa parte daqueles que vivem na cidade.

4.4 Mulheres migrantes

O romance de Godoy Garcia aborda temas referentes às minorias, como pobres, pretos, operários, prostitutas e migrantes. Por isso, uma literatura da margem, uma

literatura que resgata a escória social e confere voz a essa classe de subalternos. As mulheres, por sua vez, fazem parte desse contexto, portanto, o romancista não deixa de traçar perfis que representem essa figura. Todos esses personagens fazem parte da coletividade que marca e define a obra, os quais são essenciais para o delineamento sociológico, visto a pluralidade de vozes e discursos de minorias sociais a quem Godoy Garcia quer valorizar. Juntos conferem consistência à narrativa, se os analisarmos de maneira a:

Dar crédito a personagens que aparecem para dizer poucas palavras e viverem pequenas e insignificantes ações, mas capazes de darem pertinência à narrativa, basilarem sua “superestrutura”, sem o que nem a verdade do protagonista e do narrador, nem a “moral da forma” fazem sentido. (JUSTINO, 2015, p. 137).

Então, os migrantes, os pobres, as mulheres, as crianças e os velhos, paulatinamente, vão surgindo e tecendo essa rede de personagens até transformarem-se em uma multidão unida e forte, capaz que ir contra o sistema ideológico social que os quer expulsos e/ou à margem, longe dos centros. Entre eles, as mulheres estão em um número considerável e seu papel na narrativa é de extrema importância, pois revelam alguns tipos femininos estereotipados, não só àquela época, mas ainda hoje. Algumas figuras fictícias representam o pensamento misógino do homem, principalmente o sertanejo, do período que se desenvolve a narrativa. Em outros momentos, o romancista consegue resgatar para o texto literário algumas peculiaridades que dizem respeito ao sentimento da mulher e dar a ela uma posição de empoderamento, confiança e domínio. Assim, o autor se posiciona é ao lado dessa mulher, forte e determinada, que não se deixa abater nem recua diante do homem que a quer dominar, seja ele seu marido ou patrão.

Destaca-se, ainda, que há mudanças na identidade de alguns personagens, como Doraci, por exemplo, que no início da narrativa é submissa e anda pelo mandado do marido, mas que, adiante, toma para si as responsabilidades e decisões que vão interferir em sua vida e na de seus filhos, deixando o marido para trás em muitas delas. A mudança de espaço, portanto, não altera apenas o ambiente, mas causa transformações na identidade do sujeito, visto que ele passa a lidar com outra realidade, outros sujeitos e outras vivências. Culturalmente, o personagem também se alinha ao meio em que

passa a viver, de modo que, se não agir em seu favor, percebe que não há quem fará isso por ele, por isso a não permanência de apenas um estado identitário e a constante movimentação nas características físicas e psicológicas nos personagens.

De modo geral, a escrita de Godoy Garcia vai de encontro aos ideais considerados “socialmente corretos”, todavia, há uma ressalva a ser feita, visto que, na obra analisada, em alguns momentos, surge um discurso que se configura como relativo ao patriarcado e à ideologia hegemônica de que as mulheres devem sempre ser submissas aos homens. Levantamos aqui esse aspecto para esclarecer que, de maneira geral, como já dito, a poética de José Godoy Garcia é voltada para a defesa dos párias e, inclusive, das mulheres, em qualquer condição, no entanto, dentro do contexto da narrativa, encontramos trechos em que aparecem discursos ideológicos de uma sociedade interiorana, das décadas de 1950-60, os quais convergem para a sincronia temática da obra, uma vez que ela deixa transparecer os aspectos formadores de opinião do homem do campo, sendo um deles a ideia de que a mulher é vista, na maioria das vezes, como objeto, empregada ou serviçal, isto é, deve sempre estar a serviço do homem.

Tais ideais podem ser lidos nos trechos iniciais da narrativa, quando velho Juliano pensa e discute com seu filho a necessidade do jovem se casar e, porque, por tanto tempo, ele ficou “sem ter mulher”. Assim temos essa passagem na obra:

O velho Juliano vai lavar sua roupa e a de Custódio. “Tendo uma mulherzinha, taí, ela pode arrumar minha roupa mais a do Custódio. Onde já se viu a gente ficar bancando *caseira* o resto da vida?”

[...] Não, um homem precisa de sua mulher. Não pode haver terra sem chuva; sem o sol também não haveria vida. O homem não pode viver sem mulher, assim pensa Juliano. (GARCIA, 1966, p. 4. Grifo nosso).

.....

[...] Cuida só daquela idéia de dois homens viverem juntos numa casa e tratando de *afazeres próprios de mulheres*. Não é vida. E fica intrigado de ter vivido, fazia bem vinte anos, sem ter mulher.

__ Olha que foi uma bobagem muito grande minha não ter *arranjado um encôsto* nesse tempo que perdi minha patroa.

Sente amargura.

__ Onde andava eu com a cabeça em ter perdido um tempão dêses sem mulher.

Nunca havia pensado naquilo.

__ Inda tinha muita força. Agora não presto mais. (GARCIA, 1966, p. 5, grifo nosso).

Grifamos parte do discurso do personagem para enfatizar o pouco valor dado à mulher e a superioridade dada ao homem em relação a ela, visto que a ele não podem ser conferidas tarefas domésticas, ao passo em que, para ela, não passaria isso de uma obrigação. Aqui, a mulher é vista apenas como uma “caseira”, um “encôsto”, alguém que desempenha papéis ditos menores dentro dos lares. Por outro lado, se a ela compete desempenhar outras atividades, como lavrar a terra ou cuidar do gado, isso nem sempre é reconhecido. No contexto em que se configura o início da narrativa, desde que esteja ao lado da família, a desempenhar seu papel de subalterna, acompanhando o marido, a mulher está em seu devido lugar.

É curioso pensar que, em momentos seguintes a esse, ainda quando Julianio pensa a respeito da mulher e seu papel, o narrador assume um lugar de fala que está em defesa da mulher, o que corrobora com o que dissemos anteriormente, que a escrita godoyana segue uma dinâmica de defesa aos desprivilegiados. Ao mesmo tempo que narra, detalhadamente, os sentimentos do homem, expondo seus conflitos internos e frustrações, em apenas uma frase resume a posição da mulher diante da situação exposta.

Desapontado, velho Julianio apaga a luz. Fêz muito para encontrar mais tarde o sono. Ouviu os roncoss de Custódio. A chuva ora aumentava, ora diminuía. Pouco dormiu essa noite, acordando mal nasceu a madrugada. Na cama, ainda ouvindo os roncoss do filho, pôs-se a pensar nos antigos tempos, quando se levantava de madrugada, pegava os animais e saía para o campo, em busca de gado. Sempre convidava velha Pureza para se visitarem no amor assim àquela hora, gostava muito e quando era tempo de chuva se enchia de desejos e sentia grande alegria em ter a velha nas mãos. *A velha Pureza não gostava.* (GARCIA, 1966, p. 14. Grifo nosso).

O trecho é poético, construído a partir da utilização de uma linguagem que sugere romantismo e delicadeza, com um ar de melancolia e bucolismo, remetendo ao campo e à natureza. No entanto, novamente a mulher é tratada como objeto, quando o marido diz que “sentia grande alegria em ter a velha nas mãos”. Esse trecho deixa claro o posicionamento do romancista, que reconhece a autoridade imposta pelo discurso hegemônico, mas, por outro lado, não deixa calar a voz da pessoa que é reprimida pelo sistema, exteriorizando o posicionamento de que Pureza não concordava com o marido.

Velha Pureza é uma personagem apenas lembrada na narrativa, ela não tem uma presença física, ainda assim, de alguma forma, é possível ouvir sua voz reverberar pelo

texto, por menor que seja a menção ao seu nome. Trata-se de uma mulher que seguia, sim, o costume de ser submissa aos desejos do marido, no entanto, intimamente, grita por auxílio, por intermédio da voz do narrador, quando expõe que ela não gostava de viver naquela situação. Mais adiante, uma vez mais, o narrador reafirma o sentimento de Pureza, cujo nome, aliás, indica genuinidade e inocência, tudo o que realmente era, desempenhando o papel de esposa fiel e mãe exemplar, que não ousava contrariar os ditames do marido e da sociedade.

Outras figuras femininas aparecem no decorrer da narrativa, assumindo posições distintas das de velha Pureza e são personagens presentes, com ações e falas, e não apenas lembradas. Uma delas é representada por velha Adelfa, que reforça o traço peculiar da poética godoyana em defesa aos marginalizados e dá voz à mulher, sua participação é essencial em uma das lutas do grupo de agricultores. Força, determinação e coragem são características dessa mulher que vai à luta pelos seus direitos enquanto integrante do grupo de agricultores, deixando sua marca de força feminina. Ela não se intimida frente ao fazendeiro que quer tirar-lhes o direito do porcentual combinado no arrendamento das terras, por isso, é uma das que toma iniciativa no momento de invadir as terras e exigir para os trabalhadores parte do “mato” que ali estava, sem ser usado para nada.

Velha Adelfa apanhou os tantos de seu caminho, fazendo vir também as mulheres. Os passos da velha se agarravam na morada de Cirilo Pereira. A mulher aceitava o chamado, Cirilo sem nada dizer. Já sabia da vinda da polícia. A velha impondo. Que faria? Doraci animada. Ele não teve fôrça para dizer à velha que não ia, não queria encrenca, não estava para isso. [...] A velha teve raiva, foi até Doraci.

__ Vamo'embora, mulher.

__ Ahn?

__ Teu marido não presta. Tu vai.

__ Ai, dona, Cirilo não quer, eu não vou.

__ A velha partiu, falando sua ira do marido e mulher. (GARCIA, 1966, p. 158, grifo nosso).

Velha Adelfa é o tipo de mulher proativa, que não espera por ninguém para resolver os problemas e, na oportunidade de “invadir os matos”, assume a liderança, chama homens e mulheres para irem à luta, e não importa com os que querem ficar para trás, deixa-os e vai. Àquela época, não era comum que houvesse mulheres com tais pensamentos e ações, sobretudo no campo, lugar onde se esperava pela submissão, mas,

indo além do seu tempo, Godoy Garcia traz para sua obra um modelo de mulher que se configura, ainda que não tenha consciência disso, como feminista, ativa, segura e dona de si. Como diz Chimamanda Ngozi Adichie (2015), já evoluímos, e o homem não governa mais o mundo, porque a força bruta, do corpo, já não é mais fator principal para sobreviver, precisamos agora de inteligência, fator psicológico e não físico. Logo, mudamos, e o mundo atual é diferente daquele de mil, quinhentos ou cem anos atrás, de modo que:

A pessoa mais qualificada para lidar *não é* a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem quanto uma mulher podem ser inovadores, inteligentes, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. (ADICHIE, 2015, p. 21. Grifo da autora).

Nessa perspectiva, Velha Adelfa é uma pessoa inovadora que, aliás, usa a força física e sua inteligência para chamar os outros aos campos. Ela tem um discurso firme, não titubeia, ignora os que não querem participar da empreitada, incentiva as mulheres a saírem e deixarem seus maridos, fala para Doraci que “teu marido não presta”, e segue o caminho da missão. Por tal peculiaridade, há quem a olhe com desprezo, como João Gabriel, que é um dos donos de terra, com o qual ela discute e enfrenta, em defesa de seus companheiros.

Veio à frente a velha Adelfa.

— O senhor então gosta de palavra empenhada, não é, seu Grabiél? É um homem de honra, né? Todo mundo aqui sabe que João Gabriel é um homem danado pra sustentá a palavra. Num é, Clarimundo? Num é Deodato?

O fazendeiro atarantado. Ela fala:

— Cadê os resto do dinheiro dos mantimentos que comprou o ano passado, inda levou os saco do Zé Durão, diz que pagava em junho, não pagou, diz que pagava em agosto, não pagou, diz que pagava em novembro, não pagou, tapeando. Tapeando o pobre do Zé Durão cheio de filho, deixando êle no desembôlso.

João Gabriel disse isso e aquilo e sem dizer nada, se atrapalhando na língua, insultando, o animal azougado na rédea.

.....

Não se esqueciam da velha, pensavam e sempre falavam nela. E em Prêto Soares, que foi valente.

— É, velho, gostei! Virgem!

A velha tinha o ar tranquilo no rosto vitorioso. (GARCIA, 1966, p. 137-8).

Um papel como esse, de enfrentamento, não era comum de ser visto vindo de uma mulher, especialmente ao se dirigia a um homem, e não qualquer homem, mas o que se chamava de patrão, o dono das terras. Era preciso coragem e inteligência, encontrar as palavras certas, ser estratégica, como foi Adelfa. Não se deixando dominar, ela “dá as cartas” e devolve a João Gabriel as mesmas palavras que ele próprio gostava de proferir, de que era íntegro. No entanto, naquele momento, ia contra sua teoria e era insuficiente, diante dos trabalhadores, a palavra antes empenhada. O homem, então, tendo a força física e o capital, não tem valor diante da mulher que se empodera do saber e da estratégia de enfrentamento, sendo ele derrotado pelos dizeres e ações da personagem, que não se intimida.

Ao final, com o endosso dos demais, os agricultores tiveram sua vitória e agradeceram a participação ativa e certa da velha, a qual se sentia vitoriosa. Esse é um típico exemplo da representação do papel da mulher nessa circunstância de luta pelo espaço de sobrevivência, é como uma mãe que sempre defende o filho, porque a terra, para os camponeses, é o que eles têm de mais sagrado e valioso. Ademais, Adelfa, no texto literário, em nenhum momento é vista como submissa, insegura ou com as características de Pureza, que nem chega a ser uma personagem ativa na obra.

No trecho que Velha Adelfa chama os companheiros para a luta, encontramos dois estereótipos de mulheres, aquela que se vê apenas como um ser submisso e aquela que quer ir além e conquistar espaço na sociedade. Doraci e Velha Adelfa, respectivamente, são personagens que representam as extremidades aceitação e comodismo *versus* rejeição e luta. Enquanto uma dá-se por vencida e pensa apenas em seguir o marido e fazer o que ele deseja, a outra está disposta a enfrentar o que e quem for preciso para sair do estado em que se encontra, isto é, há uma dicotomia passividade/atividade bastante explícita, que nos direciona a pensar que o romancista, mesmo lançando mão do exemplo da mulher submissa, deixa mais evidente o papel daquela que, de alguma forma, consegue se impor diante do outro, do homem, daquele que, via de regra, seria seu carrasco, literalmente, porque nessa parte da obra lutam para não perderem o que já plantaram e, também, pelas suas próprias vidas, diante das armas do coronel.

O silenciamento desse grupo acaba por impossibilitá-los de se tornarem membros no estado social dominante, sendo assim, é por esse motivo que o romancista direciona sua narrativa para um caminho em que a voz do sujeito subalterno vai ser externada, na figura de uma personagem feminina marginalizada, a Velha Adelfa, lembrando que não é o narrador que fala por ela, mas a própria mulher se impõe diante do sujeito que lhe aflige e reproduz seu próprio discurso de revolta e indignação diante da situação em que se encontram, não apenas ela, mas todo seu grupo, entre eles, homens e mulheres.

Elódia Xavier (2007) discute a questão do corpo no imaginário feminino e estabelece várias possibilidades de definição de personagens femininas, cujos corpos são classificados de acordo com as atitudes e comportamentos dentro do texto literário. Uma dessas classificações é a do corpo obediente, definido pela autora como o corpo que não contesta, não reclama nem se impõe, ou seja, na leitura que aqui fazemos, esse seria o corpo de Pureza e, inicialmente, o de Doraci, que apenas se entrega ao marido, sem qualquer reclamação ou manifestação contrária a que lhe é imposta. Distingue-se, porém, do que a personagem de Velha Adelfa representa, um corpo que anuncia seu lugar de fala e tem poder sobre si.

Voltemos a Doraci, uma personagem interessante. A princípio, ela apresenta características de uma mulher submissa e que segue o que é convencionado pela ideologia patriarcal dominante, acompanhando o marido onde ele deseja ir e fazendo tudo por ele e pelos filhos. Mesmo sabendo da importância de se unir aos outros, ela recusa o chamado de Velha Adelfa para seguir os demais camponeses, porque o marido não tem coragem de se posicionar e dizer que não vai: “Cirilo não quer, eu não vou”. Em outros momentos do início da narrativa, seu posicionamento também é de lealdade ao marido, sobre o qual já falamos e percebemos que sua identidade foi alterada com o delinear da história narrada.

Assim como o marido, Doraci já não era, ao final do romance, a mesma mulher. Houve uma inversão de papéis, uma troca de identidades. Não sendo mais a que apenas obedecia, Doraci passa a ter atitudes próprias quando chegam à cidade, enquanto Cirilo não trabalha nem se adapta ao novo modo de vida, ficando quase que como um ser inerte aos acontecimentos reais, alheio à situação, pensando apenas em encontrar um pedaço de terra para lavrar. O processo de transformação dos dois personagens,

principalmente o de Doraci, não se deu tão rapidamente, mas de forma paulatina, à medida em que sua situação exigia, tendo em vista que não poderia deixar os filhos desamparados e seu marido não tomava decisão alguma. A mulher submissa cede lugar à resistente e perseverante, que não se intimida diante das dificuldades apresentadas, saindo para as ruas, para pedir esmolas às pessoas.

Vale ressaltar que o lugar de pertencimento da personagem na muda, é à margem da sociedade, junto aos demais excluídos e passando por humilhações, no entanto, dentro do seu contexto de sobrevivência e interação, ela passa a exercer outro papel, o de quem dita as normas e tem voz. Cirilo, por sua vez, é silenciado e passa a andar segundo os preceitos impostos por Doraci, ainda que contra sua vontade, fazendo o que a mulher manda. Não tendo sido imediata a mudança, durante o processo houve muitas idas e vindas do campo para a cidade e vice-versa, oscilando os momentos de permanência dos desejos de um e outro, até que, por fim, o homem cede aos quereres da mulher. Diante disso, fica evidente a evolução dessa personagem feminina, traçada pelo romancista para destacar a importância do papel na mulher não só na narrativa, mas na sociedade como um todo.

Doraci torna-se um modelo e exemplo a ser seguido por mulheres que, porventura, vivem nas mesmas condições de submissão. Por mais que possa parecer ultrapassada essa ideia, em pleno século XIX, é preciso dizer que ainda existem várias mulheres nessas circunstâncias, as quais precisam ser libertas das amarras ideológicas do machismo, da dominação e do patriarcado, para entrarem em um mundo de liberdade e respeito, onde sejam tratadas com dignidade e igualdade. Independentemente do espaço onde vivem e da classe social que disponham, bem como de idade e raça, a mulher, seja ela migrante ou não (para não esquecermos do assunto desta Tese), precisa ter direito ao seu lugar de fala e tê-lo respeitado, na ficção ou na realidade.

No texto literário, um dos trechos que representam a participação efetiva de Doraci vem nos seguintes termos:

Doraci queria tirar uns cobres na esmola. Por sua idéia largaram o rancho nas lavouras de manhãzinha e pegaram a estrada. Por nada neste mundo a mulher quis que ele ficasse. [...] Não era mais o Cirilo Pereira de anos antes. Andava perrengue e amontoado numa porção de desânimo, isso andava.

— É a roça, Cirilo. Como vamos dar conta agora que o arrozal tá cacheando! Precisamos botar gente pra capina, depois pra colheita. Tá na hora, home. O pior já passou.

— Hein?!

— Caminha, Cirilo!

— Tá certo, Doraci. É uma entaladela. É arranjá o dinheiro assim. Mas eu não preciso. Fico no trabalho.

— Já viu um pessoal assim pedindo? Enche de gente, Cirilo. Vamo embora, home. (GARCIA, 1966, p. 184).

A família segue de acordo com os desejos da mulher, e os argumentos utilizados por Cirilo não a convencem de que devem ficar na lavoura. Nesse momento, ela é mais inteligente e usa a razão a seu favor, demonstrando que, como nos lembrou Adichie (2015) anteriormente, não existem hormônios para esses atributos. Como precisavam de dinheiro e ajuda de outras pessoas para fazerem a colheita do arroz, o mais acertado naquele momento seria buscar, ao pedir esmolas, um auxílio extra. Doraci é enfática e pontual ao falar com o marido: “Vamo embora, home”, de modo que ele, mesmo usando alguns recursos argumentativos, não consegue convencê-la do contrário. Resta-lhe aceitar e seguir os passos da mulher, o que ele faz sob protestos e xingamentos.

Desidéria é mais uma personagem feminina sobre a qual podemos nos deter nesta análise. O romancista nos oferece muitas informações e, debruçando-se sobre elas com um olhar atento, identificamos uma personagem forte e atuante na narrativa. Desidéria, já viúva com filhos soltos pelo mundo, acompanha o marido desde que se casaram, trabalha nas lavouras, enquanto estão no campo, e como lavadeira, quando vão para a cidade. É uma mulher de posicionamento próprio, sabe falar e sabe ouvir, dá conselhos ao marido, que a ouve em diversas ocasiões, e não é como Doraci, que, em certos momentos, deixa-se influenciar completamente pelo outro. O narrador assim a descreve:

Desidéria, mulher de Prêto, era um pouco mais velha do que êle. Mas era mulher ainda de certa beleza. Só um disparate de grande, um tanto magra. Tinha os cabelos bonitos, uma pele de rosto com um morenado singelo. Muitos filhos havia tido, e andavam pelo mundo, ela sem notícias. Viúva encontrou o Prêto Soares naquele janeiro distante, saiu com êle e viviam juntos há bem anos, uns dez. Quando foi pra Prêto vir para as bandas das lavouras de São Domingos, Desidéria lhe disse:
— Não é boa idéia, Prêto. Tu não emenda de trabalhar nos eitos. A terra é a maldição, Prêto Soares. Acaba daí é a gente na estrada. (GARCIA, 1966, p. 41).

Em uma linguagem poética e posicionada, o narrador apresenta essa personagem forte e decidida, que aconselha o marido e já prevê o que pode acontecer-lhes se forem para São Domingos. Ela não estava errada, pois não deixaram de continuar nas estradas, migrantes que eram, sempre à procura de terras mais produtivas e lugares que os acolhessem. A migração, fator intrínseco a essa narrativa, acompanha os personagens em todos os momentos, mulheres e homens, crianças e velhos. Na descrição de Desidéria, não é por acaso que o romancista informa que os filhos dela “andavam pelo mundo”, ou seja, estão longe porque se foram, porque migraram, porque percorrem por lugares desconhecidos.

Percebe-se, ainda, ao se falar dessa personagem, que se trata de uma mulher mais velha, portanto, já com certa experiência e que não se preocupa com a opinião alheia, já que se une a Prêto e vai viver com ele. Esse é um assunto que suscita questionamentos, pois, pensando em termos históricos, não é algo comum à época em que se passa a narrativa, dentro de uma sociedade preconceituosa, em que se aceita homens mais velhos casarem-se com jovens, mas o contrário é repudiado. José Godoy, portanto, vai contra tais ideologias e confere espaço e poder a essa figura representativa e exemplar, que não se intimida diante de suas escolhas. Vale lembrar que, apesar disso, o autor não deixa de dar a ela características esperadas para uma mulher “modelo” daquele momento, que é a religiosidade. Logo, Desidéria tem uma identidade marcada por diferenças e conflitos ideológicos, porque, por um lado, ela tem fé, reza, acredita em Deus e nos santos, bem como nas palavras ditas pelo Padre, por outro, é tendenciosa a seguir as ideias comunistas ditas em casa, pelo marido, como se aí estivesse representada a salvação do mundo e resolução de seus problemas.

Outrossim, a mulher de Prêto não é completamente dependente e submissa, como velha Pureza, aliás, ela consegue se organizar sozinha na ausência do marido. É uma personagem que não deixa de ser influenciada pelo outro, no que diz respeito ao processo migratório em que vive, mas sem perder completamente sua identidade, de modo que, ao contrário daqueles que se viram em dificuldades ao se mudarem para a cidade, Desidéria sentiu que poderia, com a experiência, tornar-se outra, adquirir conhecimento, ter novas oportunidades, conhecer outras pessoas e deixar a vida dos campos apenas na memória, já que não queria mais voltar para as lavouras, considerando que “Em Goiás, o ódio mora nos campos, nos rios, matas e palhadas”

(GARCIA, 1966, p. 71). Agora, na cidade, passa a ter contato com outra realidade, mora mais perto de outras pessoas, passa a viver de um novo jeito: “[...] Desidéria conheceu logo a mulher Ambrósia e foi esta quem contou a Desidéria a novidade, que o fiscal do governo havia percorrido a Vila, proibindo o conserto dos velhos e a construção de novos ranchos.” (GARCIA, 1966, p. 70). Os pensamentos de Desidéria sobre a mudança para a cidade são narrados da seguinte maneira:

Para Desidéria os ventos maus antecedem sempre os bons ventos. A mulher de Prêto gozava sai nova vida. Recorda os velhos tempos de quando viviam em Nazário, Prêto ganhando dinheiro por dia, Prêto longe das lavouras. Não queria mais a terra. Não queria para si nem para o marido Prêto. [...] Nas cidades parece que Deus ajuda mais; o trabalho é menos injurioso.

.....
Agora vivia numa grande cidade. Olhava Goiânia com seu mundaréu de casas e plantações. Muito pedira a Prêto. Abre seus sentimentos, e Prêto também se regozija, agora. (GARCIA, 1966, p. 71-72).

Mais uma vez, a alteridade é vista na obra e colocada ao lado da identidade, da formação do sujeito migrante, paralelamente à diferença, que é uma constante inseparável nessa discussão. Ora, a nova vida de Desidéria é distinta da antiga, o que permanece igual é sua condição social, mas muda-se o lugar, os costumes, os vizinhos, a forma de trabalho, então, muda também a forma de pensar e agir, a ideologia e até o conhecimento de mundo, a partir das novas experiências. Sendo assim, à identidade da personagem é acrescida a diferença provinda pela forma de vida do outro, com a qual ela agora passa a conviver.

Além dessas figuras femininas que povoam a narrativa godoyana, duas mulheres têm participações marcadamente significativas, como Joza e Maria Generosa, além, é claro, de outras dezenas, já que estamos lidando com uma narrativa de multidão, pensada pelos moldes teóricos de Justino (2012), caracterizada pela multiplicidade e infinitude de personagens e diálogos, bem como pelos tantos lugares, identidades e costumes que perpassam a obra. No entanto, não nos atentaremos a todas elas, visto que essa não é a discussão central da Tese.

Seguindo sua vertente de preocupação ontológica e de defesa aos marginalizados socialmente, José Godoy Garcia, uma vez mais, evidencia a figura feminina no romance *O caminho de Trombas*, dando espaço a Joza, uma mulher forte e espirituosa, que mora

no campo com a família, cuja propriedade é pequena e a posse da terra é incerta, dados os moldes já mencionados anteriormente, pois vivem em São Domingos, lugar de incertezas e dificuldades, posto que os grandes fazendeiros que arrendam as terras não têm preocupação com os pequenos agricultores. Junto ao marido e os filhos, Joza cuida daquele pequeno terreno, onde criam também alguns animais, para consumo próprio e para vendas, a fim de ajudar nas despesas da família.

Lemos que essa personagem é emblemática na obra de Godoy Garcia porque, em seu livro de contos *Florismundo Periquito* (1990), um deles é intitulado “Neco e Joza” e trata, exatamente, dos personagens do romance, inclusive, a narrativa curta é um recorte de um dos capítulos, da primeira parte, de *O caminho de Trombas*, que narra um conflito dessa família. No trecho, Joza e Neco Assunção, seu marido, precisam salvar do atolamento feito por uma enchente, uma porca que está parindo e é fonte de renda para eles. Com a participação ativa da mulher, conseguem o esperado e a família comemora o nascimento das crias.

Mas isso não é o bastante para identificar Joza como uma mulher realmente importante no romance, o que a configura como tal é outra ação, quando da necessidade de tomar algum posicionamento para que os agricultores não perdessem suas terras, pois tinham que pagar um advogado para ajudá-los com as questões do arrendamento. Usando inteligência e razão, a participação de Joza, nesse momento, consiste em opinar que o melhor a se fazer para terem o dinheiro que precisam não é vender alguns bens, mas pedir dinheiro emprestado a um comerciante. Inicialmente, há uma discordância, mas, no final da discussão, ela é ouvida: “E Joza ficou muito feliz em ter sido vitoriosa” (GARCIA, 1966, p. 30).

Pode parecer irrisória e insignificante essa atitude, mas, quando pensamos que dentro de um grupo composto por homens e mulheres, essas são ouvidas e atendidas, temos motivo para colocar em destaque a participação feminina, aliás, não é só a voz de Joza que é ouvida nesse trecho, mas também as de Doraci e Desidéria, o que significa que, entre os agricultores, existe respeito pela opinião feminina. Interessante notar como José Godoy trabalha o posicionamento masculino diante de diferentes situações vividas pelos personagens, por exemplo, enquanto maridos, muitas vezes eles veem as mulheres apenas como um objeto sexual ou doméstica, servindo somente para o prazer e os afazeres domésticos, já na posição de agricultores/trabalhadores, eles as respeitam,

pedem seus conselhos e orientações, seguem seus passos e as têm como aliadas, seguindo lado a lado e não em posição inferior.

Por fim, lembramos velha Maria Generosa e suas duas netas que são outras personagens marginalizadas pela sociedade e colocadas em destaque, em uma perspectiva que se insere nos moldes do romance neorregionalista e abarca temas voltados para a cidade e não só para o campo, em especial no que diz respeito àqueles que sobre(vivem) no espaço marginal. Ademais, em decorrência da valorização do trabalho literário, são feitas denúncias sociais pelo viés artístico e de moldura da linguagem, por exemplo, uma das netas de D. Generosa é prostituta, a mais velha, Gertrudes; e a mais nova, Antônia, quer seguir esse caminho, mas avó, religiosa e protetora que é, não quer tal destino para a caçula. Por trás dessa atitude, existe um paradoxo, porque, ao mesmo tempo que a velha é religiosa e conservadora, vive quase que completamente às custas do dinheiro da neta mais velha.

As prostitutas, a exemplo da personagem godoyana, não são vistas com bons olhos pela sociedade ideológica, tradicionalmente cristã e conservadora, e porque não hipócrita, que decidiu por excluir essas pessoas do seio social, segregando-as a um espaço restrito e escondido, principalmente as que pertencem a uma classe social inferior.

Mas Godoy Garcia as resgata e mostra que, muitas vezes, são elas as responsáveis pela provisão de um lar. É aí que ele expõe a hipocrisia, por intermédio da figura fictícia de Maria Generosa, cujo nome indica ter características positivas, mas que carrega certa ambição, egoísmo e falsidade, já que vive muito bem às custas de Gertrudes, mas diz ser contra Antônia seguir os passos da irmã e sempre que pode repreende as atitudes da neta mais velha. Escondendo-se por trás de uma religiosidade, mascara quem realmente é, apresentando-se para a sociedade como uma mulher de valores inquestionáveis, todavia, sua dupla identidade é revelada e pode ser lida no seguinte trecho:

Certos dias, velha Maria esquecia tudo, voltava à sua energia de avó e brigava com a neta. Às vezes fazia seus maltratos por Antônia ter aquelas idéias:

— Sem-vergonha. Onde já se viu pensar em ser puta!

— Gertrudes não é?

— Desbriada. Deus foi quem quis minha neta neste estado. Deus tá castigando eu mais Gertrudes.

[...]

Gertrudes vive bem, minha avó.

[...]

Clamava sua sorte, mas quando Gertrudes vinha com seus vestidos bonitos, seu dinheiro, sua beleza e saúde, a velha esquecia tudo e achava muito bom mesmo, como coisa de Deus, que a neta tivesse tomado aquela vida. Não pensava, apenas se alegrava, o cachimbo é quem dizia e cantava o bom caminho e a boa vida de Gertrudes. [...] Se Gertrudes, por acaso, falasse que ia deixar aquela vida, quisesse voltar para o casebre, pegasse roupa para lavar, tomasse marido e parisse filhos, como Filomena, a avó ia quebrar os ossos de achar ruim. Era dar um jeito e falar com Gertrudes que fôsse vivendo mais um tempinho. Talvez não tivesse tino de falar, ficaria esmorecida no silêncio, o corpo contrariado por tudo de mau que ia acontecer. (GARCIA, 1966, p. 113-114).

É clara a verdadeira intenção da avó de jamais pedir a neta que deixe a vida que tem, porque isso a faria voltar para casa e, conseqüentemente, ela não seria mais bancada pelo dinheiro que Gertrudes recebe em seu trabalho como “mulher da vida”. O cachimbo que Generosa fuma, assim como as roupas e a maioria dos alimentos consumidos pela família são provenientes dos recursos financeiros daquela que, socialmente, é desprezada. Isso mostra a preocupação do autor em deixar claro que os modelos convencionais de provisão de uma família nem sempre são os mais eficientes, pois o trabalho do marido de Filomena, a neta mais bonita (e que por isso se casara), não era suficiente para sustentar as tantas pessoas que ali moravam, mesmo com o patrocínio da esposa, que era lavadeira.

A tradicional ideia, bíblica até, de que o homem é o responsável pelo sustento da família, passa a ser questionável e não é mais tão ilibada, como sugere a ideologia dominante. Ao colocar uma mulher prostituta para desempenhar esse papel, Godoy Garcia rompe com essa prática ajustada milenarmente e mostra que a sociedade agora é outra, que a tradição precisa dar lugar ao novo, ao moderno, e as pessoas precisam aceitar que é mais importante ter o que se colocar sobre a mesa, do que julgar o trabalho do outro.

Enfim, caracteriza-se, portanto, nessa parte da narrativa, além da abordagem de caráter social, que é a preocupação da avó em como a neta será vista pela sociedade, a questão religiosa, também presente como um elemento considerável da obra godoyana e que já discutimos como constituinte da identidade de um povo, lembrando que não apenas do homem do campo, mas também do que está na cidade, é, portanto, uma

cultura regional, que marca essa identidade coletiva religiosa. Devemos lembrar que, no caso de D. Generosa, apesar de se mostrar uma fiel cristã, ela tem atitudes que contrariam os preceitos seguidos pelo Cristianismo.

A partir dessa breve leitura voltada para as personagens femininas da obra de José Godoy, percebemos que o fato de a migração ter sido o fio condutor desta Tese não impede que outros aspectos sejam levados em consideração, sobretudo por serem direta ou indiretamente ligados ao ato de deslocar-se. Muitas dessas mulheres, se não todas, estão em constante mudança e transformação, tanto de espaço quanto de identidade, pois, ainda que não saiam para viver em outros lugares, estão em contato com outros sujeitos em deslocamento.

4.5 Migrantes e devoção

Historicamente, a religião acompanha a literatura há tempos, mas tem perdido sua força com o passar dos anos. A sacralidade, desde a antiguidade, passado pela era medieval, até meados do século XVIII, era bastante recorrente e as obras pautadas em assuntos como a fé e as divindades, bem como os valores ideais cristãos, se pensarmos na cultura ocidental. Contudo, em algum momento de “estalo intelectual”, os escritores abandonaram os posicionamentos religiosos e passaram a introduzir novos temas em suas obras literárias. Ainda assim, espaçadamente, encontramos textos literários que nos direcionam a pensar de forma mais demorada na relação entre religião e literatura.

Costa (2011) faz um breve levantamento da história da religião ligada à literatura e nos lembra que, apesar de produzida em menor escala, ainda existem publicações que expressam o sagrado dentro da literatura, tanto mundial quanto nacional e, acrescentamos, regional e local. Nas palavras do pesquisador:

O fato é que a religião, de um modo geral, sempre esteve presente em todas as sociedades e que todos os seus autores expressavam a fé nos deuses ou em algum deus em particular. Na literatura ocidental esse vínculo entre Literatura e Religião – entendendo-a como *hierofania* na Literatura – desapareceu propriamente por conta do iluminismo, que influenciou o pensamento e todas as artes durante o século XVIII. Em todas as literaturas, antes do período neoclássico, se verificará que o espírito religioso sempre esteve presente e sempre fez parte da cultura como elemento essencial, como toda e qualquer instituição. Entretanto, foi com o neoclassicismo, ou também para brasileiros e

portugueses com o “arcadismo”, que a presença do sagrado foi enfraquecida ou, pelo menos, não expressou mais toda sua conotação especificamente “sagrada”, dentro da literatura. (COSTA, 2011, p. 52. Grifo do autor).

Verifica-se, com a assertiva acima, que a fé provinda da religião é característica presente na literatura desde sempre e ainda segue, até quando enfraquecida. Mas o que queremos destacar aqui é o fato de que nem toda obra que traz essa temática é, necessariamente, para catequizar ou definir e expressar valores cristãos, nem para apresentar personagens cristãos, às vezes, pode haver apenas menção da religião ou, ainda, ser uma crítica a ela. É necessário dizer, também, que o posicionamento religioso e/ou a fé do escritor ou da sociedade em que ele vive e representa não deve ser confundido com o que está no enredo das obras e com os posicionamentos das personagens.

Trazemos isso para nossa discussão a fim de contextualizar e refletir sobre o motivo de José Godoy Garcia ter inserido a abordagem religiosa em seu romance. Por um lado, pessoalmente, sabe-se que ele é pertencente a uma família cristã, no entanto, não seguia tais ensinamentos, o que já nos direciona a não vincular autor-obra-personagens neste caso. Por outro lado, enquanto escritor, identifica-se em toda sua poética uma vertente “sagrada”, desde os primeiros livros de poema. Inferimos, portanto, que trabalhar com elementos de cunho religioso é uma escolha estética do escritor.

Em específico, n’*O caminho de Trombas*, ao descrever o homem migrante e suas experiências, colocando-o em contato com o sagrado, é uma forma de mostrar que a religião, assim como a migração, são fatores intrínsecos ao homem e caminham juntas, literalmente, evoluindo ao longo dos tempos. As religiões são muitas, assim como as identidades, e aqui, Godoy Garcia seleciona o cristianismo e o migrante, respectivamente, para uma experiência regional, que ocorre de maneira semelhante em outros locais e contextos, como pode ser lido o caso dos sujeitos urbanos no Irã em situação de guerra, o que seja: estarem os dois apegados à suas crenças, necessitados de saírem de seu lugar de pertença para procurar abrigo em outras terras, isto é, uma relação de identidade, religião e migração.

Desse modo, independentemente de onde esteja, esse sujeito estará em trânsito, o que implica em alterar os modos de vida e a forma de ver o mundo, significa troca de experiência e conhecimento, bem como significa dar-se conta de quem somos e da identidade que carregamos, do mesmo modo que nos descobrimos no outro. No entanto, apesar as infindáveis transformações que sofreremos nesse processo, há alguns traços que permanecem, aqueles que estão arraigados na cultura, como a religiosidade, por exemplo, que é marca fundamental e característica dentro da obra em análise, tendo em vista que é por intermédio da crença e da fé, aliadas à luta diária, que os agricultores acreditam que vão conseguir superar todos os desafios e percalços com os quais lidam todos os dias.

Se seguirmos na esteira de Castells (2008), podemos arriscar em dizer que a religião é um dos papéis constituintes para a identidade e, vinculada ao fundamentalismo, dá suporte para, neste caso, conduzir o homem do campo, o migrante, ao seu destino, ajudando-o a lidar com os obstáculos advindos do deslocamento. Para o sociólogo, a definição de fundamentalismo é dada assim:

[...] a construção da identidade coletiva segundo a identificação do comportamento individual e das instituições da sociedade com as normas oriundas da lei de Deus, interpretadas por uma autoridade definida que atua como intermediária entre Deus e a humanidade. (CASTELLS, 2008, p. 29).

Fundamentar-se em uma teoria na qual se acredita indistintamente e faz parte de uma das instituições mais poderosas da sociedade permite ao sujeito construir, aí, sua identidade e, uma vez inserida nela, ele não quer mais abandonar. A fé proveniente dessa relação, bem como as demais crenças e expectativas a ela vinculadas, constroem uma identidade pautada em valores que são levados muito a sério e estão intrínsecos a esses sujeitos. Especificamente no caso em análise, identificamos que no decorrer de toda a narrativa existe um contato direto do sujeito migrante com a religião, de modo que tal aspecto faz parte de sua identidade, tanto no campo quanto na cidade.

Nesse sentido, a figura divina e celestial, tanto na imagem de Deus como na de alguns Santos, é sempre lembrada, independente se nas horas de maior aflição, nos momentos mais tranquilos ou quando querem agradecer por algo bom. Dois trechos exemplificam a afirmação: “As terras de São Domingos recebiam de Deus, nos últimos

tempos, as maldições. Eram benfazejas em outros tempos. Agora não. As ameaças vinham dos matos, saíam das suaves madrugadas, onde os cães vigiavam”. (GARCIA, 1966, p. 8).

__Virgem Mãe de Deus, só tua bondade pode salvar nossa vida aqui em São Domingos. Virgem Mãe de Deus, só tua bondade pode ajudar Neco. Virgem Mãe de Deus, só tua vontade e misericórdia pode fazer outra vez nossa vida aqui em São Domingos voltar a ser como era. [...] Tudo sabe, Mãe do Céu, o quanto sofremos, o tamanho do nosso sofrimento. Espero em vós e confio, meu Nosso Senhor, espero em vós e confio, ó Padre Eterno, que nada vai acontecer, que a terra há de ser plantada, que os mantimentos hão de nascer, que o medo e o sofrimento saia de nossa alma, Amém.
Agora, depois de muito rezar, Joza chorava. (GARCIA, 1966, p. 48).

Nesses trechos, identificamos a direta comunhão entre o homem do campo e o ser divino que, na narrativa, configura-se como um traço bastante característico da obra, uma vez que acompanha os personagens por todo o trajeto. A experiência de Joza durante a oração é negativa, nada se encaminha conforme esperado, ainda assim, sua fé mantém-se inabalada e ela deposita total confiança na “Virgem Mãe de Deus” e em “Nosso Senhor”, posicionamento esse que corrobora sua identidade. *A priori*, por ser esse um dos eventos iniciais da narrativa, é questionável pensarmos se não seria essa situação uma espécie de teste que Deus estaria submetendo sua “serva” para que, em seguida, provada sua fé, ela alcançasse uma vitória. Mas não, ao transcorre-se o enredo, percebemos que momentos como esse, de sofrimento e esperança por algo melhor, serão sempre mencionados, logo, a provação é constante e a vitória quase nunca alcançada.

Ainda assim, a relação das personagens com a fé, não apenas Joza, é reiterada a todo momento, o que direciona para uma comprovação de que a marca religiosa é, de fato, necessária a esse homem do campo, até porque é parte de sua cultura e costumes. Vale lembrar que, antes de iniciar o processo migracional mais característico da narrativa, as personagens já se constituem desse traço identitário e, durante o deslocamento, não o perdem, logo, marcado pelas crenças e esperança em uma figura superior e espiritual, o migrante aqui está vinculado e predestinado a viver uma vida com respaldo religioso.

Como se vê, estando o homem em situação difícil, se não chove ou percebem que há maldições na terra, atribuem isso a Deus, creem ser uma espécie de castigo. Da

mesma forma, em momentos em que não há maldições, mas há aflição, a recorrência ao divino também é feita, como lemos na oração de Joza, transcrita acima. Logo, acreditar em Deus é uma marca identitária bastante presente nesse povo, marcadamente regional e interiorano, que foi criado em uma cultura que se diferencia daquela, por exemplo, que vive em um mesmo país ou região, mas que acredita na magia do candomblé e seus desdobramentos. No texto, após percorrer tantos caminhos, esse é um traço que não muda nos personagens, em geral, porque sempre estabelecem uma conexão espiritual, de cunho cristão, independente se estão no campo ou na cidade.

Nesse sentido, encontramos essa identidade marcada pela diferença e que é “relacional”, conforme nos lembra Katryn Woodward (2014, p. 9), porque depende de outra identidade, que não a sua, para se diferir por uma diferença, portanto, é marcada pela diferença. Isto é, a identidade do homem do campo cristão pode assim lhe ser concedida mediante sua diferença com o homem do campo que possui outra religião, apesar de viverem em um espaço geográfico compartilhado. Ao mesmo tempo, a identidade pode também ser construída pelo simbólico, porque os fatores que conectam o homem do campo ao sagrado, por exemplo, distinguem-se daqueles utilizados pelos demais. Mais uma vez, a diferença como caracterizadora da identidade; tudo o que não é também marca uma identidade, uma vez que o ser diferente é elemento fundamental para a existência de uma peculiaridade. Nas palavras de Woodward (2014), ao explorar a diferença como marca de uma identidade e seus sistemas classificatórios, lemos o seguinte:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. (WOODWARD, 2014, p. 40. Grifos do autor).

Diante dessa assertiva, voltamos ao fator religioso que, na narrativa, marca a identidade de uma coletividade, tendo em vista que o retorno ao sagrado é constante e feito pelo viés de um sistema classificatório, o qual seria a classificação das ações em algo sagrado. Assim, reunirem-se para festejar o dia de um santo ou identificar que

maldições chegam porque não agiram de maneira correta, constitui-se como elemento sagrado, porque envolve a fé, mediante a diferença de que em outras reuniões, como para discutirem o plantio, ou ações cometidas pelos donos de fazenda, não são vistas com a mesma perspectiva, pois é um momento em que o profano se instaura. Sagrado e profano, portanto, são fatores polares que implicam em marcar a diferença e, consequentemente, a identidade.

À luz da teoria de Durkheim, Woodward (2014) relembra as implicações de como a religião também é um fator identitário e marcadamente social, já que envolve uma coletividade que, por consequência, é fruto do social e representa realidades de um grupo. Aliás, tal realidade pode ser a religião que, por ser comum a todo o grupo, gera a cooperação e o compartilhamento, tanto de pensamentos quanto de valores e ações, de maneira a tornar “exterior e coletiva a vida, com suas muitas singularidades e produção de subjetividade” (JUSTINO, 2015, p. 132). Aqui, a religião, a identidade e o coletivo se juntam e configuram-se como tríade necessária à relação com o sagrado.

Mas é preciso lembrar que o que é sagrado não pode ser profano e vice-versa, porque são diferentes, ou seja, um exclui o outro:

O sagrado, aquilo que é “colocado à parte”, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Na verdade, o sagrado está em oposição ao profano, excluindo-o inteiramente. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições [...]. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação. (WOODWARD, 2014, p. 42).

Definidamente, então, todas as ações, objetos e símbolos que se voltam para o sagrado não são profanos, porque estão em outra ordem, outro patamar, adquirem outra simbologia. É pertinente lembrar que as mesmas ações e objetos podem ser usados para as duas finalidades, mas em momentos distintos e com significações outras, como, por exemplo, o pão e o vinho, se compartilhados em um momento de devoção e fé, representam, respectivamente, o corpo e o sangue de Cristo, comungados pelos devotos em uma cerimônia ritualística e envolta por uma aura sagrada. Em oposição a esse momento, se consumidos em uma festa “mundana”, pelo bel prazer de saciar o corpo, tais símbolos são vistos como profanos e de nenhum valor divino.

Da mesma forma pode ser visto o trecho da narrativa em que a Velha Maria Generosa, uma senhora viciada em fumo (uso bastante comum nas regiões interioranas) e que divide uma casa muito pequena com várias outras pessoas, ao mesmo tempo que reza e diz acreditar em Deus, blasfema, reclama e não acredita. “Ela só clama a Deus, que a bem dizer mora na sua vida. Mas Deus não cuida de arranjar uma coisinha e outra para sua crente, principalmente o fumo” (GARCIA, 1966, p. 88). A simbologia de acreditar e ter uma fé intocável, aqui, é “manchada” pela reclamação, considerada pelos cristãos fanáticos como uma espécie de blasfêmia e profanação, já que, se acredita em Deus, deve-se esperar pela hora Dele e não reclamar.

Ainda na perspectiva de Woodward, Tomaz Tadeu da Silva (2014) ressalta que identidade e diferença são inseparáveis e, de certa maneira, interdependentes, uma vez que, para ser alguma coisa, precisamos não ser a outra. Sendo assim, para ser religioso é preciso, antes de tudo, não ser ateu e, para ser cristão, é preciso não ser budista, por exemplo, isto é, ao marcar uma identidade, instaura-se uma diferença. É cristão quem não é budista e vice-versa, faz-se necessária a negação de uma identidade para ser constituída a outra. É nessa configuração que Silva (2014, p. 75) pondera:

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

É por isso que, para ser definida uma identidade cristã (coletiva ou individualmente), precisamos excluir as demais¹⁶. Para tornar determinados objetos ou ações sagrados, precisamos não colocar tais fatores em outros contextos que os desconfigurem do padrão adotado pela religião. Aí, produzimos a identidade e a diferença, pois estão vinculadas a fatores sociais e culturais, marcadamente colocados pela forma conjunta que são utilizados na sociedade. De maneira geral, portanto, “Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (SILVA, 2014, p. 76).

¹⁶ Não se deve esquecer que, algumas vezes, existe uma junção das religiões e, nesse momento, as identidades se cruzam, incluindo as diferenças, o que é chamado de sincretismo religioso, como é o caso de reuniões que unem o cristianismo com cultura religiosa de matriz africana. No entanto, não é uma discussão que entra em pauta nesta Tese, por não constar na narrativa em análise.

A ideia do sagrado também está ligada à natureza e às coisas que ela tem a oferecer ao homem. Em especial, a água é um elemento de muita força dentro da narrativa, uma vez que, em se tratando de plantações e colheitas, a chuva é fonte maior de preocupação. No decorrer da narrativa, ainda que seja algo bastante comum, somos levados a perceber que, se há chuva, os rios ficam cheios, a plantação floresce e dá frutos, a terra fica fresca, os animais não passam fome nem sede, e o homem tem tudo o que precisa para viver; se ela falta, tudo isso padece e não existe outro meio para sobrevivência, ou seja, se esse ciclo falhar, o homem do campo se perde e tudo que havia planejado, esperando as chuvas, não é concretizado. Como seu meio de subsistência é esse, não podem deixar de acreditar no sagrado, nas forças divinas, que, como creem, é o provedor de tudo que possuem. Outrossim, essa relação do homem com a natureza, sua fauna e flora, é intrínseca a toda poética de Godoy Garcia, tanto nos textos em prosa quanto em verso.

A água, em Godoy Garcia, é fundamental na construção de alguns personagens, para além desses do romance, como é o caso de Fló, em “Florismundo Periquito”, que se revigora e vive sempre que está em contato com tal elemento. Bachelard (1997), em *A água e os sonhos*, resgata os significados ligados ao elemento fluido que aqui mencionamos. Especificamente no capítulo “Pureza e purificação. A moral da água”, o crítico pondera sobre esse elemento como “símbolo natural para a pureza”. A partir do texto literário godoiano, podemos fazer uma leitura comparativa e analítica com a proposta teórica de Bachelard (1997), tendo em vista que a relação de Fló com a água é de natureza purificadora, libertadora, no sentido de o personagem, em seu estado de espírito, encontrar quietude e renovação; bem como acontece com a terra que entra em contato com as águas das chuvas em *O caminho de Trombas*. Conforme coloca o crítico:

Pela purificação, participamos de uma força fecunda, renovadora, polivalente. A melhor prova desse poder íntimo é que ele pertence a cada gota do líquido. [...] Sob vários aspectos, parece que a lavagem constitui a metáfora, a tradução em linguagem clara, e que a aspersão é a operação real, isto é, a operação que proporciona a realidade da operação. A aspersão é pois sonhada como a operação primordial (BACHELARD, 1997, p. 148).

Fló precisava ser constantemente mergulhado nas águas dos rios para se sentir limpo e vivo, purificado. Como disse seu irmão ao pai: “a água afina o sangue”. Dessa forma, vimos muito da pureza e purificação nessa narrativa de Godoy Garcia que, aliás, também pode ser lida à luz do que Chevalier (2009, p. 15) identifica ser o significado da água: “fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência”. Ainda para o autor: “Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova [...]” (CHEVALIER, 2009, p. 15). Sendo assim, não podemos passar pela leitura de Godoy Garcia e deixar de lado esse elemento transformador da natureza e do homem, diretamente ligado à força motriz do homem do campo, que depende da água para plantar e colher.

Além disso, o simples fato de existir água já se configura, na obra, como uma fonte de vida e esperança, tendo em vista que é o que proporcionará força para que a terra cumpra seu papel e ciclo vital. Há, portanto, um prazer do homem do campo em cuidar da terra, por isso os agricultores estão sempre em luta, ela é sua fonte de renda e de vida. Aqui, vemos a conexão entre o homem e a natureza, inclusive, há uma analogia em relação às árvores e os homens.

[...] Largados são os homens qual árvores no meio dos matos. As chuvas vêm, o sol; os pássaros cantam em seus galhos; os relâmpagos caem e atiram as árvores no chão, ou o lavrador chega com o machado e as derruba: as árvores aceitam tudo ou ficam prêsas à terra, anos. Assim são os homens. (GARCIA, 1966, p. 17).

Migrante ou não, o homem é visto, pelo olhar do romancista, como as árvores, que sofrem e resistem ao tempo, aceitando as interferências vindas de fora, mas sem desconectar-se da terra. A identidade que está latente e acompanha o homem do campo que sofre algumas alterações, não deixa de transparecer nos momentos em que a natureza é ressaltada; a cultura de valorização da terra está impregnada, enraizada nesse sujeito andarilho e, por mais longe que ele vá, cultua sua tradição. Há vários momentos da narrativa que podem exemplificar tal aproximação, como o que segue:

A terra é como um animal alegre no tempo que antecede as safras. As palhas resinosas. Em revoada, os pássaros buscam os poços ou

riachos, tomam banho, novamente buscam os alimentos nos cachos de arroz. Nessas épocas de colheita estão as rôlas morosas e gordas. Os homens acertam o trabalho. Madrugadinha, na casa de Dê. Seria a 2 de março, segunda-feira, na minguate. (GARCIA, 1966, p. 127).

Marcada pelo tempo, literalmente, é a relação ontológica godoyana, cuja conexão com a terra e seus elementos fazem um percurso completo, entre fauna e flora. Além da comparação dos homens com as árvores, a terra é vista como um animal, fechando o ciclo comparativo, o que significa dizer que se completam e não é apenas a água que importa nessa dinâmica. Ela é, sim, junto com a terra, o elemento que mais aparece e condiciona a existência humana na narrativa, no entanto, a presença dos animais, nesse trecho, configura-se como uma completude da alma e do corpo humano, que é parte da tríade conectiva: homem, animal, terra. “A alma do homem é igual à da terra e dos animais” (GARCIA, 1966, p. 121). José Godoy, portanto, não desvincula da identidade dos personagens, em nenhum momento, a necessidade de interação e harmonia com a natureza, no campo ou na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar esta Tese não significa, jamais, esgotar o assunto proposto, que é estudar como a migração rural em Goiás se deu, entre as décadas de 1940 e 1960, a partir da leitura de obras literárias. Nosso objetivo foi alcançado ao conseguirmos verificar esse processo dentro da obra escolhida para análise, *O caminho de Trombas*, da mesma forma que foi possível confirmar as mudanças identitárias ocorridas nas vidas dos personagens em trânsito, os sujeitos migrantes, que iam e vinham do campo para a cidade e vice-versa.

Mediante as várias teorias sob o prisma das Ciências Humanas e que discutem os aspectos das migrações, vimos em Said (2003), por exemplo, que as multidões são levadas a buscarem novas perspectivas de vida quando se deparam com a falta de esperança, a miséria, o isolamento social, entre outros motivos. Em seu país ou fora dele, os migrantes sempre existiram e sempre existirão. Entendemos, portanto, que esse fator social intrínseco ao homem está também diretamente ligado aos dois grandes espaços de troca de experiências, que são o campo e a cidade. São nesses lugares que as identidades se constroem e as trocas acontecem, de modo que a não permanência em um só lugar corrobora para a fragmentação e, simultaneamente, a constituição identitária do homem em trânsito.

O processo de deslocamento é historicamente demarcado pelo contexto histórico e o território onde se dá, como foi possível verificar no romance de José Godoy Garcia, o qual deixa claro que toda a mobilidade narrada na obra foi involuntária, isto é, forçada pelos fatores próximos aos elencados por Said, quais sejam: políticos, sociais e econômicos do período. Em Goiás, à época, os fazendeiros, aliados ao Governo, exploravam os pequenos agricultores e os trabalhadores rurais de uma forma geral, tirando vantagens e enganando-os. As notícias de que na região havia terras promissoras para o cultivo se espalhavam aos quatro cantos do país e, assim, cada vez mais pessoas chegavam à procura de tais possibilidades, no entanto, deparavam-se com outra realidade.

Dáí, chega-se a Trombas e Formoso, região mote do romance godoyano, para onde também foram muitas pessoas, iludidas de que seriam contempladas com terras para plantio e colheita. Vários camponeses já instalados em Goiás, mas ainda longe de

Trombas, iniciam sua trajetória para alcançar esse lugar, e é aí que encontramos os tantos migrantes em constante transformação. O estudo do espaço compartilhado também nos permitiu entender que, realmente, naquele contexto, seria difícil que as pessoas conseguissem sobreviver no campo, mediante constantes ameaças e agressões físicas dos fazendeiros e seus aliados.

Conhecer a obra godoyana com mais profundidade e de maneira mais ampla, permite-nos afirmar que o cunho sociológico e histórico deste romance eleva Godoy Garcia a uma categoria de escritor atento às questões essencialmente humanas e sociais, e que apresenta parte da história do estado de Goiás pelo viés literário. Desse modo, o autor contribui para a expansão da cultura e do conhecimento.

Ademais, a obra caracteriza-se por sua função social, aquela apontada por Candido (2006, p. 53), uma vez que volta-se para as “relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”, mas sem esquecer que essa função, também, “independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação” (CANDIDO, 2006, p. 53). E não é por outro motivo que Souza aponta que n’*O caminho de Trombas* há:

[...] uma criativa representação literária do caminho percorrido pelo campesinato até Trombas e Formoso. Esse autor, já dissidente do Partido Comunista Brasileiro, contribui nas reflexões historiográficas que se proponham a reconhecer esse caminho percorrido e a construção da classe enquanto realidade sociológica no seu trajeto. (SOUZA, 2010, p. 22).

Chegar ao ponto de ser analisada por esse viés sociológico só foi possível devido à junção dos vários fatores que completam esse quadro, como a relação direta do ser migrante com o espaço e todos os desdobramentos que daí provém, a alteridade e a construção/transformação das identidades desse ser sempre em deslocamento, os movimentos pendulares advindos do sentimento de não pertença à cidade e necessidade de voltar ao campo, as lutas camponesas que originaram sindicatos e manifestações contra o governo, e até o aspecto religioso inerente ao homem do campo. Enfim, mesmo tendo conseguido alcançar nosso objetivo, estamos cientes de que este estudo ainda é embrionário e, no campo literário, em termos de análises mais completas, respaldadas e

sólidas, há muito o que ser feito. Contudo, sabemos ter dado uma contribuição ao campo acadêmico e para a sociedade, no sentido de disponibilizar material para futuras pesquisas sobre o tema. Assim como precisamos resgatar outros trabalhos, certamente, este não exaustivo estudo sobre o romance de José Godoy Garcia será útil a outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Christina Baum (Trad.). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Elaine de. O Espaço da Transculturação. In: *Outra Travessia*: Cidades da periferia, periferia das cidades. Florianópolis, n. 8, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/download/16675/15683>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

ÁVILA, Igor Milenkovich. *Discurso indireto livre em Madame Bovary de Flaubert: o despontar da forma*. 2012. 114f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

AZEVEDO, Leon Martins Carriconde. A revolta camponesa de Trombas e Formoso e a contribuição da teoria anarquista. In: *Em Debate*: Rev. Dig., Florianópolis, n. 11, p. 68-89, jan-jun, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/download/1980-3532.2014n11p68/30346>>. Acesso em: 12 out. 2018. <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2014n11p68>

BACHELARD, G. Pureza e purificação. A moral da água. In: *A água e os sonhos*. Antônio de Pádua Danesi (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Alaor. *A poesia de Rio do Sono*. Jornalismo cultural – Bula Revista. 2008. Disponível em: <<http://acervo.revistabula.com/posts/livros/a-poesia-de-rio-do-sono>>. Acesso em: 15 maio 2019.

BARBOSA, Alaor. *Pequena história da literatura goiana (1799-1983): para a infância e a juventude*. Goiânia: Imery Publicações, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERND, Zilá. Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 30. Brasília, jul.-dez. 2007, p. 89-97. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9139>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

BEZERRA, Gregório. *Eu, Gregório Bezerra, acuso!*. 1967. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/eugregorioacuso.h](http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/eugregorioacuso.htm)tm>. Acesso em 23 out. 2019.

BIAGIONI, Daniel. *Mobilidade social e migração interna no Brasil*. Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://web.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/static/uploads/daniel_biagioni.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Almeida Atualizada. Disponível em: <<https://www.sbb.org.br/biblia/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. O ato de narrar e as teorias do ponto de vista. In: *Revista Cerrados*, v. 8, n. 9, p. 107-124, 11. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1001>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BORBA, Carlos Alberto Vieira. Norte de Goiás: terra de esperança, conflitos e frustrações. In: *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2015v16n25p345>>. Acesso em: 19 out. 2019. <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2015v16n25p345>

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à toponálise*. Anais - XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, jul. 2008a. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

BORGES FILHO, Oziris. *O espaço da narração e o espaço da narrativa*. In: Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 37, n. 3, pp. 341-347, set./dez. 2008b. Disponível em: <<http://www.oziris.pro.br/enviados/2012419115012.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo Ática, 1985.

BRANDÃO, Gilberto Silva. Os condicionantes históricos da migração para Goiás na década de 1930. In: *Revista Educação e Cultura em Debate*, v.1, n. 1, jul./dez., 2015, p. 140-157. Disponível em: <<http://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/90>>. Acesso em: 25 out. 2019.

BRASIL, Assis. *A Poesia Goiana no Século XX* (antologia). Rio de Janeiro: Imago Editora; Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1997.

BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: *Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. 2000. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/981/946>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. *Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira*. Teresina: EDUFPI, 2017.
<https://doi.org/10.15304/bgl.49.3575>

CAMPOS, Ionice Barbosa de. *José Godoy Garcia: a voz do Modernismo em Goiás*. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Uberlândia, 2011.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Personagem de Ficção*. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2010.

CANDIDO, Antônio. Campo e cidade. In: CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese: ensaios*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

CARDOSO, João Batista. Um diálogo entre memória, história e ficção na América Latina. *Entreletras*, Araguaína/TO, v. 3, n. 2, p. 86-104, ago./dez. 2012. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:STPI6whtjjgJ:https://sistema.s.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/956/508/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 24 out. 2019.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade – A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. II, 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e Identidade Territorial. In: *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, n. 22, v. 1, pp. 165-180, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v22n1/12.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S1982-45132010000100012>

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CORREIO BRASILIENSE. *1º Caderno*: Livro. Ano 1966, ed. 01990, v. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_01&PagFis=42960&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Godoy%20Garcia%22>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CORREIO BRASILIENSE. *Variedades*: CUCA – Pela conquista dos espaços culturais. Ano 1980a, ed. 06234, v. 1. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&PagFis=64135&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Godoy%20Garcia%22>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CORREIO BRASILIENSE. *Política*: Senado vai ouvir Dallari terça-feira. Ano 1980b, ed. 06404, v. 1. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&PagFis=9088&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Godoy%20Garcia%22>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CORREIO BRASILIENSE. *Atualidades*: Parafernália – Octávio Paz (III). Ano 1985, ed. 08075B, v. 1. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&PagFis=69474&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Godoy%20Garcia%22>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa (Trad.). São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSTA, Rafael Magno de Paula. Presença de sacralidade na literatura. In: *Estação Literária*. Londrina, Vagão, v. 8, parte B, p. 48-57, dez. 2011. Disponível em:

<<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt05.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CULLER, Jonathan. Identidade, Identificação e o sujeito. In: CULLER, Jonathan *Teoria literária: uma introdução*. Sandra Vasconcelos (Trad.). São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999, pp. 107-117.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Mobilidades literárias: migração e trabalho. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 11-20, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/02-Mobilidades-literarias-Ipotesi_16.1.pdf> Acesso em: 22 abr. 2019.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In: VAZ, Artur Emílio Alarcon; BAUMGARTEM, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura e imigrantes: sonho em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras das UFMG, 2006.

DE MELO, Carlos Augusto; CAMPOS, Ionice Barbosa de. Autoritarismo, conflitos de classe e migração goiana em *O Caminho de Trombas*, de José Godoy Garcia. In:

Revista Alembra. Confresa-MT, v. 1, n. 3, jul./dez., p. 11-27, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/552/222>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS ONLINE. Disponível em:

<<https://www.sinonimos.com.br/migrar/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

ETTE, Ottmar. *Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos*. Alea. Rio de

Janeiro. v. 18.2, p. 192-209, mai-ago. 2016. <https://doi.org/10.1590/1517-106X/182-192>

FAYAD, Maria Elizete Azevedo. *Poesia e Realismo em Rio do Sono de José Godoy Garcia*. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Pontifícia

Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009. Disponível em:
<<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3274>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

FELÍCIO, Brasigóis. *José Godoy Garcia: um poeta solar*. União Brasileira de Escritores, 2009. Disponível em: <<http://www.ubebr.com.br/categoria/homenagens/7>> Acesso em: 25 jan. 2019.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. Afetos e arquivos da escravidão. In: *Alea*, v.11, n.1, jan./jun., 2009, p. 35-47. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100004>. Acesso em: 28 jan. 2019. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100004>

FIGUEIREDO, Paulo de. *Aspectos ideológicos do Estado Novo*. Brasília: Senado Federal, 1984. Disponível em:
<https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_Marianadewab.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. *O Romance Histórico Contemporâneo na América Latina*. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/Vera.html>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

FREDERICO, Celso. Marxismo e literatura: breve roteiro. In: *Via Atlântica*. São Paulo, n. 23, 51-62, jun/2013. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/84810>>. Acesso em: 12 jan. 2020. <https://doi.org/10.11606/va.v0i23.84810>

FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. In: *Estudos Avançados*. V. 19, n. 54, São Paulo, maio/ago. 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200022>. Acesso em: 11 nov. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000200022>

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Fábio Fonseca de Melo (Trad.). Revista USP, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182>

GARCIA, José Godoy. *Aprendiz de Feiticeiro*. Brasília: Thesaurus, 1997.

GARCIA, José Godoy. Entrevista: José Godoy Garcia. [junho, 1998]. Brasília: *Jornal Opção*. Entrevista concedida a José Maria e Silva, Ramos Jubé e Scartezini.

GARCIA, José Godoy. *Florismundo Periquito*. Brasília: Thesaurus, 1990.

GARCIA, José Godoy. *O caminho de Trombas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GARCIA, José Godoy. *Poesia: 50 anos de poesia*. Brasília: Thesaurus, 1999.

GLISSANT, Édouard. Cultura e Identidade. In: *Introdução a uma poética da diversidade*. Enilce do Carmo Albergaria Rocha (Trad.). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 71-96.

GNISCI, Armando. Migração e literatura. Shirley de Souza Gomes Carreira (Trad.). In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. v. 2, n. 7, out./dez. 2003. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/426>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. In: *Itinerários*, n. 22, pp. 37-57, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107453/ISSN0103-815X-2004-22-37-57.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GOIÂNIA, Prefeitura de. Disponível em: <<https://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/anuario2012/arquivos%20anuario/3%20DEMOGRAFIA/3.1%20Popula%C3%A7%C3%A3o/3.1.19%20Crescimento%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20por%20bairro%20e%20subdistrito.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Adelaine La Guardia Resende et al (Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. *Conto brasileiro contemporâneo*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1988.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? Hugo Mader (Trad.). In: *Novos Estudos*, São Paulo, v. 77, p. 185-203, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100009>. Acesso em: 01 abr. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000100009>

JEAN, Yvonne. As “Tapeceiras de Brasília”. In: *Correio Brasiliense*. Ano 1966, ed. 01989, v. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_01&PagFis=42960&Pesq=%22Jos%c3%a9%20Godoy%20Garcia%22>. Acesso em 02 jan. 2020.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura de multidão: a potência dos pobres na literatura brasileira contemporânea. In: *Revista Graphos*, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/13659/8079>>. Acesso em: 13 out. 2018.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura de multidão como estratégia de leitura da narrativa brasileira contemporânea. In: *Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 131-157. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/x6bh8/pdf/justino-9788578792404-08.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

JUSTINO, Luciano Barbosa. A crítica diante do trabalho imaterial da multidão. *Anais de evento: Associação Brasileira de Literatura Comparada*. v. 18, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/402/394>>. Acesso em: 13 out. 2018.

LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Diálogos entre ficção e história: do romance histórico clássico ao novo romance histórico. In: *Revista Odisseia*. PPgEL/UFRN, n. 6, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2070>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Luiz Costa. História. Ficção. Literatura: uma breve apresentação. In: *Revista Eutomia*, ano I, n. 01, 2008, p. 167-176. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4IMUIk-y8N4J:https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/download/1976/1542+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 4, pp. 07-424, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jan. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200010>

NASCENTE, Gabriel. *A nova poesia em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

OLIVEIRA, Antonio Miranda de. O mundo rural na literatura regional de Goiás e Tocantins. In: *Baru*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 93-111, jan./jun 2016. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/4882/2731>>. Acesso em: 08 jan. 2020. <https://doi.org/10.18224/baru.v2i1.4882>

OLIVIERI-GODET, Rita. Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa contemporânea brasileira. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 29, 2007, p. 233-252. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3231/323127092014.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. Conceitos básicos, definições e mensuração da migração interna. Excertos do Manual VI da ONU. In: MOURA, Hélio (Org.). *Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise*. Tomo 1, p. 313-53. Fortaleza: BNB, 1972.

PATERSON, Janet M. Pensando o conceito de alteridade hoje. In: *Aletria*. Entrevista concedida a Sandra Regina Goulart Almeida. v.16, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1402>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PEREIRA, Eliane M. C. Manso. O Estado Novo e a Marcha para Oeste. In: *História Revista*, n. 2, v. 1, p. 113-129, jan./jun., 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/17483/10430>>. Acesso em: 18 out. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho - 1880-1920*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Sertão-Saber: aprender e ensinar na literatura goiana*. In: Universidade e Sociedade. Ano VI, n. 11, São Paulo, junho, 1996, p.163-167.

PERES, Luciano Gonzaga. *José Godoy Garcia e a poesia modernista em Goiás*. 2017. 116f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7988/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Luciano%20Gonzaga%20Peres%20-%202017.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PULIDO, Ulises Bernardino Márquez. Valor de uso y espacio urbano: la ciudad como eje central de la conformación política, cultural y simbólica de las sociedades. In: *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*. Universidad Nacional Autónoma de México. Nueva Época. Año LIX, n. 222, sep./dic. 2014, pp. 187-208. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/rmcyps/article/view/47729>>. Acesso em: 19 jun. 2018. [https://doi.org/10.1016/S0185-1918\(14\)70215-6](https://doi.org/10.1016/S0185-1918(14)70215-6)

RAVENSTEIN, Ernst Georg. Leis da migração. In: *Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE*. Hélio Moura (Coord.). Migração interna: textos selecionados. Tomo I. Fortaleza: BNB, Etene, 1980, p. 22-88. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/51430444/Ernest-Ravenstein-George-as-leis-da-migracao-1885>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

REIS, Carlos. Narratologia(s) e teoria da personagem. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/505/312>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

ROCHA, Naufel Carina da. *A capa convida: o design gráfico de Marius Lauritzen Bern para a editora Civilização Brasileira*. 2012. 159f. Programa de Pós-Graduação do

Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2012.
Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284565>>. Acesso em: 20 out. 2019.

RODRIGUES, Cyntia Maria Costa. A região da aldeia: os pressupostos geográfico-espaciais da literatura goiana e a construção do Sudoeste de Goiás. In: *O público e o privado*, n. 7, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=202&path%5B%5D=324>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Pedro Maia Soares (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: *VIII Encontro - Sessão temática 17 – Migrações internas: a necessidade de novos paradigmas*. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/609/589>>. Acesso em: 26 jul. 2018

SANTOS, Milton. *A urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura Silveira. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCARTEZINI, A. C. A traição da poesia e da crítica literária. In: *Correio Brasiliense*. Ano 1990, ed. 10005, v. 1. 19 set. 1990. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_04&pasta=ano%201999&pesq=%22Jos%C3%A9%20Godoy%20Garcia%22>. Acesso em: 08 jan. 2020.

SCHWAB, Mariana de Castro. Nacionalismo, políticas sociais e Marcha para o Oeste nos artigos de Paulo de Figueiredo durante o Estado Novo (1937-1945). ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_b72173bece49ae6e889e55373b6853b7.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

SILVA, Antônio Moreira da. *Dossiê de Goiás: enciclopédia*. Goiânia: Master Publicidade, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2014, p. 73-102.

SILVA JÚNIOR, Cloves da. Identidade em trânsito: sujeitos deslocados no espaço goiano em Êxodo Rural, de Brasigóis Felício. In: *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*. PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, v. 10, n. 02, jul/dez 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/50046>>. Acesso em: 02 jan. 2020.
<https://doi.org/10.22456/1981-4526.50046>

SOUSA, Salomão. Poeta universal José Godoy Garcia é homenageado em sua terra natal. In: *Tribuna do Planalto: Cultura - Literatura* | Filho de Jataí. Jun. 2018. Disponível em: <<http://tribunadoplanalto.com.br/2018/06/11/literatura-filho-de-jatai/>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

SOUZA, Renato Dias de. “*Fazia tudo de novo*”: camponeses e partido comunista brasileiro em Trombas e Formoso (1950-1964). 2010, 250f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Faculdade de História. Universidade Federal de Goiás. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2364>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. Literatura e marxismo: a natureza histórica da obra literária. In: II Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul [palestra]. UEMS/UNIDERP, jul. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/5601994/Literatura_e_marxismo>. Acesso em: 13 jan. 2020.

TELES, Gilberto Mendonça. *O conto brasileiro em Goiás*. 2. ed. Editora da UCG: Goiânia, 2007.

VARGAS LLOSA, Mario. *A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. José Rubens Siqueira (Trad.), 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

WALADARES, Valter. A nova democracia - Entrevista: Valter Waladares. *Trombas e Formoso*: o triunfo camponês. Ana Lúcia Nunes (entrevistadora). Ano IV, n. 29, abr. 2006. Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/no-29/499-trombas-e-formoso-o-triunfo-campones>>. Acesso em: 12 out. 2018.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. Alípio Correia de Franca Neto (Trad.). São Paulo: EdUSP, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*: na história e na literatura. Paulo Henriques Brito (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2014, p. 07-67.